

Fagner Ribeiro Delfim

**Riqueza e padrões de distribuição dos lagartos do Domínio
Morfoclimático da Caatinga**

João Pessoa

2012



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Exatas e da Natureza

Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas

Doutorado em Zoologia

Fagner Ribeiro Delfim

Riqueza e padrões de distribuição dos lagartos do Domínio Morfoclimático da Caatinga

Tese defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas-Zoologia do Departamento de Sistemática e Ecologia-UFPB como pré-requisito para a obtenção de título de Doutor em Ciências Biológicas, área de concentração em Zoologia.

Orientador: Dr. Daniel Oliveira Mesquita

Co-orientador: Dr. Stephen Francis Ferrari

João Pessoa

Fevereiro de 2012

D349r Delfim, Fagner Ribeiro.

Riqueza e padrões de distribuição dos lagartos de domínio morfoclimático da caatinga / Fagner Ribeiro Delfim.-- João Pessoa, 2012.

242f. : il.

Orientador: Daniel Oliveira Mesquita

Co-orientador: Stephen Francis Ferrari

Banca Examinadora

Prof. Dr. Daniel Oliveira Mesquita

Orientador

Prof. Dr. Renato Gomes Faria

Membro externo – UFS

Prof. Dr. Guarino Rinaldi Colli

Membro externo – UnB

Prof. Dr. Márcio Bernardino da Silva

Membro interno – UFPB

Prof. Dr. Gustavo Henrique Calazans Vieira

Membro interno – UFPB

Dedico este trabalho a meu pai e minha mãe, Carlos Alberto Delfim (*in memoriam*) e Carmem L. Baião Ribeiro, por todo o incentivo que me deram e por me ensinarem a nunca desistir, mesmo nas situações mais difíceis.

Ao amigo e professor, Dr. Gabriel Omar Skuk Sugliano (*in memoriam*), por todos os ensinamentos passados no curto período de tempo em que convivemos.

I've been blessed with the power to survive

After all these years I'm still alive...

I believe in miracles...

Dee Dee Ramone

Do. Or do not. There is no try.

Master Yoda

In Star Wars: The Empire Strikes Back

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus orientadores Daniel Oliveira Mesquita e Stephen Francis Ferrari por toda a ajuda prestada durante o trabalho. Agradeço imensamente pela forma compreensiva como encararam meus defeitos e falhas, pela amizade que demonstraram durante todo este tempo e principalmente pela contribuição intelectual neste trabalho tão complicado de se concluir.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelas bolsas de estudo fornecidas durante meu curso de doutorado. Ao Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade – ICMBio pela licença de coleta fornecida.

Aos curadores Hussan Zaher (Museu de Zoologia da USP), Diva Maria Borges-Nojosa (Núcleo Regional de Ofiologia da UFC), Ronaldo Fernandes (Museu Nacional do Rio de Janeiro), Gabriel Skuk (Museu de História Natural da UFAL – *in memoriam*), Renato Faria (Coleção de Herpetologia da UFS), Guarino Colli (Coleção Herpetológica da UnB), Ilka Biondi (Coleção Herpetológica da UEFS), Rejane Lira da Silva (Coleção Herpetológica da UFBA) Renato Feio (Coleção Herpetológica da UFV) e Gustavo Vieira (Coleção Herpetológica da UFPB) por fornecerem acesso aos dados necessários para a realização deste trabalho. A todos os curadores das coleções que permitiram que os dados de suas respectivas coleções estivessem disponíveis através do *Species Link* na internet. Também gostaria de agradecer a todos os colegas que auxiliaram durante as visitas as coleções: Carol Castro-Mello (MZUSP); Roberta Richard Pinto e Glauco Zeferino (Museu Nacional); Amaurício Brandão, Daniel Passos, Daniel Lima e Débora Castro (NUROF); Crizanto de Carvalho (UFS); Selma Torquato, Barnagleison Lisboa, Marcelo Lima e Filipe Lopes da Silva (MUFAL).

Aos amigos que forneceram as fotos de algumas espécies da lista comentada: Agustin Camacho, Marco Sena, Renato Recoder, Renato Gaiga, Crizanto Brito de Carvalho, Thaís Guedes da Costa, Mauro Teixeira Jr. e Marcélia Bastos.

Não posso esquecer dos amigos e familiares que prestaram apoio logístico durante minhas aventuras em terras longínquas para coletar tais dados. Luciana Lobo,

Danilo Rada, Marcelo Pinto Fernandes, Anna Ludmilla Nascimento, Thiago Nunes, Julia Bayeux, Vinícius São Pedro, Eliana e Roberta Graboski me abrigaram durante a longa jornada nas coleções científicas. Gustavo “Napister” Libardi, Hugo Fernandes-Ferreira e Leandro Pinto Fernandes contribuíram durante minhas estadias em São Paulo, Fortaleza e Maceió.

Aos companheiros da Coleção Herpetológica da UFPB: Arielson “Baiano” Protázio, Lucas “Libélula” Cavalcanti, Taís Costa, Daniel Orsi, Cinthia Saska, Camila Poli, Edinaldo Leite Filho, Felipe Elói, Samuel Brito e Luís Felipe Amui muito obrigado pela companhia em coletas, em papos científicos, ou mesmo pelos momentos de descontração.

Aos amigos da mastozoologia Bruno Campos, Gustavo Toledo e Anderson “Fumaça” Feijó meus agradecimentos especiais por todo o apoio moral, pela companhia nas coletas herpeto/mastozoológicas, pelos apoios metodológicos, pelos puxões de orelha que me ajudaram a manter o foco no final do doutorado e pela grande amizade. Vocês são meu “grupo irmão”.

Ao prof. Dr. Robson Tamar por me tirar de tantas “enrascadas” durante o curso de doutorado e pela amizade. Ao prof. Dr. Ricardo de Sousa Rosa por toda a compreensão em me liberar de serviços mais pesados na Ictiologia quando assumi meu cargo na UFPB, para que eu pudesse concluir meu doutorado.

Ao meu grande amigo Ralph Lacerda meus sinceros agradecimentos. Suas opiniões tão contrastantes das minhas me ajudaram muito a ter novas ideias e reavaliar certos conceitos. Obrigado pela companhia nos momentos de videogame, RPG (em extinção) e jogos de tabuleiro que me ajudaram a descansar a mente em alguns momentos.

Agradeço aos amigos sempre presentes nos momentos “extra científicos”, João Meirelles, Emanuelle Oliveira, Peron Arruda, Thiago Souza Silva e Saulo André. Sem vocês as coisas seriam muito mais difíceis.

A minha família que sempre acreditou em mim. Obrigado mãe! Obrigado também ao Gil, por cuidar e fazer companhia a minha mãe. Obrigado a minha segunda mãe, Cleide, e aos meus irmãos, Pedro, Carol e Maria Elisa.. Obrigado por todo o apoio moral, ético e emocional que sempre me deram.

Por último, a minha amada companheira de sempre, Suênia Oliveira. A vida é difícil, mas sem você seria impossível! Te amo mais que tudo! Obrigado por sempre me apoiar e por toda a fé que deposita em mim. Orgulho-me muito de ter você ao meu lado.

Sumário

Resumo.....	10
Capítulo I.....	11
1.0 - Introdução Geral.....	12
2.0 - Objetivos.....	20
2.1 - Objetivo geral	20
2.2 - Objetivos específicos	20
3.0 – Referências Bibliográficas.....	21
Capítulo II.....	29
1.0 Introdução	30
2.0 Material e Métodos.....	32
2.1 Levantamento dos dados de distribuição das espécies de lagartos do Domínio da Caatinga	32
2.2 Mapas de distribuição.....	33
3.0 Resultados	35
3.1 Lista comentada das espécies de lagartos da Caatinga	35
4.0 Referências Bibliográficas	156
Capítulo III	169
1.0 Introdução	170
2.0 Material e Métodos.....	174
2.1 Coleta de dados para a fauna de lagartos da Caatinga	174
2.2 Modelagem de nicho	175

2.3 Análise de parcimônia de endemidade	176
3.0 Resultados	177
3.1 Modelagem de nicho e mapa de riqueza	186
3.2 Análise de parcimônia de endemidade	188
4.0 Discussão	191
4.1 A origem e diversificação da fauna de lagartos da Caatinga.....	191
4.2 A composição e os padrões de distribuição da fauna de lagartos do domínio morfoclimático da Caatinga	193
4.2 Riqueza, composição e estado de conservação da fauna de lagartos das Ecorregiões da Caatinga.....	209
5.0 Conclusões e sugestões para investigações futuras	217
6.0 Referências bibliográficas.....	224
Capítulo IV	233
1.0 Conclusões Gerais	233

Resumo

O Domínio Morfoclimático da Caatinga permaneceu durante anos sendo uma das regiões de menor interesse científico no Brasil. A idéia de que sua fauna era depauperada e pobre em endemismos contribuiu com essa falta de interesse até aproximadamente o início da década de 90. Atualmente, sabemos que a Caatinga possui uma fauna relativamente rica e composta por elementos endêmicos. No entanto, muito de seu território, principalmente sua área nuclear, continua apresentando uma amostragem pobre para a herpetofauna. O presente estudo apresenta resultados sobre a composição e a riqueza da fauna de lagartos da Caatinga, seus padrões de distribuição e suas relações com as subdivisões de ecorregiões do domínio. Este é, basicamente, o primeiro estudo com a fauna de lagartos tratando a Caatinga como um domínio morfoclimático e incorporando dados ligados aos enclaves de outros tipos de vegetação inseridos em seus limites. Foram registradas 78 espécies de lagartos distribuídas em 12 famílias (1 Iguanidae, 1 Hoplocercidae, 4 Polychrotidae, 4 Leiosauridae, 17 Tropiduridae, 4 Gekkonidae, 4 Phyllodactylidae, 1 Sphaerodactylidae, 2 Anguidae, 8 Teiidae, 25 Gymnophthalmidae e 7 Scincidae). Através de análises realizadas com os dados de distribuição das espécies, foram identificadas sete centros de endemismos. As áreas marginais da Caatinga se mostraram mais ricas do que sua área nuclear, provavelmente devido a influência dos domínios vizinhos. Propomos áreas de prioridade para investigações científicas de forma geral. Entretanto, são necessários estudos mais aprofundados para definí-los de forma mais específica.

Abstract

The Morphoclimatic Domain of Caatinga remained for years as one of the regions of lower scientific interest in Brazil. The idea that its fauna was poor of endemism and depleted contributed to this lack of interest until about the beginning of the 90's. Currently, we know that the Caatinga has a relatively rich fauna and is composed of endemic elements. However, much of their territory, especially its core area, continues to show a poor sampling for herpetofauna. This study presents results on the composition and species richness of the lizards in the Caatinga, their distribution patterns and their relationship with the subdivisions of ecoregions domain. This is basically the first study with the lizard fauna treating the Caatinga as a domain morphoclimatic and incorporating data related to enclaves of other vegetation types inserted in its limits. We recorded 78 species of lizards distributed in 12 families (1 Iguanidae, 1 Hoplocercidae, 4 Polychrotidae, 4 Leiosauridae, 17 Tropiduridae, 4 Gekkonidae, 4 Phyllodactylidae, 1 Sphaerodactylidae, 2 Anguidae, 8 Teiidae, 25 Gymnophthalmidae and 7 Scincidae). Through analyzes with data of species distribution, we identified seven centers of endemism. The marginal areas of Caatinga proved richer than their nuclear area, probably due to the influence of neighboring domains. We propose priority areas for scientific research in general. However, further studies are needed to define them more specifically.

Capítulo I

1.0 - Introdução Geral

O Domínio da Caatinga Brasileira, definido por Ab'Saber (1977), ocupa aproximadamente 800.000 km² no Nordeste brasileiro incorporando dez estados (Ab'Saber, 1974; IBGE, 1985; Rizzini, 1997; Prado, 2003) (Figura 1), área que corresponde a quase 11% de todo o território nacional. É um dos raros domínios semi-áridos ocorrentes na faixa subtropical do globo, entremeado por áreas tropicais úmidas (Ab'Saber, 1967; 1974).

Segundo Andrade-Lima (1981), o Domínio da Caatinga situa-se na isoietas de 1000 mm, porém as precipitações anuais são irregulares, variando entre 200 e 800 mm, com a maioria do domínio não ultrapassando os 750 mm anuais. Sendo assim, a grande irregularidade destas precipitações (imprevisibilidade da distribuição temporal e espacial das chuvas) é a característica dominante no clima das caatingas, e define o caráter semi-árido da região (Ab'Saber, 1974). As temperaturas médias ficam em torno de 26° C (Nimer, 1989), mas diminuem nas altitudes de serras e chapadas.

As extensas depressões interplanálticas e intermontanas envolvendo ou interpenetrando maciços mais elevados do embasamento pré-cambriano (*e.g.* Borborema, Apodi e Araripe) formam o principal tipo de paisagem encontrada no domínio da Caatinga. Essas facetas são cobertas principalmente pela vegetação típica de caatinga, do tipo xerofítica lenhosa caducifoliar espinhosa (Araújo *et al.*, 2005).

Vários enclaves de outros tipos de vegetação também podem ser encontrados neste bioma, como o caso dos brejos de altitude, encontrados sobre encostas de serras ou chapadas, em cimeiras e maciços antigos, em pés-de-serras ou em ribeiras ventiladas (Ab'Saber, 1967; 1974). Segundo Vanzolini (1981), Rodrigues (1986) e Borges-Nojosa & Caramaschi (2003), estes brejos são os enclaves mais representativos no domínio, e constituem remanescentes de matas úmidas que ficaram isoladas após a expansão das florestas secas da América do Sul durante o Quaternário.

Além dos brejos de altitude, a Caatinga ainda tem sua homogeneidade quebrada por várias outras combinações regionais de paisagens secas, pois à medida que se afastam da área semi-árida principal (*core area*), estas diferenças se multiplicam, introduzindo um novo conjunto de variáveis que se somam à constituição geológica dos terrenos. Deste modo, torna-se possível a ocorrência de ambientes bastante diferenciados em relação às áreas centrais do domínio, com invaginações de diferentes tipos de vegetação (Ab'Saber, 1967; 1974).

Segundo Araújo *et al.* (2005), a Caatinga apresenta duas principais fisionomias: florestais e não-florestais, que variam de acordo com fatores de deciduidade foliar, de perenifólias, semidecíduas a decíduas. Essas duas fisionomias, por sua vez, são subdivididas em tipos diferenciados de vegetação que se distribuem de acordo com as unidades geomorfológicas do domínio. As fisionomias não-florestais são representadas pela caatinga, carrasco, enclaves de cerrado e outros tipos arbustivos de vegetação; por sua vez, a fisionomia florestal pode ser exemplificada pelas matas úmidas serranas (brejos de altitude) e pelas matas secas.

A vegetação lenhosa caducifoliar espinhosa conhecida como caatinga apresenta-se distribuída principalmente nas terras baixas do complexo cristalino e vertentes com sombra de chuva de chapadas e serras distantes do litoral (Andrade-Lima, 1981; Sampaio, 1995). Uma vegetação arbustiva densa caducifoliar não espinhosa, conhecida como carrasco, ocorre na chapada do Araripe e no planalto de Ibiapaba (Araújo, 1998; Araújo *et al.*, 1999). Enclaves de Cerrado ou Savana são encontrados compondo também as fitofisionomias do domínio Caatinga, principalmente afastando-se das áreas nucleares do domínio (Fernandes, 1990). Além disso, outros tipos de vegetação arbustiva podem ser encontradas na bacia Tucano-Jatobá, na Chapada Diamantina, na região do município de Seabra na Bahia e na divisa dos estados de Pernambuco, Bahia e Piauí, na chapada das Mangabeiras (Araújo, 1998).

Por sua vez, as fisionomias florestais são encontradas basicamente nas vertentes a barlavento das serras e chapadas próximas ao litoral (Florestas Perenifólias – matas úmidas serranas), nas vertentes a sotavento das serras e chapadas próximas da costa ou nas serras e chapadas situadas no interior da área semi-árida (Florestas Semidecíduais e Decíduas – matas secas) (Nascimento, 2001; Ferraz *et al.*, 2003).

Estudos como o de Araújo *et al.* (2005) vem sendo realizados para avaliar se estes diferentes tipos de vegetação classificadas nestas duas fisionomias vegetais possuem origens semelhantes e demonstram que existe uma complexa heterogeneidade vegetacional no domínio. Porém, ainda existe uma grande dificuldade quando se trata da caatinga propriamente dita, pois é observada uma grande heterogeneidade em escala local em termos de composição e estrutura e tais mudanças são facilmente relacionadas a variações pedológicas (Rodal, 1992). Em macro escala, as variações são ainda mais difíceis de identificar, pois não se podem definir os limites de diferentes fisionomias (Joly *et al.*, 1999).

A grande dificuldade de se estabelecer essas diferenças biogeográficas norteou a proposta para Ecorregiões da Caatinga (Ecorregiões, 2002). A *The Nature Conservancy do Brasil* (TNC) iniciou o seu “Programa Caatinga” em 1998 com o intuito de fomentar e desenvolver trabalhos de conservação para a região. A utilização de ecorregiões pela TNC é sustentada pela facilidade e melhoria na eficiência do planejamento, incentivando a considerar diversas espécies e tipos de comunidades naturais ao mesmo tempo (Ecorregiões, 2002). A iniciativa foi extremamente importante, pois anteriormente a Caatinga era considerada como uma ecorregião única por muitos órgãos que trabalham com conservação e políticas públicas (Dinerstein *et al.*, 1995; Olson *et al.*, 2001), fato que não é corroborado pela extrema heterogeneidade existente no domínio.

O esforço em tentar compreender toda a organização desse mosaico da Caatinga culminou com a divisão do domínio em oito ecorregiões distintas. Através de informações morfopedológicas e dos conjuntos florísticos foi feita uma proposta que tem o intuito de cobrir as lacunas de conhecimento que temos, além de contribuir com políticas públicas para a conservação do semi-árido nordestino (Araújo *et al.*, 2005). As ecorregiões oriundas desse estudo podem ser vistas na Figura 1.

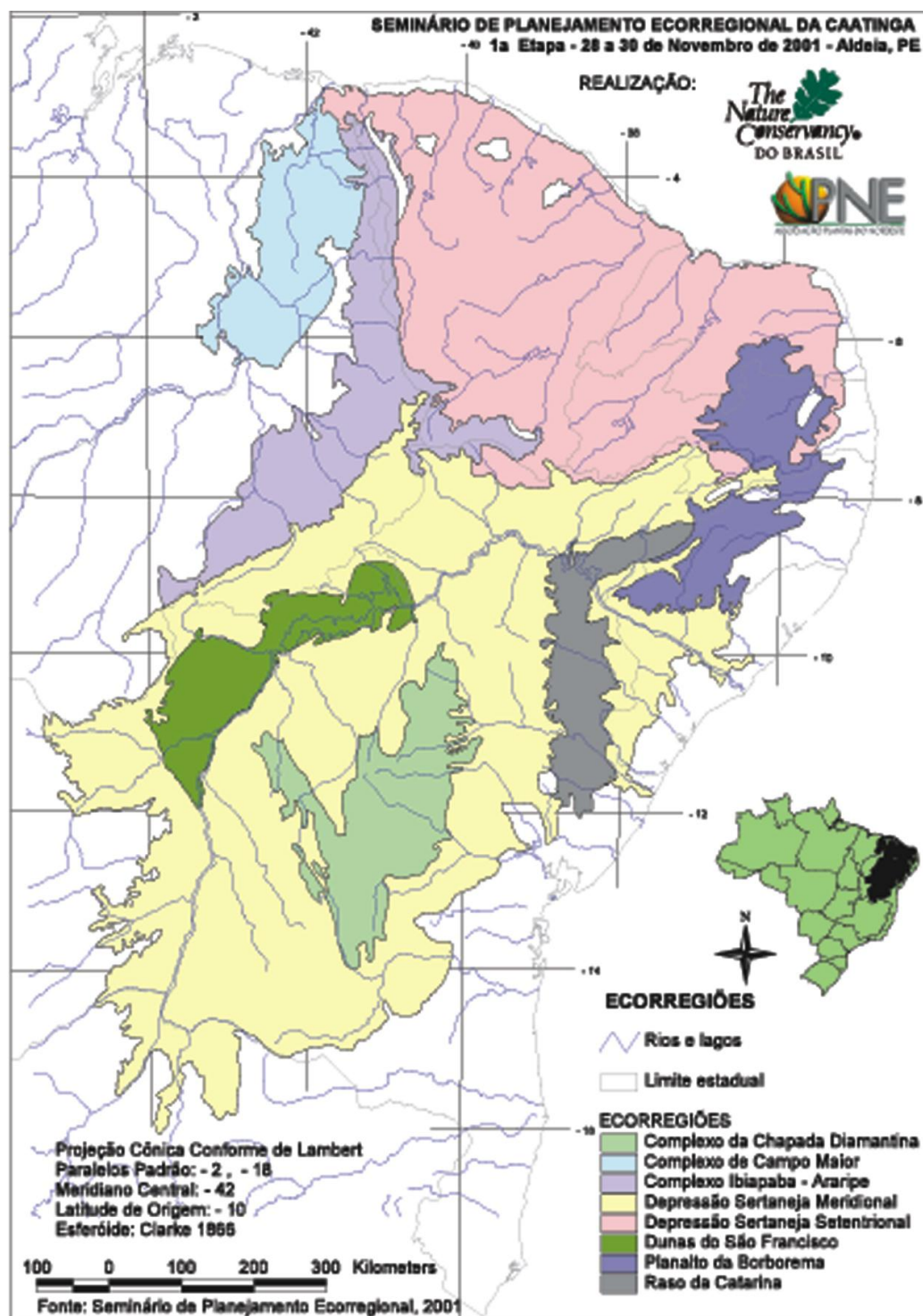


Figura 1 – Limites geográficos aproximados do Domínio Morfoclimático da Caatinga, propostos pelo Seminário Caatinga do PROBIO (www.biodiversitas.org/caatinga) e ajustados pelo Seminário de Planejamento Ecorregional da Caatinga (retirado de Ecorregiões, 2002).

Durante muitos anos a Caatinga foi negligenciada nos mais diversos aspectos, embora sempre tenha sido um dos domínios mais ameaçados devido às centenas de anos de uso inadequado dos solos e outros recursos naturais. Apenas recentemente, os diversos setores governamentais e não governamentais despertaram para a importância da conservação dos sistemas existentes nesse domínio (Ecorregiões, 2002). Araújo *et al.* (2005) destacam que propostas como essa são importantes bases para se compreender a real repartição da biodiversidade vegetal no espaço complexo do domínio da Caatinga, além de contribuir com estudos biogeográficos e de conservação.

O Domínio Mofoclimático da Caatinga (*sensu* Ab'Saber, 1974; 1977) teve durante anos, sua fauna considerada depauperada, composta por elementos comuns ao grande cinturão diagonal de formações abertas da América do Sul e com poucos casos de endemismo (Vanzolini, 1974; 1976; 1981; 1988; Vanzolini & Williams, 1981; Mares *et al.*, 1981). Porém, após anos de melhores amostragens e estudos mais aprofundados, constatou-se que se tratava de uma visão errônea que se baseava em coleções pouco representativas, cobertura geográfica insuficiente, conhecimento limitado dos ecossistemas adjacentes e, principalmente, por nos basearmos em um conceito de Caatinga que não encerra a informação histórica necessária para a compreensão da evolução da fauna no espaço geográfico em foco (Rodrigues, 2003).

Dentre os domínios morfoclimáticos brasileiros, a Caatinga é um dos que possui o melhor conhecimento da herpetofauna de modo geral (Vanzolini *et al.*, 1980; Vitt, 1995; Rodrigues, 2003). Porém, Rodrigues (2003) destaca que esse conhecimento, embora amplo quando comparado a outros ambientes sulamericanos, ainda é insatisfatório. Desde que incluídos os enclaves de matas úmidas (brejos de altitude) inseridos em seu território, a Caatinga ocupa a posição de segundo domínio brasileiro em riqueza de espécies de lagartos e anfisbenídeos (73 espécies – Rodrigues, 2005). Apesar do número expressivo de espécies conhecidas, a distribuição geográfica da maioria das espécies ainda é pouco ou nada conhecida.

Para obtenção de resultados confiáveis sobre diversidade, riqueza e biogeografia de lagartos da região Neotropical dependemos de um conjunto de informações básicas e que possam ser comparados entre diferentes regiões (Nogueira, 2006; Vanzolini, 1988). Entretanto, dados deste tipo são escassos para áreas como a Caatinga, e encontram-se dispersos na literatura e em coleções científicas de museus e universidades (Rodrigues,

2003; 2005). Enquanto estas informações permanecerem isoladas e sem análises no contexto biogeográfico e filogenético, os processos evolutivos e ecológicos que regem as comunidades naturais continuarão desconhecidos, dificultando a tomada de decisão sobre onde e o que conservar (Vane-Wright *et al.* 1991; Balmford & Gaston, 1999; Dayton, 2003; Avise, 2005; Greene, 2005).

A fauna de lagartos da Caatinga ainda é pouco estudada em relação a sua origem e diversificação. As hipóteses existentes atualmente apresentam-se de forma conflitante na literatura. A visão predominante de que a Caatinga e o Cerrado compartilham a maior parte da fauna encontra-se cada vez menos aceita. Essa similaridade era interpretada como efeito de processos históricos de homogeneização dessas duas faunas, causada principalmente por seguidas expansões e retrações dos limites dos dois domínios durante o Quaternário (Vanzolini, 1976; 1978), o que gerou um predomínio de formas pouco exigentes em relação ao hábitat. Entretanto, novas interpretações (Colli *et al.*, 2002; Colli, 2005) tem questionado se os eventos paleoclimáticos do Quaternário foram os principais responsáveis pelos padrões de distribuição e diversificação da fauna das áreas de vegetação aberta da região Neotropical. É possível que mudanças no relevo durante o Terciário sejam responsáveis por eventos de cladogênese em regiões extra-amazônicas (Silva, 1995; Silva & Bates, 2002; Colli, 2005).

Durante as décadas de 80 e 90 poucos estudos foram realizados com a herpetofauna das caatingas. Vanzolini (1974), Vanzolini *et al.* (1980) e Vitt (1995) realizaram estudos localizados na área nuclear do domínio, obtendo resultados que apontavam uma baixa riqueza de espécies de lagartos quando comparado a outros biomas. No entanto, estudos realizados na região de dunas paleoquaternárias do médio Rio São Francisco (resumido em Rodrigues, 1996) demonstraram uma grande riqueza e um alto índice de endemismos.

Rodrigues (2003) fez um apanhado de dados de distribuição da herpetofauna da Caatinga apontando regiões com solos arenosos, a exemplo dos campos de dunas do São Francisco, como possíveis áreas de especiação e de endemismo de espécies. No mesmo estudo, o autor lista 150 localidades de oito estados inseridos na Caatinga que apresentam registros da herpetofauna. Apesar do número elevado de municípios amostrados quando comparado a outras regiões, a grande maioria deles encontrava-se pobremente amostrado, ou mesmo eram alvos de coletas ocasionais deficientes.

Para se ter uma ideia da qualidade de amostragem, podemos citar os lagartos e anfisbenídeos. No Piauí, apenas Valença apresentava uma boa amostragem, 15 espécies. No Ceará, das 18 localidades registradas, apenas cinco contavam com um número maior que sete espécies (Arajara 12, Coluna 12, Santana do Cariri 12, Morro Branco 8 e Pacajús 8). O Rio Grande do Norte é um dos estados com pior amostragem juntamente com Sergipe. No primeiro, a melhor amostragem era em Angicos com apenas 6 espécies. No outro estado, o município de Areia Branca, com sete espécies, apresentava a melhor amostra até 2003, subindo para 17 espécies (12 delas de ambientes de vegetação aberta - Carvalho *et al.*, 2005). Nos estados da Paraíba e Alagoas tínhamos também poucos lugares amostrados satisfatoriamente: Cabaceiras com 19 espécies, Gurinhém com 11 e São José de Espinharas com oito eram os melhores na Paraíba; apenas Xingó com 19 espécies podia ser considerada em Alagoas como tendo uma boa amostragem. O último ainda apresenta possível falha na contagem de espécies, pois os dados foram coletados durante um resgate de fauna devido ao enchimento da represa da Hidrelétrica de Xingó. Esses números sofrem influência de espécies ocorrentes apenas nos estados de Sergipe e Bahia, que são fronteiriços a área. Em Pernambuco cinco localidades possuíam mais do que sete espécies de lagartos registrados, merecendo destaque Exu com 16 e Agrestina com 10. A Bahia era, talvez, o estado com mais amostragens pontuais, porém deficiente se considerado o tamanho total de seu território. Dez das 53 localidades apresentavam números superiores a sete espécies, a maioria destas situadas nos campos de dunas do Rio São Francisco (Rodrigues, 1991a; Rodrigues, 1991b; Rodrigues, 1991c; Rodrigues, 1996).

Após o estudo realizado por Rodrigues (2003), vários outros inventários, seja com o caráter de simples levantamento ou como pesquisas mais complexas, foram realizados na Caatinga (*e.g.* Arzabe *et al.*, 2005; Carvalho *et al.*, 2005; Delfim & Freire, 2007; Freitas & Silva, 2007; Freire *et al.*, 2009), aumentando assim a cobertura geográfica para o domínio Caatinga. Algumas novas espécies foram descritas (Rodrigues *et al.*, 2006; 2009a; 2009b; Rodrigues & Santos, 2008; Cassimiro & Rodrigues, 2009; Mott *et al.*, 2009; Arias *et al.*, 2011a; 2011b) e outras tiveram novos registros inseridos no domínio em questão (*e.g.* *Dryadosaura nordestina* e *Enyalius catenatus* – Arzabe *et al.*, 2005) aumentando assim a lista de espécies conhecidas para a Caatinga. Freitas & Silva (2007) contribuíram com um aumento substancial na lista de

espécies para o domínio, também listando inúmeras espécies antes não registradas para as caatingas.

Outro importante aspecto é a questão das matas úmidas inseridas no domínio da Caatinga. Embora na grande maioria dos trabalhos os aspectos zoogeográficos destes ambientes florestados sejam estudados em separado, a história da herpetofauna do domínio da Caatinga não pode ser desvendada sem considerarmos estes ambientes especiais. Várias espécies encontradas em ambientes mais méxicos no semi-árido tem, provavelmente, suas histórias ligadas ao passado diferenciado da região, quando as variações climáticas permitiram uma expansão dos ambientes florestais, unindo assim, a Floresta Atlântica a Amazônica (Vanzolini & Williams, 1970; 1981; Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). Sendo assim, as atuais espécies constituintes da herpetofauna dos brejos e florestas decíduas e semidecíduas possuem importância indiscutível em análises zoogeográficas dentro do domínio.

Com um maior acúmulo de informações sobre a herpetofauna da Caatinga nos últimos anos, torna-se possível uma análise mais acurada sobre os padrões de distribuição dos elementos componentes da herpetofauna da Caatinga, especialmente dos lagartos. Conhecemos atualmente um número de espécies bastante amplo para o domínio (Rodrigues, 2005) e temos bons indícios sobre as principais áreas de diversificação e, conseqüentemente, sobre centros de endemismo. Informações provenientes dos estudos da herpetofauna da Caatinga podem servir como importante subsídio para a compreensão da história dos ecossistemas neotropicais atuais, principalmente para as áreas de vegetação aberta, além de fornecer bases para trabalhos de conservação. Estudos dessa natureza se tornam urgentes quando levamos em conta a rápida destruição e a progressiva perda de habitats provenientes da ocupação antrópica (Rodrigues, 2003; Araújo *et al.*, 2005).

2.0 - Objetivos

2.1 - Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo avaliar os padrões de distribuição dos lagartos do Domínio Morfoclimático da Caatinga através da modelagem do nicho ecológico e análises de parcimônia de endemidade, bem como identificar áreas com maior riqueza de espécies, apontando-as como prováveis locais para conservação e investigação científica.

2.2 - Objetivos específicos

- a) Gerar um catálogo para as espécies de lagartos da Caatinga, com comentários taxonômicos, sistemáticos e sobre suas distribuições geográficas;
- b) Descrever os padrões de distribuição da fauna de lagartos da Caatinga;
- c) Empregar a modelagem de nicho ecológico para prever a distribuição das espécies de lagartos da Caatinga como forma de identificar possíveis pontos de alta riqueza;
- d) Determinar através da fauna de lagartos os principais centros de endemismos existentes para o Domínio Morfoclimático da Caatinga;
- e) Agrupar dados zoogeográficos importantes para o domínio da Caatinga que atualmente se encontram dispersos e relegados a um nível de importância não merecido.

A tese está organizada em quatro capítulos. O primeiro apresenta uma introdução geral sobre a Caatinga e o conhecimento atual sobre a fauna de lagarto, além das perguntas centrais do presente estudo. O segundo lista as espécies de lagartos registradas para o Domínio Morfoclimático da Caatinga com informações taxonômicas e biogeográficas, além dos mapas de distribuição para cada uma delas. Estas informações servem como base para todo o resto do estudo aqui apresentado. No terceiro capítulo apresentamos as análises de parcimônia de endemidade e de riqueza

realizada pela modelagem de nicho e discutimos os padrões de distribuição da fauna de lagartos da Caatinga, relacionando-os com as ecorregiões propostas para o domínio. Finalmente, no Capítulo IV, encerramos a tese com as conclusões gerais que podemos tirar através dos resultados obtidos. No final do manuscrito, apresentamos em anexo as pranchas com fotos de algumas das espécies registradas no segundo capítulo.

3.0 – Referências Bibliográficas

- Ab'Saber, A. N. 1967. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. **Orientação (Dep. Geografia USP)** 3:45-48.
- Ab'Saber, A. N. 1974. O domínio morfoclimático semi-árido das Caatingas brasileiras. **Geomorfologia**, São Paulo, **43**: 1-39.
- Ab'Saber, A. N. 1977. Os Domínios Morfoclimáticos na América do Sul. **Geomorfologia**, São Paulo, **52**: 1-21.
- Andrade-Lima, D. 1981. The caatingas dominium. **Revista Brasileira de Botânica**, **4**: 149-153.
- Araújo, F. S. 1998. **Estudo fitogeográficos do carrasco no nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Araújo, F. S.; Martins, F. R. & Shepherd, G. J. 1999. Variações estruturais e florísticas do carrasco do Planalto da Ibiapaba, estado do Ceará. **Revista Brasileira de Biologia**, **59**: 663 – 678.
- Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N.; Barbosa, M. R. V. & Martins, F. R. 2005. **Repartição da flora lenhosa no domínio da Caatinga**. In: Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N. & Barbosa, M. R. V. (orgs.). Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF. Pp. 15 – 34.
- Arias, F.; Carvalho, C.M.; Rodrigues, M.T. & Zaher, H. 2011a. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from the Caatinga, northwest Brazil. **Zootaxa** **2787**: 37 – 54.
- Arias, F.; Carvalho, C. M.; Rodrigues, M. T. & Zaher, H. 2011b. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) of the *C. ocellifer* group, from Bahia, Brazil. **Zootaxa** **3022**: 1 – 21.
- Arzabe, C.; Skuk, G.; Santana, G. G.; Delfim, F. R.; Lima, Y. C. C. & Abrantes, S. H. F. 2005. **Herpetofauna da área do Curimataú, Paraíba**. In: Araújo, F. S.;

- Rodal, M. J. N. & Barbosa, M. R. V. (orgs.). Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF. Pp. 259 – 274.
- Avice, J. C. 2005. **Phylogenetic units and currencies above and below the species level.** In: Purvis, A.; Gittleman, J. L. & Brooks, T. (eds.). *Phylogeny and Conservation*. Cambridge University Press, Cambridge. Pp 76 – 100.
- Balmford, A. & Gaston, K. J. 1999. Why biodiversity surveys are good value? **Nature**, **398**: 204 – 205.
- Borges-Nojosa, D. M. & Caramaschi, U. 2003. Composição e Análise Comparativa da Diversidade e das Afinidades Biogeográficas dos Lagartos e Anfisbenídeos (Squamata) dos Brejos Nordestinos. In: Leal, I. R., Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 463-512.
- Carvalho, C. M.; Vilar, J. C. & Oliveira, F. F. Répteis e Anfíbios. 2005. 39 – 61 pp. In: Carvalho, C. M. & Vilar, J. C. (coord.). **Parque Nacional Serra de Itabaiana – Levantamento da Biota**. Aracaju: Ibama / UFS – Biologia Geral e Experimental.
- Cassimiro, J. & Rodrigues, M. T. 2009. A new species of lizard genus *Gymnodactylus* Spix, 1825 (Squamata: Gekkota: Phyllodactylidae) from Serra do Sincorá, northeastern Brazil, and the status of *G. carvalhoi* Vanzolini, 2005. **Zootaxa** **2008**: 38-52.
- Colli, G. R. 2005. **As origens e a diversificação da herpetofauna do Cerrado.** In: Scariot, A.; Souza-Silva, J.C. & Felfili, J. M. (eds.). *Cerrado: Ecologia, Biodiversidade e Conservação*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. Pp. 247 – 264.
- Colli, G. R.; Bastos, R. P. & Araújo, A. B. 2002. **The character and dynamics of the Cerrado Herpetofauna.** In: Oliveira, P. S. & Marquis, R. J. (eds.). *The Cerrados of Brazil – Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna*. Columbia University Press, New York. Pp. 223 – 241.
- Dayton, P. K. 2003. The importance of Natural Sciences to Conservation. **The American Naturalist**, **162**: 1 – 12.

- Delfim, F. R. & Freire, E. M. X. 2007. Os lagartos gimnoftalmídeos (Squamata: Gymnophthalmidae) do Cariri paraibano e do Seridó do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil: considerações acerca da distribuição geográfica e ecologia. **Oecologia Brasiliensis** 11 (3): 365-382.
- Dinerstein, E.; Olson, D. M.; Graham, D. J.; Webster, A. L.; Primm, S. A.; Bookbinder, M. P. & Ledec, G. 1995. **A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean**. The World Bank: Washington, D.C. 129pp.
- Ecorregiões. 2002. **Propostas para o bioma Caatinga**. Associação Plantas do Nordeste / Instituto de Conservação Ambiental The Nature Conservancy do Brasil, Recife, PE.
- Fernandes, A. 1990. **Temas fitogeográficos**. Stylos Comunicações, Fortaleza – CE, Brasil.
- Ferraz, E. M. N.; Rodal, M. J. N. & Sampaio, E. V. S. B. 2003. Physiognomy and structure of vegetation along an altitudinal gradient in the semi-arid regions of northeastern Brazil. **Phytocoenologia**, 33: 71-92.
- Freire, E. M. X.; Skuk, G. O. S.; Kolodiuk, M. F.; Ribeiro, L. B.; Maggi, B. S.; Rodrigues, L. S.; Vieira, W. L. S. & Falcao, A. C. G. P. 2009. **Répteis Squamata das Caatingas do seridó do Rio Grande do Norte e do cariri da Paraíba: síntese do conhecimento atual e perspectivas**. In: Freire, E. M. X. (org.). Recursos Naturais das Caatingas: uma visão multidisciplinar. 1 ed. Natal: Editora da UFRN - EDUFRN, Pp. 51-84.
- Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2007. **A Herpetofauna das Caatingas e Áreas de Altitudes do Nordeste Brasileiro**. Pelotas: USEB. 388 pp.
- Greene, H. W. 2005. Organisms in nature as a central focus for biology. **Trends in Ecology & Evolution**, 20: 23 – 27.
- IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1985. **Anuário Estatístico do Brasil**. IBGE, Rio de Janeiro.

- Joly, C. A.; Aida, M. P. M.; Klink, C. A.; McGrath, D. G.; Moreira, A. G.; Moutinho, P.; Nepstad, D. C.; Oliveira, A. A.; Pott, A.; Rodal, M. J. N. & Sampaio, E. V. S. B. 1999. Evolution of the Brazilian phytogeography classification systems from the biodiversity conservation point of view. **Ciência e Cultura**, 5: 331-348.
- Mares, M. A.; Willig, M. R.; Streilen, K. E. & Latcher, T. E. 1981. The mammals of Northeastern Brazil; a preliminary assessment. **Annals of Carnegie Museum of Natural History** 50: 81-137.
- Mott, T.; Rodrigues, M. T. & Santos, E. M. 2009. A new *Amphisbaena* with chevron-shaped anterior body annuli from state of Pernambuco: Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). **Zootaxa** 2165: 52-58.
- Nascimento, L. M. 2001. **Caracterização fisionômico-estrutural de um fragmento de floresta montana do nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- Nimer, E. 1989. **Climatologia do Brasil**. 2ª ed. IBGE – SUPREN, (Fundação IBGE – SUPREN), Recursos Naturais e Meio Ambiente, Rio de Janeiro.
- Nogueira, C. C. 2006. **Diversidade e Padrões de Distribuição da Fauna de Lagartos do Cerrado**. Tese (Doutorado em Ciências – Ecologia) – Programa de Pós-graduação em Ciências – Área de concentração em Ecologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Olson, D. M.; Dinerstein, E.; Wikramanayake, E. D.; Burgess, N. D.; Powell, G. V. N.; Underwood, E. C.; D’Amico, J. A. D.; Itoua, I.; Strand, H. E.; Morrison, J. C.; Loucks, C. J.; Allnutt, T. F.; Ricketts, T. H.; Kura, Y.; Lamoreaux, J. F.; Wettengel, W. W.; Hedao, P. & Kassem, K. R. 2001. Terrestrial Ecoregions of the World: a new map of life on Earth. **BioScience**, 51 (11): 933-938.
- Prado, D. E. 2003. As Caatingas da América do Sul. In: Leal, I. R.; M. Tabarelli & J. M. C. Silva. (eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 3-73.
- Rizzini, C. T. 1997. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. 2ª ed. Ed. Âmbito Cultural, São Paulo.

- Rodal, M. J. N. 1992. **Fitossociologia da vegetação arbustivo-arbóreo em quatro áreas da Caatinga em Pernambuco**. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Rodrigues, M. T. 1986. Potencial faunístico da Caatinga. *In: Anais do Simpósio sobre Caatingas e sua exploração racional*. Brasília, EMBRAPA, DDT. Pp. 163-170.
- Rodrigues, M. T. 1991a. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: I. Introdução à área e descrição de um novo gênero de microteiídeos (*Calyptommatus*) com notas sobre sua ecologia, distribuição e especiação (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (19): 285-320.
- Rodrigues, M. T. 1991b. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: II. *Psilophthalmus*: um novo gênero de microteiídeos sem pálpebras (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (20): 321-327.
- Rodrigues, M. T. 1991c. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: III. *Procellosaurinus*: um novo gênero de microteiídeos sem pálpebras, com a redefinição do gênero *Gymnophthalmus* (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (21): 329-342.
- Rodrigues, M. T. 1996. Lizards, snakes, and amphisbaenians from the quaternary sand dunes of the middle Rio São Francisco, Bahia, Brazil. **Journal of Herpetology**, **30** (4): 513-523.
- Rodrigues, M. T. 2003. Herpetofauna da Caatinga. *In: LEAL, I. R., TABARELLI, M. & SILVA, J. M. C. (Eds.). Ecologia e Conservação da Caatinga*. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 181-236.
- Rodrigues, M. T. 2005. Conservação dos répteis brasileiros: os desafios para um país megadiverso. **Megadiversidade**, **1** (1): 87 – 94.
- Rodrigues, M. T. & Santos, E. M. 2008. A new genus and species of eyelid-less and limb reduced gymnophthalmid lizard from northeastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Zootaxa** **1873**: 50-60.

- Rodrigues, M. T.; Freitas, M. A.; Silva, T. F. S. & Bertolotto, C. E. V. 2006. A new species of lizard genus *Enyalius* (Squamata, Leiosauridae) from the highlands of Chapada Diamantina, state of Bahia, Brazil, with a key to species. **Phyllomedusa**, 5: 11-24.
- Rodrigues, M. T.; Cassimiro, J.; Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2009a. A new microteiid lizard of the genus *Acratosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Serra do Sincorá, State of Bahia, Brazil. **Zootaxa** 2013: 17-29.
- Rodrigues, M. T.; Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2009b. New species of earless lizard genus *Heterodactylus* (Squamata: Gymnophthalmidae) from the highlands of Chapada Diamantina, State of Bahia, Brazil. **Journal of Herpetology** 43: 605-611.
- Sampaio, E. V. S. B. 1995. Overview of the Brazilian caatinga. In: Bullock, S. H.; Mooney, H. A. & Medina, E. (eds.). **Seasonal dry tropical forests**. University Press Cambridge. Pp. 35 – 63.
- Silva, J. M. C. 1995. Biogeographic analysis of the South American Cerrado avifauna. **Steenstrupia** 21: 49 – 67.
- Silva, J. M. C. & Bates, J. M. 2002. Biogeographic patterns and conservation in the South American Cerrado: A tropical savanna hotspot. **BioScience**, 52: 225 – 233.
- Vane-Wright, R. I.; Humphries, C. J. & Williams, P. H. 1991. What to Protect – Systematics and the Agony of Choice. **Biological Conservation**, 55: 235 – 254.
- Vanzolini, P. E. 1974. Ecological and geographical distribution of lizards in Pernambuco, Northeastern Brazil (Sauria). **Pap. Av. Zool.** 28(4): 61-90.
- Vanzolini, P. E. 1976. On the lizards of a Cerrado-caatinga contact, evolutionary and zoogeographical implications (Sauria). **Papéis Avulsos de Zoologia**, 29: 111 – 119.
- Vanzolini, P. E. 1981. A quasi-historical approach to the natural history of the differentiation of reptiles in tropical geographic isolates. **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 34 (19): 189-204.

- Vanzolini, P. E. 1988. Distributional patterns of south American lizards. *In*: Heyer, W. R. & Vanzolini, P. E. (eds.). **Proceedings of a workshops on neotropical distribution patterns**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, Brasil. Pp. 317 – 342.
- Vanzolini, P. E. & Williams, E. E. 1970. South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia**, **19**: 1 – 298.
- Vanzolini, P. E. & Williams, E. E. 1981. The Vanishing Refuge: a mechanism for ecogeographic speciation. **Pap. Av. Zool.** **34**(23): 251-255.
- Vanzolini, P. E., Ramos-Costa, A. M. M. & Vitt, L. J. 1980. **Répteis das Caatingas**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 161 p.
- Vitt, L. J. 1995. The ecology of tropical lizards in the Caatinga of northeastern Brazil. **Occasional Papers of the Oklahoma Museum of Natural History** 1: 1-29.

Capítulo II

Os Lagartos da Caatinga

1.0 Introdução

Há alguns anos acreditava-se que a composição faunística do domínio da Caatinga era composta por elementos comuns ao chamado grande cinturão diagonal de formações abertas da América do Sul (Vanzolini, 1974; 1976; 1981; 1988; Vanzolini & Williams, 1981; Mares *et al.*, 1981). Após anos com melhores amostragens realizadas e estudos mais aprofundados, é possível notar que se tratava de uma visão errônea, baseada em coleções pouco representativas, cobertura geográfica insuficiente, conhecimento insatisfatório dos ecossistemas adjacentes e devido a um conceito de Caatinga que não encerra a informação histórica necessária para a compreensão da evolução da fauna no espaço geográfico em foco (Rodrigues, 2003).

Dentre os domínios morfoclimáticos brasileiros, a Caatinga é um dos que possui o melhor conhecimento da herpetofauna de modo geral (Vanzolini *et al.*, 1980; Vitt, 1995; Rodrigues, 2003). Porém, Rodrigues (2003) destaca que esse conhecimento, embora amplo quando comparado a outros ambientes sulamericanos, ainda é insatisfatório.

Apesar do número expressivo de espécies registradas, a distribuição geográfica da maioria delas ainda é pouco ou nada conhecida. No ano de 2003, Rodrigues fez um apanhado de localidades dentro do domínio da Caatinga onde coleções foram realizadas, baseado principalmente na coleção herpetológica do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP complementado secundariamente por dados de outros acervos. Foram listadas 150 localidades divididas pelos estados da seguinte maneira: Piauí – 6; Ceará – 18; Rio Grande do Norte – 7; Paraíba – 19; Pernambuco – 27; Alagoas – 6; Bahia – 53, entretanto, a minoria delas pode ser consideradas bem amostradas.

Rodrigues (2003) ainda não considerou em seu levantamento as matas úmidas inseridas no domínio da Caatinga. Na grande maioria dos trabalhos os aspectos zoogeográficos destes ambientes florestados foram estudados em separado (Borges-Nojosa & Cascon, 2005; Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003), ignorando, praticamente, quaisquer relações que possam ter com outras áreas de Caatinga, e dando maior importância às relações com ambientes florestados, como a Amazônia e a Floresta Atlântica (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). Contudo, várias espécies encontradas

em ambientes méxicos inseridos na Caatinga, e fora das áreas de “brejo”, apresentam suas histórias ligadas ao passado diferenciado da região quando variações climáticas permitiram expansões e retrações dos ambientes florestais pelo continente (Vanzolini & Williams, 1970; 1981; Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). Sendo assim, as atuais espécies constituintes da herpetofauna dos brejos e florestas decíduas e semidecíduas possuem importância indiscutível em análises zoogeográficas dentro do domínio.

Informações provenientes dos estudos da herpetofauna da Caatinga podem servir como importante subsídio para a compreensão da história do ecossistema atual, além de fornecer bases para trabalhos de conservação. Estudos dessa natureza se tornam urgentes quando levamos em conta a rápida destruição e a progressiva perda de habitats provenientes da ocupação antrópica (Rodrigues, 2003; Araújo *et al.*, 2005).

Com o intuito de fornecer dados sobre a composição faunística, riqueza e distribuição, apresentamos aqui um catálogo com comentários diversos sobre os lagartos da Caatinga. Os resultados apresentados serviram como fundamento para as análises realizadas de biogeografia, composição faunística e riqueza apresentadas nos próximos capítulos.

2.0 Material e Métodos

2.1 Levantamento dos dados de distribuição das espécies de lagartos do Domínio da Caatinga

Os dados apresentados foram obtidos através de visitas a seis coleções: Coleção Herpetológica da Universidade Federal de Sergipe / CHUFS – São Cristovão; Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas / MUFAL – Maceió; Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Paraíba – CHUFPB – João Pessoa; Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP – São Paulo; Museu Nacional do Rio de Janeiro / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro; Núcleo de Ofiologia da Universidade Federal do Ceará – NUROF/UGC – Fortaleza. A maioria do material analisado nas coleções citadas é apresentada com o acrônimo das instituições, com exceções de materiais ainda não tombados que foram fornecidos para análise. Estes últimos são apresentados com seus números de campo e identificados no texto.

As informações foram complementadas por dados obtidos através do Sistema de Informações distribuídos para coleções científicas – Species Link (<http://splink.cria.org.br/>) e pelo fornecimento dos dados pelas coleções Universidade de Brasília – CHUNB, Universidade Federal da Bahia – Salvador, Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, Minas Gerais e da Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana, Bahia. Além disso, foram realizadas 18 coletas em 17 localidades de quatro estados: Paulo Afonso na Bahia; Daniel de Queiroz, Santa Quitéria, São Gonçalo do Amarante e Várzea da Conceição no Ceará; Areia na Paraíba; Arcoverde, Nascente, Trindade e Serra Talhada em Pernambuco; Paulistana, Pavussu, Rio Grande do Piauí e São Francisco de Assis do Piauí no Piauí; e Canindé do São Francisco, Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória em Sergipe. Dados complementares foram retirados da literatura e são apresentados seguidos da referência utilizada ou, quando disponível, do acrônimo de suas respectivas coleções de origem.

Foram incluídas na lista, todas as espécies que apresentaram pelo menos um registro inserido na área definida pela *Nature Conservancy do Brasil* (Ecorregiões, 2002) para o Domínio Morfoclimático da Caatinga. Para as espécies que ocorrem fora

do domínio em foco inserimos localidades de registro em domínios adjacentes, porém, recomendamos que para maiores informações sobre estas espécies, sejam consultados revisões taxonômicas e estudos específicos dessas regiões.

2.2 Mapas de distribuição

Os mapas de distribuição das espécies foram gerados através da modelagem de nicho ecológico pelo programa MaxEnt 3.3.3e e refinados no programa ArcGIS 9/ArcMap Versão 9.3. Foram utilizadas para tanto, dez variáveis ambientais: altitude, isothermalidade, sazonalidade de temperatura, variação anual de temperatura (temperatura máxima no mês mais quente + temperatura mínima do mês mais frio), média de temperatura do trimestre mais quente, média de temperatura no trimestre mais frio, precipitação no mês mais seco, sazonalidade de precipitação (coeficiente de variação), precipitação no trimestre mais úmido e precipitação no trimestre mais seco.

A modelagem de nicho ecológico busca prever a distribuição geográfica das espécies utilizando uma abordagem estatística baseada em informações abióticas dos pontos conhecidos para ocorrência da espécie. (Peterson & Viegas, 2001; Thuiller, 2005). O algoritmo gera um modelo que busca locais que apresentam condições semelhantes no espaço geográfico selecionado. Os modelos aqui construídos foram gerados através do algoritmo de máxima entropia do software MaxEnt 3.3.3e (Phillips *et al.*, 2006; Phillips & Dudik, 2008). O MaxEnt exige apenas dados de presença das espécies para gerar modelos através da estimativa dos nichos ecológicos das espécies e busca uma probabilidade de distribuição que é baseada na relação ao conjunto de variáveis ambientais anteriormente citado.

Para construção dos modelos foram selecionados o output logístico e “conFig.ções automáticas” do programa. Este output gera um grid de valores que variam entre 0 e 1 e refletem o nível de adequação da espécie às condições climáticas do background, onde os valores mais altos significam melhores condições. O MaxEnt calcula o índice de AUC (*area under the curve of receiver-operator characteristic*) como parâmetro para medir o nível de ajuste do modelo. Valores de AUC próximos a 1

indicam modelos mais confiáveis em prever a ocorrência da espécie, enquanto que valores abaixo de 0,5 indicam que o modelo não é melhor do que o esperado ao acaso.

O MaxEnt gera grids de valores contínuos que podem ser transformados em mapas binários de presença/ausência através do uso de valores de limiares (*thresholds*) gerados através de análises estatísticas baseadas nos pontos de ocorrência conhecidos para a espécie. No presente estudo foi utilizado o limiar de 10% de presença de treino (*10 percentile training presence*) no MaxEnt (Rödder *et al.*, 2010), apesar do limiar de menor presença (LPT = *lowest presence training*) ser amplamente utilizado na literatura (Pyron *et al.*, 2008; Anderson & Raza, 2010; Mandle *et al.*, 2010; Wooten & Gibbs, 2011). O LPT se apresenta de forma muito conservadora quando zera as omissões, ou seja, todas as localidades conhecidas são reconhecidas como parte da distribuição da espécie. Entretanto, algumas dessas localidades podem se tratar de outliers por motivos variados (*e.g.* região drenó, pontos georreferenciados de forma errada, micro refúgios diferentes da região ao redor) e poderão influenciar no resultado final. Através da utilização do limiar de 10% de presença de treino podemos eliminar esses possíveis outliers.

No entanto, os resultados obtidos em algumas situações podem ser considerados superestimados para as espécies em estudo, pois as análises não levam em conta barreiras geográficas, características fitofisionômicas e de tipos de solo, além das características bióticas das espécies. Os fatores citados podem influenciar de modo importante e, conseqüentemente limitar o alcance de ocorrência para as espécies. Quando conveniente, os casos serão discutidos no campo “Ocorrência na Caatinga”.

As áreas em cinza destacam ambientes com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência das respectivas espécies, obtidos através da modelagem de nicho ecológico e fornecem uma provável área de distribuição para a espécie. O destaque no mapa mostra o Domínio da Caatinga (área hachurada), área de interesse direto do presente estudo. Os mapas foram feitos individualmente para a maioria das espécies. Para os gêneros *Eurolophosaurus*, *Calyptommatus*, *Procellosaurinus* e *Psilophthalmus* a modelagem de nicho foi gerada considerando-se todos os registros de ocorrência das espécies. Esta medida foi tomada devido ao baixo número de pontos registrados para as espécies e levando em conta a semelhança ecológica entre as espécies de cada gênero.

Não foram gerados mapas e nem registradas as ocorrências para *Hemidactylus agrius* e *H. mabouia*. Grande parte do material das coleções visitada apresenta a identificação preliminar e na maioria dos casos mal feita. Com a possibilidade dos registros feitos para o domínio possuírem erros e apresentarem confusões na identificação das duas espécies, foi preferido apenas listá-las comentando suas respectivas distribuições.

3.0 Resultados

Foram registradas 78 espécies de lagartos distribuídas em 12 famílias (1 Iguanidae, 1 Hoplocercidae, 4 Polychrotidae, 4 Leiosauridae, 17 Tropiduridae, 4 Gekkonidae, 4 Phyllodactylidae, 1 Sphaerodactylidae, 2 Anguidae, 8 Teiidae, 25 Gymnophthalmidae e 7 Scincidae).

Abaixo, são apresentados os registros de cada espécie, comentários sobre suas distribuições, sobre a taxonomia (quando pertinente), além das referências adicionais que tratem sobre as mesmas.

3.1 Lista comentada das espécies de lagartos da Caatinga

IGUANIA *sensu* Estes *et al.*, 1988

Iguanidae (Frost & Etheridge, 1989)

Iguana Laurenti, 1768

Iguana iguana (Linnaeus, 1758)

Localidade tipo: “Indiis”

Comentários taxonômicos: As populações do México à Costa Rica são consideradas de outra subespécie (*I. iguana rhinolopha*); enquanto as que habitam a América do Sul

são extremamente homogêneas do ponto de vista morfológico (Trajano & Ghiringhello, 1978; Vanzolini *et al.*, 1980).

Distribuição: Apresenta limite norte de distribuição na região sul do México, ocorrendo por todo o resto da América Central, incluindo Antilhas (Vitt *et al.*, 2008). Distribui-se por quase toda América do Sul, com limite sul no Paraguai. No Brasil, ocorre amplamente na Amazônia, Cerrado, Caatinga e porção norte da Mata Atlântica (Vanzolini *et al.*, 1980; Nogueira, 2006; Reptile Database, 2011 – Figura 1).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre amplamente na Caatinga (Figura 1), sendo encontrada principalmente em matas ciliares (Vanzolini *et al.*, 1980; Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: ACRE – Cruzeiro do Sul: ZEE-HERP 5743; Marechal Thaumaturgo: ZEE-HERP 3637, ZEE-HERP 8400. ALAGOAS – Campo Alegre: MUFAL 6712; Coruripe: MUFAL 6582; Maceió: MUFAL 4678; Marechal Deodoro: MUFAL 4621; Penedo: MUFAL 5877; Piranhas: Número de campo* - 983538; UHE Xingó: MUFAL 889; Viçosa: MUFAL 952737. AMAPÁ – Amapá: CHUNB 6935 – 6940; Cachoeira do Paredão: MZUSP 92288; Serra do Navio: MZUSP 17012. AMAZONAS – Barcelos: MZUSP 31891; Beruri: MZUSP 38364; Boca do Acre: MZUSP 36980; Borba: MZUSP 41360; Canutama: MZUSP 37465; Fonte Boa: MZUSP 36914 – 36916; Guajará: MZUSP 42408; Humaitá: CHUNB 13356; Limoeiro: MZUSP 47040; Manacapuru: MZUSP 13870; Manaus: MZUSP 26822; Manicoré: MZUSP 42120; Moura: MZUSP 25999; Nova Olinda: MZUSP 26048; Novo Aripuanã: MZUSP 42401; Paricatuba, Rio Negro: MZUSP 29553; Parintins: MZUSP 19321; Pauini: MZUSP 37112; São Sebastião do Uatumã: MZUSP 16596; Tapauá: MZUSP 37798; Tefé: MZUSP 55702; Urucurituba: MZUSP 19332. BAHIA – Barra: MZUSP 75493; Buritirama: MZUSP 7796 – 7798; Cocorobó: MZUSP 30399; Ibipêba: CHUNB 6931 – 6932; Lauro de Freitas: CHUNB 13617; Miguel Calmon: MZUFBA 2677; Raso da Catarina: MZUSP 12234; Salvador: MZUSP 498; Santo Inácio: MZUSP 46369 – 46372; Santa Rita de Cássia: MZUSP 7292; UHE Itaparica: NUROF s/número. CEARÁ – Acaraú: MZUSP 46235; Açu-dinho: MZUSP 7576 – 7580; Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Castanhão: NUROF s/número; Coluna: MZUSP 28022; Crato: CHUNB 64720 – 64721; Frecheirinha: CHUNB 57364; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Itapipoca: MZUSP 2423; Jati: CHUNB 56558; Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Mucuripe, Fortaleza: MNRJ 2003 – 2006; Santana do Cariri: MZUSP 54118; São Luís: Borges-Nojosa & Cascon, 2005. GOIÁS – Alvorada do Norte: CHUNB38215; Aruanã: MZUSP 2531; Flores de Goiás: CHUNB 38370; PE Terra Ronca: CHUNB 35249 – 35252; São Domingos: CHUNB 35249; São Miguel do Araguaia: MZUSP 54408; UHE Cana Brava: CHUNB 49700; UHE Serra da Mesa: MZUSP 80407. MARANHÃO – Arari: MZUSP 3732; Barra do Corda: MZUSP 3737; Carolina: CHUNB 52053; Estreito: MZUSP 13898. MATO GROSSO – Aripuanã: MZUSP 81530; Cáceres: MZUSP 95132; Chapada dos Guimarães: CHUNB 6983; Cocalinho: MZUSP 83034; Cuiabá: ZUEC-REP 217; Gaúcha do Norte: MZUSP 81793; Ilha Taiaimã: MZUSP 55598; Nova Xavantina: CHUNB 63690; Novo Santo Antônio: CHUNB 58265; PI Xingú: MZUSP 36074; Pindaíba: MZUSP 91678; Poconé: ZUEC-REP 839; Porto Alegre do Norte: CHUNB 47841; Porto Esperidião: MZUSP 45687; Ribeiro Cascalheira: CHUNB 47706; Rio das Mortes, Barra do Garças: MZUSP 4560; UHE Manso: MZUSP 88543 – 88547. MINAS GERAIS – Jaíba: MZUFV 281; Rio Pandeiros: MZUSP 815.

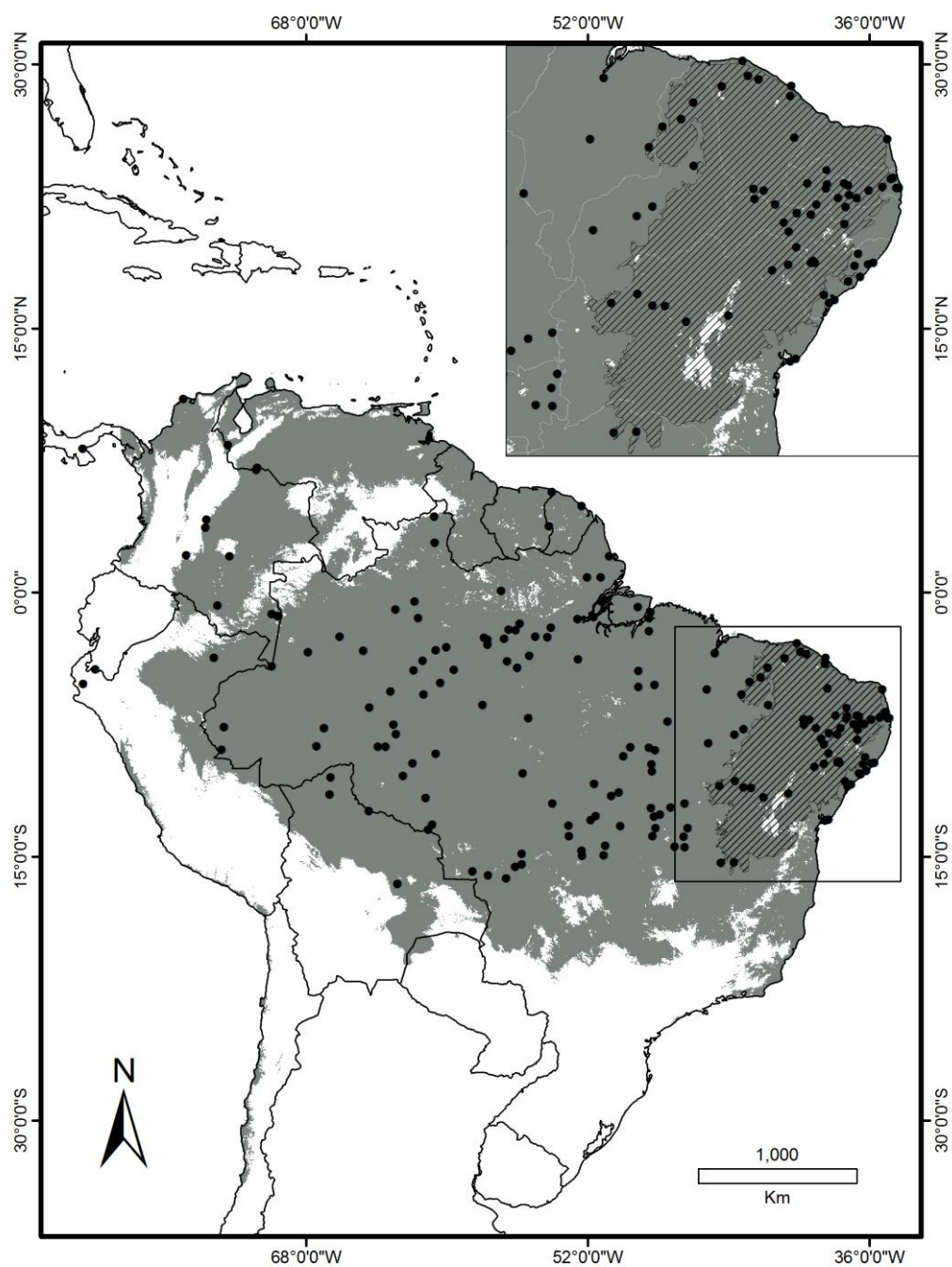


Figura 1 – Distribuição geográfica de *Iguana iguana*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *I. iguana* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): PARÁ – Alegre: MZUSP 12038; Almeirim: MZUSP 17264; Alter do Chão: MZUSP 17269; Aveiro: MZUSP 21259; Belém: MZUSP 7284; Cachoeira do Espelho, Rio Xingú: MZUSP 66296 – 66297; Campos do Ariramba: MZUSP 53860 – 53862; Canindé: MZUSP 9083; Gurupá: MZUSP 15076 Itaituba: MZUSP 20510; Jacundá: MZUSP 45903; Jatobal: MZUSP 19688; Juruti: MZUSP 19318; Marabá: MZUSP 98417; Monte Alegre: CHUNB 31156 – 31158; Novo Progresso: CHUNB 34303; Oriximiná: MZUSP 12923; Parque Nacional da Amazônia – Uruá: MZUSP 52589; Rio Tapajós, São Luís: MZUSP 20152; Rio Trombetas, Lago Jacaré: MZUSP 45814; Taperinha: MZUSP 19566; Terra Santa: MZUSP 56683; Tuiuiú, Marajó: MZUSP 8292. PARÁIBA – Bayeux/Santa Rita (Aeroporto): CHUFPB 2706; Cabaceiras: MZUSP 65617; Campina Grande: MNRJ 12727; Congo: MNRJ 6989; Coremas: MZUSP 5655 – 5658; Fazenda Almas: Número de campo - FRD 180*; Gurinhém: MZUSP 65629; João Pessoa: MZUSP 66177; Juazeirinho: MZUSP 4851; Junco do Seridó: MZUSP 44204; Mamanguape: CHUNB 56717 – 56718; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.*, 2005; Patos: MZUSP 42717; Rio Tinto: CHUFPB 2708; São João do Cariri: CHUFPB 2707; São José do Bonfim: ZUEC-REP 916. PERNAMBUCO – Carnaubeira da Penha: MZUSP 22693; Exu: MZUSP 45930 – 45942; Floresta: MZUSP 23117; Jatobá: MZUSP 4557 – 4558; Pesqueira: MNRJ 1786; Serra Talhada: MZUSP 8654 – 8655; Sítio dos Nunes: MZUSP 22694, MZUSP 23062; Trindade: CHUFPB 310, CHUFPB 252, CHUFPB 793. PIAUÍ – Campo Maior: MBML 1885; Eliseu Martins: CHUNB 56172; Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 100537 – 100538; Piripiri: MZUSP 3993; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 754; Teresina: MZUSP 4556; Valença: MZUSP 38454 – 38462. RIO GRANDE DO NORTE – ESEC do Seridó: Obs. pess.; Maxaranguape: MZUSP 43675 – 43676. RONDÔNIA – Cachoeira de Nazaré, Rio Machado: MZUSP 66330; Cachoeira do Samuel: MZUSP 3740; Calama: MZUSP 41868; Cerejeiras: CHUNB 50773; Porto Velho: CHUNB 6984; Pimenta Bueno: CHUNB 49923; Pimenteiros do Oeste: CHUNB 52862; Príncipe da Beira: MZUSP 13436; Santa Cruz da Serra, Jaru: MZUSP 63949 – 63950. RORAIMA – Boa Vista: CHUNB 6934; Santa Maria do Boiaçu: MZUSP 73204; Surumu: MZUSP 3510. SERGIPE – Barra dos Coqueiros: MZUSP 98466 – 98467; Canindé do São Francisco: Número de campo* - 983705; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 458; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: Faria, R. (com. pess.); São Cristóvão: CHUFS 593; TOCANTINS – Araguacema: MZUSP 4571; Conceição do Tocantins: CHUNB 62691; Estação Ecológica Serra Geral Tocantins: MZUSP 94457; Guaraí: MZUSP 91155 – 91157; Ilha do Bananal: MZUSP 2687; Mateiros: CHUNB 28578 – 28583; Palmas: CHUNB 12805; Paranã: MZUSP 92180; Parque Estadual do Cantão, Caseara: CHUNB 45417; Pedro Afonso: MZUSP 6698; São Salvador do Tocantins: MZUSP 92957; Santa Isabel do Morro: MZUSP 4582; UHE Lajeado/UHE Luís Eduardo Magalhães: MZUSP 91935, MZUSP 96469 – 96472; UHE Peixe Angical, Peixe: MZUSP 96280 – 96283. **BOLÍVIA:** Localidades em Dirksen & De la Riva (1999): Abuna; Exaltacion; Florida. **COLÔMBIA:** AMAZONAS – La Chorrera: FPR 24630; La Pedrera: FPR 24627; Letícia: FPR 24615; Miriti Paraná: FPR 23031; Puerto Santander: FPR 24628. ARAUCA – Arauca: FPR 59039; Hato Venero, Arauca: FPR 59041. CAQUETÁ – San Vicente del Caguán: FPR 24616. GUAINÍÁ – Puerto Colombia: FPR 24618. GUAVIARE – FPR 24619. META – San Martín: FPR 24620; Villavicencio: FPR 23032. **COSTA RICA:** PUNTARENAS – El Roble: MZUSP 45133. **EQUADOR:** LOJA – Macará: MZUSP 58070. **GUIANA FRANCESA:** Cayenne: MZUSP 6860. **PERU:** LORETO – Isla de Iquitos: MZUSP 56670. PIURA – Piura: MZUSP 19387. **SURINAME:** MAROWIJNE – Langamankondre: MZUSP 11571; Rio Lawa: MZUSP 11572.

Referências adicionais: Vanzolini, 1974; Conrad & Norell, 2010.

*Material depositado em coleções visitadas que ainda não foram tombados.

Hoplocercidae sensu Frost & Etheridge, 1989

Hoplocercus Fitzinger, 1843

Hoplocercus spinosus Fitzinger, 1843

Localidade tipo: “Brasil”

Comentários taxonômicos: A espécie em questão foi incluída em trabalhos de revisão recentes (Wiens & Etheridge, 2003; Carvajal *et al.*, 2011) e apresenta grande homogeneidade morfológica e molecular (Carvajal *et al.*, 2011).

Distribuição: Distribuição ampla no domínio do Cerrado (Figura 2) e em áreas de contato entre Cerrado e florestas (Carvajal *et al.*, 2011). Comumente encontrado em áreas de relevo íngreme, encostas de arenito e de afloramentos rochosos, especialmente quando associados a matas secas ou cerrados densos (Nogueira, 2006).

Ocorrência na Caatinga: Espécie pouco registrada na Caatinga. Ocorre na região do Parque Nacional Serra das Confusões, estado do Piauí, localizado na Ecorregião do Complexo Ibiapaba-Araripe e que possui parte de sua área total inserida no Cerrado (Rodrigues *et al.*, 2001). Também apresenta um registro duvidoso para a localidade de Olho D’água, no município de Barra na Bahia, localizado na ecorregião das Dunas do São Francisco e para as áreas de transição entre o Complexo de Campo Maior (Caatinga) e o Cerrado, no município de Teresina, estado do Piauí.

Registros: **BRASIL:** **BAHIA** – Barra: MZUSP 100394. **DISTRITO FEDERAL** – Brasília: CHUNB 00008. **GOIÁS** – Goiânia: MZUSP 4358; Parque Nacional das Emas: CHUNB 25634; Trindade: MZUSP 12964; UHE Cana Brava: MZUSP 92619 – 92635; UHE Corumbá IV: MZUSP 98911 – 98915; UHE Serra da Mesa, Minaçu: CHUNB 00007, CHUNB 561; CHUNB 4216 – 4241. **MARANHÃO** – Naru: MZUSP 3730; São Luís: MZUSP 36644, MZUSP 60534. **MATO GROSSO** – Alta Floresta: CHUNB 47036 – 47037; Aripuanã: MZUSP 82612; Barra do Garças: CHUNB 24084 – 24086; Cáceres: MZUSP 7062; Chapada dos Guimarães: CHUNB 17775 – 17908; Cuiabá: ZUEC-REP 390; Estação Ecológica Serra das Araras: MZUSP 94452 – 9455; General Carneiro: MZUSP 78704; Itiquira: MZUSP 67869; Nova Xavantina: MZUSP 2647; PI Xingú: MZUSP 9836 – 9837, MZUSP 36048; Rondonópolis: MZUSP 42739; Santa Terezinha: ZUEC-REP 748; São Félix do Araguaia: ZUEC-REP 1128; UHE Manso: MZUSP 88494 – 88542; Utiariti: MZUSP 8184. **MATO GROSSO DO SUL** – Anastácio: MZUSP 72786; Aquidauana: MZUSP 4355, MZUSP 4363; Campo Grande: MZUSP 6861; Coxim: MZUSP 63537; Palmeiras: MZUSP 4351; Ribeirão Claro: MZUSP 4350, MZUSP 4362; Taunay: MZUSP 4361; Terenos: MZUSP 4356; UHE Jupiá: MZUSP 42774. **MINAS GERAIS** – Uberlândia: MZUSP 36115. **PIAUI** – Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 90132 – 90138; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 91896 – 91903; Pavussu: Número de campo FRD 895*, FRD 918 – 919*; Teresina: CHUFPB 3667. **RONDÔNIA** – Costa Marques: CHUNB 28971, CHUNB 28973; Santa Cruz da Serra: MZUSP 63948. **TOCANTINS** – Ilha do Bananal: MZUSP 7665; Palmas: CHUNB 15127, CHUNB 15138. **BOLÍVIA:** Localidade em Dirksen & De la Riva (1999): Colonia San Martin. Localidade em Harvey (1998): Parque Nacional Noel Kempff Mercado.

*Material depositado na Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Paraíba, ainda não tombado.

Referências adicionais: Ávila-Pires, 1995; Wiens & Etheridge, 2003; Carvajal *et al.*, 2011.

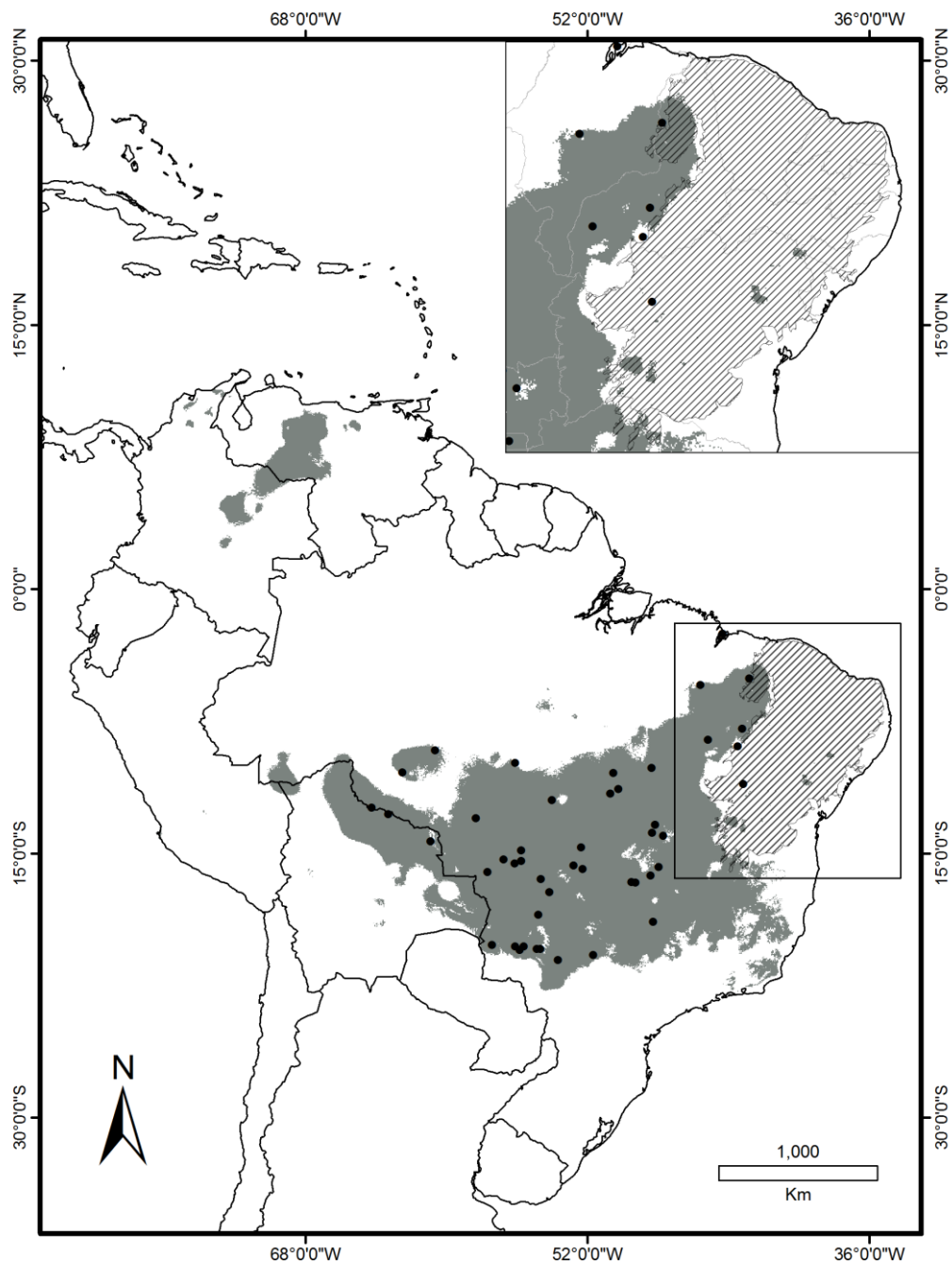


Figura 2 – Distribuição geográfica de *Hoplocercus spinosus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *H. spinosus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Polychrotidae (Frost *et al.*, 2001)

Anolis Daudin, 1802

Anolis brasiliensis (Vanzolini & Williams, 1970)

Localidade tipo: Barra do Tapirapés, Mato Grosso.

Comentários taxonômicos: Atualmente dois nomes são utilizados para um complexo de espécies do gênero *Anolis*: *A. chrysolepis* e *A. nitens*. Wagler (1830) descreveu *Draconura nitens* com a localidade tipo “America” registrada para a espécie, o holótipo foi perdido e não existe registro em literatura de qualquer outro pesquisador que tenha examinado tal exemplar. Devido à situação complexa, muitos autores consideram atualmente o termo *chrysolepis*, posteriormente descrito por Duméril & Bibron (1837), como sendo o mais válido. Vanzolini & Williams (1970) revisaram o complexo *Anolis chrysolepis* e descreveram a subespécie *A.chrysolepis brasiliensis* limitando-o a áreas de Cerrado do Mato Grosso ao norte de São Paulo. Recentemente, D’Angiolella *et al.* (2011) revisou, com a utilização de recursos moleculares e morfológicos, o grupo, obtendo resultados suficientes para elevar ao *status* de espécie, cinco subespécies. Deste modo, utilizamos aqui, o termo *Anolis brasiliensis* como uma espécie válida.

Distribuição: Distribui-se no Brasil, no sudeste do Pará, Tocantins, Piauí, Maranhão, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal (Figura 3). Não ocorre em simpatria com nenhuma outra espécie do grupo *chrysolepis* (D’Angiolella *et al.* 2011).

Ocorrência na Caatinga: Possui registro na Caatinga apenas em áreas com manchas de Cerrado na Chapada do Araripe no estado do Ceará. O mapa gerado prevê sua ocorrência para pequenas porções dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. No entanto, não há registros da espécie nestes locais, pois a mesma parece não tolerar áreas com fitofisionomias de vegetação amplamente aberta como as caatingas mais rústicas dessas regiões.

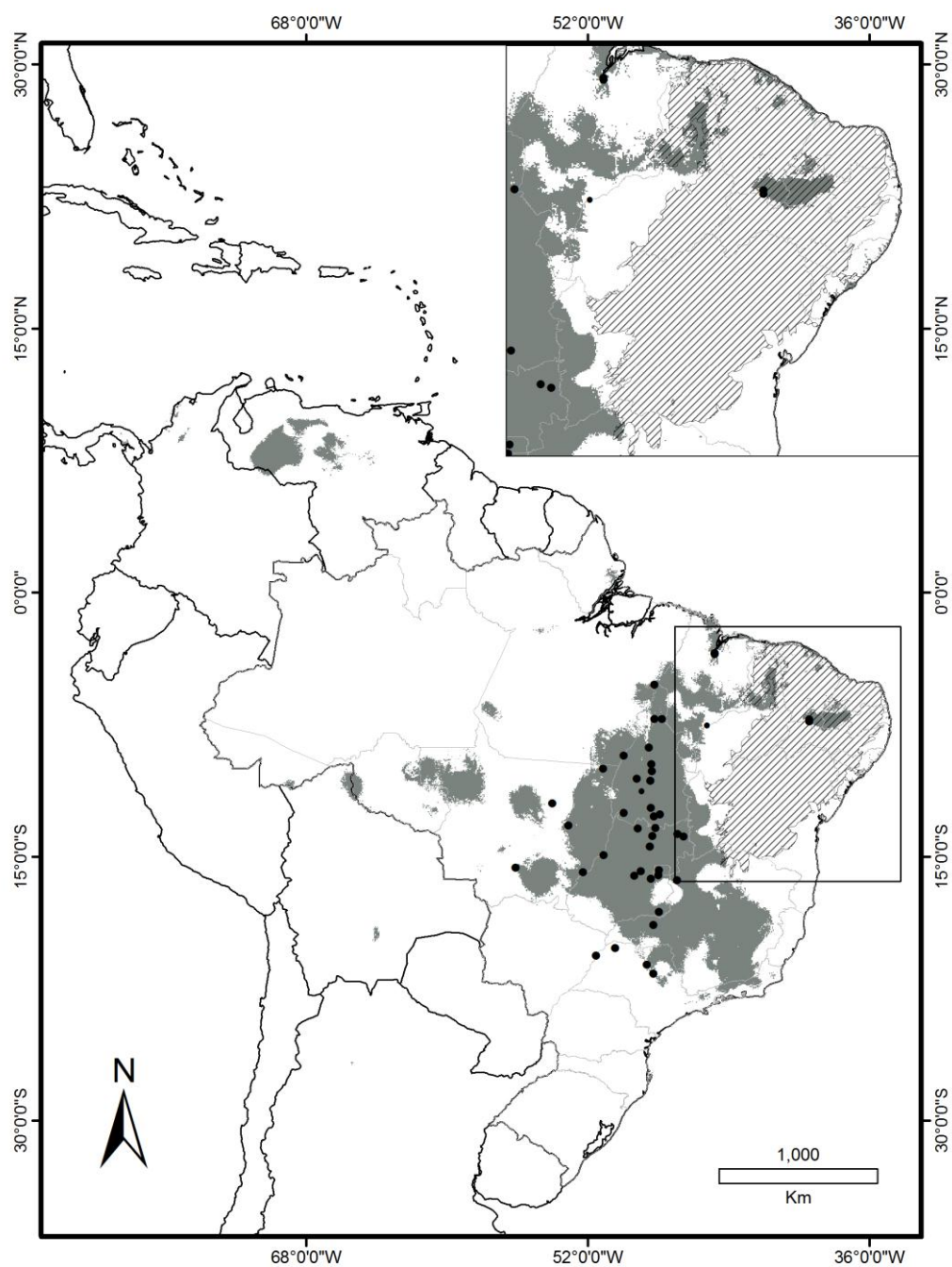


Figura 3 – Distribuição geográfica de *Anolis brasiliensis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *A. brasiliensis* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros: **BRASIL:** CEARÁ – Arajara, Barbalha: MZUSP 51691 – 51710; Crato: CHUNB 64671 – 64686. DISTRITO FEDERAL – Brasília: CHUNB 8551. GOIÁS – Aruanã: MZUSP 4660; Catalão: MZUSP 550; Niquelândia: MZUSP 91279; Nova Roma: MZUSP 80155 – 80156; Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 33014 – 33048; Petrolina de Goiás: MZUSP 89929 – 89930; Pirenópolis: CHUNB 8435; Porangatu: MPEG: 1699; UHE Cana Brava: MZUSP 29660 – 29669; UHE Corumbá IV: MZUSP 81232 – 81235; UHE Serra da Mesa: MZUSP 85504 – 85508; Valparaíso de Goiás: CHUNB 8555 – 8556. MARANHÃO – Arari: MPEG 11518; Gancho do Arari: MZUSP 60862. MATO GROSSO – Barra do Garças: MZUSP 78740 – 78741; Diauarum, PI do Xingú: MZUSP 36081; Gaúcha do Norte: MZUSP 81789; Pindaíba: MZUSP 83177; Porto Velho, Rio Tapirapés: MZUSP 9744; Vila Rica: MZUSP 82870. MINAS GERAIS – Uberlândia: MZUSP 4635; Unaí: CHUNB 30411. PARÁ – Conceição do Araguaia: MZUSP 54439 – 54441. PIAUÍ – Ribeiro Gonçalves: CHUNB 57028. SÃO PAULO – Araçatuba: MZUSP 4365; Bueno de Andrade 4384; Itapura: MZUSP 551; Vista Alegre do Alto: MZUSP 4383. TOCANTINS – Aliança do Tocantins: CHUFPB 3481 – 3494; Araguaína: MZUSP 88167; Babaçulândia: MZUSP 90998; Caseara: Colli & Vitt (2005); Cristalândia: MZUSP 78359 – 78360; Guaraí: MZUSP 91107 – 91121; Mateiros: CHUNB 27157 – 27162; Palmas: MZUSP 87122 – 87125; Paranã: MZUSP 88850 – 88852; Peixe: MZUSP 91518 – 91519; Porto Nacional: MZUSP 78368; Sandolândia: MZUSP 81404; São Salvador do Tocantins: MZUSP 89175 – 89181; UHE Luíz Eduardo Magalhães: MZUSP 89392.

Referências adicionais: Guyer & Savage (1986); Frost *et al.* (2001); Ribeiro *et al.* (2008); Poe (2004); D’Angiollela (2010).

Anolis fuscoauratus D’Orbigny, 1837

Localidade tipo: Corrigido por D’Orbigny (1847) para o Rio Mamoré, entre Loreto e “a confluência do Rio Sara”, Bolívia, e por Bocourt (1873) para Província Moxas, Bolívia (citado após Peters & Donoso-Barros, 1970).

Distribuição: Ocorre na Amazônia, ocupando a maior parte do norte da América do Sul a leste dos Andes. Apresenta população disjunta na Mata Atlântica do leste do Brasil estendendo-se ao sul até o Espírito Santo (Vitt *et al.*, 2008).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre em áreas de “brejos de altitude” no estado do Ceará (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003) e em áreas de transição entre a Floresta Atlântica e a Caatinga nos estados de Pernambuco e Sergipe (Figura 4). Apesar de o mapa apresentar prováveis ocorrências para áreas de Caatinga, a espécie aparenta ser dependente de ambientes florestados bem sombreados, não ocorrendo nestes locais.

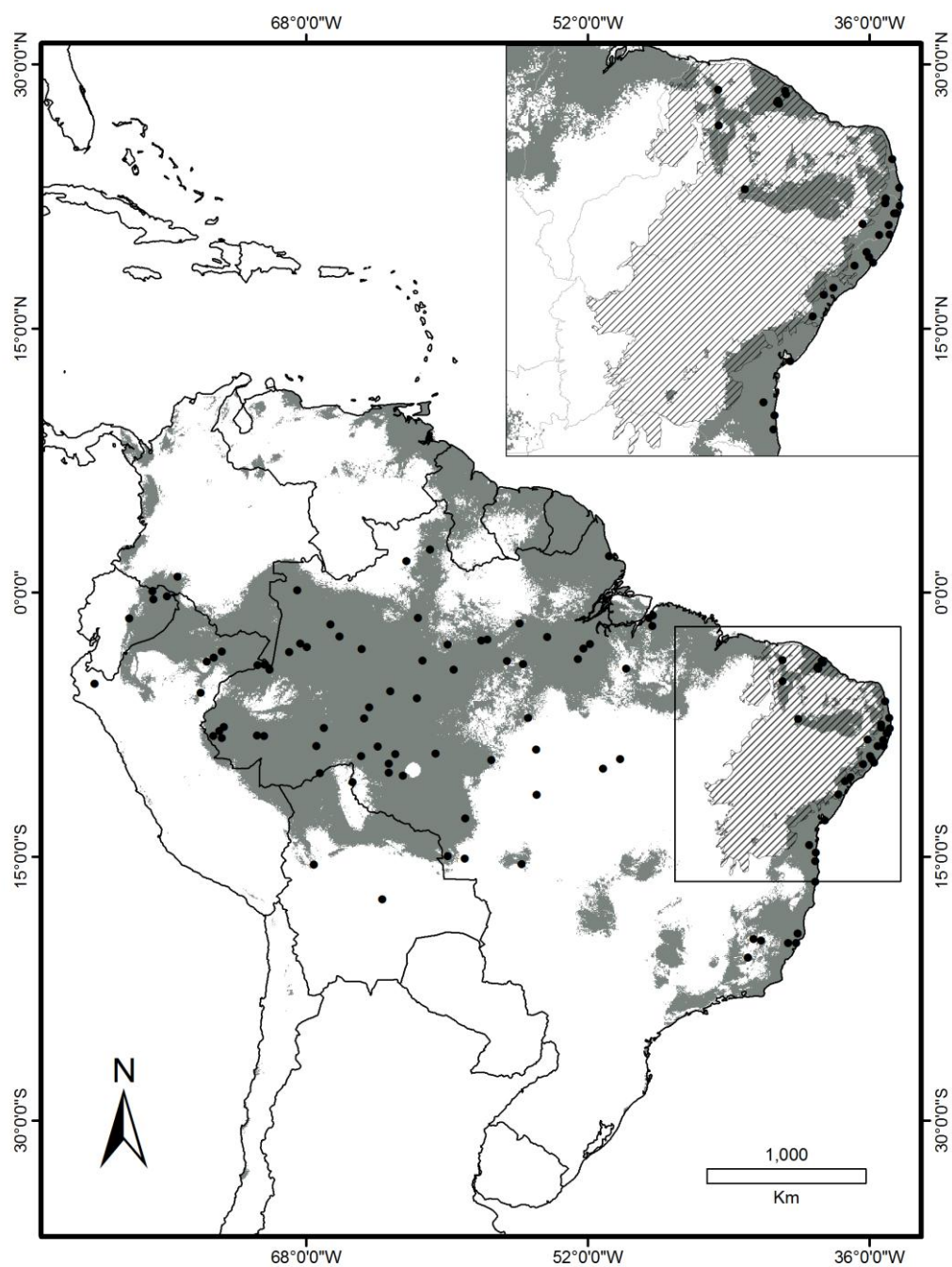


Figura 4 – Distribuição geográfica de *Anolis fuscoauratus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *A. fuscoauratus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros: BRASIL: ACRE – Cruzeiro do Sul: MZUSP 60661; Feijó: MZUSP 5386; Parque Nacional Serra do Divisor: MZUSP 88650; Plácido de Castro: MZUSP 90044; Porto Walter: MZUSP 528977; Recordação: MZUSP 52922; Tarauacá: MZUSP 5378. ALAGOAS – Campo Alegre: MZUSP 96073; Maceió: MNRJ 7248 - 7250; Murici: MNRJ 3923; Rio Largo: Sousa & Freire (2010). AMAPÁ – Amapá: CHUNB 7580. AMAZONAS – Acanauí, Japurá: MZUSP 47215; Alvarães: MZUSP 47701; Auati-Paraná, Fonte Boa: MZUSP 32896; Balbina: MZUSP 68637; Benjamin Constant: MZUSP 8369; Beruri: MZUSP 38103; Boca do Acre: CHUNB 59277; Borba: MZUSP 41079; Canutama: MZUSP 37452; Curuçá: MZUSP 41513 – 41514; Itapiranga: MZUSP 16901; Moura: MZUSP 25566; Pacia: MZUSP 37295; Pauini: MZUSP 37106; Reserva Adolpho Ducke, Manaus: MZUSP 66138; Reserva INPA, Manaus: CHUFPB 3897; Santo Antônio do Içá: MZUSP 32749; São João, Tapurucuará: MZUSP 28484; Serra do Tapauá: MZUSP 37766; Taracua: MZUSP 10918; Urucurituba: MZUSP 18520. BAHIA – Aurelino Leal: MNRJ 15812; Ilhéus: MNRJ 19565 – 19584; Porto Seguro: MZUSP 90043; Salvador: MZUSP 92166; São José: MZUSP 66412; Una: MZUSP 70371. CEARÁ – Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Guaramiranga: MZUSP 78730; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Pacoti: MZUSP 87559; Ubajara: CHUNB 57363. ESPÍRITO SANTO – Linhares: Goyannes-Araújo *et al.* (2009); Santa Cruz: MZUSP 36712; Santa Teresa: MZUSP 95127. MATO GROSSO – Aripuanã: MZUSP 81521; Apiacás: MZUSP 81620; Chapada dos Guimarães: CHUNB 11212; Cláudia: MZUSP 81714; Juarena: MZUSP 82406; Vila Bela de Santíssima Trindade: MZUSP 82811; Vila Rica: MZUSP 82887; UHE Guaporé: MZUSP 97866. MINAS GERAIS – Caratinga: Goyannes-Araújo *et al.* (2009); Parque Estadual do Rio Doce: MZUSP 57463; Viçosa: Caldeira-Costa *et al.* (2009). PARÁ – Acará: MZUSP 54338; Altamira: MZUSP 3365; Barreirinha: MZUSP 20552; Belém: MZUSP 9498; Benfica: MZUSP 8343; Cachoeira do Espelho: MZUSP 66277; Carajás: MZUSP 63804; Monte Cristo: MZUSP 21235; Novo Progresso: CHUNB 8452; Novo Repartimento, Serra do Cachimbo: CHUNB 34543; Oriximiná: MZUSP 17379; Parque Nacional da Amazônia: MZUSP 56708; Taperinha: MZUSP 23596. PARAÍBA – Cabedelo: CHUFPB 3895 – 3896; Mata do Buraquinho, João Pessoa: Santana *et al.* (2008). PERNAMBUCO – Água Preta: MZUSP 78390; Estação Ecológica de Salinho, Tamandaré: MZUSP 65665; Igarassu: MZUSP 9722; Ipojuca: FRD 267*; Itamaracá: MZUSP 21487; Reserva Dois Irmãos, Recife: MNRJ 2012, MNRJ 2014; São Lourenço da Mata: MZUSP 13909; Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 66128 – 66129; Timbaúba: FRD 146*, FRD 151*; Vicência: MZUSP 23079, MZUSP 23126. RONDÔNIA – Alto Paraíso: MZUSP 64751; Estação Ecológica Antônio Mujica Nava: MZUSP 92213; Guajará-Mirim: CHUNB22825; Montenegro: MZUSP 89363; Porto Velho: CHUNB66172; Santa Bárbara: MZUSP 63939; Santa Cruz da Serra: MZUSP 64775. RORAIMA – Apiaú, Mucajaí: MZUSP 67731; Missão Catrimani: MZUSP 73433. RIO DE JANEIRO – Cachoeiras de Macacu: Goyannes-Araújo *et al.* (2009). RIO GRANDE DO NORTE – Tibau do Sul: Sousa & Freire (2010). SERGIPE – Capela: CHUFS 204; Cristinápolis: MZUSP 76277; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 156. **BOLÍVIA:** LA PAZ – Puerto Linares: MZUSP 68740. SANTA CRUZ – Buenavista: MZUSP 2060. **COLÔMBIA:** CAQUETÁ – Los Alicangaros: MZUSP 17082. **EQUADOR:** NAPO – Cuyabeno: MZUSP 60655; Dureno: MZUSP 58061; Limóncocha: MZUSP 54761. PESTAZA – Puyo: MZUSP 56735. **PERU:** LORETO – Estirón: MZUSP 13342; Isla de Iquitos: MZUSP 56664; Mishana, Reserva Nacional Alpahuayo-Mishana: MZUSP 39303; Morropón: MZUSP 39281; Paraíso: MZUSP 39311; Santa Maria: MZUSP 39305; Yanamono: MZUSP 39307.

*Material depositado na Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Paraíba, ainda não tombado.

Referências adicionais: Vanzolini (1974); Vanzolini & Williams (1970); Frost *et al.* (2001).

Polychrus Cuvier, 1817

Polychrus acutirostris Spix, 1825

Localidade tipo: Brasil, Bahia.

Comentários taxonômicos: As duas espécies de *Polychrus* ocorrentes na Caatinga apresentam grande semelhança em relação a sua aparência externa, com grande variação de coloração, sendo consideradas por um tempo como subespécies da mesma espécie (Vanzolini, 1953). *Polychrus acutirostris* apresenta coloração de dorso cinza pálido uniforme ou com faixas negras transversais, irregulares e anguladas. Ventre e membros mais claros, branco-acinzentado, às vezes com marmoreações mais escuras. A espécie se diferencia principalmente de seu congênera por apresentar escamas irregulares e pequenas na região dorsal da cabeça e por sua escama nasal se posicionar acima da sutura entre a segunda e terceira supralabial, ou totalmente acima da terceira. Outras diferenças de foliose podem ser vistas também em Vanzolini (1953).

Distribuição: Distribui-se por toda a diagonal de formações abertas da América do Sul cis-andina, indo do sul do Pará ao norte da Argentina (Vanzolini *et al.*, 1980). No nordeste do Brasil é encontrado amplamente distribuído, excetuando-se a Floresta Atlântica do sudeste da Bahia (Freitas & Silva, 2007).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre amplamente pela Caatinga, ocupando as mais diferentes fitofisionomias do domínio (Figura 5).

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Maceió: MUFAL 1591, MUFAL 1596; Murici: MUFAL 1593; Olho D'água do Casado: MUFAL 729; Piranhas: MZUFBA 23 – 24, MZUFBA 93, MZUFBA 96, MZUFBA 98, MZUFBA 104, MZUFBA 112, MZUFBA 140 – 144, MZUFBA 168, MZUFBA 220 – 227, MZUFBA 250 – 254, MZUFBA503 – 508, MZUFBA 536; Quebrangulo: MZUSP 3999; São Miguel dos Campos: MZUSP 3213; Traipú: Número de campo - 005392; UHE Xingó: MUFAL 1063. BAHIA – Andaraí: MZUSP 39544; Barra da Estiva: MZUSP 57249; Barragem de Itaparica: MZUSP 72539 – 72540; Cachoeira: MZUSP 55850; Caetité: MZUFBA 2363, MZUFBA 2369; Canarana: MZUSP 71958; Cocorobó: MZUSP 30397; Cocos: CHUNB 9; Jaborandi: MNRJ 18654; Morro do Chapéu: Arias *et al.* (2011b); Mucugê: MZUSP 67940 – 67941; Palmas de Monte Alto: MZUSP 55760; Poções: MZUFBA 922; Raso da Catarina: MZUSP 62770; Salvador: MZUSP 3355; Santo Inácio: Arias *et al.* (2011b); Toca da Esperança, Central: MNRJ 14550; Xique-xique: MZUSP 44958. CEARÁ – Arajara: MZUSP 51809 – 51812; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Beberibe: MZUSP 28170; Coluna: MZUSP 28197; Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Itapipoca: MZUSP 2421 – 2422; Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Morro Branco: MZUSP28170; Mucuripe: MNRJ 2001 – 2002; Mulungu: MZUSP78722; Santana do Cariri: MZUSP 54119 – 54132; Viçosa do Ceará: CHUNB 57386. DISTRITO FEDERAL – Brasília: CHUNB 6853 – 6861; Lago Paranoá: MZUSP 49353.

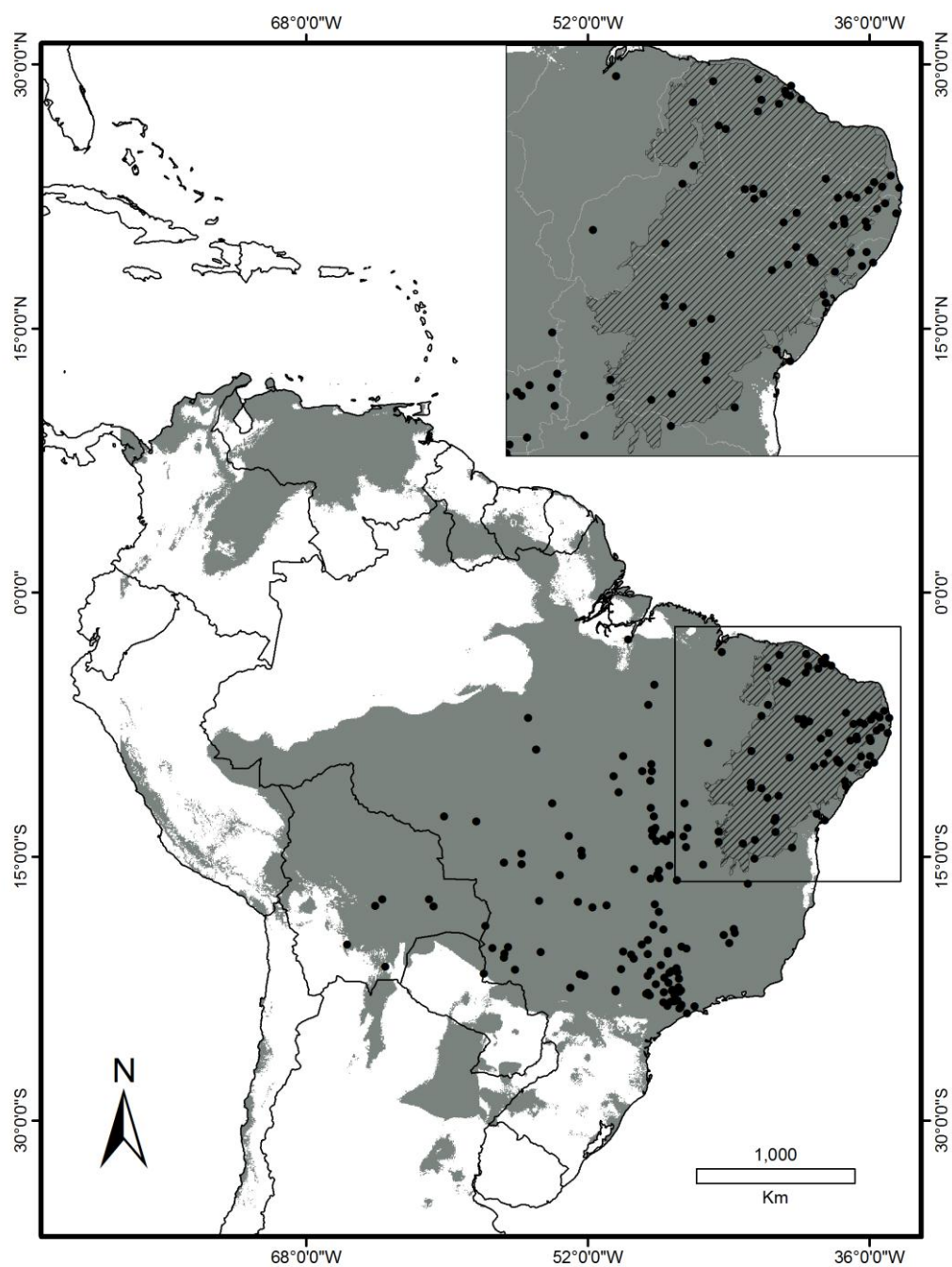


Figura 5 – Distribuição geográfica de *Polychrus acutirostris*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *P. acutirostris* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): GOIÁS – Alto Paraíso de Goiás: CHUNB 6887; Buritinópolis: MZUSP 99202 – 99220; Cana Brava: MZUSP 849; Catalão: CHUNB 62037; Colinas do Sul: CHUNB 50409; Formosa: MZUSP 11960; Ipameri: ZUEC-REP 1548; Jaraguá: CHUNB 49489; Jataí: MZUSP 3319; Luziânia: CHUNB 40791; Minaçu: MZUSP 97284 – 97288; Mineiros: CHUNB 6886; Novo Gama: CHUNB 65146; Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 32957; Parque Nacional das Emas: CHUNB 6886, MZUSP 97822; Rio Verde: MZUSP 3371; São Domingos: CHUNB 32957; Terezina de Goiás: CHUNB 21835; UHE Cana Brava: MZUSP 92656; UHE Corumbá: MZUSP 3461; UHE Serra da Mesa: CHUNB 6744 – 6753. MARANHÃO – Itapicuru Mirim: MZUSP 28216. MATO GROSSO – Chapada dos Guimarães: CHUNB 10 -13; Diamantino: MZUSP 30729; Estação Ecológica Serra das Araras: MZUSP 94100; Nova Xavantina: CHUNB 63126; PI do Xingú: MZUSP 9838; Pindaíba: MZUSP 83178; Santa Terezinha: ZUEC-REP 1831; São Domingos, Rio das Mortes: MZUSP 4428; Tesouro: MZUSP 99313; UHE Manso: MZUSP 88289; Utiariti: MZUSP 8200. MATO GROSSO DO SUL – Aquidauana: MZUSP 6870; Bataguassu: MZUSP 88157; Bodoquena: MZUSP 94098; Campo Grande: MZUSP 4406; Guia Lopes da Laguna: MZUSP 72968; Porto Murtinho: MZUSP 12974; Porto XV de Novembro: MZUSP 88152; Salobra: MZUSP 2298; Serra da Bodoquena: MZUSP 94098; UHE Ponte de Pedras, Rio Corrente (MT/MS): MZUSP 98703; UHE Sérgio Mota: MZUSP 87635. MINAS GERAIS – Arceburgo: MZUSP 38375; Belo Horizonte: MZUSP 29697; Campo Florido: MZUSP 29613; Chapada Gaúcha: MZUSP 33968; Frutal: MZUSP 79728; Grão Mogol: MZUSP 56872; Montezuma: MZUSP 10114; Nova Ponte: MZUSP 78813; Paracatu: CHUNB 26658; Parque Nacional Serra da Canastra: MZUSP 94468; Santana do Riacho: ZUEC-REP 1781; São Roque de Minas: MZUSP 94468; Serra do Cipó: MZUSP 54875; Sete Lagoas: MZUSP 8420; Uberlândia: MZUSP 4631; Unaí: CHUNB 32866. PARÁ – Baião: MPEG 625; Cachimbo: MZUSP 3750; Novo Progresso: CHUNB 38260; São Geraldo do Araguaia: CHUNB 6879; Serra do Cachimbo: MPEG 16. PARAÍBA – Areia: MZUSP 65894 – 65895; Cabaceiras: Rodrigues (1986); Campina Grande: MNRJ 17057; Gurinhém: MZUSP 68655 – 68659; João Pessoa: MZUSP 8389; REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 3122; São João do Cariri: CHUFPB 4289; São José de Espinharas: MZUSP 44579. PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 22110 – 22111; Arcoverde: FRD 283*; Carnaubeira da Penha: MZUSP 22278; Caruaru: MZUSP 8663; Exu: MZUSP 48131 – 48140; João Alfredo: MZUSP 7101 – 7103; Pesqueira: MZUSP 8589 – 8598; Petrolina: MZUSP 96371; Poção, Serra do Acahy: MNRJ 34; Recife, Parque 2 Irmãos: MZUSP 49266; Serra Talhada: MZUSP 8656 – 8658; Vicência: MZUSP 23077. PIAUÍ – Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 90129; Oeiras: MBML 1900; Piripiri: MZUSP 3994 -3998; São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 1214; Valença: MZUSP 38463. RONDÔNIA – Vilhena: MZUSP 90087. SÃO PAULO – Amparo: MZUSP 42723; Artur Nogueira: MZUSP 4427; Assis: MZUSP 28217; Barretos: MZUSP 4389; Boituva: MZUSP 4445; Botucatu: MZUSP 44694; Brotas: MZUSP 4432; Butantan, São Paulo: MZUSP 4388; Campo Limpo: MZUSP 4393; Campinas: ZUEC-REP 1613; Córrego Fundo: MZUSP 4412; Cosmópolis: MZUSP 4394; Cristais Paulista, Franca: MZUSP 571; Descalvado: ZUEC-REP 2912; Dobrada: MZUSP 4448; Estação Ecológica de Assis: MZUSP 100111 – 100112; Franca: MZUSP 568; Gramma: MZUSP 6875; Itapira: MZUSP 6873; Itu: MZUSP 17472; Jacaré: MZUSP 4420; Jundiá: MZUSP 717; Leme: MZUSP 42782; Macaúba: MZUSP 6889; Monte Serrat: MZUSP 6872; Morrinhos: MZUSP 4405; Nova Europa: MZUSP 4387; Penápolis: MZUSP 4397; Piracicaba: MZUSP 42; Pratânia: MZUSP 4392; Ribeirão Preto: MZUSP 10379; Rubião Júnior: MZUSP 4398; São João da Boa Vista: MZUSP 4451; São José do Rio Pardo: MZUSP 11891; São José do Rio Preto: MZUSP 12280; São Manuel: MZUSP 11952; Serra da Cantareira: MZUSP 566; Serra Negra: MZUSP 4395; Sorocaba: MZUSP 2275; UHE Porto Primavera (SP/MG): MZUSP 100387; Votuporanga: MZUSP 3356. SERGIPE – Itaporanga D'Ajuda: CHUFS 534; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 155, MZUSP 29931; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 235. TOCANTINS – Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins: MZUSP 94101; Ilha do Bananal: MZUSP 4459; Mateiros: CHUNB 26995; Parque Estadual do Cantão, Caseara: CHUNB 45420; Palmas: MZUSP 91708; Paraíso do Tocantins: CHUNB 53157; Porto Nacional: MZUSP 78370; São Salvador do Tocantins: MZUSP 89142; UHE Luís Eduardo Magalhães: MZUSP 91147; UHE Peixe Angical: MZUSP 95956. **BOLÍVIA:** Localidades extraídas de Dirksen & De la Riva (1999): Buena Vista; Caiza; Parque Nacional Amboro; Puerto Suárez; San José de Chiquitos; Trinidad; Villamontes.

Referências adicionais: Vanzolini (1953); Frost *et al.* (2001); Poe (2004).

*Material depositado na Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Paraíba, ainda não tombado.

Polychrus marmoratus (Linnaeus, 1758)

Localidade tipo: “Hispania”.

Comentários taxonômicos: Ver *Polychrus acutirostris*.

Distribuição: Distribui-se amplamente pelas áreas baixas da Floresta Amazônica, incluindo Guianas e Suriname; na Floresta Atlântica do nordeste ao sudeste, tendo como limite sul de sua distribuição o estado de São Paulo (Vitt *et al.*, 2008).

Ocorrência na Caatinga: É registrado para as áreas de brejos de altitude dos estados do Ceará (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003) e para o município de Areia na Paraíba. Apesar de o mapa apresentar prováveis ocorrências para áreas de Caatinga, a espécie aparenta ser dependente de ambientes florestados bem sombreados, não ocorrendo nestes locais (Figura 6).

Registros: **BRASIL:** ACRE – Porto Walter: MZUSP 52988. ALAGOAS – Passo de Camaragibe: MNRJ 3877. AMAPÁ – Santana: MZUSP 17380; Serra do Navio: MZUSP 17010. AMAZONAS – Benjamin Constant: MNRJ 2228 – 2229; Itapiranga: MZUSP 33071; Jacaré: MZUSP 17507; Manaus: MZUSP 4403; Nova Olinda: MZUSP 26201; Santo Antônio do Içá: MZUSP 32881. BAHIA – Camacan: MBML 2285; Caravelas: MNRJ 9325, MNRJ 19125; Ilhéus: MNRJ 19020; Mucuri: MBML 2049; Porto Seguro: CHUNB 14; Salvador: MZUSP 96869; Una: MZUSP 89077. CEARÁ – Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ubajara: CHUNB 57387. ESPÍRITO SANTO – Conceição da Barra: ZUEC-REP 1697; Guarapari: MBML 2223; João Neiva: MZUSP 4419; Linhares: ZUEC-REP 1464; Pendanga: MZUSP 4426; São Mateus: MBML 875; Santa Teresa: MZUSP 17460; Serra: MBML 686; Vitória: ZUEC-REP 1996. MARANHÃO – UHE Estreito: MZUSP 99282 – 99284. MATO GROSSO – Alta Floresta: CHUNB 47000; Aripuanã: MZUSP 81529; UHE Guaporé: MZUSP 97834. MINAS GERAIS – Baixo Guandu: MZUSP 4402. PARÁ – Ananindeua: MPEG 6066; Belém: MPEG 1506; Benevides: MPEG 11009 – 11010; Breves: MZUSP 15017; Canindé: MZUSP 9068; Monte Cristo: MZUSP 21059; Oriximiná: MZUSP 12606; Poção: MZUSP 78121; Santa Izabel: CHUNB 38339; Santarém: MPEG 3131 – 3133; Serra dos Carajás: MPEG 13022. PARAÍBA – Areia: MZUSP 65890; João Pessoa: CHUFPB 2586 – 2589; REBio Guaribas, Mamanguape: Silva (2001). PERNAMBUCO – Recife: MZUSP 8439; Vicência: MZUSP 23077. RONDÔNIA – Guajará-Mirim: CHUNB 21988; Príncipe da Beira: MZUSP 13592; Santa Cruz da Serra: MZUSP 61964; UHE Santo Antônio: CRHRO UFRO-H 000013. SÃO PAULO – Ilha Bela: MZUSP 73934. SERGIPE – Carmópolis: MZUSP 40758; Serra de Itabaiana, Areia Branca: s/número. TOCANTINS – Guaraí: MZUSP 91154. **COLÔMBIA:** AMAZONAS – La Pedrera: FPR 24804; Leticia: FPR 24805; Merití-Paraná: FPR 24787. ARAUCA – Arauca: FPR 59075. CAQUETÁ – Florencia: FPR 24785; San Vicente del Caguán: FPR 24792. GUAINÍÁ – Puerto Colombia: FPR 24793. META – San Martín: FPR 24801; Uribe: FPR 24807; Villavicencio: FPR 22748. **EQUADOR:** PASTAZA – Alto Pastaza: MZUSP 60650. MORONA-SANTIAGO – Sucuá: MZUSP 68745. SUCUMBIOS – Dureno: FPR 59078. **PERU:** LORETO – Estirón: MZUSP 13467; Iquitos: MZUSP 39381; Moropón: MZUSP 39378. **VENEZUELA:** DISTRITO FEDERAL – Caracas: MZUSP 8308. **SURINAME:** MAROWIJNE – Langamankondre: MZUSP 11471.

Referências adicionais: Vanzolini (1953); Frost *et al.* (2001); Poe (2004); Vitt *et al.* (2008).

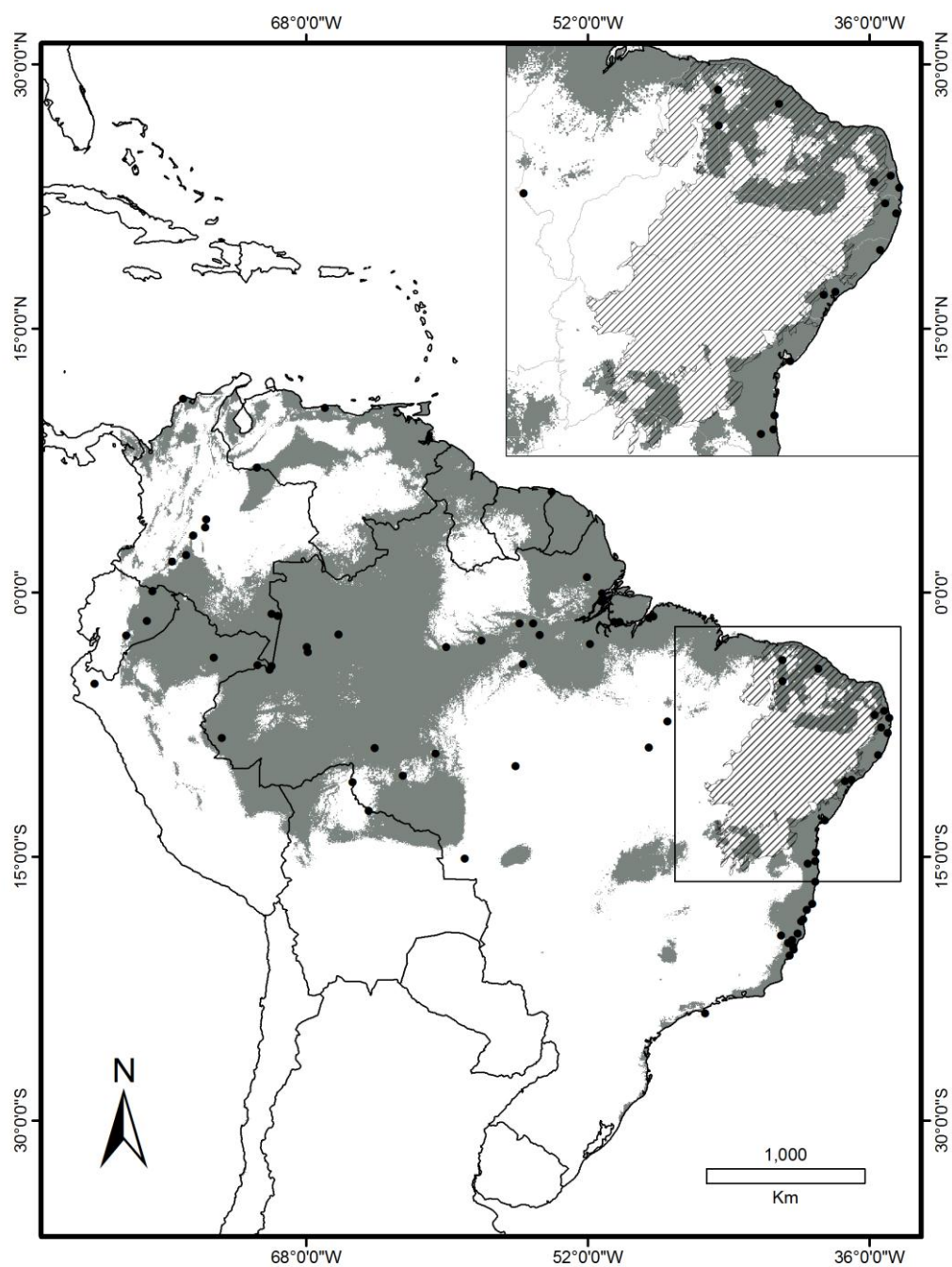


Figura 6 – Distribuição geográfica de *Polychrus marmoratus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *P. marmoratus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Leiosauridae Frost *et al.*, 2001

Enyalius Wagler, 1830

Enyalius bibronii Boulenger, 1885

Localidade tipo: Bahia, Brazil

Comentários taxonômicos: É uma das três espécies de *Enyalius* que apresentam escamas ventrais lisas ou levemente quilhadas e ocorrem em áreas de Caatinga. Diferencia-se de *E. pictus*, por apresentar menos que 170 escamas paravertebrais, menos que 65 escamas ao redor do corpo e menos que 35 escamas longitudinais na tíbia. Diferencia-se de *E. erythroceneus* pela ausência de uma subocular larga e longa bastante distinta das outras (Rodrigues *et al.*, 2006). Segundo Rodrigues *et al.* (2006), machos desta espécie não apresentam coloração esverdeada uniforme. Entretanto, indivíduos com esta coloração que aparentam ser desta espécie foram encontrados no município de Arcoverde, estado de Pernambuco e no município do Crato, estado do Ceará. A espécie foi considerada, durante algum tempo, uma de três subespécies do grupo *catenatus* (*E. catenatus catenatus*, *E. catenatus bibronii* e *E. catenatus pictus*), porém Rodrigues *et al.* (2006) consideraram, após a descrição de *E. erythroceneus* e de novas análises filogenéticas do gênero, que haviam evidências suficientes para considera-las espécies válidas.

Distribuição: Distribui-se pelo nordeste e sudeste do Brasil (Figura 7) em áreas de florestas litorâneas, matas estacionais e caatingas arbóreas (Freitas & Silva, 2007).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre principalmente em áreas de caatinga arbórea e matas secas da Bahia até o Ceará. Tem ocorrência registrada também em áreas limítrofes do domínio no estado de Minas Gerais.

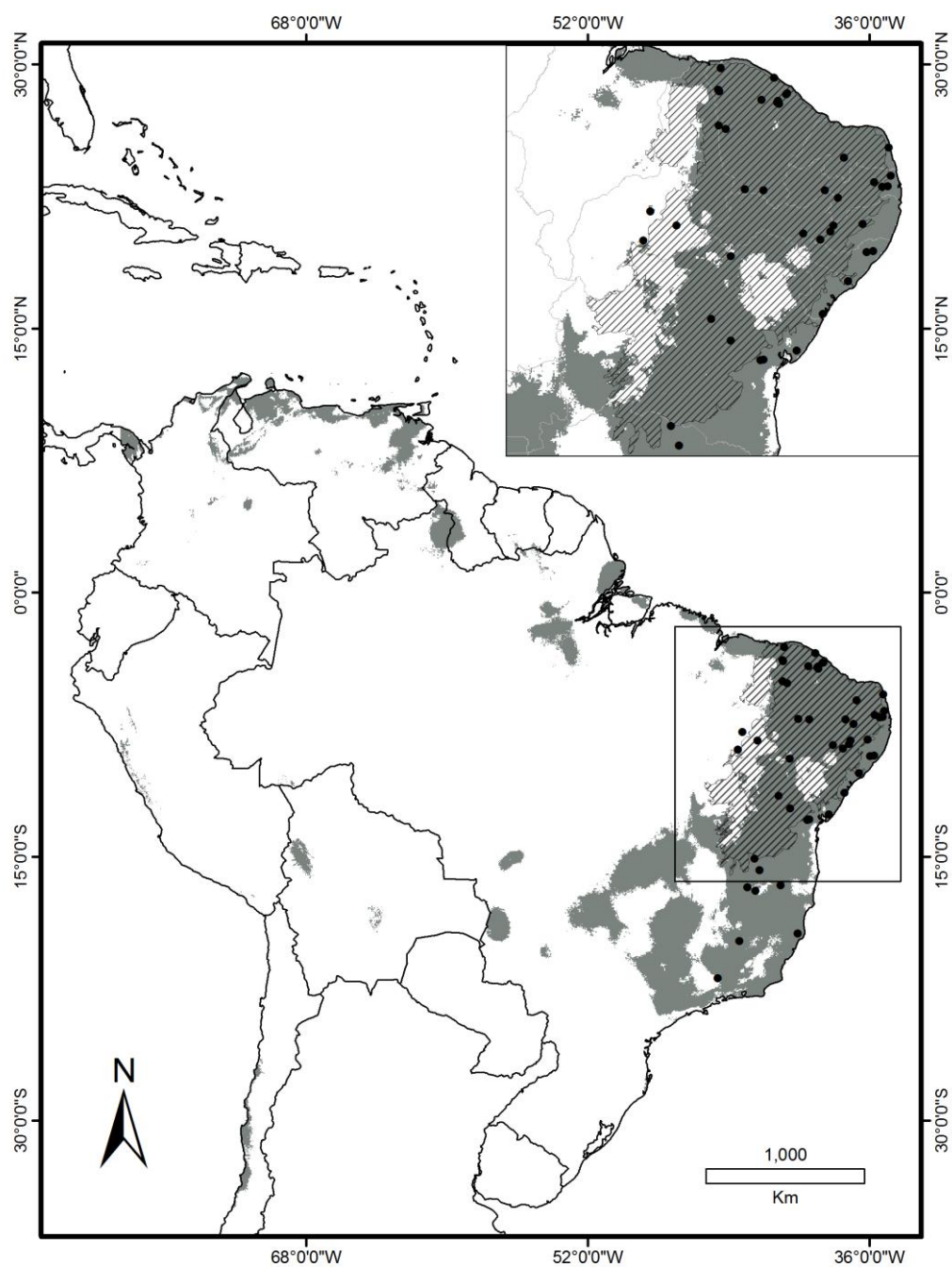


Figura 7 – Distribuição geográfica de *Enyalius bibronii*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *E. bibronii* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Flexeiras: MUFAL 1598, MUFAL 1600; Murici: MUFAL 1602; Penedo: MUFAL 433. BAHIA – Dias D’Ávila: Gogliath *et al.* (2010); Elísio Medrado: MZUSP 100056-100057; Juazeiro: Gogliath *et al.* (2010); Morro do Chapéu: MZUSP 55945 – 55947, MZUSP 62792, MZUSP 65766; Ruy Barbosa: MZUSP 100058; Serra da Jibóia: Bertolotto *et al.* (2002). CEARÁ – Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: CHUNB 64603 – 64610; Granja: CHUNB 56555; Guaramiranga: Gogliath *et al.* (2010); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapina: Gogliath *et al.* (2010); Jardim: CHUNB 56918; Mulungu: MZUSP 78721, MZUSP 87589; Pacatuba: Gogliath *et al.* (2010); Pacoti: MZUSP 87592; Ubajara: CHUNB 57375 – 57379. ESPÍRITO SANTO – Linhares: Reptile Database (2011). MINAS GERAIS – Aiuruoca: MZUSP 99250 – 99252; Berilo: MZUFV 249; Cristália: MZUFV 251; Joaima: MZUSFV 307; Montezuma: MZUSP 10115; São Gonçalo do Rio Abaixo: MZUSP 1000557; Taiobeiras: MZUFV 409. PARAÍBA – Areia: MZUSP 66105; Fazenda Almas: FRD 188*; Gurinhém: MZUSP 65628; Pico do Jabre: CHUFPB 2604; REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 2640; Sapé: CHUFPB 2602. PERNAMBUCO – Arcoverde: CHUFPB 12, CHUFPB 238, CHUFPB 961; Buíque: CHUFPB 2600; Garanhuns: Gogliath *et al.* (2010); REBio de Serra Negra, Inajá: MZUSP 65908; Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 66130; PIAUÍ – Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 89463, MZUSP 92454; Parque Nacional Serra das Confusões: Gogliath *et al.* (2010); Pavussu: com. pess. RIO GRANDE DO NORTE – Natal: MUFAL 47; Tenente Laurentino Cruz: Gogliath *et al.* (2010). SERGIPE – Crasto: MZUSP 81002.

Referências adicionais: Jackson (1978); Frost *et al.* (2001); Rodrigues *et al.* (2006).

Enyalius catenatus (Wied, 1821)

Localidade tipo: Cabeça do Boi, Bahia.

Distribuição: Distribui-se unicamente ao norte do Rio Jequitinhonha, em sua margem esquerda (Freitas & Silva, 2007), ocorrendo principalmente em áreas florestadas litorâneas. Recentemente, foi registrada para áreas florestadas inseridas no Domínio da Caatinga (Arzabe *et al.*, 2005; Rodrigues *et al.*, 2006).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre em remanescentes de florestas na região centro-sul da Bahia e em áreas de transição entre Caatinga e Floresta Atlântica nos estados de Alagoas, Paraíba e Pernambuco (Figura 8).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Campo Alegre: MUFAL 6716; Coruripe: MUFAL 6148, MUFAL 6150; Flexeiras: MUFAL 1391, MUFAL 1559; Ipioca, Maceió: MUFAL 4037, MUFAL 4697, MUFAL 5925; Maceió: MUFAL 1601, MUFAL 1604; Murici: MNRJ 3879, MNRJ 10917, MZUSP 100052 – 100054; MUFAL s/númer; Pedra Talhada: Número de campo** - 993957; Quebrangulo: MUFAL 2286; Rio Largo: MUFAL 329; São Miguel dos Campos: MNRJ 3878. BAHIA – Amargosa: MZUSP 96920; Bonito: MNRJ 10895 – 10898; Camamu: MNRJ 6340; Fazenda Unacau, São José da Vitória: MZUSP 66422 – 66423; Ilhéus: MZUSP 421; Itacaré: MZUSP 96827 – 96832; Mascote: MZUSP 66174; Mata de São João, Praia do Forte: CHUNB 8183; Morro do Chapéu: MZUSP 55936; Mulungu do Morro: MZUSP 96838 – 96839; Parque Nacional Sete Passagens, Miguel Calmon: MZUFBA 905; Piritiba: MZUSP 49210; Potiraguá: MNRJ 3476; São José: MZUSP 66422; Una: MZUSP 95400 – 95405. MINAS GERAIS – Jequitinhonha: MZUFV 451 – 454. PARAÍBA – Mataraca: CHUFPB 2639; Parque Estadual

Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005). PERNAMBUCO – Água Preta: MZUSP 78382; Recife: 1934; Tamandaré: CHUNB 28984; Timbaúba: FRD 139*; Vicência: MZUSP 23086.

Referências adicionais: Jackson (1978); Frost *et al.*, (2001); Feio & Caramaschi (2003). Rodrigues *et al.*, (2006).

Enyalius erythroceneus Rodrigues, Freitas, Silva & Bertolotto, 2006

Localidade tipo: Fazenda Caraíbas (13°09'49" S, 41°24'19"W, Distrito de Cascavel, Município de Mucugê, Serra do Espinhaço (Chapada Diamantina, Bahia, NE, Brasil).

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Conhecida unicamente da região de onde foi descrita. Ocorre nas matas estacionais, com transição para o “cerradão” dos Gerais do Mucugê (Freitas & Silva, 2007 – Figura 9). O município de Mucugê encontra-se inserido na ecorregião do Complexo da Chapada Diamantina do Domínio Morfoclimático da Caatinga.

Registros: BRASIL: BAHIA – Mucugê: MZUSP 95416 – 95421.

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (2006).

Enyalius pictus (Wied-Neuwied, 1825)

Localidade tipo: Mucuri e Lago d'Arara, Bahia, Brasil.

Distribuição: Conhecida até recentemente do sul do Rio Jequitinhonha, do sul da Bahia até o estado do Espírito Santo (Freitas & Silva, 2007), porém foi registrada para enclaves de matas úmidas do estado da Bahia localizadas ao norte do rio (Figura 9).

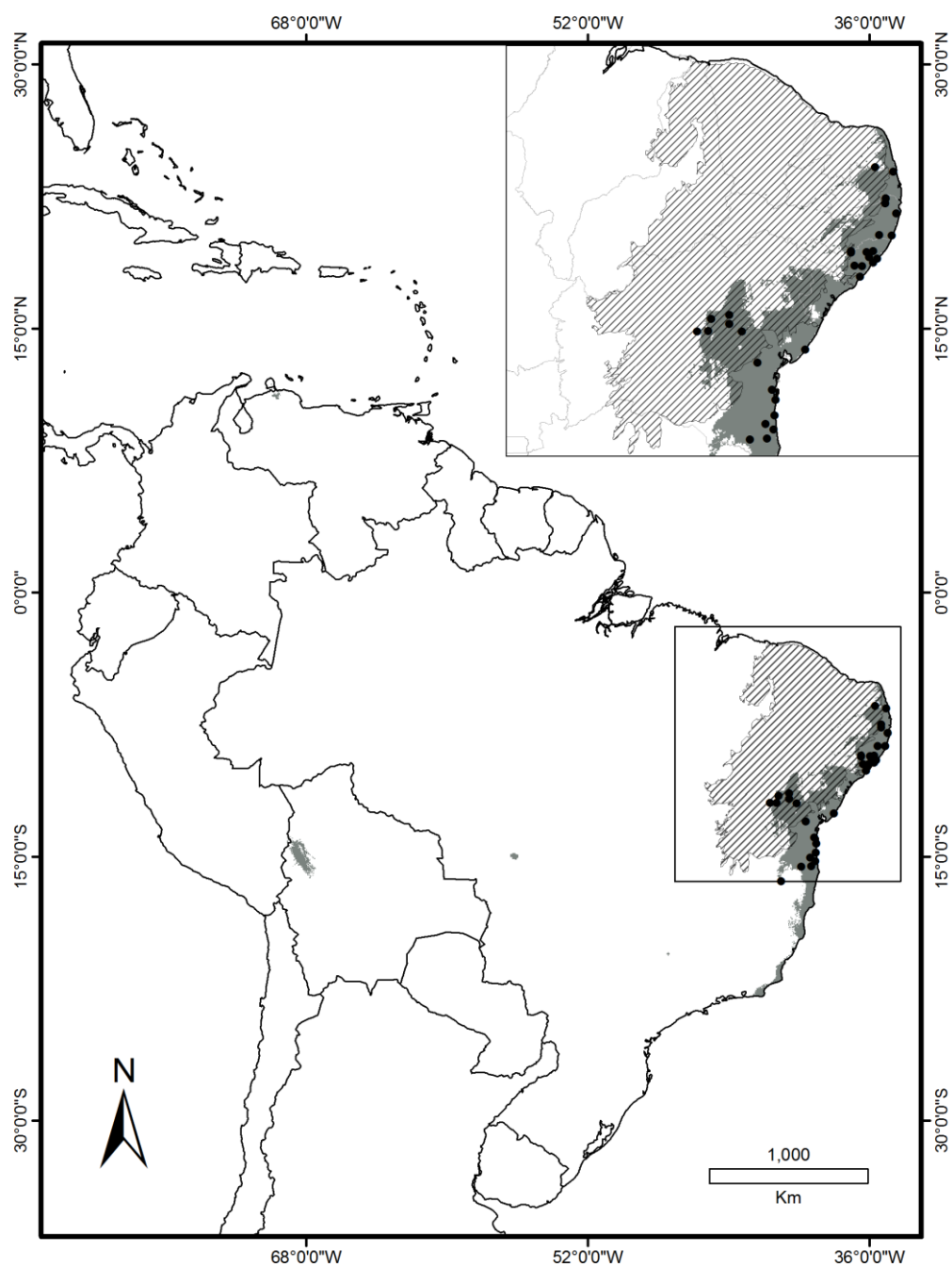


Figura 8 – Distribuição geográfica de *Enyalius catenatus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *E. catenatus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

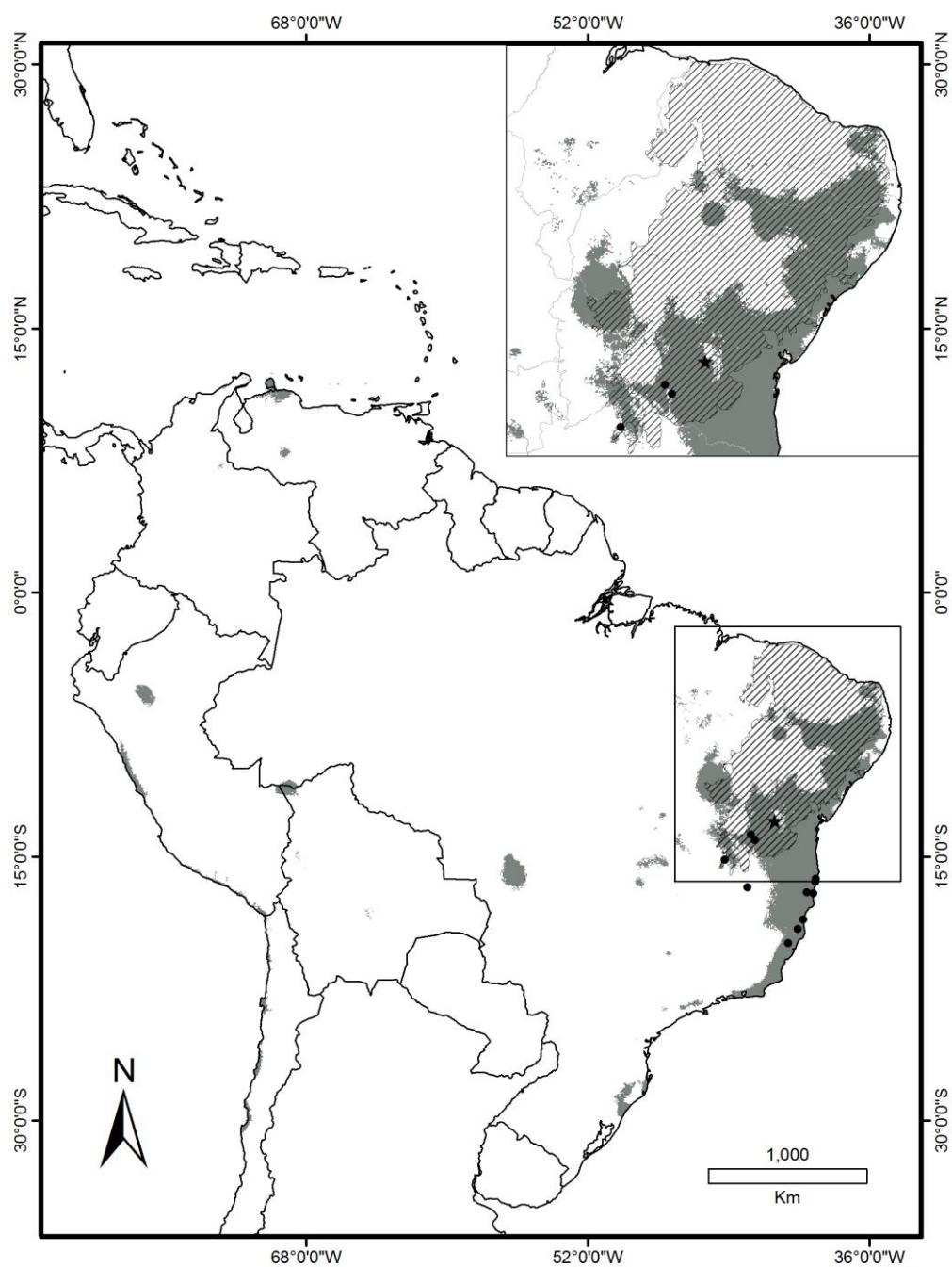


Figura 9 – Distribuição geográfica de *Enyalius erythrocephalus* e *Enyalius pictus*. Estrela: registros de ocorrência confirmado para *E. erythrocephalus*; Círculos: registros de ocorrência confirmados para *E. pictus*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *E. pictus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Ocorrência na Caatinga: A espécie é registrada em enclaves de matas úmidas inseridas no Domínio da Caatinga, que ocorrem nos municípios de Caetité e Igaporã, estado da Bahia. A modelagem de nicho ecológico prevê sua ocorrência para uma porção do domínio Caatinga, porém a espécie aparenta ter ligação com áreas florestadas mais úmidas.

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Caetité: Freitas & Silva (2007); CEPLAC, Porto Seguro: CHUFPB 2613 – 2625; Cumuruxatiba: CHUFPB 2605; Igaporã: Freitas & Silva (2007); Itamaraju: MZUSP 30748; Reserva Ecológica Pau-Brasil, Santa Cruz Cabrália: MZUSP 66151. ESPÍRITO SANTO – Conceição da Barra: MZUSP 42917; REBio de Sooretama: Marco Sena (com. pess.); Santa Teresa: MZUSP 8826. MINAS GERAIS – Cristália: MNRJ 6351; Parque Nacional Cavernas do Peruaçu: MZUSP 99544 – 99572.

Referências adicionais: Jackson (1978); Frost *et al.* (2001); Rodrigues *et al.* (2006).

Tropiduridae (*sensu* Frost & Etheridge, 1989)

Eurolophosaurus Frost, Rodrigues, Grant & Titus, 2001

O gênero *Eurolophosaurus* foi descrito por Frost *et al.* (1989) para agrupar espécies antes classificadas no gênero *Tropidurus*. Recentemente, Arias *et al.* (2011b), em uma lista de espécies das localidades tipo de novas espécies do gênero *Cnemidophorus*, apresentou para as espécies reunidas no gênero *Eurolophosaurus* uma classificação que as coloca novamente no gênero *Tropidurus*. Por falta de maiores detalhes, o gênero *Eurolophosaurus* será mantido como válido até a obtenção de maiores informações.

Eurolophosaurus amathithes (Rodrigues, 1984)

Localidade tipo: Brasil, Bahia, Santo Inácio.

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Ocorre unicamente na margem direita da região das Dunas do São Francisco, estado da Bahia (Figura 10). Localidade inserida no domínio da Caatinga (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Gameleira do Assuruá: MZUSP 93505; Lagoa de Itaparica: MZUSP 72003 – 72006; Santo Inácio: MZUSP 62833 – 62834, MZUSP 64978, MZUSP 65716 – 65717.

Referências adicionais: Frost *et al.* (2001); Passoni *et al.* (2008).

Eurolophosaurus divaricatus (Rodrigues, 1986)

Localidade tipo: Brasil, Bahia, Arraial do Paulista.

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Ocorre na margem esquerda do Rio São Francisco, nos campos de dunas Ibiraba, município de Barra (Figura 10) - Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Arraial do Paulista: MZUSP 62733 – 62740; Ibiraba, Barra: MZUSP 72082 – 72106; Manga: MZUSP 68067; Queimadas: MZUSP 73977.

Referências adicionais: Frost *et al.* (2001); Rodrigues *et al.* (2006); Passoni *et al.* (2008).

Eurolophosaurus aff. *divaricatus* (*sensu* Rodrigues *et al.*, 2006)

Comentário taxonômicos: Segundo Rodrigues *et al.* (2006), a espécie do gênero *Eurolophosaurus* que ocorre no campo de dunas de Casa Nova, margem esquerda do Rio São Francisco e anteriormente classificada como *E. divaricatus*, trata-se de uma espécie não descrita, afim de *divaricatus*, em fase de descrição (Freitas & Silva, 2007).

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Ocorre na margem esquerda do Rio São Francisco, nos campos de dunas Ibiraba, município de Barra (Figura 10) - Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Alagoado: MZUSP 72071 – 72072; Casa Nova: MZUSP 81673.

Referências adicionais: Frost *et al.* (2001); Rodrigues *et al.* (2006); Passoni *et al.* (2008).

Eurolophosaurus sp.

Comentários taxonômicos: Trata-se de uma espécie em fase de descrição (Rodrigues *et al.*, 2006).

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Ocorre nos municípios de Mucugê, Rio de Contas e Caetité, todos no estado da Bahia (Figura 10 - Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Caetité: MZUSP 96910; Mucugê: MZUSP96892; Piatã: MZUSP 96893; Rio de Contas: MZUSP 75386 - 75395.

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (2009).

Stenocercus Duméril & Bibron, 1837

Stenocercus squarrosus Nogueira & Rodrigues, 2006

Localidade tipo: “Chapada dos Gerais”, um platô arenoso no Parque Nacional Serra das Confusões (9°13’ S, 43°29’ W), estado do Piauí.

Comentários taxonômicos: O gênero *Stenocercus* é composto por aproximadamente 50 espécies, grande parte elementos andinos. *Stenocercus squarrosus* é uma das poucas espécies não andinas do grupo e a única do gênero que ocorre na Caatinga. Pode ser reconhecido por sua cabeça triangular característica e pela presença de cristas formadas pelas escamas supraciliares e cantais (Nogueira & Rodrigues, 2006).

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Os resultados gerados pela modelagem de nicho superestimam a distribuição para a espécie. *Stenocercus squarrosus* aparenta ocorrer apenas em áreas com grande influência do Cerrado e foi encontrada até então em áreas de transição Caatinga – Cerrado nos estados do Ceará e Piauí (Figura 11). A raridade da espécie parece indicar que sua presença não é mais compatível com as fitofisionomias e clima que imperam atualmente na Caatinga (Rodrigues, 2003). Entretanto, futuras investigações poderão ampliar a distribuição para a espécie.

Registros: BRASIL: CEARÁ – Arajara, Barbalha: CHUNB 62385; Crato: Samuel Ribeiro (com. pess.); Santana do Cariri: Ribeiro *et al.* (2009). PIAÚÍ – Parque Nacional Serra das Confusões: Freitas & Silva (2007); Pavussu: Renato Gaiga (com. pess.).

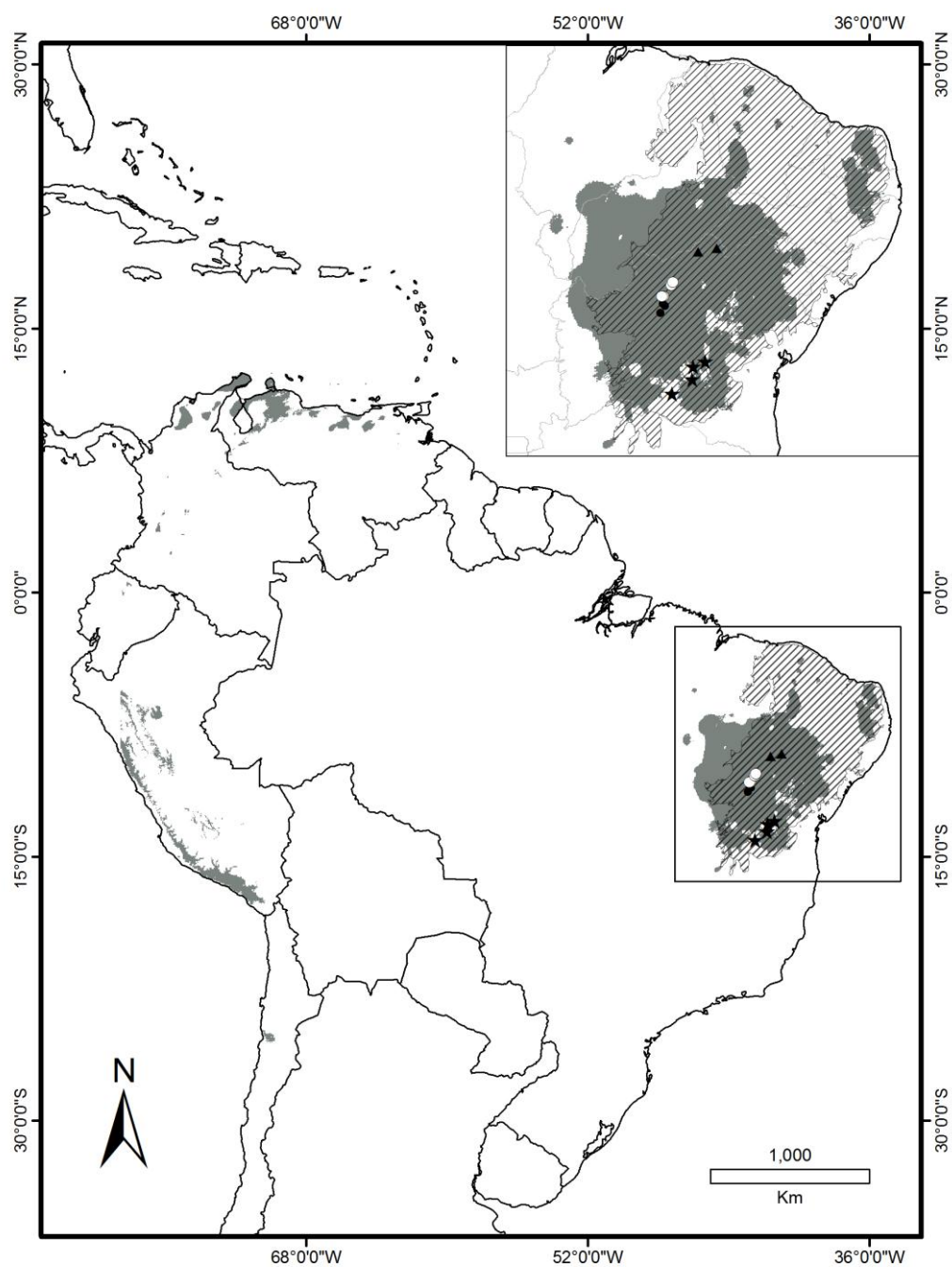


Figura 10 – Distribuição geográfica dos lagartos do Gênero *Eurolophosaurus*. Círculos negros: registros de ocorrência confirmados para *Eurolophosaurus amathites*; Círculos brancos: registros de ocorrência confirmados para *E. divaricatus*; Triângulos: registros de ocorrência confirmados para *E. aff. divaricatus*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *Eurolophosaurus* sp. Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência dos lagartos do Gênero *Eurolophosaurus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

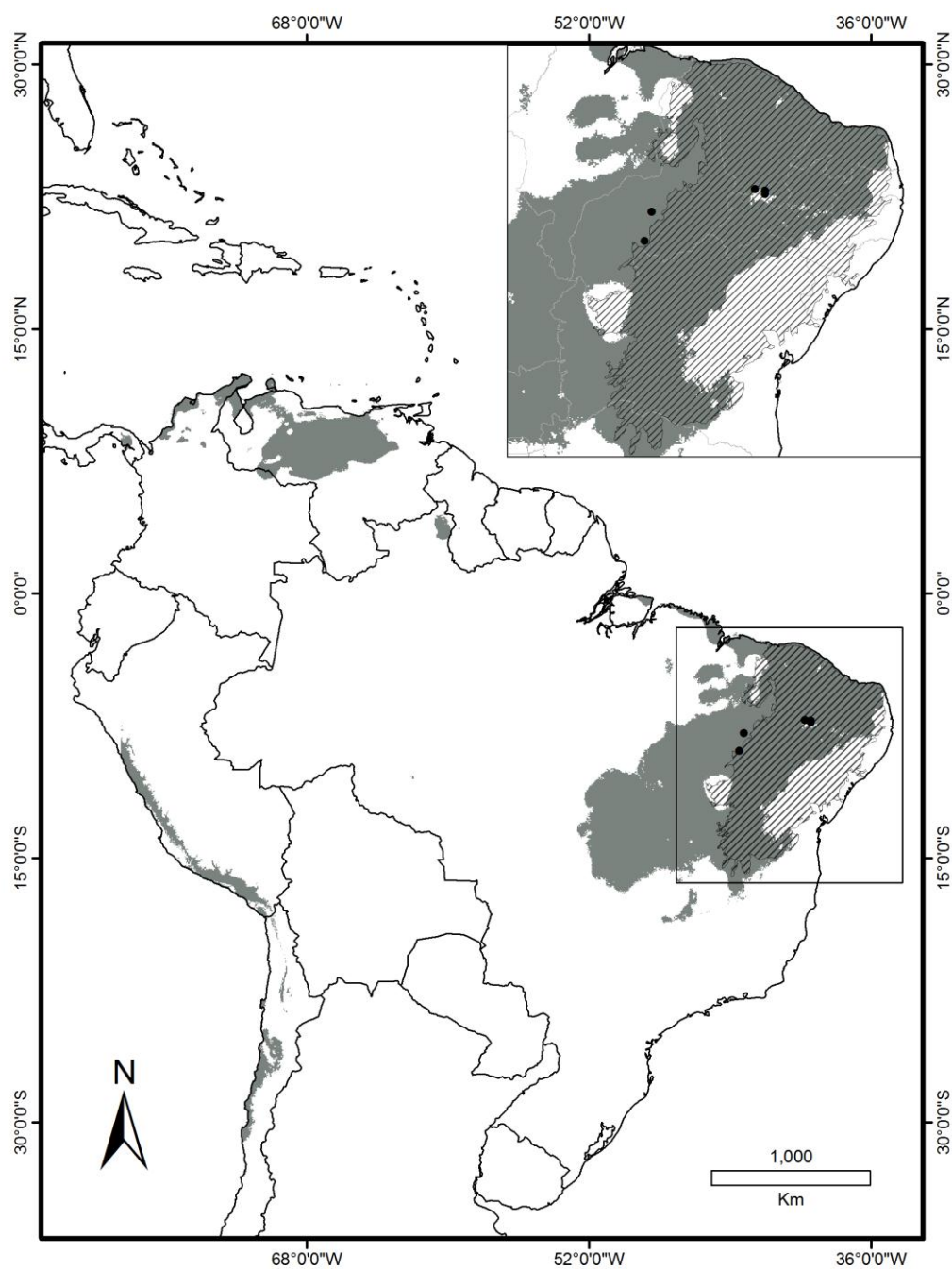


Figura 11 – Distribuição geográfica de *Stenocercus squarrosus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *S. squarrosus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Referências adicionais: Nogueira & Rodrigues (2006); Ribeiro *et al.* (2009).

Strobilurus Wiegman, 1834

Strobilurus torquatus Wiegman, 1834

Localidade tipo: Brasil.

Comentários taxonômicos: Frost (1992) propôs o nome *Tropidurus strobilurus* para a espécie, visto que o nome *T. torquatus* encontrava-se preocupado. O gênero foi revalidado por Frost *et al.* (2001) após novas evidências moleculares e morfológicas apontarem para o monofiletismo da espécie.

Distribuição: Distribui-se pela Floresta Atlântica do estado de Pernambuco até o Rio de Janeiro (Rodrigues *et al.*, 1989; Salles & Silveira, 2010) e Brejos de Altitude do Ceará (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). Aparentemente não é encontrado nos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte (Figura 12).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre em áreas de Brejo de altitude no estado do Ceará (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003) e Pernambuco e em áreas florestadas interioranas na Bahia. Também é registrado em áreas de transição com a Floresta Atlântica nos estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe.

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Campo Alegre: MZUSP 96084; Passo de Camaragibe: MNRJ 3404 – 3405; Quebrangulo: MNRJ 3906 – 3907. BAHIA – Ilhéus: MNRJ 3441 – 3442; Itabuna: MZUSP 29626; Reserva Florestal Veracruz, Porto Seguro: MZUSP 95220; São José: Rodrigues *et al.* (1989); Una: MZUSP 91625. CEARÁ – Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003). ESPÍRITO SANTO – Linhares: MZUSP 30747; Presidente Kennedy: CHUNB 24129; Santa Cruz, Aracruz: MZUSP 36715. PERNAMBUCO – Itamaracá: MZUSP 21481; Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 66131; Timbaúba: MNRJ 12940; Vicência: MZUSP 23072, MSUP 23075, MZUSP 23078. RIO DE JANEIRO – Pedra do Garrafão: Salles & Silveira (2010). SERGIPE – Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 363.

Referências adicionais: Etheridge (1968); Jackson (1978); Rodrigues *et al.*, (1989); Frost (1992); Frost *et al.* (2001).

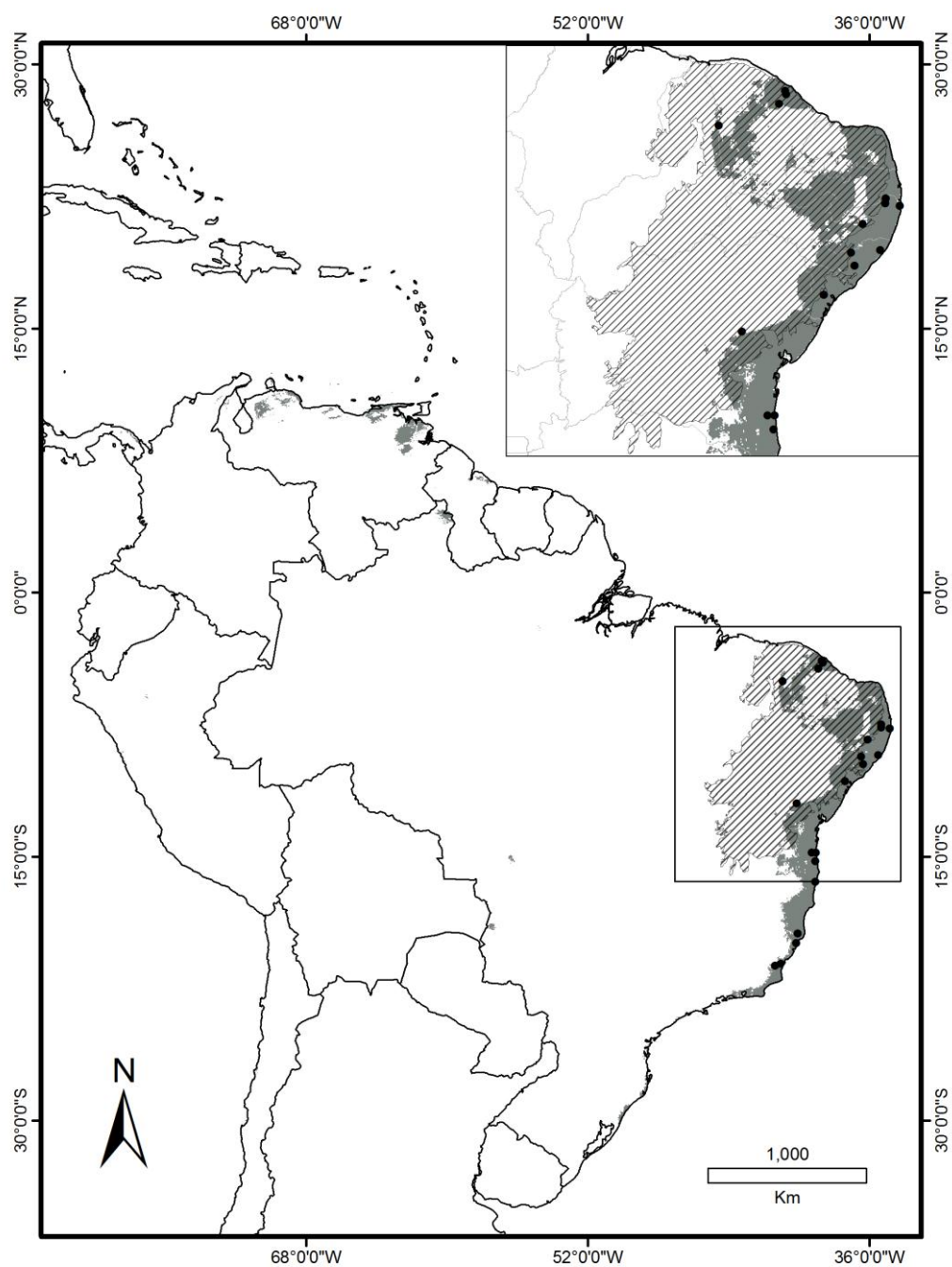


Figura 12 – Distribuição geográfica de *Strobilurus torquatus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *S. torquatus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Tropidurus Wied, 1824

Tropidurus cocorobensis Rodrigues, 1987

Localidade tipo: Bahia, Cocorobó.

Comentários taxonômicos: Rodrigues (2005) e Freitas & Silva (2007) relatam que as grandes variações de coloração e o período longo de isolamento genético das populações podem ser indícios de que elas sejam consideradas espécies distintas num futuro próximo.

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Espécie descrita com endêmica da região do Raso da Catarina no município de Canudos, estado da Bahia (Rodrigues, 1987). Posteriormente encontrada na região de Xingó, Alagoas (Bandeira, 2000); Buíque, Pernambuco; Morro do Chapéu e Caetité, Bahia (Rodrigues, 2005); e Japaratuba, Sergipe. A espécie parece ocorrer apenas em caatingas de solos arenosos, que tiveram ligação no passado e que se isolaram devido a eventos climáticos do quaternário (Rodrigues *et al.*, 2001; Delfim *et al.*, 2006) (Figura 13).

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Delmiro Gouveia: Número de campo** - 014794; Olho D'água do Casado: MUFAL 630. BAHIA – Caetité: Freitas & Silva (2007); Canudos: Freitas & Silva (2007); Cocorobó: MZUSP 30113, MZUSP 30119, MZUSP 30121, MZUSP 30132- 30133; Estação Ecológica Raso da Catarina, Jeremoabo: CHUFS 592; Morro do Chapéu: MZUSP 65767 – 65773; Vacaria: MZUSP 75460 – 75461; Xique-xique: Freitas & Silva (2007). PERNAMBUCO – Buíque: Rodrigues (2003); Catimbau: MZUSP 65912 – 65918. SERGIPE – Japaratuba: MUFAL s/número.

Referências adicionais: Rodrigues (1987; 2003); Frost *et al.* (2001).

Tropidurus erythrocephalus Rodrigues, 1987

Localidade tipo: Brasil, Bahia, Morro do Chapéu.

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Distribui-se unicamente no Domínio da Caatinga nos municípios de Morro do Chapéu e Gentio do Ouro e seus arredores (Figura 15) (Rodrigues, 1987; Freitas & Silva, 2007). Apesar da distribuição ampla gerada pela modelagem, a espécie aparenta ficar restrita aos afloramentos rochosos da Serra do Assuruá no estado da Bahia.

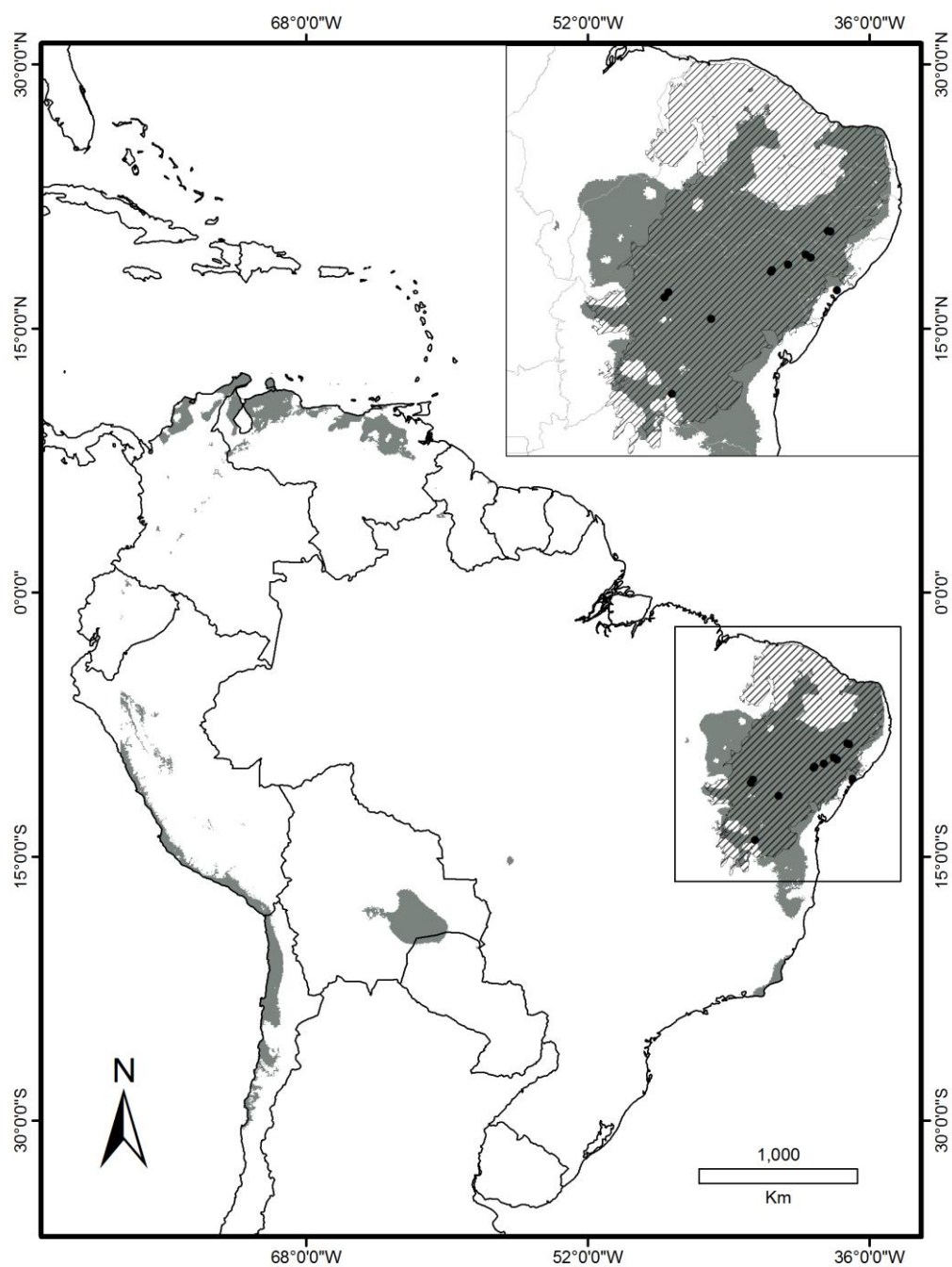


Figura 13 – Distribuição geográfica de *Tropidurus cocorobensis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. cocorobensis* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

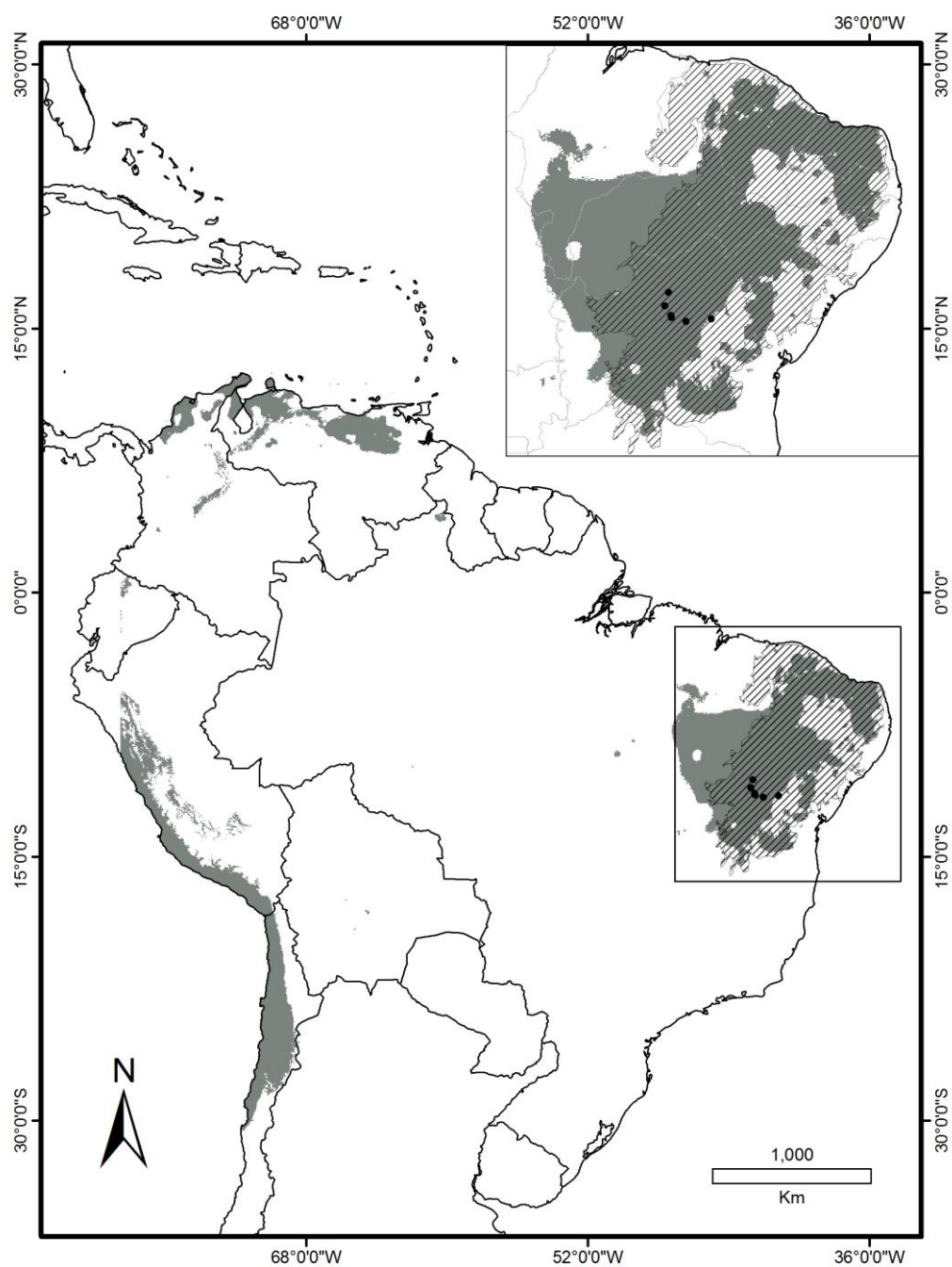


Figura 14 – Distribuição geográfica de *Tropidurus erythrocephalus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. erythrocephalus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Gentio do Ouro: MZUSP 93502; Ibipeba: CHUNB 4354 – 4357; Morro do Chapéu: MZUSP 56076 – 56079, MZUSP 56086 – 56091, MZUSP 56080; Santo Inácio: MZUSP 46374, MZUSP 46376 – 46377; Serra de Assuruá, Santo Inácio: Freitas & Silva (2007); Vacaria: MZUSP 72227.

Referências adicionais: Rodrigues (1987); Frost *et al.* (2001).

Tropidurus etheridgei Cei, 1982

Localidade tipo: Argentina, Cordoba, Mina Claveros, 1200 m.

Distribuição: Habita principalmente o domínio do Chaco e suas áreas limítrofes no Paraguai, Argentina e Bolívia. Encontrado também no Pantanal e nos cerrados de Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Rodrigues, 1987). Aparentemente sua distribuição é descontínua (Nogueira, 2006).

Ocorrência na Caatinga: Foi registrado em áreas limítrofes da Caatinga no estado de Minas Gerais e em áreas transicionais entre Cerrado-Caatinga na Bahia, no município de Caetité (Figura 15).

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Caetité: MZUSP 76035, MZUSP 76059, MZUSP 78651; São Desidério: MZUSP 100206. GOIÁS – Parque Nacional das Emas: MZUSP 89374. MATO GROSSO – Alto Araguaia: MZUSP 69705; Diamantino: Rodrigues (1987); Itiquira: MZUSP 99358 – 99359; Porto Espiridião: MZUSP 60745; Utiariti: MZUSP 8217. MATO GROSSO DO SUL - Corumbá: MZUSP 10338; Serra do Urucum: MZUSP 7697. MINAS GERAIS – Arinos: MZUSP 9323; Mocambinhos: MZUSP 78604; Monte Azul: MZUSP 96915; Montezuma: MZUSP 10112; Parque Nacional Cavernas do Peruaçu: MZUSP 99707 – 99720; Serra do Cipó: ZUEC-REP 2785. PARANÁ – Parque Nacional do Iguaçu: registro por foto cedida. **ARGENTINA:** Guanaco Muerto: MZUSP 23866; Mina Claveros: MZUSP 57845; Ingeniero Juarez: MZUSP 76270. **BOLÍVIA:** Rio Mizque: MZUSP 45538; Robore: MZUSP 7034; San Lorenzo: MZUSP 7035; Localidades em Dirksen & De la Riva (1999): Aguiarenda; Caiza; Capirenda; Carandayti; Cerro Colorado; Charagua; Cocha Bamba; Comarapa; Mataral; Mizque; Parotani; Puerto Linares; Tierras Nuevas; Trinidad; Villa Montes. **PARAGUAI:** San Lorenzo, Central: MZUSP 95202.

Referências adicionais: Rodrigues (1987); Cruz *et al.* (1999); Dirksen & De la Riva (1999); Frost *et al.* (2001).

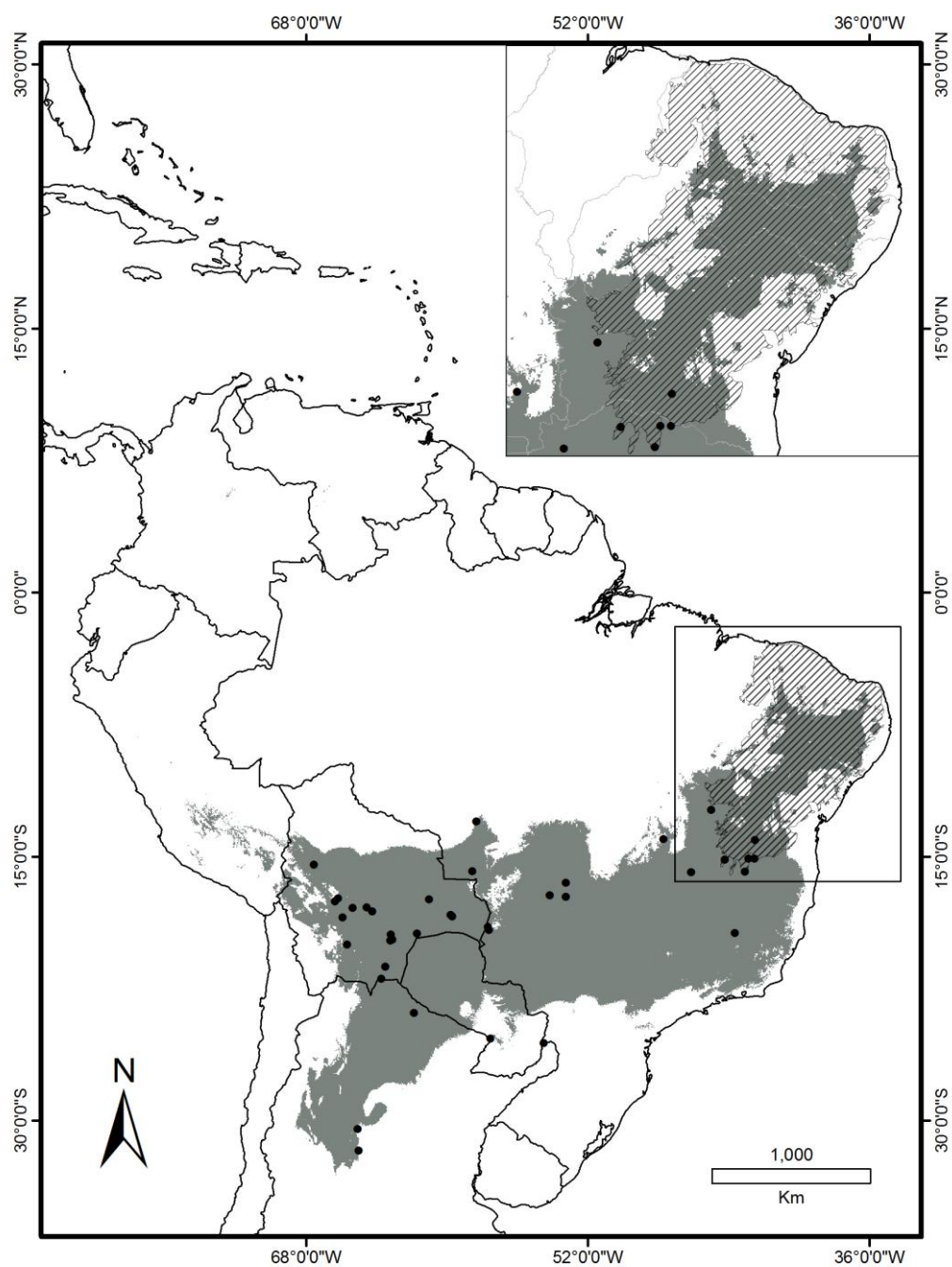


Figura 15 – Distribuição geográfica de *Tropidurus etheridgei*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *T. etheridgei*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. etheridgei* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Tropidurus helenae (Manzani & Abe, 1990)

Localidade tipo: Toca de Cima dos Pilões, aproximadamente 450 m, município de São Raimundo Nonato, Piauí, nordeste do Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Endêmico da região da Serra da Capivara (Figura 16) (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: PIAUÍ – Canto do Buriti: ZUEC-REP 867; Parque Nacional Serra da Capivara: ZUEC-REP 2737 – 2739, Freitas & Silva (2007); São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 700.

Referências adicionais: Manzani & Abe (1990); Frost (1992); Frost *et al.* (2001).

Tropidurus hispidus (Spix, 1825)

Localidade tipo: Designado por Hoogmoed & Gruber (1983): Bahia. Redefinida por Rodrigues (1987) como Salvador, Bahia, por ser a interpretação geralmente dada à citação de “Bahia” por Spix (Vanzolini, 1981).

Distribuição: Distribuição ampla e disjunta, ocupando praticamente todo o nordeste do Brasil e formações abertas ao norte do Rio Amazonas. Segundo Vitt *et al.* (2008) a espécie foi introduzida na região de Manaus, estado do Amazonas.

Ocorrência na Caatinga: Ocorre amplamente em toda a Caatinga no nordeste do Brasil e nas áreas ao norte de Minas Gerais (Figura 17).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Atalaia: MUFAL 4832; Barra de São Miguel: MUFAL 6098; Campo Alegre: MUFAL 6718; Delmiro Gouveia: Número de campo – 014224; Ipioca, Maceió: MUFAL 4029; Maceió: MUFAL 4006; Murici: MUFAL 2076; Olho D’água do Casado: MUFAL 711, MUFAL 714; Palmeira dos Índios: MZUSP 3780 – 3786; Passo de Camaragibe: MZUSP 99002 – 99003; Piaçabuçu: MUFAL 68; Piranhas: MZUFBA 53 – 58, MZUFBA 80, MZUFBA 170 – 173, MZUFBA 228 – 234, MZUFBA 324 – 422, MZUFBA 509; Pontal da Barra: Rodrigues (1987); Quebrangulo: MUFAL 2291, MZUSP 3787 - 3788; Rio Largo: MZUSP 215; São Miguel dos Campos: MZUSP 365; Xingó: MZUSP 79083. AMAZONAS – Manaus: Vitt *et al.* (2008).

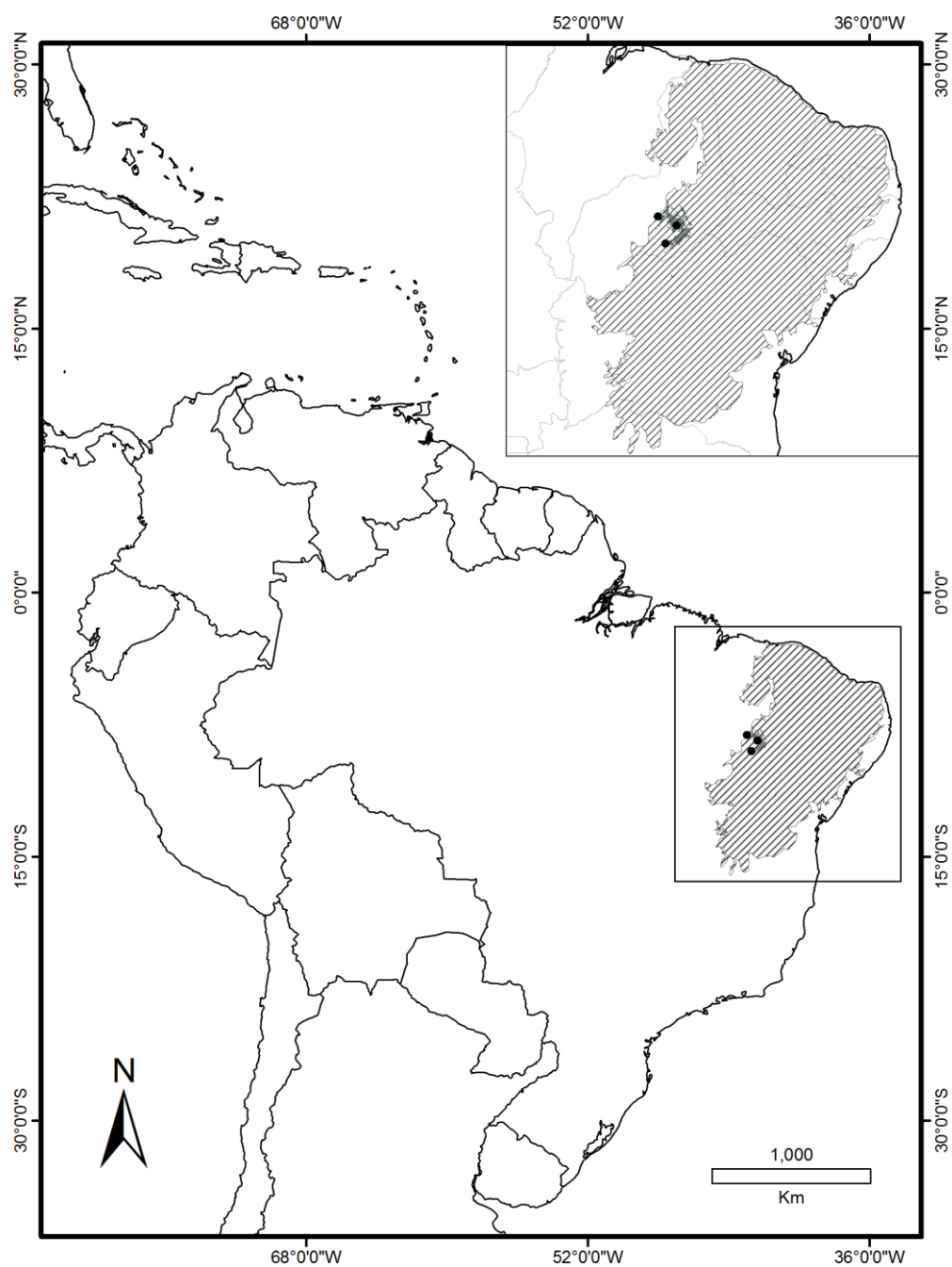


Figura 16 – Distribuição geográfica de *Tropidurus helenae*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *T. helenae*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. helenae* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: BAHIA – Alagoado: MZUSP 72259; Andaraí: MZUSP 10161 – 10163; Barra: MNRJ 15979 – 15981; Barra do Jacuípe: MZUSP 56467; Bom Jesus da Lapa: MZUSP 78917; Botuporã: MZUFBA 537; Cachoeira: CHUFPB 3167 – 3178; Caetitê: MNRJ 16006 – 16012; Campo Formoso: MZUSP 30706; Cândido Sales: CHUNB 25238; Canudos: MNRJ 17654; Catinga do Moura: Rodrigues (1987); Central: MNRJ 18316 – 18341; Cocorobó: MZUSP 30081 – 30085; Conceição de Feira: CHUFPB 2509 – 2520; Conde: MNRJ 16138 – 16140; Contenda do Sincorá: CHUNB 25258; Coribe: CHUNB 5481; Correntina: MZUSP 100067; Coronel João Sá: MZUSP 81013; Cristalândia, Brumado: MZUFBA 2400; Cruz das Almas: Rodrigues (1987); Curaçá: MUFAL 8183 – 8186; Guanambi: CHUNB 99; Ibipêba: CHUNB 4969; Ibiraba, Barra: MZUSP 72270; Igatu: MZUSP 10116; Ilha de Itaparica: MZUSP 21456; Inhobim: CHUNB 25259; Ipirá: MZUFBA 73; Irecê: ZUEC-REP 247; Itaguaçu: MNRJ 14576 – 14580; Itambé: CHUNB 25248; Itiúba: Rodrigues (1987); Jaborandi: MNRJ 18615; Jacobina: Rodrigues (1987); Jequié: MZUSP 8953; Jeremoabo: MZUSP 29935 – 29940; Lagoa de Itaparica: MZUSP 36361 – 36365; Lençóis: MZUSP 77171; Manga: MZUSP 68090; Mocambinho: ZUEC-REP 1836; Morro do Chapéu: MZUSP 56061; Mucugê: MZUSP 56292; Miguel Calmon: MZUFBA 882; Mucugê: Rodrigues (1987); Mulungu do Morro: MZUSP 45895 – 45900; Nova Souré: MZUSP 66222; Palmas do Monte Alto: MZUSP 55761; Palmeiras: MZUFBA 511 – 512; Pilão Arcado: MZUSP 68097; Queimada: MZUSP 68103; Raso da Catarina: MZUSP 12228; Rio de Contas: MZUSP 75357; Salvador: MZUSP 3839; Santo Inácio: MZUSP 46375; Sebastião Laranjeiras: CHUNB 5542; Senhor do Bonfim: Rodrigues (1987); Serra do Ouro, Jacobina: MZUSP 78495; Urandi, Serra das Almas: Rodrigues (1987); Uauá: ZUEC-REP 258; Ubaíra: MNRJ 15992; Vacaria: MZUSP 96845; Valença: MNRJ 1693 – 1695; Vila de Abrantes, Camaçari: MZUSP 100065; Xique-xique: MZUSP 62743. **CEARÁ** – Arajara: MZUSP 51813; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: MZUSP 7543 – 7550; Beberibe: MZUSP 28059 – 28065; Coluna: MZUSP 27700 – 27710; Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: MZUSP 50960; Daniel de Queiroz: Número de campo – ACF 746*; Fortaleza: MZUSP 13603; Guaramiranga: MZUSP 78731; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Itapagé: MNRJ 11377 – 11386; Itapipoca: MZUSP 2371 – 2375; Maranguape: MZUSP 5934 – 5940; Meruoca: ZUEC-REP 3425 – 3426; Milagres: CHUNB 56553; Mulungu: 78723; Pacajus: MZUSP 27132 – 27140; Pacoti: MZUSP 7581 – 7586; Quixadá: MNRJ 7753; Quixeramobim: MNRJ 16931, MNRJ 16933; Santana do Cariri: MZUSP 54133; São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 784*; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Ubajara: ZUEC-REP 3414; Várzea da Conceição: CHUFPB 778, CHUFPB 953 - 956. **MARANHÃO** – Alcântara: MZUSP 55564; Arari: MZUSP 79597; Estreito: CHUNB 5193; Itapicuru Mirim: MZUSP 28222; Gonçalves Dias: MNRJ 12255 – 12256; São José do Ribamar: ZUEC-REP 3193 – 3198; São Luís: MZUSP 55565; Timon: MZUSP 9942. **MINAS GERAIS** – Bias Fortes: MZUSP 57764; Caçarema: MZUSP 36638; Caeté: MZUSP 7654; Conceição do Mato Dentro: MZUSP 55477; Diamantina: MZUSP 66489; Extração: MZUSP 56355; Grão Mogol: MZUSP 56873; Itacarambi: MZUSP 78499; Itaobim: MZUSP 55454; Jaboticatubas: ZUEC-REP 265; Jaíba: MZUFV 218, MZUFV 223 – 224, MZUFV 246, MZUFV 273; Mocambinhos: MZUSP 78477; Montes Claros: MZUFV 257 – 260; Parque Nacional Cavernas do Peruaçu: MZUSP 99721 – 99729; Pedra Azul: MZUSP 55469; Pedra Menina: MZUSP 66238; Rio Pandeiros: Rodrigues (1987); Rio Verde Grande: MZUSP 55746; Santa Maria do Salto: MZUFV 447 – 448; Serra do Cabral: MZUSP 56945; Serra do Cipó: MZUSP 10128. **PARÁ** – Campos do Ariramba: MZUSP 14283; Canindé: MZUSP 11945. **PARAÍBA** – Areia: MZUSP 65861; Cabaceiras: Rodrigues (1986), MZUSP 59170; Cabedelo: CHUFPB 2792 – 2800; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Campina Grande: Rodrigues (1987); Coremas: MZUSP 5532 – 5540; Desterro de Malta: CHUFPB 2834 – 2836; Gurinhém: MZUSP 65937; João Pessoa: MZUSP 5136; Junco do Seridó: MZUSP 44211 – 44220; Mamanguape: MZUSP 5603; Mogeiro: MZUSP 5116 – 5119; Monteiro: MNRJ 16189 – 16190; Parque Estadual Pedra da Boca: CHUFPB 2820; Patos: CHUFPB 2841 – 2842; Piancó: MZUSP 5582 – 5583; Pico do Jabre: MNRJ 17048; Puxinanã: MZUSP 5137; REBio Guaribas, Mamanguape: Silva (2001); São João do Cariri: CHUFPB 2812 – 2819; São José da Mata: MNRJ 20333; São José de Espinharas: MZUSP 44621 – 44630; Sapé: MZUSP 60898; Sousa: MNRJ 15984 – 15986; Umbuzeiro: MZUSP 5128 – 5134. **PERNAMBUCO** – Agrestina: MZUSP 21491 – 21500; Arcoverde: CHUFPB 949; Betânia: Borges-Nojosa & Silva (2005); Bezerros: CHUFPB 2793 – 2795; Bom Conselho: MZUSP 49244 – 49245; Bonito: Número de campo – ACF 729*; Buíque: CHUNB 23528; Cabo de Santo Agostinho: MNRJ 17058; Carnaubeira da Penha: MZUSP 22165 – 22170; Caruaru: MZUSP 8684 – 8694; Cruz de Rebouças: MZUSP 8780; Custódia: Amaral (1935); Exu: MZUSP 46068 – 46077; Floresta: MZUSP 23118; Goiana: CHUFPB 2796; Igarassu: MZUSP 8784; Itamaracá: MZUSP 21478; Nascente: CHUFPB 750 – 751; Ouricuri: CHUNB 55975 – 55976; Pesqueira: MZUSP 8568 – 8577; Petrolina: CHUNB 5830 – 5839; Ponta de Pedras: MZUSP 19572; Recife: MZUSP 95512; Santa Maria da Boa Vista: MUFAL 8187; Serra Talhada: MZUSP 8614 – 8620; Sítio dos Nunes: MZUSP 22949 – 22955; Tamandaré: CHUNB 29072 – 29073; Timbaúba: MZUSP 59081; Trindade: CHUFPB

27; Vicência: MZUSP 23097 – 23100. PIAUÍ – Canto do Buriti: ZUEC-REP 768 – 769; Colônia da Gurguéia: MNRJ 19897; Eliseu Martins: CHUNB 56002; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 95209 – 95210; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 61020 – 61028; Patos do Piauí: MZUSP 74121; Paulistana: CHUFPB 35, CHUFPB 265; Pavussu: CHUFPB 23, CHUFPB 25; Piripiri: MNRJ 11353 – 11366; Ribeiro Gonçalves: CHUNB 55995; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 21 – 22; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 34; São João do Piauí: CHUNB 55987; São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 770 – 771; Teresina: MZUSP 5139 – 5141; Várzea Grande: ZUEC-REP 764 – 765; Valença: MZUSP 38533 – 38540. RIO GRANDE DO NORTE – Acari: MNRJ 16175; Angicos: MZUSP 80622; Açu: FRD 90*; Canguaretama: CHUFPB 129 – 137; Currais Novos: MZUSP 5125 – 5127; Cruzeta: MZUSP 5120 – 5124; ESEC do Seridó: CHUNB 30550 – 30553; Lagoa Nova: MNRJ 16703 – 16704; Maxaranguape: MZUSP 43087 – 43096; Natal: MZUSP 43087; Parnamirim: MUFAL 11; Ponta Negra: MZUSP Presidente Juscelino: MZUSP 43985 – 43994. RORAIMA – Alto Alegre: MZUSP 68938; Apiaú: MZUSP 68946; Boa Vista: CHUNB 6591; Bonfim: MZUSP 69219; Ilha de Maracá: MZUSP 64946; Mucajaí: MZUSP 69145; Normandia: MZUSP 68988; Surumu: MZUSP 13512. SERGIPE – Aracaju: MZUSP 36669; Areia Branca: MZUSP 29720 – 29795; Barra dos Coqueiros: MZUSP 98452; Canindé do São Francisco: MUFAL 712 – 713, MUFAL 780 – 781; Capela: CHUFS 136; Carmópolis: Rodrigues (1987); Crasto: MZUSP 79611; Indiaroba: MNRJ 12143; Itabaiana: MZUSP 100066; Itaporanga D'Ajuda: CHUFS 372; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 91; Nossa Senhora da Glória: CHUFS 508; Rosário do Catete: CHUFPB 3127; Santo Amaro das Brotas: MZUSP 49431; Serra da Guia, Poço Redondo: CHUFS 284. TOCANTINS – Colinas do Tocantins: CHUNB 55991; Goiatins: CHUNB 55994. **COLÔMBIA**: Puerto Carreño: MZUSP 44855. **GUIANA** – Georgetown: MZUSP 3214.

Referências adicionais: Rodrigues (1987); Harvey & Gutberlet (2000); Frost *et al.* (2001).

Tropidurus jaguaribanus Passos, Lima & Borges-Nojosa 2011

Localidade tipo: São João do Jaguaribe (5°19'21" S; 38°11'58" W), Ceará, nordeste do Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Conhecida, até então, apenas para o estado do Ceará (Figura 18), na localidade tipo e em outros municípios da região do Vale do Jaguaribe (Passos *et al.*, 2011).

Registros: BRASIL: CEARÁ – Banabuiú: Passos *et al.* (2011); São João do Jaguaribe: MZUSP 100734 (parátipo).

Referências adicionais: Passos *et al.* (2011).

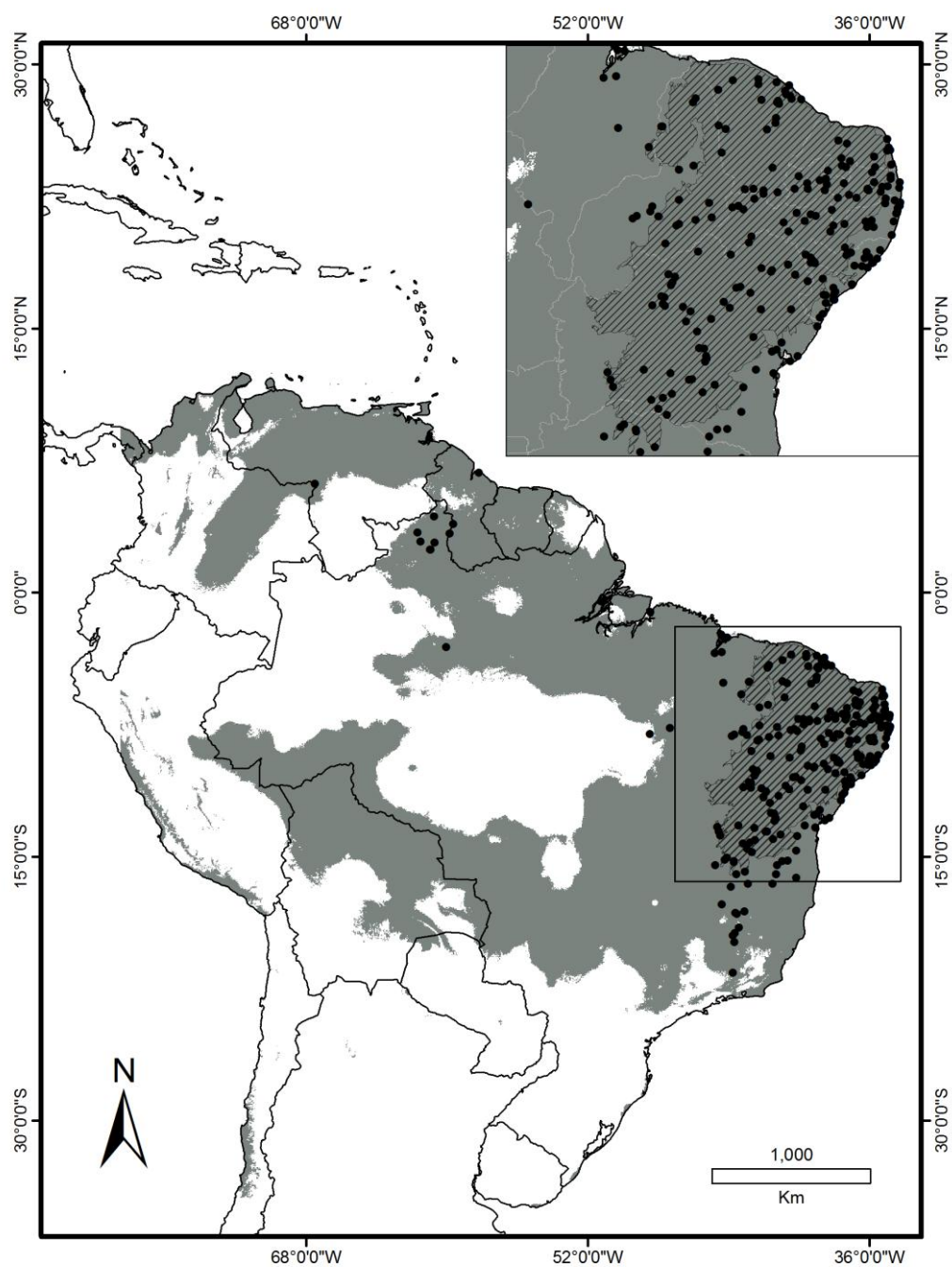


Figura 17 – Distribuição geográfica de *Tropidurus hispidus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. hispidus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

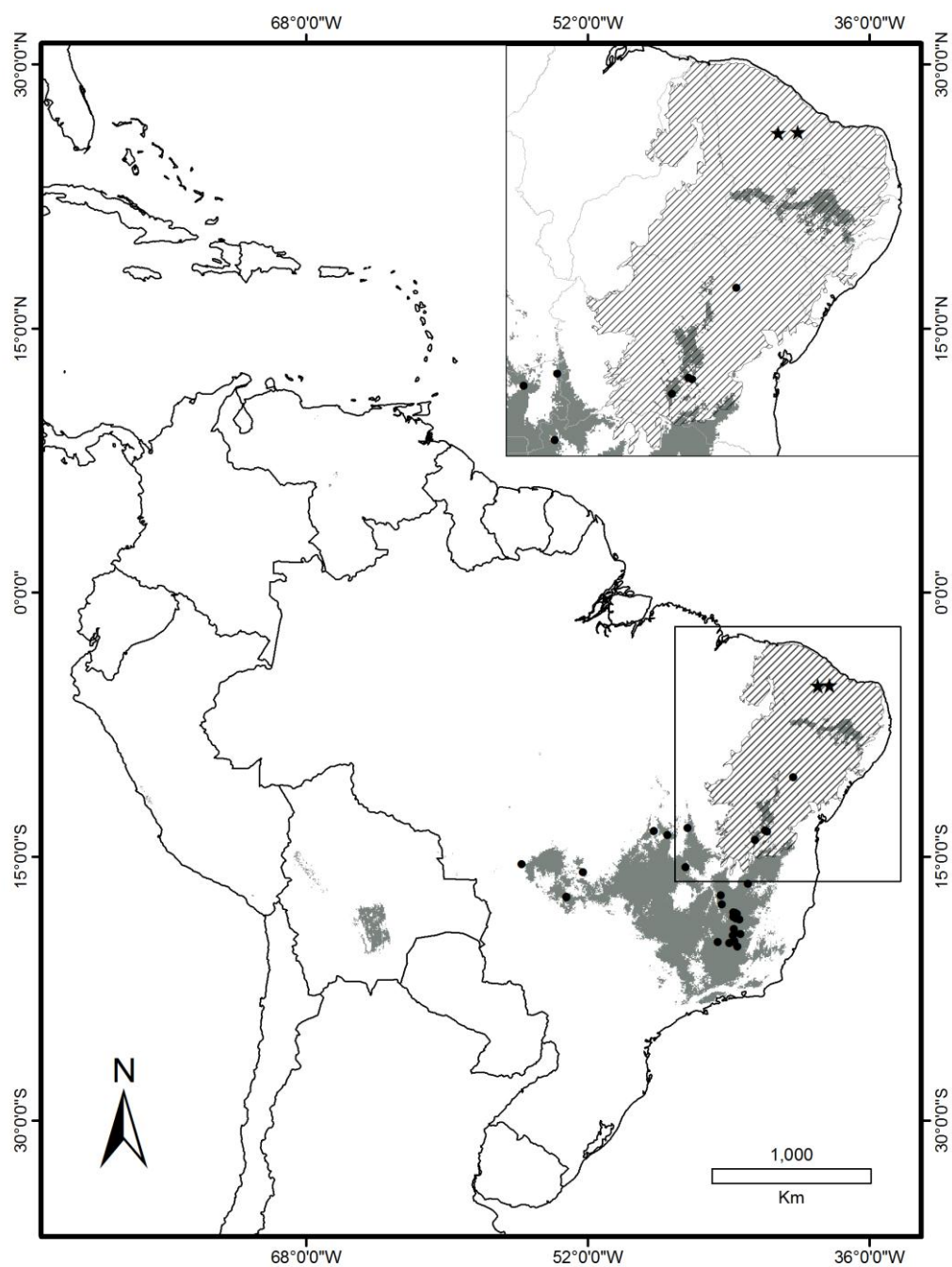


Figura 18 – Distribuição geográfica de *Tropidurus jaguaribanus* e *Tropidurus montanus*. Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *T. jaguaribanus*; Círculos: registros de ocorrência confirmados para *T. montanus*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. montanus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Tropidurus montanus Rodrigues, 1987

Localidade tipo: Serra do Cipó, Minas Gerais.

Distribuição: Distribui-se pelas regiões montanhosas de campos rupestres de Minas Gerais (Rodrigues, 1987). Nogueira (2006) considera a espécie como endêmica da porção centro-sul do Cerrado e com distribuição disjunta nos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Em geral a espécie encontra-se associada a ambientes rochosos.

Ocorrência na Caatinga: Encontrada em áreas de transição entre Caatinga e Cerrado no estado da Bahia, além de áreas próximas ao limite sul do domínio no estado de Minas Gerais (Figura 18).

Registros: **BRASIL:** **BAHIA** – Caetité: MZUSP 76046; Pico das Almas: Pellegrino *et al.* (1994); Rio de Contas: MZUSP 75358, MZUSP 75363, MZUSP 79721. **GOIÁS** – Cavalcante: CHUNB 59502; Minaçu: Colli *et al.* (2002); Santa Rita do Araguaia: MZUSP 69855; São Domingos: CHUNB 25335. **MATO GROSSO** – Alto Araguaia: MZUSP 69650; Barra do Garças: MZUSP 78747; Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002). **MINAS GERAIS** – Belo Horizonte: MZUSP 10131; Buritis: MZUSP 67159; Caeté: MZUSP 7651; Diamantina: MZUSP 66240; Extração: MZUSP 56348; Gouveia: MZUSP 78525; Grão Mogol: MZUSP 56882; Guinda: MZUSP 55506; Itambé do Mato Dentro: Rodrigues (1987); Jaboticatubas: ZUEC-REP 230; Pará de Minas: CHUNB 53269; Santana do Riacho: MZUSP 55547; Serra da Piedade: Rodrigues (1987); Serra de Jequitaiá: MZUSP 69284; Serra do Cabral: MZUSP 56944; Serra do Caraça: MZUSP 8467; Serra do Cipó: MZUSP 10130; Serro: MZUSP 55494; Sopa: MZUSP 55499; Trinta Reis: MZUSP 75010.

Referências adicionais: Rodrigues (1987); Frost *et al.* (2001).

Tropidurus mucujensis Rodrigues, 1987

Localidade tipo: Brasil: Bahia: Mucugê.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Espécie endêmica do município de Mucugê, estado da Bahia (Rodrigues, 1987) (Figura 19). Ocorre em altitudes entre os 900 e 1500m acima do nível do mar (Freitas & Silva, 2007).

Registros: **BRASIL:** **BAHIA** – Mucugê: Freitas & Silva (2007).

Referências adicionais: Rodrigues (1987); Frost *et al.* (2001); Freitas & Silva (2007).

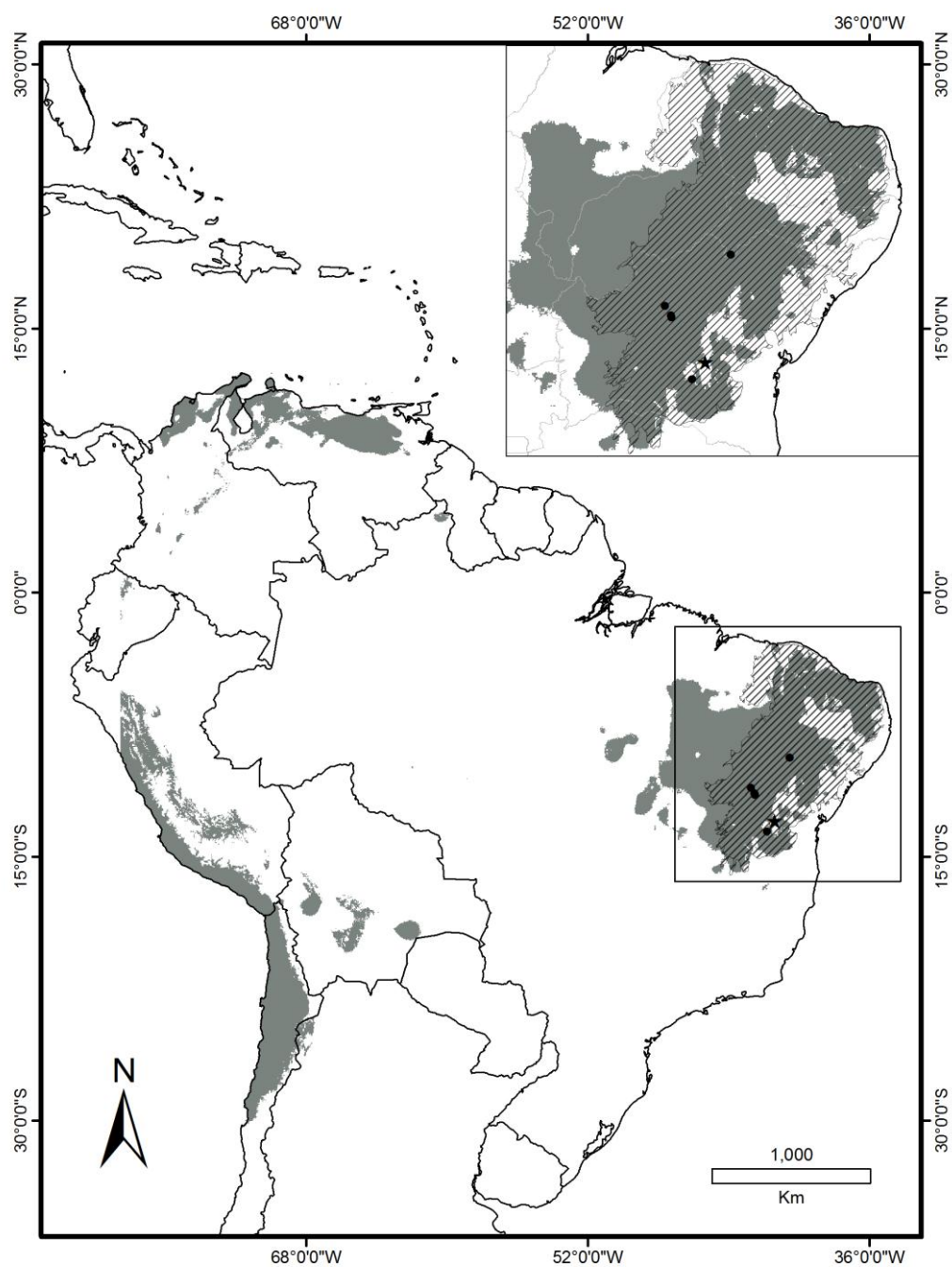


Figura 19 – Distribuição geográfica de *Tropidurus mucujensis* e *Tropidurus pinima*. Estrela: registros de ocorrência confirmados para *T. mucujensis*; Círculos: registros de ocorrência confirmados para *T. pinima*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. pinima* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Tropidurus pinima (Rodrigues, 1984)

Localidade tipo: Bahia, Brasil, Santo Inácio.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre na região da Serra do Assuruá localizada no município de Santo Inácio na Bahia. Também ocorre nos municípios de Gentio do Ouro – Bahia e Petrolina - PE, também localizados na região de dunas do Rio São Francisco e Rio de Contas na Chapada Diamantina (Figura 19). Apesar da mancha de distribuição ampla, a espécie aparenta ter ligação com as formações rochosas da Cadeia do Espinhaço abaixo do Rio São Francisco. Sua presença em Petrolina, na margem esquerda do Rio São Francisco pode ser devido a uma colonização recente, decorrente de construções humanas (ex: pontes) que permitiram sua passagem.

Registros: BRASIL: BAHIA – Gentio do Ouro: Freitas & Silva (2007); Rio de Contas: MZUSP 98047 – 98048; Santo Inácio: CHUFPB 2767 – 2768; Serra do Assuruá, Santo Inácio: ZUEC-REP 718 – 721, Freitas & Silva (2007). PERNAMBUCO – Petrolina: CHUNB 4149 – 4150, CHUNB 4197 – 4198.

Referências adicionais: Rodrigues (1984); Frost (1992); Frost *et al.* (2001).

Tropidurus psammonastes Rodrigues, Kasahara & Yonenaga-Yassuda,
1988

Localidade tipo: Brasil: Bahia: Xique-xique (Arraial do Paulista)

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre na margem esquerda do São Francisco, habitando principalmente a região de dunas do município de Barra no estado da Bahia (Freitas & Silva, 2007). Encontrado também em áreas de transição com o Cerrado que apresentam solos arenosos nos municípios de Cocos e Jaborandi (Figura 20).

Registros: BRASIL: BAHIA – Barra: MZUSP 100395; Cocos: CHUNB 50204; Ibiraba, Barra: Freitas & Silva (2007); Jaborandi: CHUNB 51120; Pilão Arcado: MZUSP 100397.

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (1988); Frost *et al.* (2001).

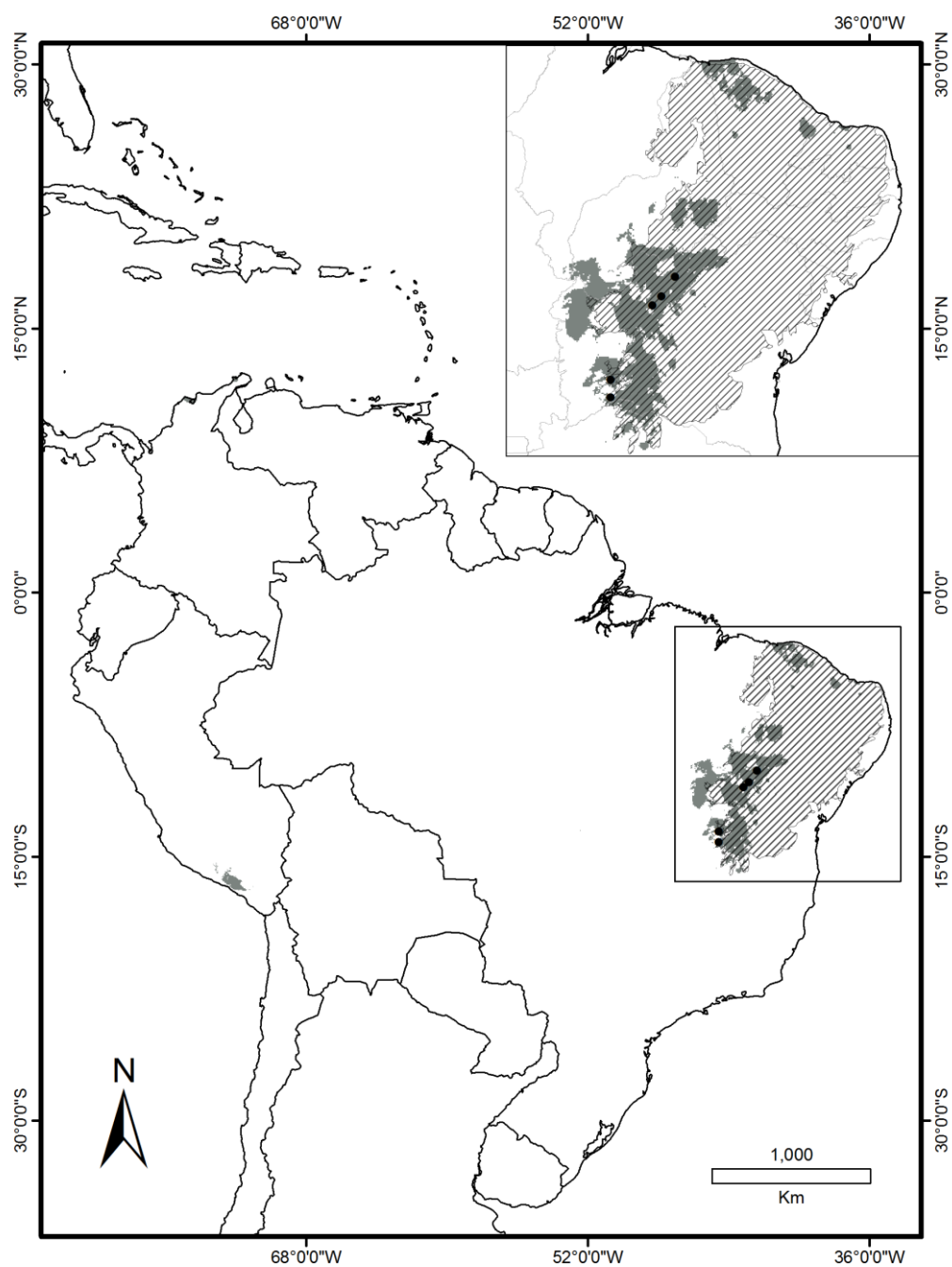


Figura 20 – Distribuição geográfica de *Tropidurus psammonastes*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. psammonastes* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Tropidurus semitaeniatus (Spix, 1825)

Localidade tipo: “*in campis montosis Sincura provinciae Bahiae*”.

Comentários taxonômicos: Atualmente, *Tropidurus semitaeniatus* é considerado um complexo de espécies atualmente classificadas como uma só (Frost *et al.*, 2011). Com o desenvolver de novos trabalhos, novas espécies vem sendo e serão descritas para o grupo (Passos *et al.*, 2011), aumentando assim o número de espécies no domínio Caatinga.

Distribuição: Ocorre por toda a Caatinga do nordeste do Brasil e por áreas marginais onde o domínio entra em contato com o Cerrado e a Floresta Atlântica (Vanzolini *et al.*, 1980).

Ocorrência na Caatinga: Distribui-se amplamente por todo o Domínio Morfoclimático da Caatinga (Freitas & Silva, 2007), ocorrendo principalmente em ambientes de afloramentos rochosos (Figura 21).

Registros: **BRASIL:** **ALAGOAS** – Arapiraca: MUFAL 5527; Flexeiras: MUFAL 1564; Olho D’água do Casado: MUFAL 1009; Piranhas: MZUFBA 160 – 162, MZUFBA 245 – 249, MZUFBA 261 – 277, MZUFBA 424; Quebrangulo: MUFAL 2296, MZUSP 3793 – 3794; Xingó: MZUSP 78937. **BAHIA** – Alagoado: MZUSP 73954; Andaraí: MZUSP 10155 – 10160; Itaparica: MZUSP 72541; Barragem Sobradinho: MZUSP 75327; Bravo: MZUSP 55420; Cachoeira: MZUSP 55811; Caetitê: MZUFBA 2357 – 2359; Central: MNRJ 16718 – 16722; Cocorobó: MZUSP 30143 – 30148; Contenda do Sincorá: CHUNB 25245; Coronel João Sá: MZUSP 81005; Cruz das Almas: MZUSP 2545; Elísio Medrado: MZUSP 96840; Guanambi: CHUNB 100 -107; Ipirá: MZUFBA 74; Irecê: ZUEC-REP 314 – 318; Itaguaçu: MNRJ 16742 – 16745; Itiúba: MZUSP 30512; Jacobina: MZUSP 55408; Jequiê: MZUSP 8937; Jeremoabo: MZUSP 29992 – 29993; Juazeiro: MZUFBA 693; Lençóis: CHUNB 571 – 572, CHUNB 4238; Maracás: MNRJ 16454 – 16458; Mata de São João: CHUNB 4242; Miguel Calmon: MZUFBA 883; Monte Santo: MZUSP 96841 – 96842; Morro do Chapéu: 55419; Mucugê: MZUSP 57122; Mulungu do Morro: MZUSP 45885 – 45890; Palmeiras: MZUFBA 514 – 515; Paulo Afonso: MZUFBA 2672; Raso da Catarina: MZUSP 12179, MZUSP 60872; Rio de Contas: MZUSP 75399; Salvador: MZUSP 66; Santa Inês: ZUEC-REP 899; Senhor do Bonfim: MZUSP 666; Sento Sé: MZUSP 96359 – 96360; Serra das Almas: MZUSP 55753; Serra do Sincorá, Chapada Diamantina: Freitas & Silva (2007); Sobradinho: Pellegrino *et al.* (1994); Uauá: ZUEC-REP 332. **CEARÁ** – Arajara: MZUSP 51711; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Coluna: MZUSP 27998 – 28010; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Itapipoca: MZUSP 2417; Jaguaribara: CHUNB 56546 – 56547; Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Milagres: CHUNB 56549; Quixeramobim: MNRJ 16930; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Serra de Maranguape: MZUSP 46236 – 46241. **PARAÍBA** – Açude Puxinanã: MZUSP 4621 – 4623; Areia: MZUSP 4628 – 4630; Cabaceiras: MZUSP 59154; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Congo: MNRJ 6992 – 6993; Coremas: MZUSP 5647 – 5654; Desterro de Malta: CHUFPB 2744 – 2757; Gurinhém: MZUSP 65631; Junco do Seridó: MZUSP 44387 – 44396; Parque Estadual Pedra da Boca: CHUFPB 2728; Piancó: MZUSP 5584; Pico do Jabre: CHUFPB 2739 – 2740; São João do Cariri: CHUFPB 2726 – 2727; São José de Espinharas: MZUSP 44532 -44540; Umbuzeiro: MZUSP 4624 – 4627.

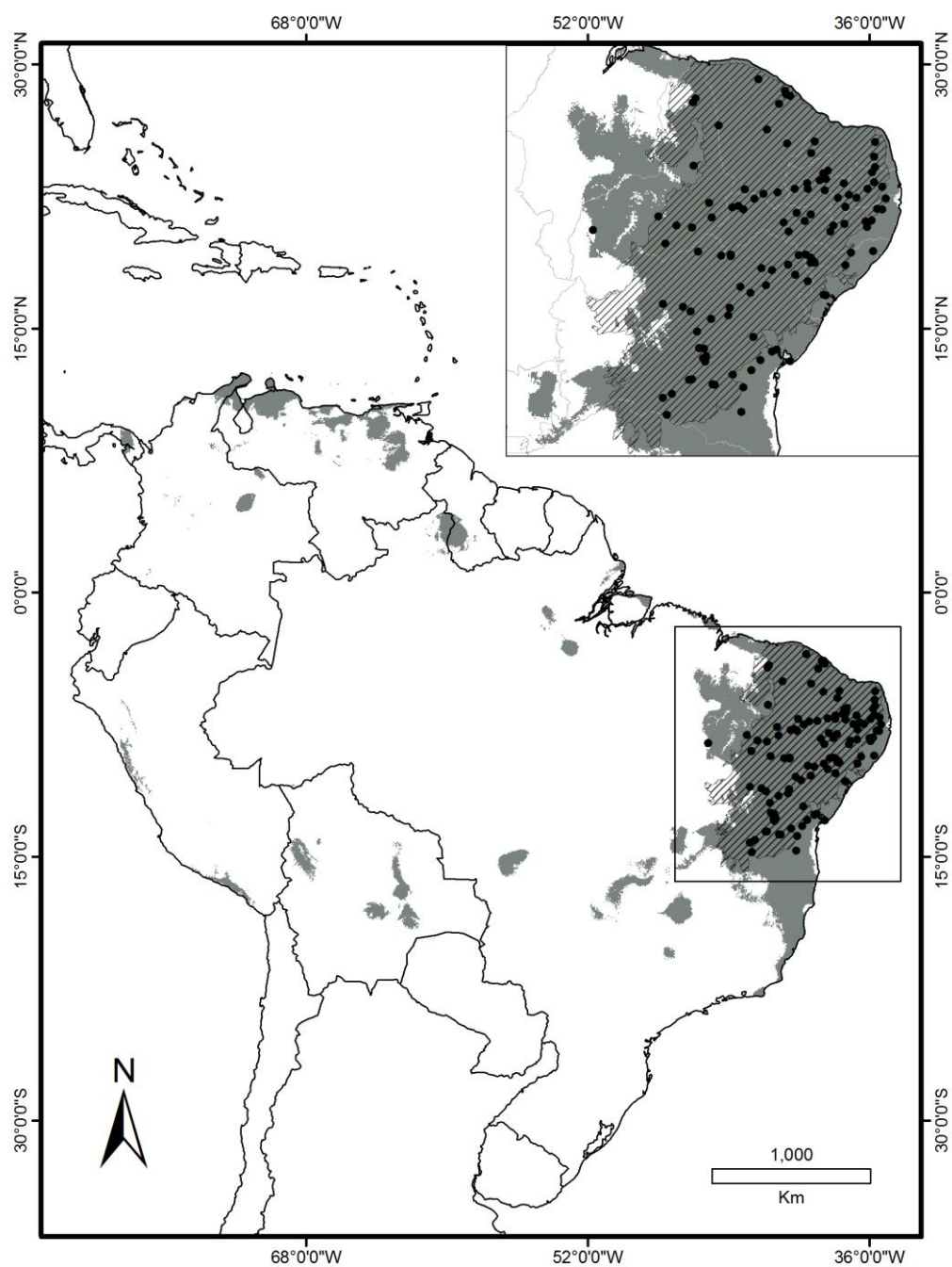


Figura 21 – Distribuição geográfica de *Tropidurus semitaeniatus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. semitaeniatus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 21585 – 21589; Arcoverde: FRD 274*; Betânia: Borges-Nojosa & Silva (2005); Bezerros: CHUFPB 2743; Buíque: CHUNB 23522 – 23527; Carnaubeira da Penha: MZUSP 22131 – 22140; Caruaru: MZUSP 8668 – 8677; Exu: MZUSP 46006 – 46010; Floresta: Borges-Nojosa & Silva (2005); João Alfredo: MZUSP 7087 – 7088; Limoeiro: MZUSP 7089 – 7090; Nascente: CHUFPB 308, CHUFPB 338; Ouricuri: CHUNB 56009 – 56011; Pesqueira: MZUSP 8585 – 8588; Petrolina: CHUNB 4199 – 4208; Serra Talhada: MZUSP 8651 – 8653; Sítio dos Nunes: MZUSP 22846 – 22850; Timbaúba: MZUSP 7091; Trindade: CHUFPB 318, CHUFPB 759. **PIAUÍ** – Canto do Buriti: ZUEC-REP 853 – 855; Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 90169; Gervásio de Oliveira: MZUSP 99832; Oeiras: ZUEC-REP 927 – 928; Patos do Piauí: MZUSP 73964; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 91416, MZUSP 91858; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 92271 – 92273; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 60923 – 60925; Paulistana: CHUFPB 294, CHUFPB 304; São Raimundo Nonato: MZUSP 48475; Valença do Piauí: MZUSP 38464 – 38470. **RIO GRANDE DO NORTE** – ESEC Seridó: CHUNB 30559 – 30564; Felipe Guerra: CHUNB 44779; Poço Branco: MZUSP 66175; Presidente Juscelino: MZUSP 44068 – 44077; Serra Negra do Norte: CHUNB 30559 – 30564; Umarizal: MNRJ 18265. **SERGIPE** – Canindé do São Francisco: MUFAL 740, MUFAL 1011; Itabaiana: MZUSP 100263 – 100267; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 551; Serra da Guia, Poço Redondo: CHUFS 285; Fazenda Angra, Poço Redondo: MUFAL 332 – 333;

Referências adicionais: Amaral (1933); Vanzolini *et al.* (1980); Frost (1992); Frost *et al.* (2001).

GEKKOTA Cuvier, 1817

Gekkonidae Gray, 1825

Hemidactylus Oken, 1817

A situação nomeclatural do gênero é bastante confusa segundo Vanzolini (1968), pois a espécie tipo formal não passa de uma “*species inquirenda*”, podendo ainda ser uma espécie pertencente a outro gênero. Cuvier (1817) diagnosticou o gênero *Hemidactyle*, incluindo quatro espécies. Oken (1817) noticiando o livro de Cuvier, se referiu ao termo *Hemidact.*, que tem sido e pode ser considerado como *Hemidactylus*, visto que, segundo Vanzolini (1968), Oken utiliza sistematicamente nomes latinizados (o gênero que encabeça a lista do autor é *Thecadactylus*). Posteriormente, Gray (1825; 1827) apresentou novas diagnoses ao gênero listando espécies pertencentes ao mesmo e seu provável tipo. Desta forma, será mantida aqui a autoria de Oken (1817) para o gênero *Hemidactylus*, seguindo a recomendação de Vanzolini (1968).

Hemidactylus agrius Vanzolini, 1978

Localidade tipo: Brasil, Piauí, Valença.

Comentários taxonômicos: Muito semelhante morfologicamente a *Hemidactylus mabouia*, da qual difere por apresentar maior número de grânulos no dorso e na região dorsal dos membros, além das lamelas do quarto artelho que atinge a planta dos pés, enquanto em *H. mabouia* chegam a metade do artelho apenas (Vanzolini *et al.*, 1980). A espécie parece ser aparentada com *H. palaichthus* que ocorre na Amazônia (Carranza & Arnold, 2006).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se pela área nuclear das caatingas do estado da Bahia até o Ceará (Freitas & Silva, 2007).

Referências adicionais: Vanzolini (1968; 1978); Vanzolini *et al.* (1980); Carranza & Arnold (2006).

Hemidactylus brasiliensis (Amaral, 1935)

Localidade tipo: Rio Pandeiros, Minas Gerais, Brasil.

Comentários taxonômicos: A espécie era classificada no gênero *Briba* (Amaral, 1935) e mesmo após algumas revisões foi assim mantida (Vanzolini 1968; 1974). Recentemente, Carranza & Arnold (2006), através de estudos com DNA mitocondrial, invalidaram o gênero *Briba* e reposicionaram a espécie no gênero *Hemidactylus*.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Vive em todo o domínio da Caatinga (Figura 22), além de ocupar algumas áreas de restingas costeiras do estado da Bahia até o Ceará. Neste último, é encontrada também em áreas de brejo de altitude (Freitas & Silva, 2007).

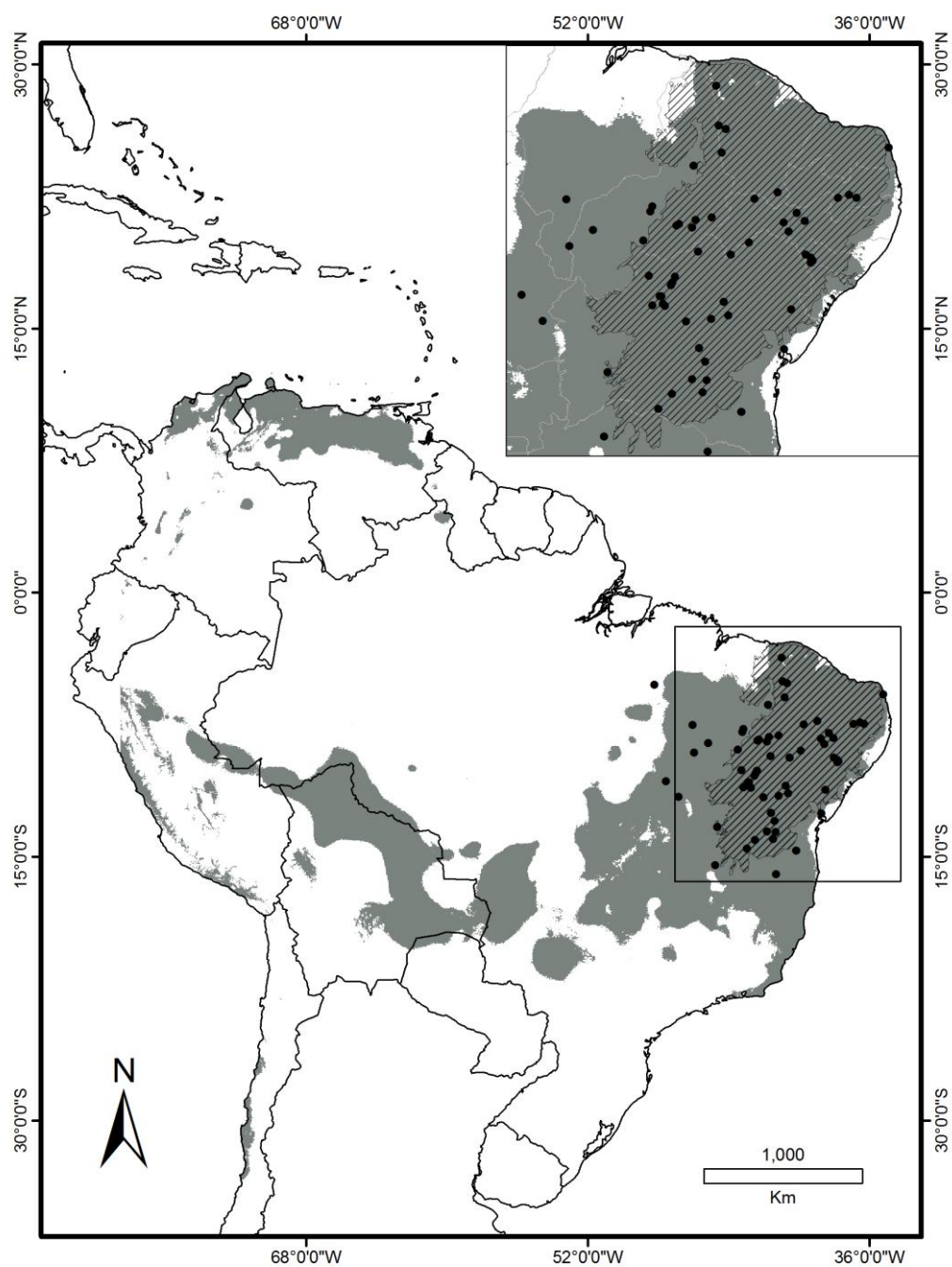


Figura 22 – Distribuição geográfica de *Hemidactylus brasiliensis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *H. brasiliensis* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Delmiro Gouvêia: MUFAL 3840; Olho D'Água do Casado: MUFAL 813 - 814; Piranhas: Número de campo** - 014343; Xingó: MZUSP 79007. BAHIA – Alagoado: MZUSP 71905 – 71906; Barra: MZUSP 75483 – 75485; Barra da Estiva: ZUEC-REP 2217; Brejo da Serra, Pilão Arcado: MZUSP 100392; Caetité: MZUSP 76028 – 76033; Catinga do Moura: MZUSP 54971 – 54973; Correntina: CHUNB 322; Cristalândia, Brumado: MZUFBA 2412 – 2419; Curaçá: MUFAL 8224 – 8228; Estação Ecológica Raso da Catarina: MZUSP 62755 – 62756, MZUSP 65802 – 65803; Ibipeba: CHUNB 321; Ibiraba: MZUSP 68279, MZUSP 71909 – 71917, MZUSP 78433; Lagoa de Itaparica: MZUSP 71907 – 71908, MZUSP 73883 – 73894, MZUSP 76244 – 76255; Manga: MZUSP 68280 – 68282; Miguel Calmon: MZUFBA 900; Mocambo do Vento: MZUSP 93499 – 93500; Morro do Chapéu: MZUSP 62786 – 62787, MZUSP 65763, MZUSP 65785, MZUSP 73871 – 73879, MZUSP 76291 – 76292; Mucugê: MZUSP 73849 – 73870; Nova Souré: MZUSP 65952; Palmeiras: MZUFBA 516 – 517; Queimadas, Barra: MZUSP 73895 – 73896, MZUSP 75259 – 75364; Rio de Contas: MZUSP 75349 – 75354, MZUSP 98042; Santo Amaro: MZUSP 56138; Santo Inácio: MZUSP 92134, MZUSP 93498; Sebastião Laranjeiras: CHUNB 320; Sento Sé: MZUSP 96354 – 96357; Serra do Ouro, Jacobina: MZUSP 73880 – 73881. CEARÁ – Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Milagres: CHUNB 56562 – 56564; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Tianguá: MNRJ 11372 – 11373. MARANHÃO – Alto Parnaíba: MZUSP 93072 – 93073; Balsas: MNRJ 20061. MINAS GERAIS – Pedra Azul, Jatobá: MZUSP 4235; Refúgio da Vida Silvestre do Rio Pandeiros: MZUSP 4038 – 4047. PARAÍBA – Cabaceiras: MZUSP 59109, MZUSP 60763; Fazenda Almas: com. pess.; São João do Cariri: CHUFPB 855 - 857. PERNAMBUCO – Betânia: Borges-Nojosa & Silva (2005); Carnaubeira da Penha: MZUSP 22248 – 22256; Exu: MZUSP 46348, MZUSP 48129 – 48130, MZUSP 49262, MZUSP 49682; Floresta: MZUSP 23114; Petrolina: CHUNB 317 – 319; Serra Talhada: CHUFPB 212. PIAUI – Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 90114 – 90128; Gervásio de Oliveira: MZUSP 99822 – 99827; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 89429, MZUSP 92492, MZUSP 92899; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 92157; Paulistana: CHUFPB 302; Pavussu: CHUFPB 277; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 965; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 326; São João do Piauí: CHUNB 56012; Valença: MUFAL 2155 – 2156, MZUSP 38384 – 38386. RIO GRANDE DO NORTE – Natal: CHUFPB 863 – 867. SERGIPE – Canindé do São Francisco: MUFAL 3841. TOCANTINS – Dianópolis: CHUNB 33587 – 33591; Mateiros: CHUNB 24297 – 24298; Ponte Alta: CHUNB 30911.

Referências adicionais: Vanzolini (1968; 1978); Vanzolini *et al.* (1980); Carranza & Arnold (2006).

Hemidactylus mabouia (Moreau de Jonnès, 1818)

Localidade tipo: “Insel St. Vincent, Kleine Antillen” (Stejneger, 1904; Smith & Taylor, 1950).

Comentários: A localidade acima tem sido citada como localidade tipo para *H. mabouia*, porém o espécime em questão não pertence à espécie em questão, sendo na verdade um *H. angulatus* (Carranza & Arnold, 2006; Reptile Database, 2011).

Distribuição: A espécie é considerada como introduzida na América do Sul e em outros continentes (Vanzolini, 1968; 1978; Freitas & Silva, 2007; Reptile Database, 2011), tendo origem Africana (Carranza & Arnold, 2006). É encontrada em quase toda a América do Sul, ocupando principalmente ambientes periantrópicos, no entanto,

também é encontrada em ambientes naturais em vários locais do Brasil (Vanzolini, 1968).

Ocorrência na Caatinga: Parece ocorrer em vários locais inseridos no domínio Caatinga, habitando principalmente casas e outras construções humanas. Apesar dos inúmeros registros feitos na região das caatingas, deve-se atentar ao fato de que ainda é bastante confundida com seu congênere *H. agrius* por seus coletores. Deste modo, muitos dos registros atuais podem ser eliminados quando confirmadas as identificações dos espécimes.

Referências adicionais: Vanzolini (1968; 1978); Vanzolini *et al.* (1980); Carranza & Arnold (2006).

Lygodactylus Gray, 1864

Lygodactylus klugei (Smith, Martin & Swain, 1977)

Localidade tipo: Brasil, Pernambuco, Carnaubeira.

Comentários taxonômicos: A espécie foi originalmente descrita como *Vanzoia klugei*, e sofreu, ao menos, três reposicionamentos sistemáticos (Bons & Pasteur, 1977; Kluge, 1933; Rösler, 2000) antes de ser definitivamente alocado no gênero de origem africana *Lygodactylus*.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se por toda a Caatinga (Figura 23), chegando a áreas marginais do domínio no contato com o Cerrado e com o litoral no estado do Ceará (Freitas & Silvam 2003).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Delmiro Gouveia: MUFAL 6324, MUFAL 6326, MUFAL 6330; Olho D'água do Casado: Número de campo** - 014326; Piranhas: MUFAL 2833 – 2834, MUFAL 6325, MUFAL 6337. BAHIA – Barra: MZUSP 100389 – 100390; Barreiras: MZUSP 8337 – 8342; Campo Formoso: MZUSP 95219; Catinga do Moura: MZUSP 55039 – 55165; Cristalândia, Brumado: MZUFBA 2420 – 2422; Correntina: MZUSP 100214; Curaçá: MUFAL 8179, MUFAL 8181 – 8182; Estação Ecológica Raso da Catarina: MZUSP 66113; Gentio do Ouro: MZUSP 56289; Ibiraba: MZUSP 71938 – 71939; Irecê: MZUSP 36701 – 36706; Jacobina: CHUNB 50475; Juazeiro: MZUFBA 693; Queimadas, Barra: MZUSP 73932; Raso da Catarina: CHUFPB 3339; Santo Inácio: MZUSP 62811 – 62818, MZUSP 65709 – 65712, MZUSP 67887 – 67939, MZUSP 71940 – 71951; Senhor do Bonfim: MZUSP 2711 – 2712; Xique-xique: CHUNB 50467. CEARÁ – Arreiraz, Vaqueijada: MNRJ 17874 – 17880; Jati: CHUNB 56575; Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Milagres: CHUNB 56574; Santana do Cariri: MZUSP 54052 – 54117; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005).

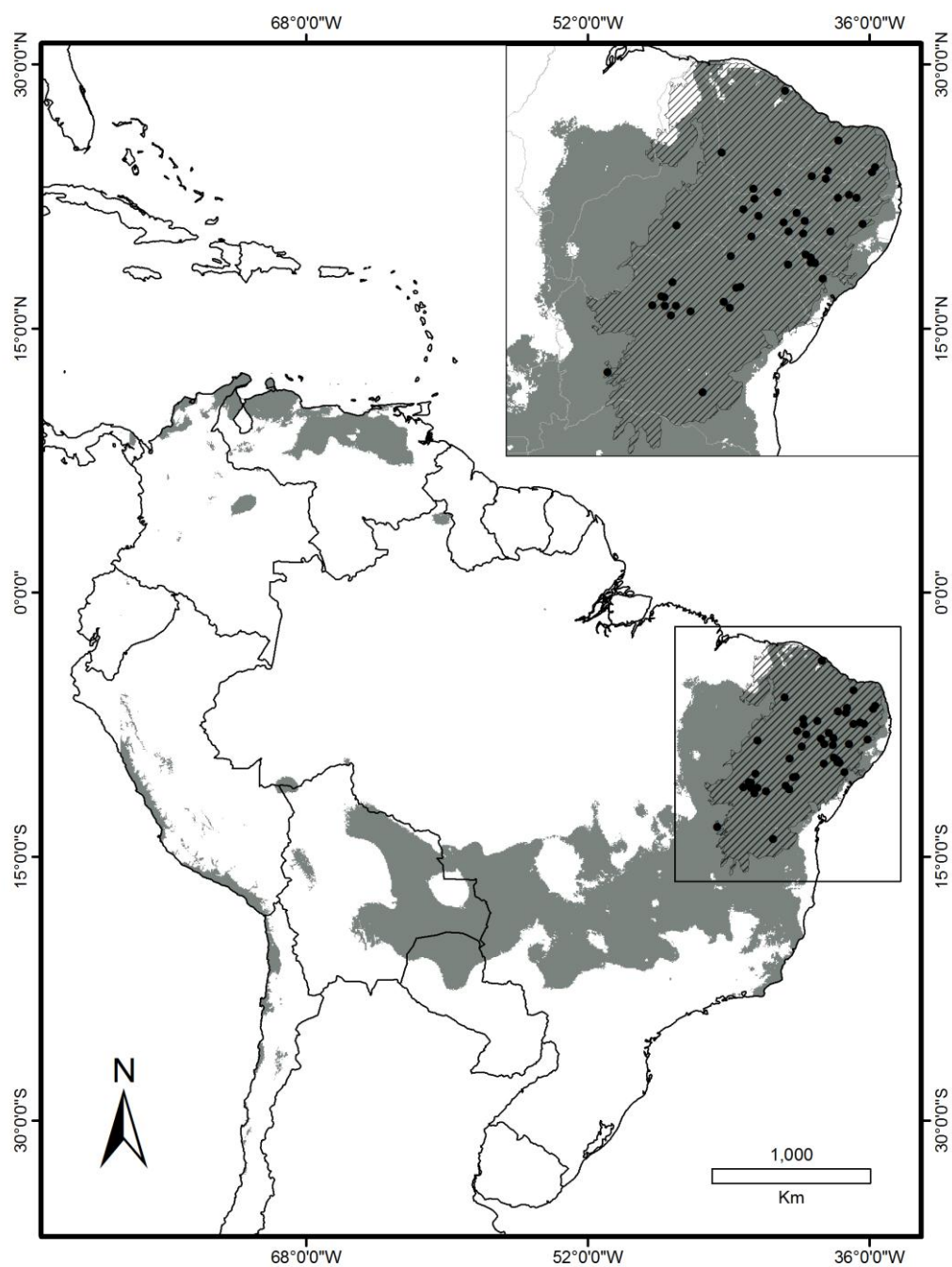


Figura 23 – Distribuição geográfica de *Lygodactylus klugei*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *L. klugei* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: PARAÍBA – Cabaceiras: MZUSP 59128 – 59153, MZUSP 71952 – 71953; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Parque Estadual Pedra da Boca: CHUFPB 3334; Pombal: CHUFPB 3338; São João do Cariri: CHUFPB 3328 - 3332; São José de Espinharas: MZUSP 44634 – 44639. PERNAMBUCO – Betânia: Borges-Nojosa & Silva (2005); Buíque: CHUNB 29823; Carnaubeira da Penha: MZUSP 22279 – 22299, MZUSP 22502 – 22581; Cruz de Malta, Ouricuri: MZUSP 57816; Exu: MZUSP 45131, MZUSP 47726 – 47924, MZUSP 49923 – 5000; Floresta: MZUSP 23111; Parnamirim: CHUNB 13581 – 13582; REBio Serra Negra, Inajá: MUFAL 7271; Santa Maria da Boa Vista: MUFAL 8178, MUFAL 8180; São Caitano: CHUNB 50470; Serra Talhada: Obs. pess. PIAUI – Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 95160 – 95161. RIO GRANDE DO NORTE – Assú: FRD 89*; ESEC do Seridó: FRD 193*. SERGIPE – Canindé do São Francisco: MUFAL 810, MUFAL 1016, MUFAL 6323; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 411; Nossa Senhora da Glória: CHUFS 509;

Referências adicionais: Vanzolini (1968; 1978); Vanzolini *et al.* (1980); Carranza & Arnold (2006).

Phyllodactylidae Gamble, Bauer, Greenbaum & Jackman, 2008

Gymnodactylus Spix, 1825

O gênero *Gymnodactylus* sempre apresentou taxonomia confusa e teve a classificação de suas espécies constantemente modificada durante anos (Vanzolini, 1968; 2004; 2005; Cassimiro & Rodrigues, 2009). As diferentes formas do gênero foram constantemente classificadas e reclassificadas como subespécies e espécies. Recentemente, Cassimiro & Rodrigues (2009), com o subsídio da descoberta de uma nova espécie, validaram cinco espécies para o gênero, sinonimizando *G. carvalhoi* Vanzolini, 2005 e *G. amarali* Barbour, 1925. São utilizadas no presente trabalho as formas do gênero seguindo o trabalho de Cassimiro & Rodrigues, considerando-as ao nível específico.

Gymnodactylus geckoides Spix, 1825

Localidade tipo: Bahia, Brasil.

Distribuição: Ocorre por toda extensão das caatingas nordestinas, pela região sudeste em localidades com vegetação aberta de restinga, campos rupestres ou áreas marginais

do Cerrado, além de localidades nos estados de Goiás e Mato Grosso, na região central do Brasil (Reptile Database, 2011).

Ocorrência na Caatinga: Distribui-se por toda a Caatinga (Figura 24), nas mais diversas fitofisionomias, além de restingas litorâneas da Bahia até o Ceará (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Batalha: MUFAL 4932; Piranhas: MZUSP 91687; Olho D’água do Casado: MUFAL 944; Xingó: MZUSP 78920 – 78929. BAHIA – Barra: MZUSP 75486 – 75492; Barreiras: MNRJ 2520 – 2522; Bom Jesus da Lapa: MNRJ 2523 – 2524; Canudos: MZUSP 507; Catinga do Moura: MZUSP 54974 – 55014; Curaçá: MUFAL 8194 – 8197; Ibiraba, Barra: MZUFBA 2716; Itabuna: ZUEC-REP 908; Itiúba: MZUSP 30600; Joazeiro: ZUEC-REP 907; Morro do Chapéu: MZUSP 55937, MZUSP 62788 – 62791, MZUSP 65764 – 65765, MZUSP 65786; Mucuri: MBML 2063; Parque Nacional Sete Passagens, Miguel Calmon: MZUFBA 896 – 897; Paulo Afonso: MZUSP 506; Raso da Catarina: MZUSP 62760 – 62765; Salvador: MZUSP 92227 – 92233; São Desidério: CHUNB 51129; Senhor do Bonfim: MZUSP 408, MZUSP 457, MZUSP 572; Sento Sé: MZUSP 96353, MZUSP 96367 – 96368, MZUSP 96370; Uauá: ZUEC-REP 385 – 386; Vacaria: MZUSP 71918, MZUSP 75458 – 75459; Xique-xique: MZUSP 76266. CEARÁ – Aiuaba: CHUNB 61895; Arajara: MZUSP 51687 – 51688; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Milagres: CHUNB 56539 – 56542; Santana do Cariri: MZUSP 54015 – 54024; São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 840*; Tianguá: MNRJ 1384; Várzea da Conceição: CHUFPB 909. ESPÍRITO SANTO – Alegre: MBML 2062; Conceição da Barra: ZUEC-REP 1815 – 1816; Itapemirim: MBML 2061; Linhares: ZUEC-REP 1787. GOIÁS – Minaçu: Colli *et al.* (2002); Pirenópolis: Colli *et al.* (2002). MARANHÃO – UHE Estreito: MZUSP 99291. MATO GROSSO – Barra do Garças: Colli *et al.* (2002); Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002). PARAÍBA – Borborema: CHUNB 36308; Cabaceiras: MZUSP 59110 – 59117; Cabedelo: Freire (1996); Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Fazenda Almas: FRD 128*; João Pessoa: CHUFPB 3366; Junco do Seridó: CHUNB 61946; Mamanguape: MZUSP 59101; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); Patos: MZUSP 56958; Piancó: MZUSP 5585 – 5588; Pico do Jabre: MNRJ 17049 – 17050; Santa Luzia: MZUSP 4034 – 4035; São João do Cariri: FRD 68 – 69*; São José de Espinharas: MZUSP 44528 – 44531; PERNAMBUCO – Araripina: MZUSP 98782 – 98783; Betânia: Borges-Nojosa & Silva (2005); Carnaubeira da Penha: MZUSP 22257 – 22261; Caruaru: MZUSP 65662 – 65663; Custódia: MZUSP 4486; Exu: MZUSP 47925 – 47930; Floresta: MZUSP 23119 – 23122; Nascente: CHUFPB 745; Ouricuri: MZUSP 57813; Parnamirim: CHUNB 13601; Pesqueira: MZUSP 8546; Petrolina: MNRJ 9592; Santa Maria da Boa Vista: MUFAL 8193; Serra Talhada: CHUFPB 295; Trindade: CHUFPB 911 - 912; Vicência: MZUSP 23073; PIAUÍ – Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 89457; Paulistana: CHUFPB 285; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 339; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 789; São João do Piauí: CHUNB 56083. RIO GRANDE DO NORTE – Angicos: MZUSP 80606 – 80607; Assú: FRD 88*; Caicó: FRD 198*; ESEC do Seridó: CHUNB 30569; Natal: CHUFPB 3415 – 3416; Nísia Floresta: MUFAL 29; Parnamirim: MUFAL 8. SERGIPE – Barra dos Coqueiros: MZUSP 98453 – 98460; Canindé do São Francisco: MUFAL 796; Itabaiana: MZUSP 100076; Itaporanga D’Ajudá: CHUFS 491; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 90, CHUFS 558. TOCANTINS – Aliança do Tocantins: CHUFPB 3372 – 3387; UHE São Salvador: MZUSP 99543.

Referências adicionais: Vanzolini (1968; 2004; 2005); Cassimiro & Rodrigues (2009).

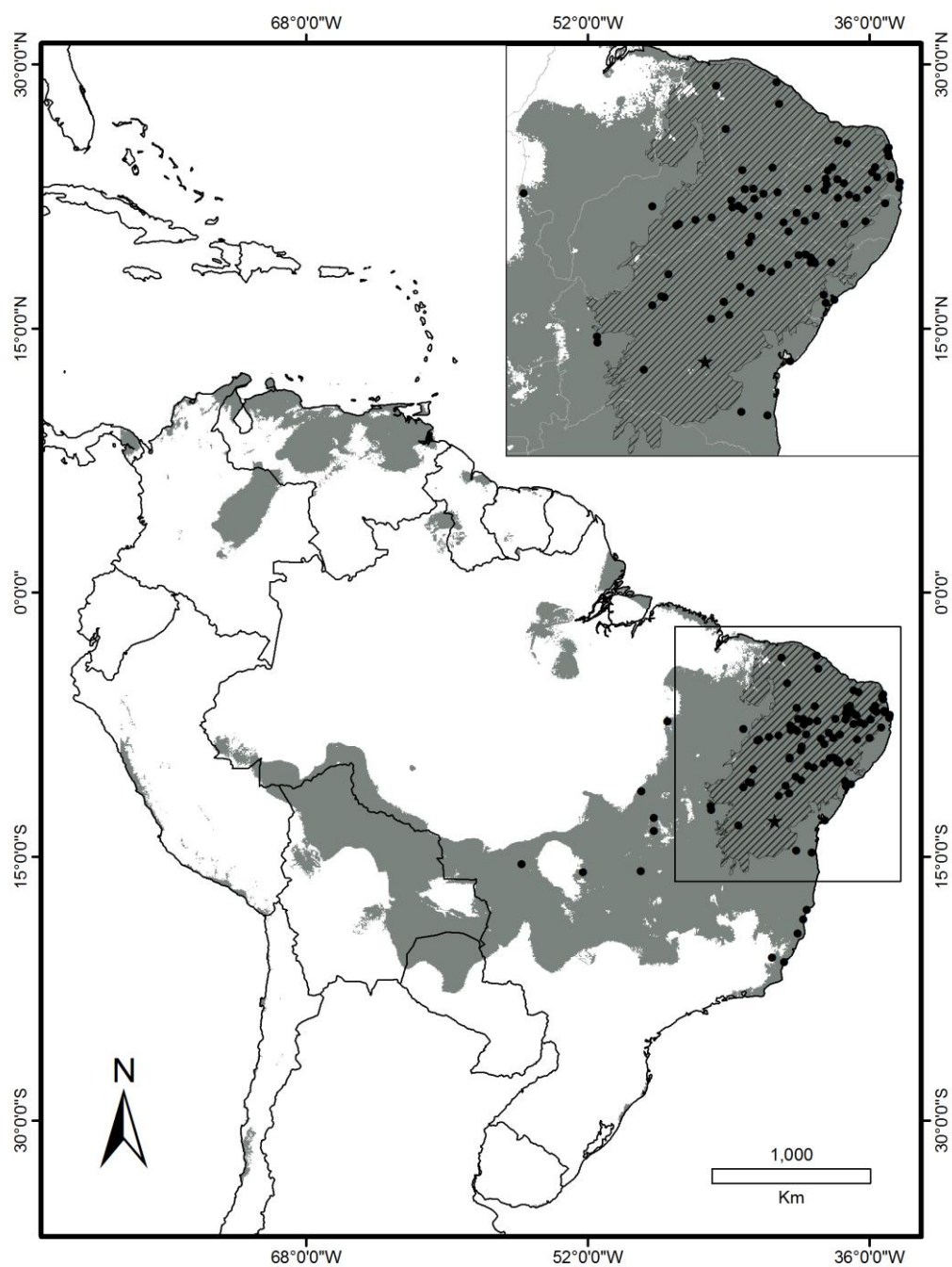


Figura 24 – Distribuição geográfica de *Gymnodactylus geckoides* e *Gymnodactylus vanzolini*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *G. geckoides*; Estrela: registros de ocorrência confirmados para *G. vanzolini*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *G. geckoides* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Gymnodactylus vanzolini Cassimiro & Rodrigues, 2009

Localidade tipo: Serra do Sincorá, Chapada Diamantina, município de Mucugê (13°09' S, 41°24' W), 1000 m de elevação, estado da Bahia, Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Conhecido unicamente da localidade tipo (Figura 24) (Cassimiro & Rodrigues, 2009).

Registros: BRASIL: BAHIA – Serra do Sincorá, Mucugê: Cassimiro & Rodrigues (2009).

Referências adicionais: Cassimiro & Rodrigues (2009).

Phyllopezus Peters, 1877

Phyllopezus periosus Rodrigues, 1986

Localidade tipo: Cabaceiras, Paraíba, Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: A espécie é encontrada unicamente na Caatinga do estado de Sergipe até o Ceará (Figura 25), sempre associado a ambientes rochosos (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Delmiro Gouveia: Número de campo** - 014555 – 014556; Olho D'água do Casado: Número de campo** - 014669 – 014671; Piranhas: MUFAL 1305, MUFAL 1307 – 1309; Quebrangulo: Número de campo** - 993956. CEARÁ – Jaguaribara: MZUSP 93989; Milagres: CHUNB 56581. PARAÍBA – Cabaceiras: MZUSP 59120 – 59124, MZUSP 60806 – 60810; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Campina Grande: MZUSP 90113; Congo: MNRJ 7386 – 7389; Fazenda Almas: FRD 135*; Itaporanga: CHUFPB 61922; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); São João do Cariri: CHUFPB 1955 – 1956. PERNAMBUCO: - Ibimirim: MNRJ 7381 – 7385; Sítio dos Nunes: MZUSP 23067 – 23068; RIO GRANDE DO NORTE – Angicos: MZUSP 80609 – 80611; ESEC do Seridó: Obs. pess.; Lagoa Nova: MNRJ 12584; Serra Negra do Norte: CTI-EES 3117 – 3118 (Freire *et al.*, 2000). SERGIPE – Canindé do São Francisco: MUFAL 3843; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca; CHUFS 178 – 179, CHUFS 422;

Referências adicionais: Rodrigues (1986); Freire *et al.* (2000); Freitas & Silva (2007).

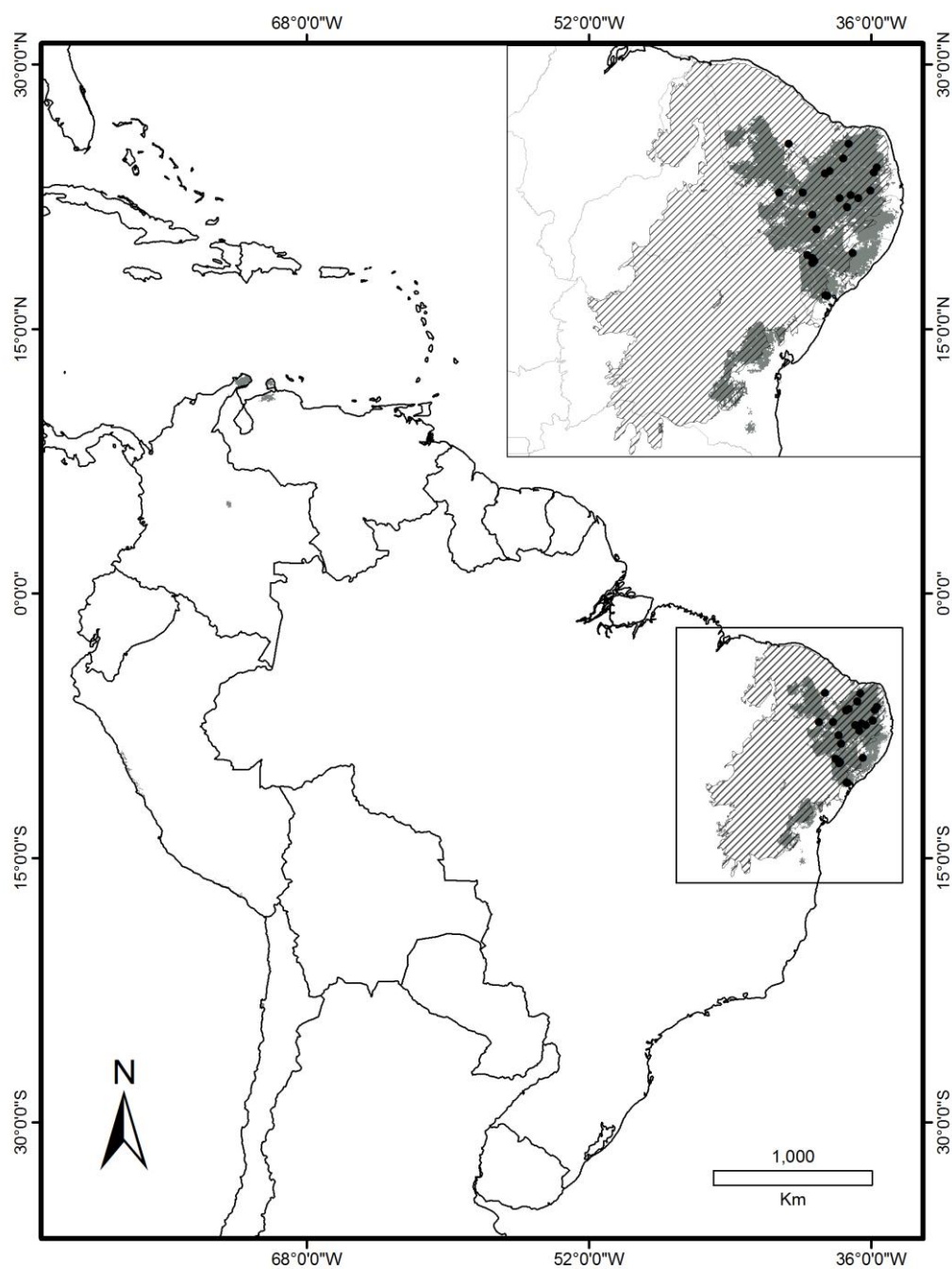


Figura 25 – Distribuição geográfica de *Phyllopezus periosus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *P. periosus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Phyllopezus pollicaris (Spix, 1825)

Localidade tipo: “Goyaz (Brasilien)” [*Phyllopezus goyazensis* Peters, 1877].

Comentários taxonômicos: A espécie é dividida em duas subespécies: *P. pollicaris pollicaris* (Spix, 1825) e *P. pollicaris przewalskii* Koslowsky, 1825 (Vanzolini, 1968). As duas formas são alopátricas, com *P. p. pollicaris* ocorrendo em todo o nordeste na Caatinga e porção leste do Cerrado, e *P. p. przewalskii* no Chaco e porção oeste do Cerrado (Nogueira, 2006). As duas subespécies provavelmente são unidades taxonômicas distintas, portanto consideramos aqui apenas os dados para a subespécie ocorrente no domínio da Caatinga, *P. p. pollicaris*.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocupa toda a Caatinga e a porção leste do Cerrado, nos estados de Piauí, Maranhão, Goiás e Tocantins e norte de Minas Gerais em áreas de campos rochosos (Nogueira, 2006; Freitas & Silva, 2007) (Figura 26).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Delmiro Gouveia: MUFAL 3846, MUFAL 6343; Olho D’água do Casado: MUFAL 6344; Piranhas: MUFAL 6349 – 6351; Quebrangulo: MUFAL 2285; Xingó: MZUSP 79020. BAHIA – Alagoado: MZUSP 93489 – 93497; Barra: MZUSP 100400; Barragem de Itaparica: MZUSP 72531 – 72534; Buritirama: MZUSP 7299; Cachoeira: MZUSP 55847; Caetité: MZUFBA 2366 – 2368; Catinga do Moura: MZUSP 55022 – 55038; Central: MNRJ 19648; Correntina: MZUSP 100044; Coronel João Sá: MZUSP 81028; Curaçá: MZUSP 77165 – 77166; Gentio do Ouro: MZUSP 93488; Guanambi: CHUNB 108 – 112; Ibipêba: CHUNB 48 – 55; Ibiraba, Barra: MZUFBA 2707 – 2710; Ilha do Gado Bravo: MZUSP 93487; Ipirá: MZUFBA 520; Itatim: Freitas & Silva (2007); Itiuba: MZUSP 30703; Jacobina: MZUSP 76293; Lagoa de Itaparica: MZUSP 73931; Lauro de Freitas: CHUNB 8990; Manga: MZUSP 68287, MZUSP 68586; Maracás: Freitas & Silva (2007); Morro do Chapéu: Arias *et al.* (2011b); Mucugê: CHUNB 50457; Palmeiras: MZUFBA 523; Parque Nacional Sete Passagens, Miguel Calmon: MZUFBA 901; Paulo Afonso: MZUSP 3060; Pico das Almas, Rio de Contas: MZUSP 75248 – 75250; Pilão Arcado: MZUFBA 912; Porto Seguro: MZUSP 90013; Queimadas, Barra: MZUSP 74969; Raso da Catarina: MZUSP 62766 – 62769; Rio de Contas: MZUSP 75355; Salvador: CHUNB 11166; Santo Inácio: MZUSP 93482 – 93486; São Desidério: CHUNB 51124; Serra da Jibóia: MZUSP 100045; Taquari: MZUSP 68288; Timbó: Freitas & Silva (2007); Uauá: ZUEC-REP 382, ZUEC-REP 384. CEARÁ – Aiuaba: CHUNB 61897 – 61901; Arajara, Barbalha: MZUSP 51689 – 51690; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Brejo Santo: MNRJ 10794; Coluna: MZUSP 28032; Crato: CHUNB 64616 – 64620; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapina: CHUNB 57415; Jaguaribara: CHUNB 56577; Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Santana do Cariri: MZUSP 54040 – 54051; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Tianguá: CHUNB 57389; Ubajara: ZUEC-REP 3408; Várzea da Conceição: CHUFPB 239. GOIÁS – Alto Paraíso de Goiás: CHUNB 516 – 524; Cana Brava: MZUSP 4072; Parque Estadual da Terra Ronca: CHUNB 33583 – 33585; Minaçu: MZUSP 97243 – 97247; UHE Serra da Mesa: CHUNB 512 – 515. MARANHÃO – Estreito: CHUNB 46. MINAS GERAIS – Diamantina: MZUSP 78411; Extração: MZUSP 56339; Grão Mogol: MZUSP 56870 – 56871; Itaobim: MZUSP 55451 – 55453; Jaíba: MZUFV 268, MZUFV 295; Parque Nacional Cavernas do Peruaçu: MZUSP 99427 – 99436; Pedra Azul: MZUSP 55467 – 55468; Rio Pandeiros: MZUSP 4075; Serra do Cabral: MZUSP 56941.

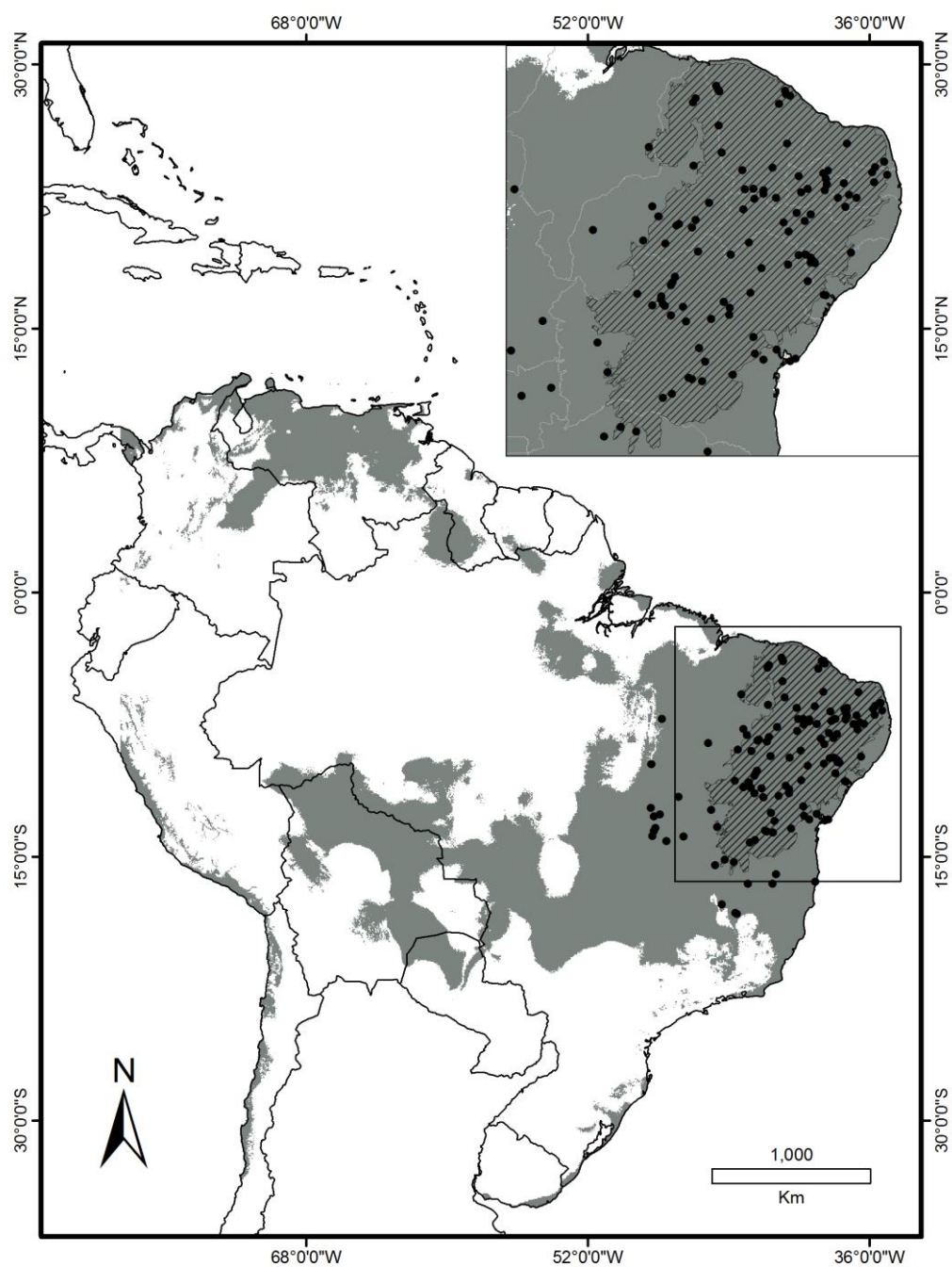


Figura 26 – Distribuição geográfica de *Phyllopezus pollicaris*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *P. pollicaris* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: PARAÍBA – Areia: CHUFPB 1981; Boa Vista: CHUFPB 1979; Cabaceiras: MZUSP 60838 – 60854; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Congo: MNRJ 11210 – 11213; Fazenda Almas: FRD 137*; Itaporanga: CHUNB 61919; Junco do Seridó: MZUSP 44200; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); Patos: CHUNB 61928 – 61930; Piancó: MZUSP 5589; Pico do Jabre: MNRJ 17075 – 17077; São João do Cariri: CHUFPB 1982 - 1987; São José de Espinharas: MZUSP 44514 – 44518; Sousa: MNRJ 2008. PERNAMBUCO – Betânia: Borges-Nojsa & Silva (2005); Carnaubeira da Penha: MZUSP 22225 – 22230; Exu: MZUSP 57792, MZUSP 48022 – 48026; Floresta: MZUSP 23112 – 23113; Ouricuri: MZUSP 57815; Petrolina: CHUNB 15 – 20; Serra Talhada: CHUFPB 206; Sítio dos Nunes: MZUSP 23069 – 23070. PIAUÍ – Canto do Buriti: ZUEC-REP 656 – 657; Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 90151; Gervásio de Oliveira: MZUSP 99831; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 91725; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 92489; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 61031 – 61033; Patos do Piauí: MZUSP 73930; Piripiri: MNRJ 11365; Rio Grande do Piauí: Obs. pess.; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 268; São João do Piauí: CHUNB 56064 – 56067; São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 944; Valença: MZUSP 38457 – 38453. RIO GRANDE DO NORTE – Angicos: MZUSP 80612 – 80621; ESEC do Seridó: FRD 191*; Jundiá: CHUFPB 1990; Serra Negra do Norte: CHUNB 30554 – 30558; SERGIPE – Areia Branca: MZUSP 29797, MZUSP 88113; Canindé do São Francisco: MUFAL 759, MUFAL 934, MUFAL 6348, MZUSP 91686; Itabaiana: MZUSP; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 347; TOCANTINS – Babaçulândia: MZUSP 90986 – 90987; Dianópolis: CHUNB 33586; Paranã: MZUSP 88854; Peixe: MZUSP 95893 – 95897; Lajeado: 96446; São Salvador do Tocantins: MZUSP 98599; UHE Luís Eduardo Magalhães: MZUSP 91146.

Referências adicionais: Vanzolini (1953b; 1968); Freitas & Silva (2007).

Sphaerodactylidae Gamble, Bauer, Greenbaum & Jackman, 2008

Coleodactylus Parker, 1926

Coleodactylus meridionalis Boulenger, 1888

Localidade tipo: Igarassu, Pernambuco, Brasil.

Comentários taxonômicos: As populações encontradas no Cerrado ainda necessitam de maiores revisões, pois apesar de se diferenciarem de *C. brachystoma* (espécie típica de Cerrado), apresentam diferenças consideráveis de tamanho e morfologia quando comparados às populações de *C. meridionalis* da Caatinga do nordeste do Brasil (Nogueira, 2006).

Distribuição: Ocorre por toda a Floresta Atlântica do nordeste do Brasil, desde o rio Jequitinhonha na Bahia até as áreas florestadas do Ceará e Maranhão (Freitas & Silva, 2007 – Figura 27). Registros recentes colocaram a espécie como ocorrente no Cerrado em populações isoladas nos estados de Goiás, Mato Grosso e Tocantins (Nogueira, 2006).

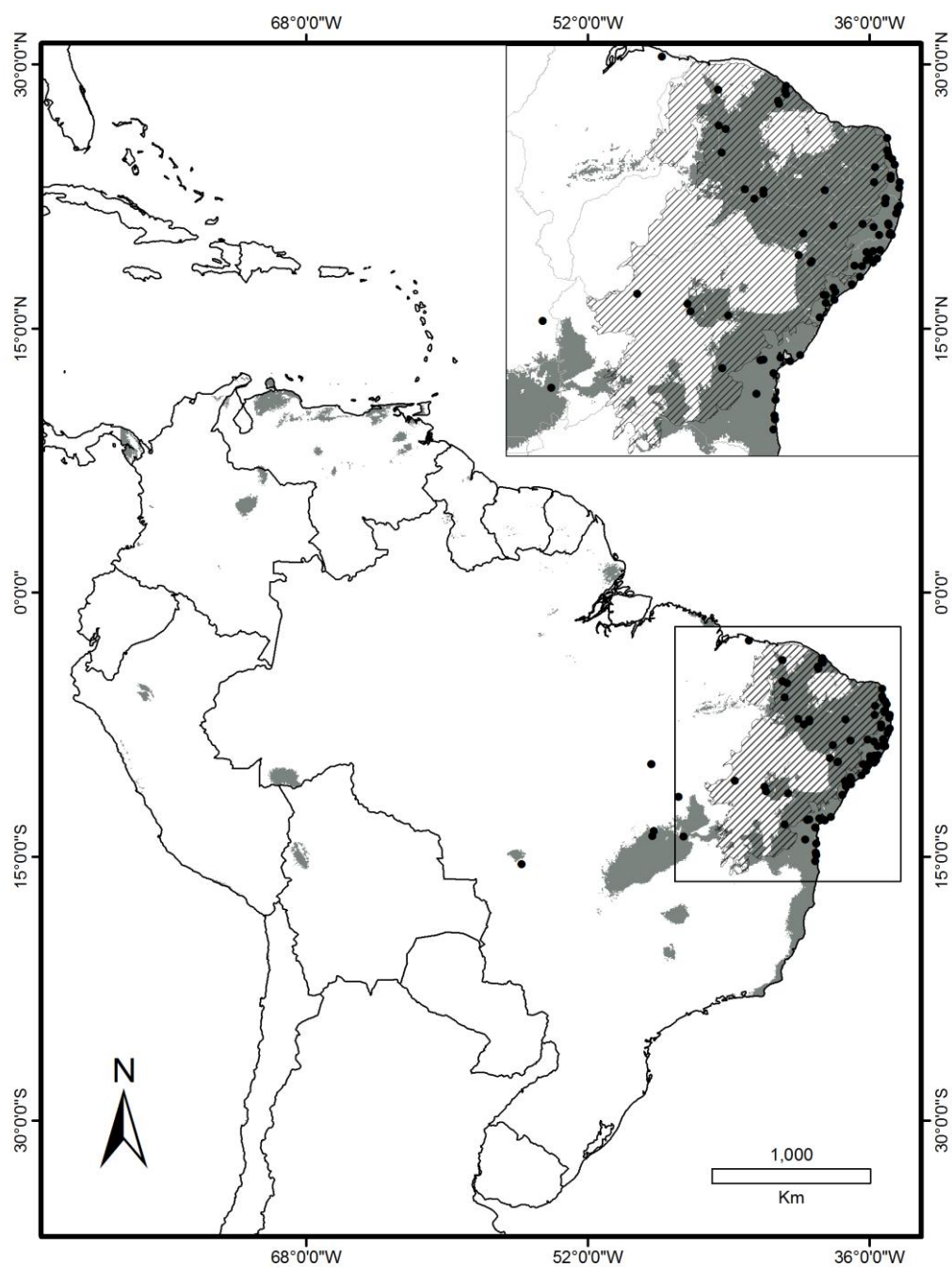


Figura 27 – Distribuição geográfica de *Coleodactylus meridionalis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *C. meridionalis* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre em áreas de Caatinga arbórea que apresentam climas mais amenos (Rodrigues, 2003) (Figura 27). A espécie é claramente ligada a ambientes florestados, mas aparenta ser capaz de se manter em locais onde não existem mais florestas, porém com climas mais amenos do que nas caatingas mais rústicas (Vanzolini *et al.*, 1980; Rodrigues, 2003).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Campo Alegre: MUFAL 4610; Coruripe: MUFAL 6587; Flexeiras: MUFAL 560; Ipioca, Maceió: MUFAL 3565, MUFAL 6037, MUFAL 6087; Maceió: MUFAL 528, MUFAL 3589, MUFAL 4996, MUFAL 6545; Murici: MUFAL 526, MUFAL 560; Passo de Camaragibe: MZUSP 94113 – 94116; Piaçabuçu: MUFAL 248, MUFAL 275; Pilar: MNRJ 11903; Rio Largo: MUFAL 314, MUFAL 395, MUFAL 1636; São Miguel: MZUSP 351 – 352; BAHIA – Arembepe: MZUSP 6570 – 65704; Buritirama: MZUSP 7687; Central: MZUSP 89288 – 89289; MZUSP 89297; Elísio Medrado: MZUSP 96916; Ibirataia: MZUSP 100268 – 100269; Ilhéus: MNRJ 11551; Irecê: MZUSP 36707 – 36708; Itacaré: MZUSP 100270 – 100271; Jussara: MZUSP 89286; Mata Nova: MNRJ 19652 – 19653; Miguel Calmon: MZUFBA 899; Olivença: MZUSP 92287; Paulo Afonso: CHUNB 49862; Salvador: MZUSP 92098 – 92100; São Roque do Paraguaçu: MZUSP 78149; Serra da Jibóia, Elísio Medrado: MZUSP 100276 – 10277; Umburanas: MZUSP 100403 – 100404; Una: MZUSP 89864 – 89870; Valença: MZUSP 78148. CEARÁ – Arajara: MZUSP 51686; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Caucaia: CHUNB 56531; Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: CHUNB 64597 – 54600; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Pacoti: MZUSP 78728, MZUSP 87573 – 87579, MZUSP 88669 – 88677; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Ubajara: ZUEC-REP 3385 – 3400. GOIÁS – Minaçu: Colli *et al.* (2002); Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 35337; UHE Serra da Mesa: MZUSP 81940; MARANHÃO – Barreirinhas: MZUSP 95288. MATO GROSSO – Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002). PARAÍBA – Areia: MZUSP 66106, MZUSP 89294 – 89295; Cabedelo: CHUFPB 3214 – 3218; João Pessoa: MZUSP 59045 – 59051; Mamanguape: MZUSP 59082 – 59086; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); Pico do Jabre: MZUSP 62780 – 62783; REBio Guaribas: CHUFPB 3327. PERNAMBUCO – Água Preta: MZUSP 78383 – 78386; Arcoverde: CHUFPB 963; Bonito: Número de campo – ACF696*; Escada: FRD 260 – 261*; Exu: MZUSP 49149 – 49150, MZUSP 49263 – 49265; Igarassu: MZUSP 8786 – 8787; Ipojuca: CHUFPB 197 - 203; Itamaracá: MZUSP 78351 – 78354; REBio Serra Negra: MZUSP 45755 – 45758, MZUSP 65906 – 65907; Recife: MZUFBA 555 – 556, MZUFBA 623, MZUSP 36700; Reserva Ecológica de Saltinho, Rio Formoso: MZUSP 23127; Reserva Ecológica de Saltinho, Tamandaré: MZUSP 65669 – 65672; Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 66046, MZUSP 66086, MZUSP 66126 – 66127; Tamandaré: CHUNB 29068; Timbaúba: MZUSP 59060 – 59066; Vicência: MZUSP 23105, MZUSP 23128; RIO GRANDE DO NORTE – Baía Formosa: MUFAL 57 – 61; Cabo de São Roque, Maxaranguape: MUFAL 5; Baía Formosa: MUFAL 35 – 36; Nísia Floresta: MUFAL 30; Parnamirim: MUFAL 13 – 14, MUFAL 21; Tibau do Sul: MUFAL 53; SERGIPE – Barra dos Coqueiros: MZUSP 98451; Capela: CHUFS 512 – 513; Canindé do São Francisco: MUFAL 6372 – 6373, MUFAL 6547; Carmópolis: MZUSP 49267 – 49269; Indiaroba: MNRJ 15032; Itaporanga D’ajuda: MNRJ 18512 – 18514; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 167, MZUSP 88090 – 88094; TOCANTINS – Dianópolis: CHUNB 35087 – 35091; Lajeado: MZUSP 100549; UHE Luís Eduardo Magalhães, Lajeado: MZUSP 94882 – 94888.

Referências adicionais: Vanzolini (1957; 1968).

AUTARCHOGLOSSA Camp, 1923

Anguidae *sensu* Estes *et al.* (1988)

Diploglossus Wiegmann, 1834

Diploglossus lessonae Peracca, 1890

Localidade tipo: Brasil

Distribuição geográfica e Ocorrência na Caatinga: Ocorre em toda a Caatinga do nordeste brasileiro (Figura 28), ocupando também matas estacionais em áreas de transição com a Floresta Atlântica e brejos de altitude no estado do Ceará (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Flexeiras: MUFAL 1403, MUFAL 1648; Ipioca, Maceió: MUFAL 4613; Piranhas: MZUFBA 119, MZUFBA 521; BAHIA – Catinga do Moura: MZUSP 55404 – 55407; Miguel Calmon: MZUFBA 551; Santo Amaro: MBML 2294 – 2295; São Gonçalo: MNRJ 2026. CEARÁ – Arajara, Barbalha: MZUSP 52306 – 52336; Balneário Pirapora, Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Chapada do Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Crato: CHUNB 6436, CHUNB 6438; Daniel de Queiroz: Número de campo – ACF 847*; Santana do Cariri: MZUSP 54284; Serra de Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Serra de Baturité, Guarimiranga: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Serra de Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; PARAÍBA – Cabaceiras: Rodrigues (1986); Campina Grande: MZUSP 95086, MZUSP 96846; Guarabira: MZUSP 65604; Gurinhém: MZUSP 68673; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); Pico do Jabre: CHUFPB 3518; São José da Mata: MNRJ 20330 - 20331. PERNAMBUCO – Exu: MZUSP 47719 – 47725, MZUSP 50275 - 50279; Jaboatão dos Guararapes: MZUSP 7049; João Alfredo: MZUSP 7039 – 7047; REBio de Serra Negra, Inajá: MUFAL 7270; Timbaúba: MZUSP 7048; RIO GRANDE DO NORTE – Coitezeiras, Nova Cruz: MZUSP 9938 – 9940; Natal: CHUFPB 3517. SERGIPE – Canindé do São Francisco: MUFAL 5306, MUFAL 5971; Capela: MNRJ 17611; Indiaroba: MNRJ 15034; Malhada dos Bois: CHUFS 470; Simão Dias: CHUFS 334, CHUFS 376;

Referências adicionais: Peracca (1890); Vanzolini (1958); Vitt (1985).

Ophiodes Wagler, 1828

Borges-Martins (1998) revisou taxonomicamente o gênero *Ophiodes* e obteve resultados fundamentais para um melhor entendimento de sua diversidade na América do Sul. Apesar de tal estudo não se encontrar publicado, seguimos a taxonomia sugerida no trabalho citado por fornecer uma visão melhor da diversidade do grupo, cuja taxonomia era tradicionalmente confusa. O nome a seguir é, portanto, utilizado de modo

informal para distinguir uma população de uma provável nova espécie do gênero *Ophiodes* encontrada em áreas marginais do domínio morfoclimático da Caatinga.

Ophiodes sp. 2 (*sensu* Borges-Martins, 1998)

Comentários taxonômicos: Segundo Borges-Martins (1998), a espécie apresenta maior parentesco com *Ophiodes* sp. 1, que ocorre no Cerrado e com registros no domínio atlântico no estado do Paraná. Diferencia-se desta por apresentar membros posteriores um pouco mais desenvolvidos, linhas escuras dorsolaterais em menor número, corpo mais robusto e coloração esverdeada-escura (castanho em *Ophiodes* sp. 1).

Distribuição: Distribui-se pelo Cerrado, no domínio Atlântico e em localidades isoladas da Caatinga (Borges-Martins, 1998; Nogueira, 2006 – Figura 29). Na região da Serra da Canastra ocorre em sintopia com *Ophiodes striatus*.

Ocorrência na Caatinga: Ocorre em localidades isoladas na Caatinga, em brejos de altitude do Ceará e em áreas marginais do domínio nos estados da Bahia, Pernambuco e Sergipe (Figura 32).

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Atalaia: MUFAL 2456; União dos Palmares: MUFAL 2210; Viçosa: MUFAL 342. BAHIA – Mucuri: MBML 1955 – 1956; São Felipe: MZUSP 36922. CEARÁ – Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ubajara: ZUEC-REP 3420, ZUEC-REP 3427. GOIÁS – Cana Brava: MZUSP 4326. MINAS GERAIS – Belmiro Braga: CHUNB 1408 – 1409; Caeté: MZUSP 14004; Diamantina: MZUSP 56377; Itambé do Mato Dentro: MZUSP 57504; Itaúna: MZUSP 88120; Juiz de Fora: MZUSP 29605; Peirópolis: MZUSP 12738; Parque Nacional Serra da Canastra: MZUSP 94413 - 94418; Serra do Caraça: MZUSP 57473; Unaí: CHUNB 32868; Vespasiano: MZUSP 3215 – 3218; PERNAMBUCO – Bonito: Número de campo – ACF 730*; Brejão: MZUSP 45746; SERGIPE – Nossa Senhora do Socorro: MZUSP 81029; SÃO PAULO – Rubião Júnior: MZUSP 4311.

Referências adicionais: Borges-Martins (1998); Nogueira (2006).

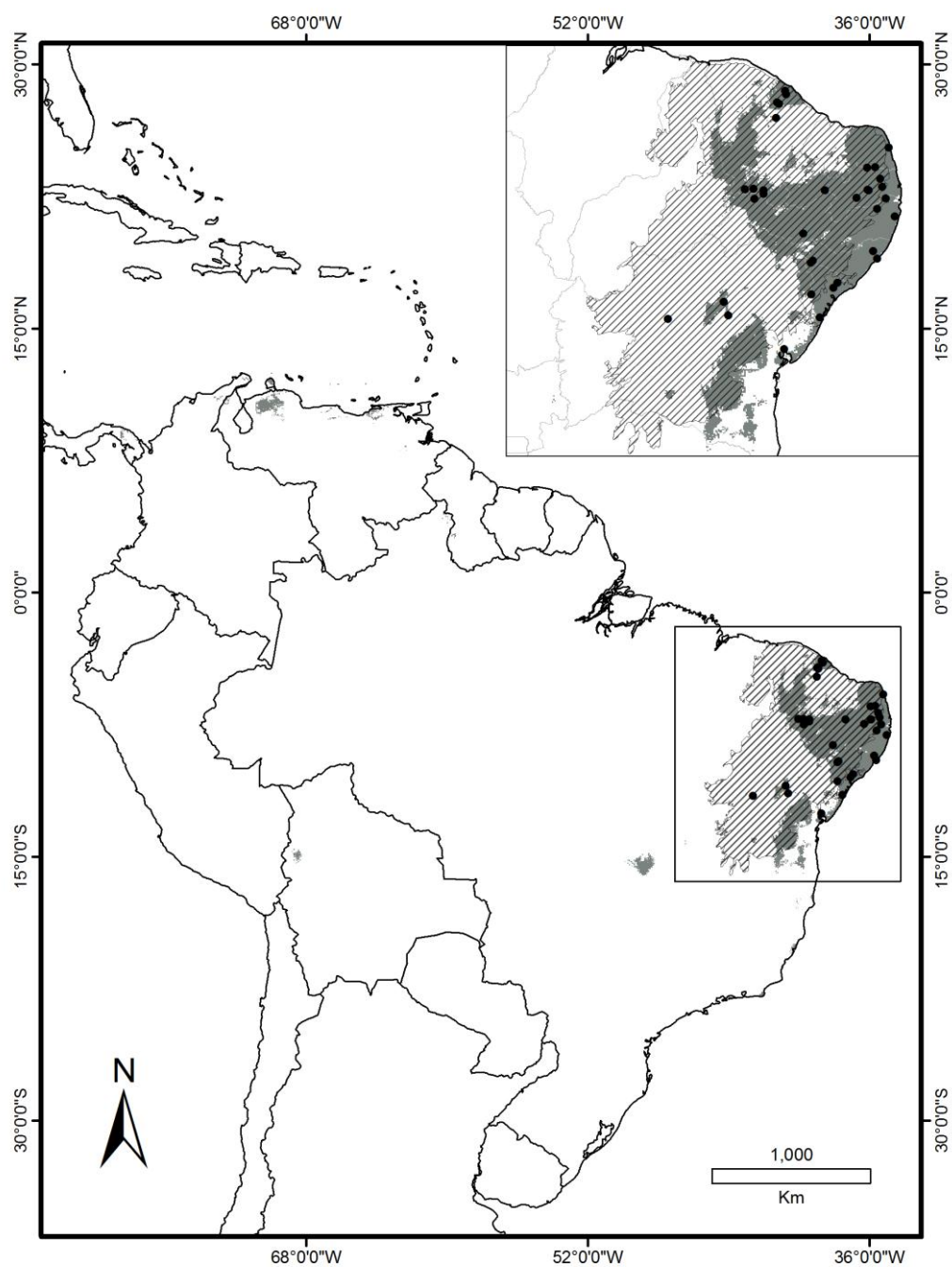


Figura 28 – Distribuição geográfica de *Diploglossus lessonae*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *D. lessonae* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

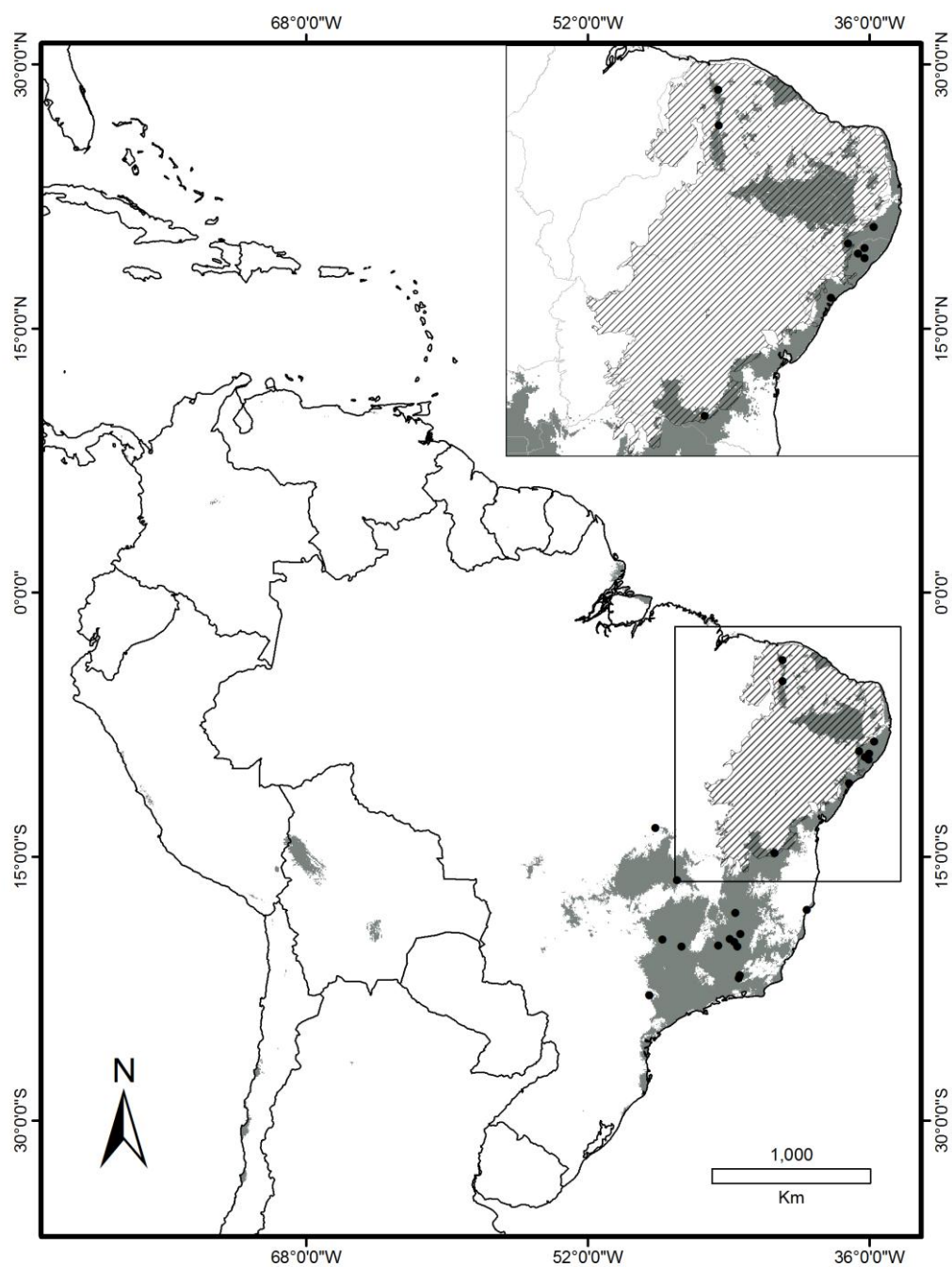


Figura 29 – Distribuição geográfica de *Ophiodes* sp. 2. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *Ophiodes* sp. 2 apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Teiidae

Ameiva Meyer, 1795

Ameiva ameiva (Linnaeus, 1758)

Localidade tipo: “America”; Brasil (segundo Schwartz & Henderson, 1991: 181); restrito a “confluência do Rio Cottica e Preica Creek, Suriname” por Hoogmoed, 1973.

Comentários taxonômicos: Skuk (1999) revisou a espécie e apontou grande homogeneidade morfológica, mantendo como uma única espécie para todo o continente.

Distribuição: Ocorre em todo o continente sulamericano, desde a Venezuela e Colômbia até a Argentina (Nogueira, 2006).

Ocorrência na Caatinga: Ocupa toda a Caatinga nordestina e as porções do domínio no estado de Minas Gerais (Figura 30).

Registros: BRASIL: ACRE – Cruzeiro do Sul: CHUNB 1701 – 1706; Manoel Urbano: MZUSP 32117; Marechal Thaumaturgo: ZUEC-REP 1606 – 1607; Plácido de Castro: MZUSP 5705; Porto Acre: CHUNB 2112; Porto Walter: MZUSP 53505 – 53506; Rio Branco: MZUSP 5686 – 5697. ALAGOAS – Atalaia: MUFAL 2465; Barra de São Miguel: MUFAL 6097; Campo Alegre: MUFAL 6771; Cana Brava: MUFAL s/número; Coruripe: MUFAL 6605 – 6606; Flexeiras: MUFAL 1558; Ipioca, Maceió: MUFAL 3875; Maceió: MUFAL 2987, MUFAL 4679; Murici: MUFAL 2178; Palmeira dos Índios: MZUSP 3596; Passo de Camaragibe: MZUSP 99014 – 99015; Piaçabuçu: MUFAL 74; Piranhas: MZUFBA 8, MZUFBA 77, MZUFBA 522; Quebrangulo: MUFAL 2292, MZUSP 6080 – 6090; Rio Largo: MUFAL 448; Viçosa: Número de campo – 952665; Xingó: MZUSP 79131. AMAPÁ – Macapá: CHUNB 2376 – 2379; Oiapoque: MZUSP 7250 – 7254; Serra do Navio: MZUSP 13149 – 13154; Tartarugalzinho: CHUNB 143 – 156. AMAZONAS – Alvarães: MZUSP 47676 – 47700; Benjamin Constant: MZUSP 8364 – 8367; Beruri: MZUSP 38317 – 38359; Boca do Acre: MZUSP 37028 – 37088; Borba: 41386 – 41399; Cantagalo: MZUSP 25538 – 25540; Carvoeiro: MZUSP 25965 – 25967; Fonteboa: MZUSP 17493 – 17495; Humaitá: CHUNB 2577 – 2582; Lago Amanã: MZUSP 57081; Manaus: CHUNB 2162; Maraã: MZUSP 46474 – 46601; Maués: MZUSP 26777; Nova Olinda: MZUSP 26051 – 26054; Parintins: MZUSP 19032 – 19037; Rio Japurá: MZUSP 46731 – 46774; Rio Negro: MZUSP 29108 – 29150; Rio Preto da Eva: MZUSP 26819; São Gabriel da Cachoeira: CHUNB 13321 – 13326; São João: MZUSP 29093 – 29095; São Sebastião: MZUSP 16616 – 16686; Santo Antônio do Içá: MZUSP 32356 – 32481; Tabatinga: MZUSP 51453 – 51528; Taracuá: MZUSP 10349 – 10352; Tefé: MZUSP 32906; Terra Preta do Manacapuru: MZUSP 32937 – 32948; Urucurituba: MZUSP 19060. BAHIA – Anagé, Poções: MZUFBA 918 – 919; Andaraí: MZUSP 10164; Arraial D’ajuda, Porto Seguro: MBML 1060 – 1072; Barra: MZUSP 100393; Barra do Itaípe: MZUSP 17247 – 17250; Caetité: MZUFBA 2315; Catinga do Moura: MZUSP 55285 – 55289; Chapada Diamantina: MZUSP 95066; Cocos: CHUNB 1169 – 1172; Correntina: CHUNB 2106 – 2107; Cristalândia, Brumado: MZUFBA 2398; Curaçá: MUFAL 8215 – 8217; Eunápolis: ZUEC-REP 358 – 359; Gameleira, Lagoa de Itaparica: MZUZP 23835 – 23836; Gentio do Ouro: MZUSP 93512; Ibipêba: CHUNB 2226 – 2229; Ibiraba, Barra: MZUSP 72369 – 72373; Ilha de Gado Bravo: MZUSP 72374; Irecê: ZUEC-REP 216; Jaborandi: MNRJ 18754 – 18774; Jatobá: MNRJ 19479; Jeremoabo: MZUSP 30073 – 30079; Miguel Calmon: MZUFBA 887 – 889; Morro do Chapéu: Arias *et al.* (2011b); Mucugê: MZUSP 57241 – 57242; Mucuri: MBML 864; Mussurunga, Salvador: MZUSP 100048; Narandiba: CHUFPB 3925; Nova Souré: MZUSP 65960; Poções: MZUSP 12161 – 12165; Porto Seguro, CEPLAC: CHUFPB 2675 – 2676; Piabanha: MZUSP 99939; Salvador: MZUSP 54740 – 54741; Santa Rita de Cássia: MZUSP 7289 – 7291; Santo Amaro: MBML 2297; Santo Inácio:

Arias *et al.* (2011b); São Desidério: MZUSP 100046; Serra da Jibóia, Elísio Medrado: MZUSP 100055; Una: MZUSP 89908 – 89926. CEARÁ – Arajara, Barbalha: MZUSP 51996 – 52020; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Beberibe: MZUSP 28171 – 28180; Coluna: MZUSP 28033 – 28044; Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: CHUNB 64630 – 64634; Daniel de Queiroz: Número de campo – ACF 731*; Floresta Nacional do Araripe, Crato: MZUSP 46197; Fortaleza: MZUSP 5970; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: MZUSP 5967 – 5968; Pacajus: MZUSP 27232 – 27237; Pacatuba: CHUNB 56545; Santana do Cariri: MZUSP 54285 – 54295; São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 786*; Ubajara: ZUEC-REP 3419; Várzea da Conceição: CHUFPB 237. DISTRITO FEDERAL – Área Alfa (CIAB): MZUSP 93151 – 93152; Brasília: CHUNB 24054. ESPÍRITO SANTO – Aracruz: MBML 214; Colatina: MZUSP 559; Conceição da Barra: MBML 250; Guarapari: MZUSP 8837 – 8839; Itaúnas: MZUSP 2638 – 2640; Linhares: ZUEC-REP 1790; Nova Almeida: MZUSP 36344; Pedro Canário: ZUEC-REP 361; Presidente Kennedy: CHUNB 1688 – 1699; Santa Teresa: MBML 509; Santo Antônio: MZUSP 10340; São Mateus: MBML 135 - 138. GOIÁS – Alvorada do Norte: CHUNB 32878 – 32879; Aruanã: MZUSP 2618; Baliza: CHUNB 2230 – 2239; Caldas Novas: CHUNB 12635; Cana Brava: MZUSP 844 – 847; Cristalina: CHUNB 6670; Goiânia: MZUSP 6216; Iaciara: CHUNB 2101 – 2102; Jataí: MZUSP 3321; Minaçu: Colli *et al.* (2002); Mineiros: ZUEC-REP 1961; Niquelândia: CHUNB 2167; Nova Roma: MZUSP 69375; Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 12882; Parque Nacional Chapada dos Veadeiros: CHUNB 2104 – 2105; Parque Nacional das Emas: CHUNB 12725 – 12726; PCH Santa Edwiges I, Mambá: MZUSP 99122; Pirenópolis: CHUNB 2221 – 2225; Posse: MZUSP 69393; Rio Verde: CHUNB 26951; Santa Rita do Araguaia: MZUSP 69656 – 69659; São Miguel do Araguaia: MZUSP 13584; UHE Cana Brava: MZUSP 92781 – 92811; UHE Corumbá IV: MZUSP 99020; UHE Serra da Mesa: CHUNB 6118. MARANHÃO – Alcântara: ZUEC-REP 3322 – 3324; Barra do Corda: MZUSP 5983 – 5998; Imperatriz: MZUSP 13147 – 13148; Itapicuru Mirim: MZUSP 28202; São Luís: MZUSP 60595 – 60596; UHE Estreito: MZUSP 99295. MATO GROSSO – Alto Araguaia: MZUSP 69653 – 69654; Apiacás: MZUSP 81625 – 81632; Aripuanã: MZUSP 81541 – 81550; Barra do Garças: Colli *et al.* (2002); Buriti: MZUSP 28410; Chapada dos Guimarães: CHUNB 2206 – 2209; Cocalinho: MZUSP 83061 – 83073; Diamantino: MZUSP 30740 – 30741; Itaúba: MZUSP 99314; Itiquira: MZUSP 99348; PI do Xingú: MZUSP 9806; Estação Ecológica Serra das Araras: MZUSP 94663 – 94665; Itiquira: MZUSP 54839; Poconé: MZUSP 52856 – 52857; Porto Espiridião: MZUSP 45648 – 45683; Rio das Mortes: MZUSP 6205 – 6209; São Félix do Araguaia: MZUSP 39587 – 39596; Santo Antônio do Leverger: MZUSP 45063; Tesouro: MZUSP 99278. MATO GROSSO DO SUL – Aquidauana: MZUSP 72791 – 72792; Bataipora: MZUSP 77691 – 77694; Bodoquena, Fazenda Califórnia: MZUSP 94656 – 94662; Campo Grande: MZUSP 10414; Corumbá: CHUNB 2169; Coxim: MZUSP 909; Iguatemi: MZUSP 19400; Miranda: MZUSP 40705 – 40706; Salobra: MZUSP 7027; Santa Luzia: MZUSP 19401; Três Lagoas: ZUEC-REP 3502 – 3504; UHE Sérgio Motta: MZUSP 87645 – 87646; Urucum: MZUSP 7028 – 7033. MINAS GERAIS – Araguari: MZUSP 634; Arceburgo: MZUSP 36960 – 36961; Arinos: CHUNB 37269 – 37271; Buritis: MZUSP 67186 – 67192; Campos Altos: CHUNB 2270; Caratinga: MZUSP 68303 – 68304; Chapada Gaúcha: CHUNB 34116; Esmeraldas: ZUEC-REP 353; Extração: MZUSP 78123; Grão Mogol: MZUSP 56914 – 56918; Itaobim: MZUSP 55463; Jaíba: MZUFV 199; Mamonas: MZUFV – 480; Montezuma: MZUSP 10113; Paracatu: CHUNB 2219 – 2220; Parque Nacional Grande Sertão Veredas: MZUSP 94645 – 94655; Parque Nacional Serra da Canastra: MZUSP 94671; Peirópolis: MZUSP 13600; Poté: MZUFV 431; Santa Fé de Minas: CHUNB 5623 – 5627; Santana do Riacho: ZUEC-REP 520; Serra do Cipó: MZUSP 54895 – 54896; Sete Lagoas: MZUSP 11887; Turmalina: MZUFV 248; Uberaba: MZUSP 6156 – 6158; Uberlândia: MZUSP 8469; Unaí: CHUNB 30899 – 30900. PARÁ – Altamira: CHUNB 34883; Alter do Chão: MZUSP 18166 – 18183; Belém: MZUSP 9926; Breves: MZUSP 15011 – 15016; Cachimbo: MZUSP 5675 – 5684; Cametá: MZUSP 19640; Campos do Ariramba: MZUSP 53895 – 53896; Itaituba: MZUSP 20260; Jacareacanga: ZUEC-REP 3361; Jatobal: MZUSP 19682; Monte Alegre: CHUNB 31066 – 31094; Novo Progresso: CHUNB 2380 – 2390; Óbidos: MZUSP 79402; Oriximiná: MZUSP 12580 – 12605; Parauapebas: CHUNB 2871 – 2901; Rio Trombetas: MZUSP 11989; Santarém: CHUNB 2500 – 2520; Taperinha: MZUSP 14312 – 14318. PARAÍBA – Areia: MZUSP 65886 – 65887, MZUSP 65892; Cabaceiras: CHUFPB 2668; Cabedelo: CHUFPB 2660; Fazenda Almas: Obs. pess.; Gurinhém: MZUSP 68667 – 68672; João Pessoa: CHUFPB 2641 – 2644; Junco do Seridó: MZUSP 44205 – 44210; Mamanguape: CHUNB 29057; Mogeiro: MZUSP 6075 – 6076; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); REBio Guaribas: REBio Guaribas: CHUFPB 2650 – 2655; São José da Mata: MNRJ 20345; São José de Espinharas: MZUSP 44619 – 44620; Sapé: CHUFPB 2665 – 2667. PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 21570 – 21578; Arcoverde: CHUFPB 233; Carnaubeira da Penha: MZUSP 22272 – 22277; Caruaru: MZUSP 8664 – 8667; Exu: MZUSP 46144 – 46150; Floresta: MZUSP 23116; Limoeiro: MZUSP 7104; Nascente: CHUFPB 772; Pesqueira: MZUSP 6077; Recife: MZUSP 6074; Serra Talhada:

CHUFPB 770 – 771; Sítio dos Nunes: MZUSP 23049 – 23053; Trindade: CHUFPB 450; Vicência: MZUSP 23096. PIAUI – Açude Caldeirão: MZUSP 5959; Eliseu Martins: CHUNB 56121 – 56122; Estação Ecológica de Uruçuí-Una: MZUSP 90186 – 90225; Parque Nacional Serra das Confusões: ZUEC-REP 2634 – 2636; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 60710 – 60715; Paulistana: CHUFPB 221; Pavussu: CHUFPB 224 – 225; Piriri: MZUSP 5959; Ribeiro Gonçalves: CHUNB 57007 – 57008; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 226; São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 875; Teresina: MZUSP 5963 – 5966; Valença do Piauí: MZUSP 38694 – 38700. RIO DE JANEIRO – Cabo Frio: MZUSP 861; Macaé: MZUSP 54647 – 54648; Maricá: CHUNB 2242 – 2259; Miguel Pereira: MZUSP 65386; Quissamã: MBML 2077; Rio de Janeiro: MZUSP 7310 – 7311. RIO GRANDE DO NORTE – Maxaranguape: MZUSP 43669 – 43674; Natal: CHUFPB 2683 – 2685; Ponta Negra: MZUSP 8145; Presidente Juscelino: MZUSP 44194 – 44198; Tangará: CHUFPB 2686. RONDÔNIA – Alto Paraíso: MZUSP 61888; Ariquemes: MZUSP 61874; Cachoeira de Nazaré: MZUSP 66336; Costa Marques: CHUNB 29276 – 29278; Guajará-Mirim: CHUNB 22088 – 22123; Montenegro: MZUSP 89470; Pimenta Bueno: CHUNB 18600 – 18629; Porto Velho: MZUSP 64870; Príncipe da Beira: MZUSP 13589 – 13591; Vilhena: CHUNB 9712 – 9716. RORAIMA – Apiaú: MZUSP 69050 – 69056; Boa Vista: CHUNB 2505; Cachoeira do Cujubim: MZUSP 54346; Ilha de Maracá: MZUSP 66681; Missão Catrimani: MZUSP 73437; Normandia: MZUSP 79242 – 79244; Santa Maria do Boiaçu: MZUSP 31667; Serra de Parima: MZUSP 9774; Surumu: MZUSP 13523; Tepequém: MZUSP 70852 – 70857. SANTA CATARINA – Corupá: MZUSP 6193. SÃO PAULO – Adamantina: MZUSP 28201; Américo Brasiliense: ZUEC-REP 1861; Araçatuba: ZUEC-REP 1074; Bauru: MZUSP 42689; Cajuru: MZUSP 10359; Catanduva: MZUSP 75186; Cristais Paulista: MZUSP 635; Descalvado: ZUEC-REP 2904 – 2905; Estação Ecológica de Assis: MZUSP 100083; Franca: MZUSP 404; Holambra: MZUSP 100648; Indaiatuba: ZUEC-REP 354; Mogi-Mirim: ZUEC-REP 2186; Rancharia: MZUSP 6170; Ribeirão Preto: MZUSP 17438; Santa Rita do Passa Quatro: MZUSP 2881; São José do Rio Preto: MZUSP 6162; Sorocaba: MZUSP 42848. SERGIPE – Areia Branca: MZUSP 29798 – 29799; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 88. TOCANTINS – Aliança do Tocantins: CHUFPB 2682; Araguacema: MZUSP 6228; Araguaína: MZUSP 88169 – 88170; Araguatins: MZUSP 12963; Bom Jesus do Tocantins: CHUNB 37289; Couto Magalhães: MZUSP 69850; Cristalândia: MZUSP 78361; Dianópolis: CHUNB 32877; Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins: MZUSP 94669; Guaraí: MZUSP 91122; Gurupi: MZUSP 57030 – 57035; Ilha do Bananal: MZUSP 6218; Ipueiras: MZUSP 91201 – 91218; Mateiros: CHUNB 27137 – 27156; Paranã: CHUNB 32880; Pedro Afonso: MZUSP 6227; Peixe: MZUSP 88715 – 88720; Sandolândia: MZUSP 81409; São Salvador do Tocantins: MZUSP 89144 – 89150; Tocantínia: MZUSP 9915; UHE Luís Eduardo Magalhães: CHUNB 11227 – 11228. **ARGENTINA:** Águas Calientes: MZUSP 4052; Santa Fé: Gallardo (1969); Soledad: MZUSP 2966. **COLÔMBIA:** AMAZONAS – Leticia: FPR 24256; Miriti-Paraná: FPR 24289; Puerto Nariño: FPR 24319. CAQUETÁ – Florencia: FPR 24268; San Vicente del Cáguan: FPR 24295. GUAINÍA – Puerto Colombia: FPR 24300. GUAVIARE – El Retorno: FPR 24302. META – San Juan de Arama: FPR 24325; San Martín: FPR 24303; Uribe: FPR 24324; Villavicencio: MZUSP 44823 – 44827; Vista Hermosa: FPR 24326. PUTUMAYO – Puerto Leguizamo: FPR 24327; Putumayo: FPR 24311. VAUPÉS – Mitú: FPR 24314; Vila Fátima: FPR 24329; Taraira: FPR 24255. VICHADA – Vichada: FPR 24316. **PERU:** Estiron: MZUSP 13474 – 13493; Iquitos: MZUSP 39400. **SURINAME:** Langamankondre: MZUSP 11925 – 11944. **VENEZUELA:** Altigracia de Orituco: MZUSP 57585; Guaraunos: MZUSP 53560 – 53561; Caracas: MZUSP 8306.

Referências adicionais: Vanzolini (1980); Vitt & Colli (1994); Skuk (1999 – dados não publicados); Dos Santos *et al.* (2007).

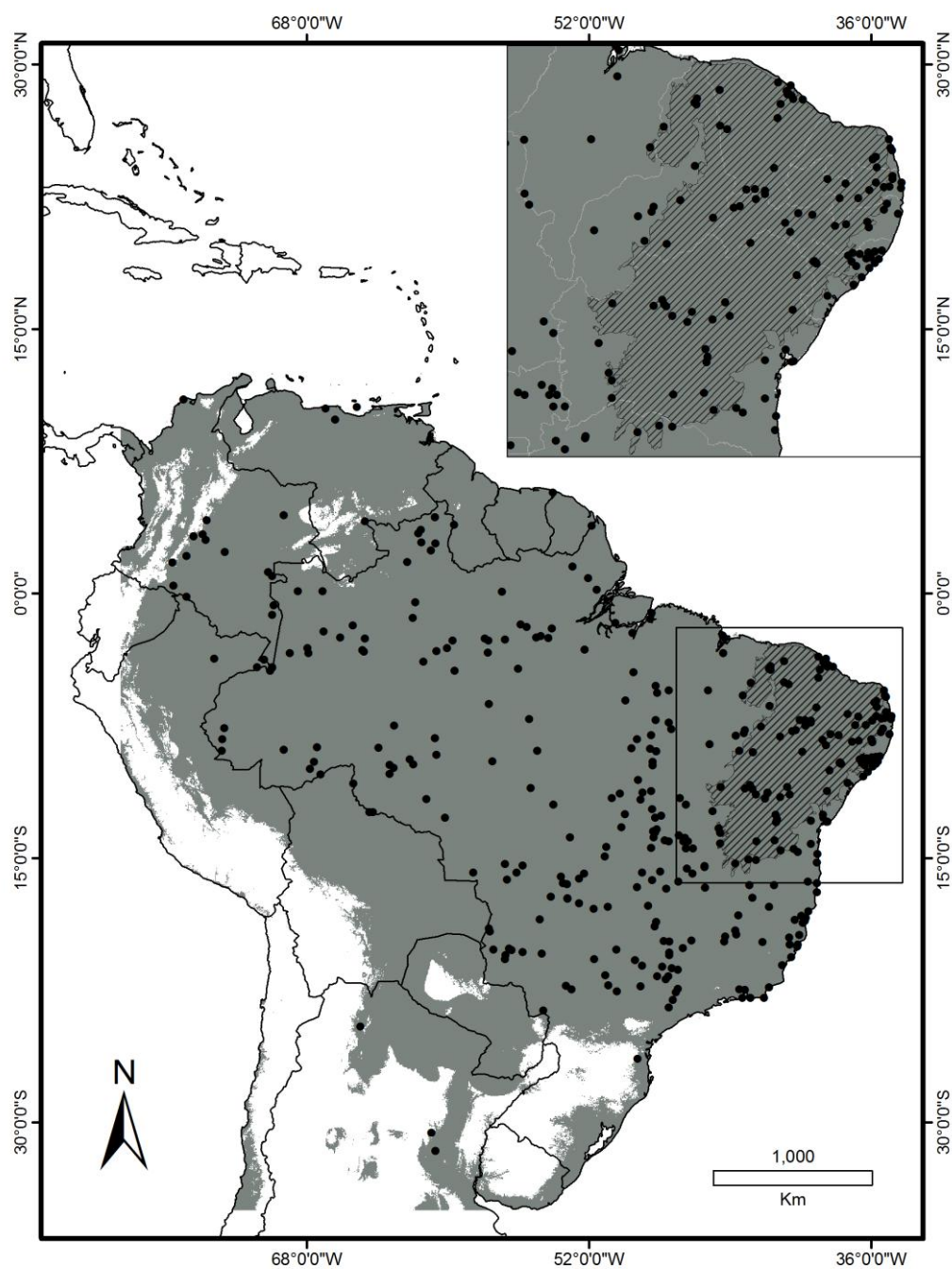


Figura 30 – Distribuição geográfica de *Ameiva ameiva*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *A. ameiva* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Cnemidophorus Wagler, 1830

Cnemidophorus confusionibus Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011

Localidade tipo: Toca da Cabocla (8°55'28"S, 43°26'58"W), Parque Nacional da Serra das Confusões, município de Caracol, estado do Piauí, Brasil, altitude 450m.

Comentários taxonômicos: Veja *Cnemidophorus* gr. *ocellifer* abaixo.

Distribuição: Ocorre em áreas de transição entre Caatinga e Cerrado no estado do Piauí (Arias *et al.*, 2011a).

Ocorrência na Caatinga: Registrado para áreas de Caatinga inseridas na área do Parque Nacional Serra das Confusões (Arias *et al.*, 2011a – Figura 31).

Registros: **BRASIL:** PIAUÍ – Parque Nacional Serra das Confusões: Arias *et al.* (2011); Pavussu: CHUFPB 37, CHUFPB 40; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 244, CHUFPB 246.

Referências adicionais: Arias *et al.* (2011a; 2011b).

Cnemidophorus cyanurus Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011

Localidade tipo: Morro do Chapéu (11°33'10" S, 41°09'02" W), estado da Bahia, Brasil, elevação 995m.

Comentários taxonômicos: Veja *C.* gr. *ocellifer* abaixo.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se pelo complexo da Serra do Espinhaço, na porção norte da Chapada Diamantina no município de Morro do Chapéu e no município de Santo Inácio, localizado na região de dunas do Rio São Francisco (Arias *et al.*, 2011b – Figura 31).

Registros: BAHIA – Morro do Chapéu: MZUSP 56115 – 56127, MZUSP 65781; Santo Inácio: MZUSP 72420 – 72421.

Referências adicionais: Arias *et al.* (2011b).

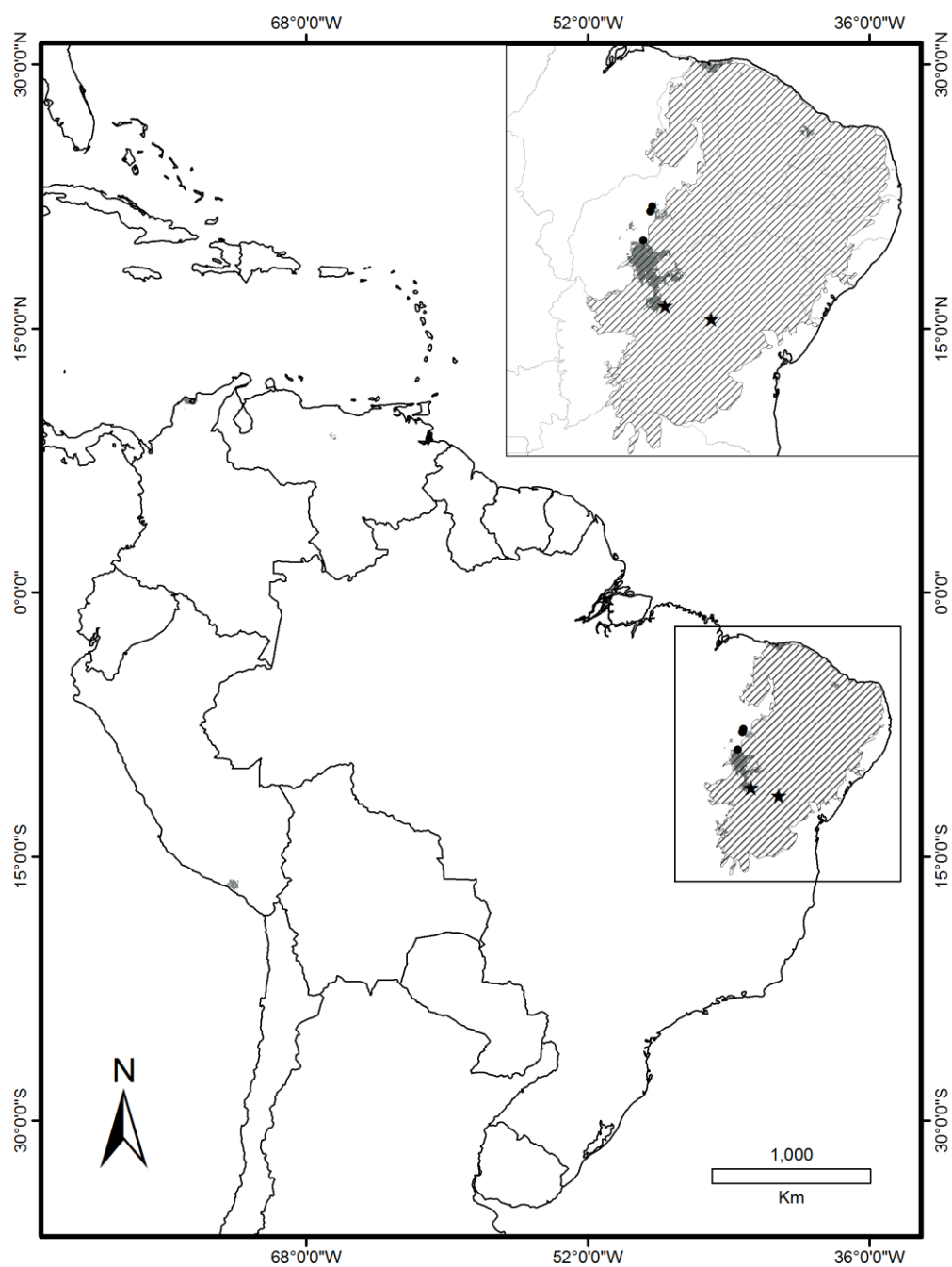


Figura 31 – Distribuição geográfica de *Cnemidophorus confusionibus* e *Cnemidophorus cyanurus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *C. confusionibus*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *C. cyanurus*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *C. confusionibus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Localidade tipo: Santo Inácio (10°39' S, 42°37' W), estado da Bahia, Brasil, elevação 520m.

Comentários taxonômicos: Veja *C. gr. ocellifer* abaixo.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Descrito para a região do município de Santo Inácio, localizado na região de dunas do Rio São Francisco no estado da Bahia. Recentemente encontrado no município de Paulo Afonso - BA e em municípios ao sul do Rio São Francisco no estado de Sergipe em localidades preteritamente ligadas aos campos de dunas (Delfim *et al.*, 2006 – Figura 32).

Registros: BAHIA – Morro do Chapéu: CHUFPB 3829 – 3830; Paulo Afonso: CHUFP; Santo Inácio: MZUSP 93721, MZUSP 93735 – 93750. SERGIPE – Material depositado e não tombado na CHUFPB: Canindé do São Francisco; Monte Alegre de Sergipe; Nossa Senhora da Glória; Poço Redondo.

Referências adicionais: Arias *et al.* (2011b).

Cnemidophorus gr. ocellifer (Spix, 1825)

Localidade tipo: Bahia, Brasil.

Comentários taxonômicos: O grupo *ocellifer* compreendia até pouco tempo cinco espécies recentemente descritas, com exceção de *C. ocellifer*. Recentemente, Arias *et al.* (2011a; 2011b) descreveram quatro novas espécies para o grupo e subdividiram o grupo em dois subgrupos: o primeiro com *C. abaetensis*, *C. cyanurus*, *C. littoralis* e *C. venetacaudus*; e o segundo com *C. ocellifer*, *C. mumbuca*, *C. jalapensis*, *C. confusionibus* e *C. nigrigula*. A descrição destas novas espécies contribuiu substancialmente para melhorar nosso conhecimento sobre a taxonomia do grupo *ocellifer*. No entanto, sabemos que ainda surgirão novas espécies descritas que ainda são identificadas como *C. ocellifer*. Por enquanto, resolvemos manter estas prováveis novas espécies num grupo único, aqui chamado de *C. gr. ocellifer*.

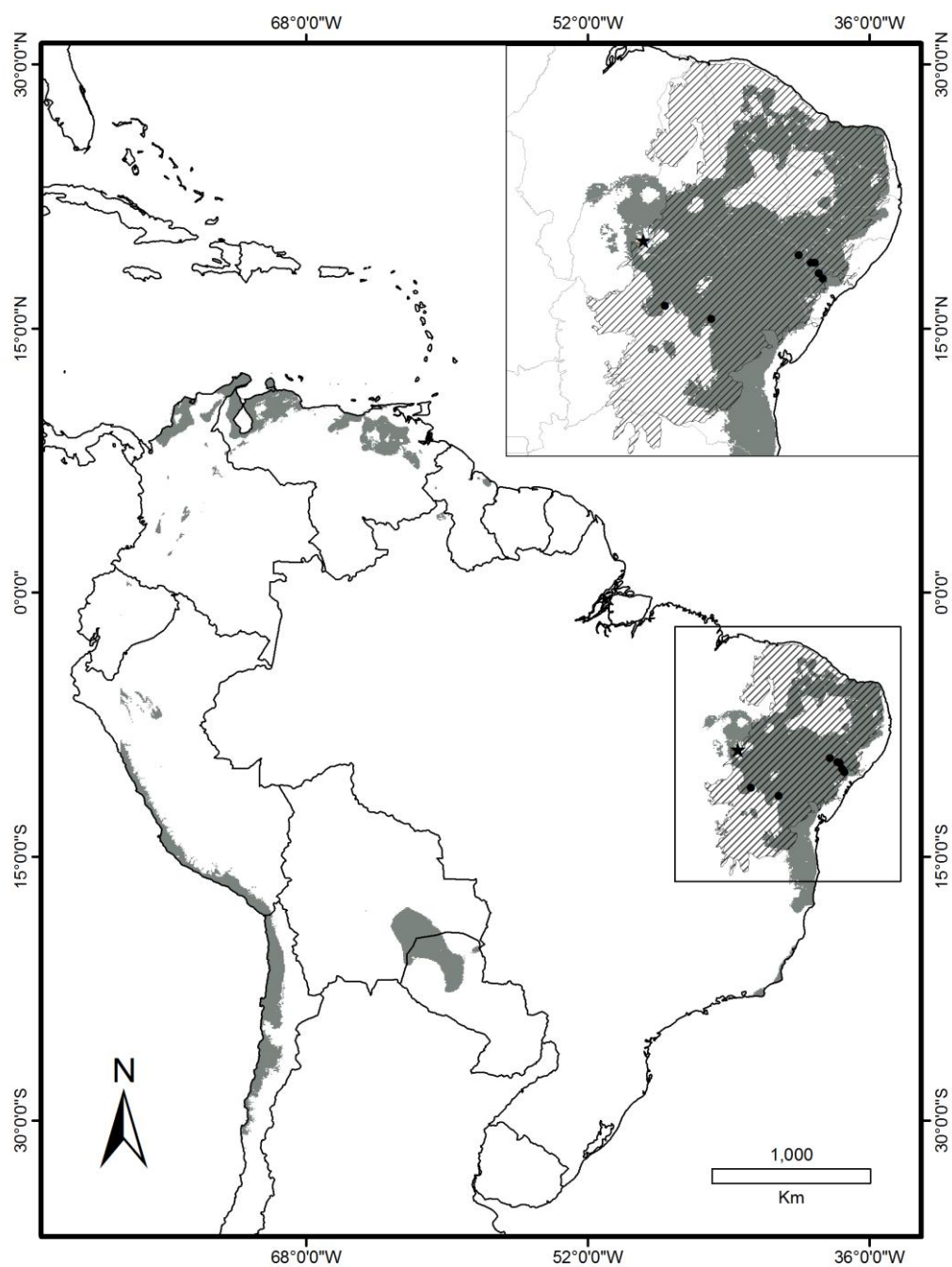


Figura 32 – Distribuição geográfica de *Cnemidophorus nigrigula* e *Cnemidophorus venetacaudus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *C. nigrigula*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *C. venetacaudus*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *C. nigrigula* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Distribuição: Distribui-se amplamente ao sul do Rio Amazonas até o norte da Argentina (Arias *et al.* 2011a; 2011b).

Ocorrência na Caatinga: O grupo de espécies ocorre por toda a Caatinga, ocupando as mais diferentes fitofisionomias (Freitas & Silva, 2007; Arias *et al.*, 2011b).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Barra de São Miguel: MUFAL s/número; Flexeiras: MUFAL 1922; Delmiro Gouveia: Número de campo – 014221 – 014222; Maceió: MUFAL 3330; Maravilha: MUFAL s/número; Marechal Deodoro: MUFAL 5463; Olho D’água do Casado: MUFAL 588; Penedo: MUFAL 338; Piranhas: MZUFBA 37 – 39, MZUFBA 78 – 79, MZUFBA 150, MZUFBA 235 – 236, MZUFBA 255 – 256, MZUFBA 260; Piaçabuçu: MUFAL 81; Xingó: MZUSP 78941 – 78942; Praia do Pontal: MZUSP 57295. BAHIA – Abaeté: MNRJ 10984 – 11023; Alagoado: MZUSP 74203 – 74205; Andaraí: MZUSP 56327 – 56336; Arraial D’água: MZUSP 49211; Arraial do Paulista: MZUSP 62744; Bananal: MNRJ 2252 – 2255; Barra: MZUSP 75616 – 75619; Barragem de Itaparica: MZUSP 72576 – 72577; Barragem de Sobradinho: MZUSP 75348; Barreiras: MNRJ 2246; Barreirinhas: MNRJ 2247; Bom Jesus da Lapa: MNRJ 2256; Buritirama: MZUSP 7295; Caetité: MZUSP 76083 – 76087; Camamu: MNRJ 9487 – 9489; Catinga do Moura: MZUSP 55290 – 55300; Catu: MNRJ 12144; Central: MNRJ 17639 – 17653; Cocorobó: MZUSP 30308 – 30316; Cocos: CHUNB 7614 – 7616, CHUNB 24591 – 24592; Conceição de Feira: CHUFPB 3767 – 3773; Coribe: CHUNB 3383; Correntina: MZUSP 100319; Coribe: CHUNB 3386 – 3392; Cristalândia, Brumado: MZUFBA 2386 – 2397; Curaçá: MUFAL 8188 – 8190, MUFAL 8192; Dias d’Ávila: MZUSP 26826, MZUSP 56494; Gentio do Ouro: MZUSP 93773 – 93774; Ibipêba: CHUNB 3134 – 3139; Ibiraba, Barra: MZUSP 72382 – 72388; Irecê: CHUNB 3361 – 3367; Itaguaçu: MNRJ 14622; Itiúba: MZUSP 30601 – 30699; Jaborandi: MNRJ 18630 – 18631; Jequié: MZUSP 8930 – 8936; Jeremoabo: MZUSP 29994 – 30000; Juazeiro: MZUSP 459; Lagoa de Itaparica: MZUSP 72389 – 72392; Lençóis: CHUNB 5591; Manga, Barra: MZUSP 68264; Mata de São João: CHUNB 8138 – 8139; Morro do Chapéu: MZUSP 68258 – 68260, MZUSP 74180 – 74182; Mucugê: MZUSP 57243 – 57248; Nova Souré: MZUSP 65961 – 65962; Nova Viçosa: MNRJ 16756; Parque Nacional Sete Passagens, Miguel Calmon: MZUFBA 890; Paulo Afonso: CHUNB 8155 – 8157; Pilão Arcado: MZUSP 68263; Pituaçu: MZUSP 36355; Poções: MZUSP 12166 – 12170; Porto Seguro, Arraial D’ajuda: MBML 1009; Prado: MZUSP 56420; Queimadas, Barra: MZUSP 74184 – 74186; Raso da Catarina: MZUSP 12202 – 12210; Rio de Contas: MZUSP 75455 – 74456; Salvador: MZUSP 191 – 196; Santa Inês: ZUEC-REP 906 São Desidério: MZUSP 100310 – 100312; São Timóteo: MNRJ 11324 – 11325; Sebastião Laranjeiras: CHUNB 5588 – 5590; Sento Sé: MZUSP 96351 – 96362, MZUSP 96364 – 96365; Serra do Ouro: MZUSP 74214; Subaúma: MZUSP 76267 – 76269; Vacaria: MZUSP 72407 – 72410; Xique-xique: MZUSP 62744, MZUSP 66078 – 66081. CEARÁ – Açude Amanari: MZUSP 5969; Arajara, Barbalha: MZUSP 52059 – 52070; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: MZUSP 7423 – 7429; Beberibe: MZUSP 28047 – 28055; Chorozinho: MZUSP 27392 – 27400; Coluna: MZUSP 27814 – 27820; Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: CHUNB 64560 – 64574; Daniel de Queiroz: Número de campo – ACF 732*; Fortaleza: MZUSP 3576 – 3584; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Itapagé: MNRJ 11385 – 11389; Itapipoca: MZUSP 7345 – 7350; Jardim: CHUNB 56922; Jijoca de Jeriquaçu: CHUNB 37333 – 37339; Maranguape: MZUSP 5969; Milagres: MNRJ 18495 – 18496; Morro Branco: MZUSP 28047 – 28057; Mucuripe: MNRJ 2237, MNRJ 11718 – 11783; Pacajus: MZUSP 27106 – 27115; Quixadá: MNRJ 11125 – 11129; Quixeramobim: MNRJ 16932; Santana do Cariri: MZUSP 54313 – 54320; São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 795*; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Ubajara: ZUEC-REP 3381; Várzea da Conceição: CHUFPB 243. DISTRITO FEDERAL – Brasília: Colli *et al.* (2002). GOIÁS – Minaçu: Colli *et al.* (2002); Pirenópolis: Colli *et al.* (2002). MARANHÃO – Barra do Corda: MZUSP 5982; Estreito: CHUNB 7961 – 7964; São Luís: CHUNB 8137, CHUNB 8154; Timon: MZUSP 9941. MATO GROSSO – Barra do Garças: Pellegrino *et al.* (2001); Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002). MATO GROSSO DO SUL – Três Lagoas: ZUEC-REP 3545. MINAS GERAIS – Grão Mogol: MZUSP 56919 – 56932; Jaíba: MZUFV 270 – 272, MZUFV 296; Jequitinhonha: MZUFV 305 – 306; Montes Claros: MZUFV 261 – 263; Parque Nacional Cavernas do Peruaçu: MZUSP 99612 – 99642; Santana do Riacho: ZUEC-REP 514. PARAIBA – Areia: MZUSP 65888; Cabaceiras: MZUSP 59179 – 59180; Cabedelo: CHUFPB 3707; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Coremas: MZUSP 6260 – 6262; Desterro de Malta: CHUFPB 3741 – 3742; Gurinhém: MZUSP 65642; Itaporanga: CHUNB 61926; João Pessoa: MNRJ 12876; Juazeirinho: MZUSP 4857 – 4862; Junco do Seridó: MZUSP 44238 – 44248; Mataraca: CHUFPB 3728 – 3737; Monteiro: MNRJ 12242 – 12243; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.*

(2005); Patos: CHUNB 61935 – 61938; Piancó: MZUSP 5591 – 5596; REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 3745 – 3760; São João do Cariri: CHUFPB 3743 - 3744; São José de Espinharas: MZUSP 44580 – 44589; Sapé: CHUFPB 3738; Soledade: MZUSP 6078 – 6079; Sousa: MNRJ 2011, MNRJ 2022; Umbuzeiro: MZUSP 4863; PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 21504 – 215109; Arcoverde: CHUFPB 91 – 92; Belém de São Francisco: MZUSP 74209 – 74210; Betânia: Borges-Nojsa & Silva (2005); Bezerros: MNRJ 2033 – 2036; Bom Conselho: MZUSP 49250; Bonito: FRD 275*; Buíque: CHUNB 23529; Carnaubeira da Penha: MZUSP 22196 – 22210; Caruaru: MZUSP 8659 – 8662; Casinhas: MNRJ 1681; Catimbau: MZUSP 65919 – 65920; Exu: MZUSP 48755 – 48760, MZUSP 50412 – 50435; Flores: MNRJ 2037 – 2040; Floresta: MZUSP 23115; João Alfredo: MZUSP 7105; Nascente: CHUFPB 335, CHUFPB 746; Ouricuri: CHUNB 56923 – 56925; Pesqueira: MZUSP 8549 – 8555; Petrolina: MZUSP 93794 – 93801; Santa Maria da Boa Vista: MUFAL 8191; Serra Talhada: MZUSP 8635 – 8640; Sítio dos Nunes: MZUSP 22695 – 22700; Trindade: CHUFPB 786 – 788. PIAUI – Cajueiro da Praia: ZUEC-REP 3421; Patos do Piauí: MZUSP 74211 – 74213; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 92484; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 60920 – 60922; Paulistana: CHUFPB 41; Pavussu: CHUFPB 785; Piripiri: MZUSP 5958; Ribeiro Gonçalves: CHUNB 57093; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 17 – 18; São João do Piauí: CHUNB 56123 – 56125; Teresina: MZUSP 5961 – 5962; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 257; São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 775; Uruçuí—Una: MZUSP 100543; Valença: MZUSP 38901 – 38910. RIO GRANDE DO NORTE – Angicos: MZUSP 80627 – 80629; Barra do Cunhaú, Canguaretama: CHUFPB 96 – 112 ESEC do Seridó: Obs. pess.; Maxaranguape: MZUSP 43677 – 43682; Mossoró: MZUSP 26814; Natal: MNRJ 1948; Presidente Juscelino: MZUSP 44114 – 44120; SERGIPE – Aracaju: MNRJ 17510 – 17511; Brejo Grande: MNRJ 17513; Canindé do São Francisco: MUFAL 591; Estância: CHUFS 311 – 312; Itaporanga D’Ajudá: CHUFS 365, CHUFS 490; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 232 – 233, MZUSP 29800 – 29930; Santo Amaro das Brotas: CHUFPB 3778 – 3780; Serra da Guia, Poço Redondo: CHUFS 308 – 309; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 550;

Referências adicionais: Rocha *et al.* (1997; 2000), Dias *et al.* (2002), Colli *et al.* (2003a; 2003b; 2009), Arias *et al.* (2011a, 2011b).

Cnemidophorus venetacaudus Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011

Localidade tipo: Olho D’água da Santa (9°13’10”S, 43°29’27”W), Parque Nacional da Serra das Confusões, município de Caracol, estado do Piauí, Brasil, altitude 460m.

Comentários taxonômicos: Veja *C. gr. ocellifer* acima.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre no Parque Nacional Serra das Confusões em ambientes de transição entre Caatinga e Cerrado no estado do Piauí (Arias *et al.*, 2011a – Figura 32).

Registros: BRASIL: PIAUI – Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 100115 – 100127.

Referências adicionais: Arias *et al.* (2011a).

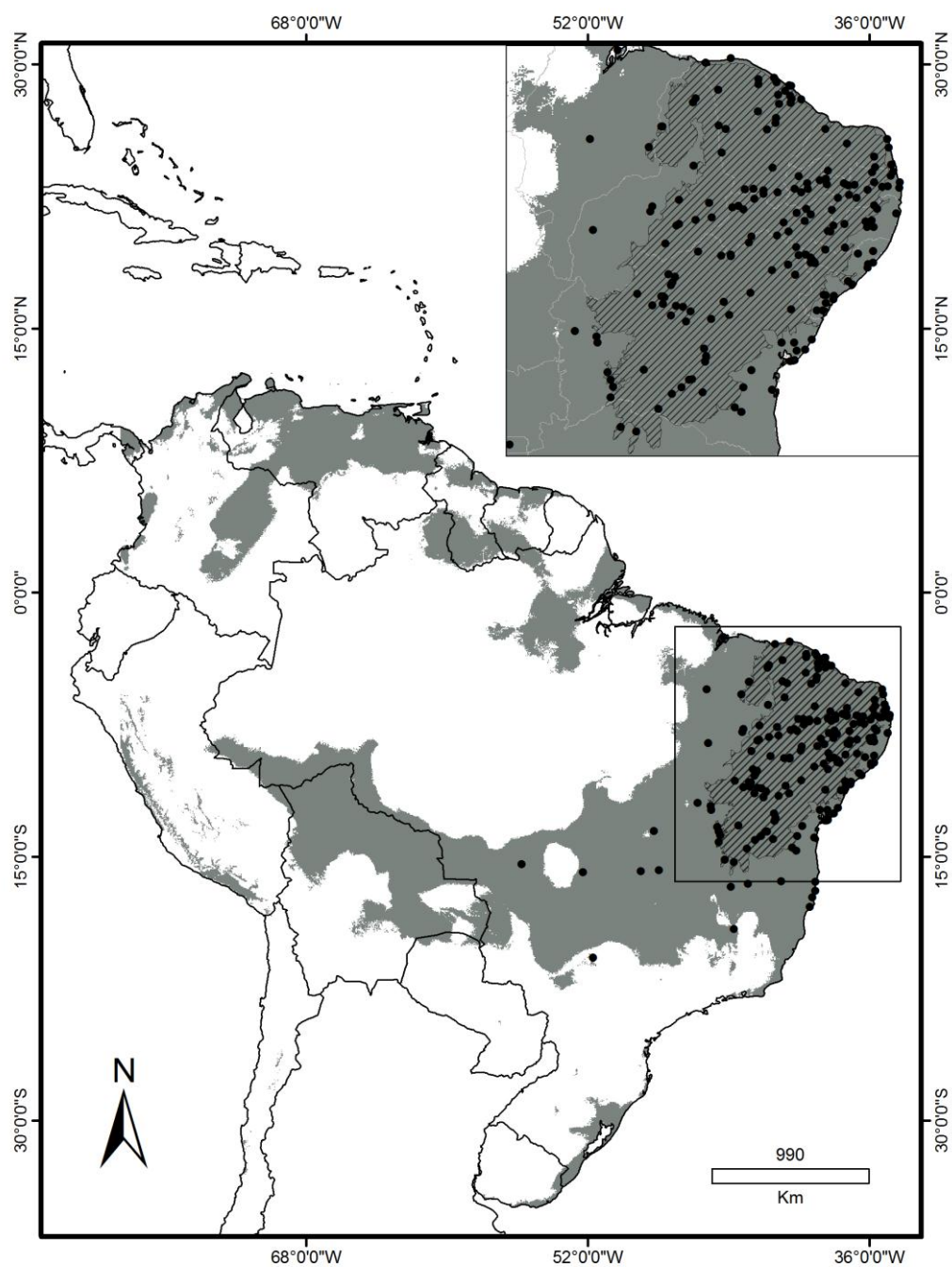


Figura 33 – Distribuição geográfica de *Cnemidophorus* gr. *ocellifer*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *C. gr. ocellifer* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Kentropyx Spix, 1825

Kentropyx calcarata Spix, 1825

Localidade tipo: Rio Itapicuru, Maranhão, Brasil.

Distribuição: Ocorre por toda Amazônia oriental, ao norte do Rio Amazonas estendendo-se a oeste do Rio Orinoco, Guianas, Suriname e Venezuela. Ao sul do Amazonas é encontrado até o Rio Madeira (Vitt *et al.*, 2008). Também ocorre pela Floresta Atlântica da Bahia até o Rio Grande do Norte. A espécie é ainda registrada para áreas da porção norte e oeste do Cerrado, em ambientes com boa cobertura de florestas (Nogueira, 2006).

Ocorrência na Caatinga: É encontrado em áreas transicionais entre Caatinga e Floresta Atlântica e em brejos de altitude no estado do Ceará (Figura 34). Registrado para os municípios de Uauá na Bahia e Ribeiro Gonçalves no Piauí.

Registros: **BRASIL:** ACRE – Porto Walter: MZUSP 52968; Recordação: MZUSP 52947. ALAGOAS – Flexeiras: CHUNB 49873; Maceió: CHUNB 49874; Murici: com. pess.; Passo de Camaragibe: MZUSP 99011 – 99013; Quebrangulo: MZUSP 6112, MZUSP 6118; Rio Largo: CHUNB 49868; São Miguel dos Campos: Nogueira (2006). AMAPÁ – Amapá: CHUNB 5225; Laranjal do Jari: Nogueira (2006); Mazagão: CHUNB 56779; Serra do Navio: MZUSP 78182; Tartarugalzinho: CHUNB 5226. AMAZONAS – Balbina: MZUSP 68638; Barcelos: MZUSP 31809; Beruri: MZUSP 38368; Boca do Acre: MZUSP 37089; Borba: MZUSP 41499; Cantagalo: MZUSP 25513; Canutama: MZUSP 37458; Estirão do Equador: MZUSP 72655; Humaitá: CHUNB 7360; Lago Amanã: MZUSP 60498; Manaus: ZUEC-REP 334; Nova Olinda: MZUSP 26057; Pauíni: MZUSP 37287. BAHIA – Cumuruxatiba: CHUFPB 2565; Itacaré: MZUSP 96802; Mata de São João: CHUNB 1654; Porto Seguro: MBML 1012; Salvador: CHUNB 1653; Santo Amaro: MBML 2908; São Roque do Paraguaçu: MZUSP 78161; Suape: MZUSP 65676; Uauá: ZUEC-REP 383; Una: MZUSP 89078. CEARÁ – Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003). DISTRITO FEDERAL – Brasília: Colli *et al.* (2002). ESPÍRITO SANTO – Conceição da Barra: MBML 2059; Linhares: Nogueira (2006); São Mateus: MBML 212; Sooretama: MBML 197. GOIÁS – Minaçu: Colli *et al.* (2002). MATO GROSSO – Alta Floresta: CHUNB 47024; Apiacás: MZUSP 81638; Aripuanã: São Pedro *et al.* (2009); Barra do Garças: Colli *et al.* (2002); Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002); Cláudia: MZUSP 81732; Gaúcha do Norte: MZUSP 81814; Juruena: MZUSP 82432; Porto Estrela: MZUSP 94852; Paranaíta: ZUEC-REP 3364; São José do Rio Claro: MZUSP 82505; Vila Bela de Santíssima Trindade: MZUSP 82838; UHE Guaporé: MZUSP 95105; Vila Rica: Pellegrino *et al.* (2001). MARANHÃO – Alcântara: MZUSP 98019; Carolina: CHUNB 51971. MINAS GERAIS – Unaí: Nogueira (2006). PARÁ – Acará: MZUSP 54337; Alter do Chão: MZUSP 57418; Belém: ZUEC-REP 333; Breves: MZUSP 15010; Cachimbo: MZUSP 6293; Conceição do Araguaia: CHUNB 58865; Itaituba: UFES-CTA 1981; Jacareacanga: ZUEC-REP 3573; Marajó: MZUSP 7680; Novo Progresso, Serra do Cachimbo: CHUNB 34147; Novo Repartimento: CHUNB 13623; Parauapebas: CHUNB 5215; Parque Nacional da Amazônia: MZUSP 56714; São Geraldo do Araguaia: CHUNB 1656; Tailândia: CHUNB 56260; Vai-quem-quer: MZUSP 77464; Viseu: MZUSP 72623. PARAÍBA – João Pessoa: MNRJ 15865; REBio Guaribas, Mamanguape: Silva (2001); Rio Tinto: CHUNB 29046; Sapé: CHUFPB 2571 - 2577. PERNAMBUCO – Bonito: CHUFPB 204 – 205; Ipojuca: CHUFPB 208 - 211; Itamaracá: MZUSP 21484; Parque Dois Irmãos, Recife: MZUFBA 557; Rio Formoso: CHUNB 28994; Vicência: MZUSP 23074, MZUSP 23076, 23080, MZUSP 23090. PIAUI – Ribeiro Gonçalves: CHUNB 56135.

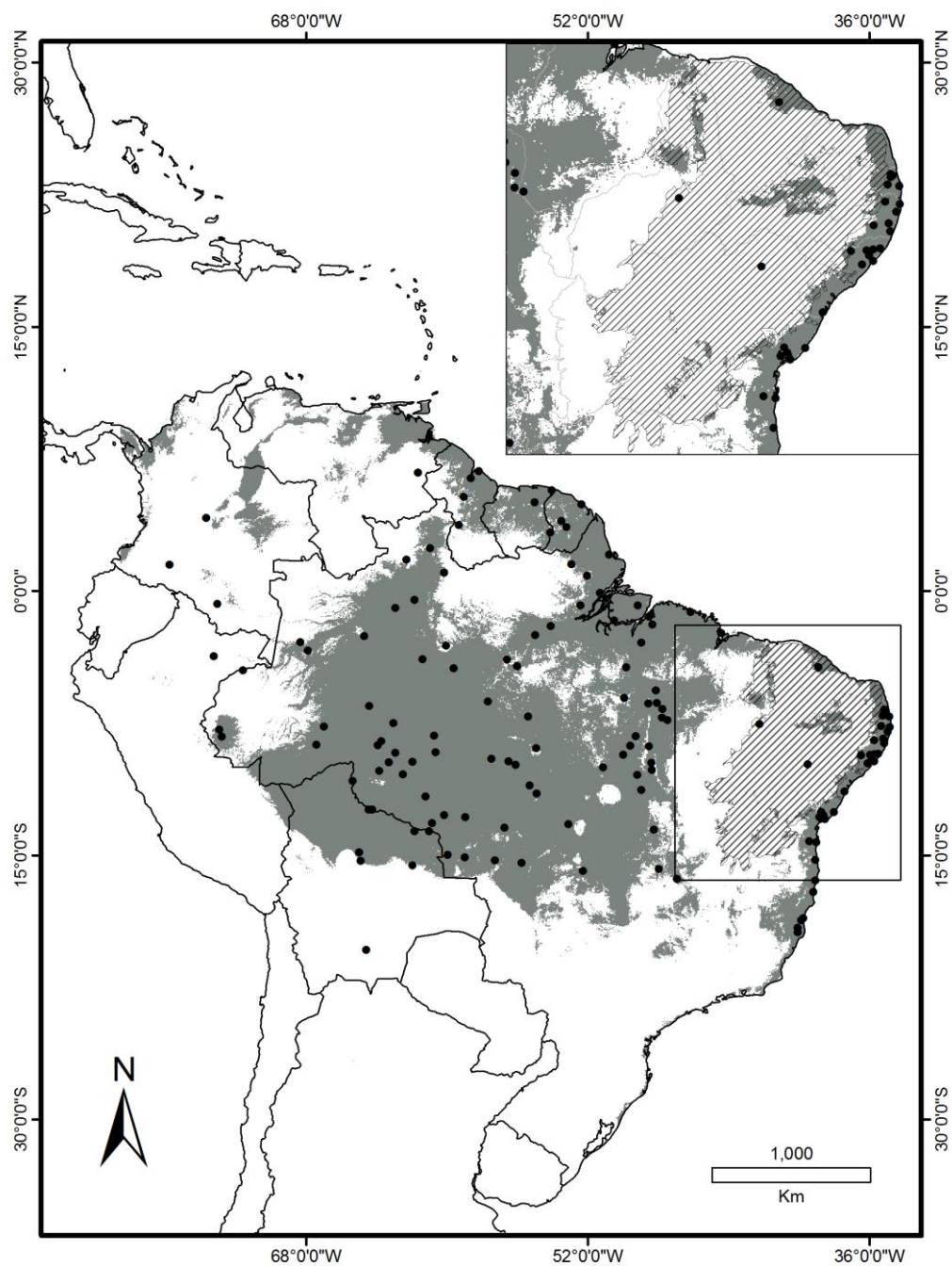


Figura 34 – Distribuição geográfica de *Kentropyx calcarata*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *K. calcarata* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: RONDÔNIA – Alto Paraíso: MZUSP 61934; Buritis: CHUNB 56228; Cachoeira de Nazaré: MZUSP 66337; Cerejeiras: MZUSP 64869; Costa Marques: CHUNB 28972; Guajará-Mirim: CHUNB 22239; Pimenteiras: MZUSP 64903; Porto Velho: CHUNB 66126; Príncipe da Beira: MZUSP 42732; Mutum Paraná: MZUSP 6292; Santa Bárbara: MZUSP 64543; Santa Cruz da Serra: MZUSP 61947; Vilhena: CHUNB 9819. RORAIMA – Apiaú: MZUSP 68980; Missão Catrimani: MZUSP 73475; Santa Maria do Boiaçu: MZUSP 72937; São Luís do Anauá: MZUSP 72841. SERGIPE – Crasto: MZUSP 79624. TOCANTINS – Aliança do Tocantins: CHUFPB 2566; Ananás: CHUNB 47241; Araguacema: MZUSP 4799; Araguatins: MZUSP 36949; Babaçulândia: MZUSP 90992; Caseara: CHUNB 44968; Darcinópolis: MZUSP 88151; Guaraí: MZUSP 91150; Palmas: CHUNB 11295; Pium: CHUNB 24757; UHE Luís Eduardo Magalhães: MZUSP 89483. **BOLÍVIA:** Localidades em Dirksen & De La Riva (1999) – Camiaco; Campamento, Las Torres; La Madre; Piso Firme; Puerto Almacen. **COLÔMBIA:** AMAZONAS – La Chorrera: FPR 24403. CAQUETÁ – Morelia: FPR 24402. META – Villavicencio: MZUSP 44830. **GUIANA:** Bartica: Nogueira (2006); Georgetown: Nogueira (2006); Karanambo: Nogueira (2006); Potaro: Nogueira (2006). **GUIANA FRANCESA:** Cayenne: MZUSP 6816; Saul: Nogueira (2006); Sophie: Nogueira (2006). **PERU:** Loreto: MZUSP 3413. **SURINAME:** Anapáike: Nogueira (2006); Brokopondo: Nogueira (2006); Langamankondre: MZUSP 11480. **VENEZUELA:** El Dorado: Nogueira (2006).

Referências adicionais: Vitt (1991); Ávila-Pires (1995); Nogueira (2006); Vitt *et al.* (2008).

Tupinambis Daudin, 1803

Tupinambis merianae (Duméril & Bibron, 1839)

Localidade tipo: Cayenne, Guiana Francesa; Brasil; Montevideu, Uruguai.

Distribuição: Ocorre desde o sul da região amazônica até o sul e sudeste do Brasil. Amplamente distribuído pelo Cerrado e por áreas litorâneas de vegetação aberta, como tabuleiros e restingas (Péres Jr., 2003; Nogueira, 2006). A espécie foi introduzida no arquipélago de Fernando de Noronha (Péres Jr., 2003).

Ocorrência na Caatinga: Ocupa toda a extensão do domínio da Caatinga no nordeste do Brasil (Figura 35).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Penedo: MUFAL 5819; Xingó: MZUSP 79139. AMAZONAS – Humaitá: CHUNB 486; Reserva Extrativista do Juruá: INPA 17240. BAHIA – Capim Grosso: MZUSP 96921; Lençóis: MZUSP 95075; Chapada Diamantina: MZUSP 100078; Ilhéus: MZUSP 92430; Salvador: MZUSP 92173; Una: MZUSP 89133. CEARÁ – Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Crato: CHUNB 64635; Fortaleza: MNRJ 2220; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Morro Branco, Beberibe: MZUSP 28195; Pecém: MZUSP 100079; Quixadá: Número de campo – ACF834; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Várzea da Conceição: Obs. pess. DISTRITO FEDERAL – Brasília: Colli *et al.* (2002). ESPÍRITO SANTO – Anchieta: MBML 2271; Cachoeira do Itapermirim: MZUSP 100386; Fundão: MBML 64; Guarapari: MBML 1998; Santa Teresa: MBML 1241; São Roque do Canaã: MBML 1236. GOIÁS – Alto Paraíso: CHUNB 489; Cristalina: CHUNB 49645; Flores de Goiás: CHUNB 32175; Goiânia: CHUNB 57362; Minaçu: Colli *et al.* (2002); Novo Gama: CHUNB 65089; Pirenópolis: Colli *et al.* (2002); UHE Corumbá IV, Luziânia: MZUSP 98988 – 98999; UHE Cana Brava: MZUSP 92780; UHE Corumbá IV: MZUSP 98898. MARANHÃO – Carolina: CHUNB 52139.

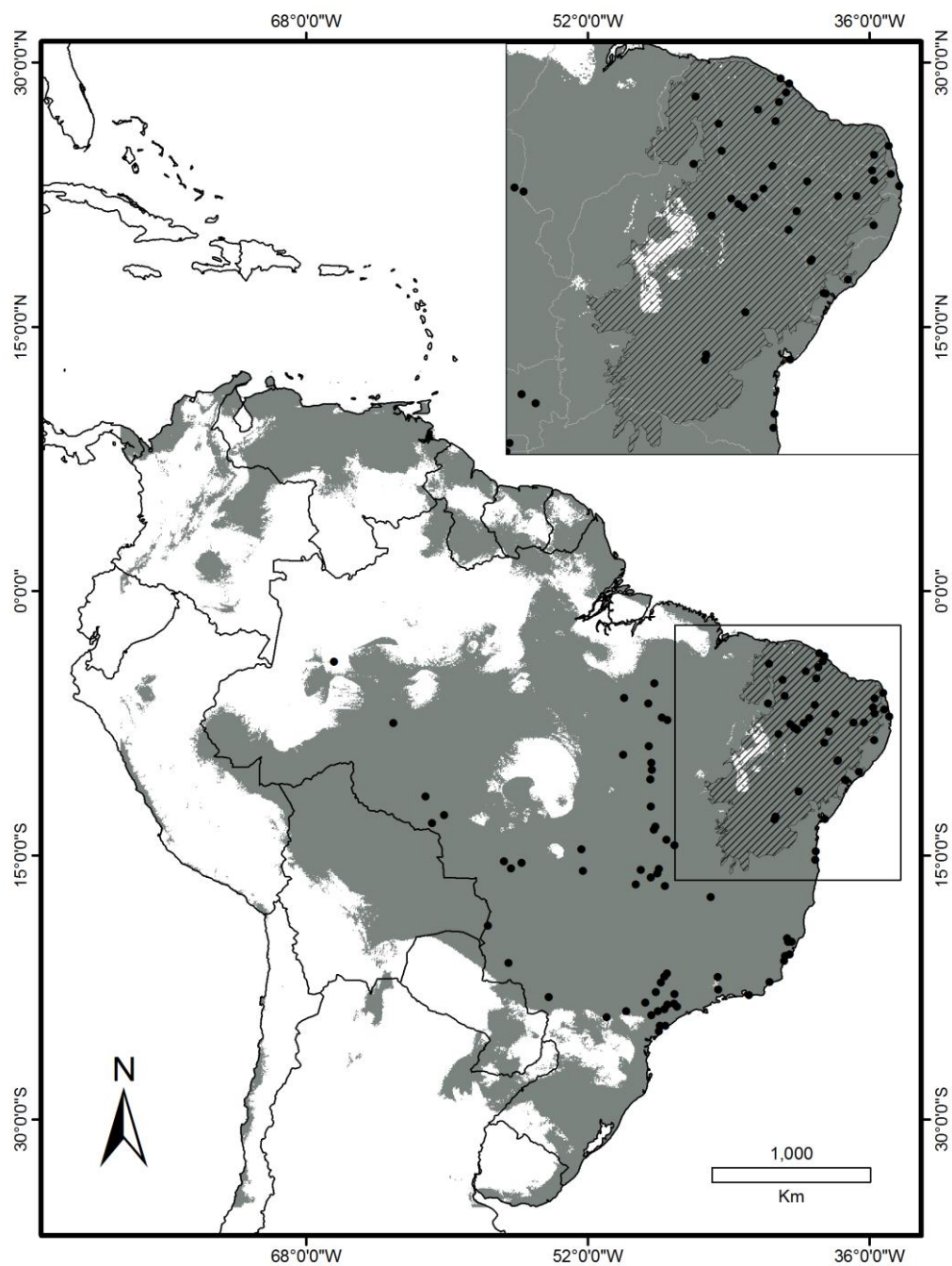


Figura 35 – Distribuição geográfica de *Tupinambis merianae*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *T. merianae* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: MATO GROSSO – Barra do Garças: Colli *et al.* (2002); Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002); Nossa Senhora do Livramento: CHUNB 42596; Nova Xavantina: CHUNB 63691; Serra das Araras: MZUSP 94713. MATO GROSSO DO SUL – Corumbá: CHUNB 58711; Bonito: CHUNB 58709; Naviraí: MHNCI 11. MINAS GERAIS – Aiuruoca: MZUSP 91253; Buritizeiro: CHUNB 44536. PARÁ – Parauapebas: CHUNB 499; São Geraldo do Araguaia: CHUNB 47239. PARANÁ – Ortigueira: MZUSP 93429; Wenceslau Braz: MZUSP 91905. PARAÍBA – Areia: MZUSP 65897; Cabaceiras: Rodrigues (1986); Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Coremas: MZUSP 6364; Fazenda Almas: FRD 207*; João Pessoa: CHUFPB4198 – 4199; REBio Guaribas: CHUNB 29008. PERNAMBUCO – Araripina: MZUSP 98775; Bonito: CHUFPB 204 – 205; Exu: MZUSP 45943, MZUSP 45946; Fernando de Noronha: CHUNB 15160 – 15170; Floresta: Borges-Nojsa & Silva (2005); Ouricuri: MNRJ 12431; Serra Talhada: CHUFPB 312; Trindade: CHUFPB 755. PIAUI – Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 61178 – 61180; Paulistana: CHUFPB 217 – 218; Valença do Piauí: MZUSP 96919. RIO DE JANEIRO – Carapebus: MBML 2067; Maricá: CHUNB 488. RIO GRANDE DO NORTE – Natal: CHUFPB 4201; Presidente Juscelino: MZUSP 43984. RONDÔNIA – Cerejeiras: CHUNB 50775; Pimenta Bueno: CHUNB 25362; Vilhena: CHUNB 15186. SÃO PAULO – Anhembi: ZUEC-REP 2455; Campinas: ZUEC-REP 1017; Cananéia: SinBiota C17574T127361; Cotia: MZUSP 96923; Descalvado: ZUEC-REP 2898; Iguape: SinBiota C17652T127570; Itirapina: MZUSP 95366; Paranapanema: MZUSP 98222; Parquera-Açu: SinBiota C17655T127569; Ribeirão Grande: SinBiota C8217T63164; São José do Barreiro: SinBiota C10469T88774; São Miguel Arcanjo: MZUSP 95784; São Sebastião: ZUEC-REP 2053; Sorocaba: CHUNB 3144; Ubatuba: SinBiota C8218T63166. SERGIPE – Areia Branca: MZUSP 29796; Canindé do São Francisco: Número de campo – 993850. TOCANTINS – Babaçulândia: CHUNB 43240; Caseara: CHUNB 59594; Guará: MZUSP 92097; Palmas: CHUNB 49925; Porto Nacional: CHUNB 47638; Mateiros: CHUNB 41222; UHE Peixe: MZUSP 96197; UHE Luís Eduardo Magalhães: MZUSP 96096.

Referências adicionais: Ávila-Pires (1995); Nogueira (2006).

Gymnophthalmidae Merrem, 1820

Acratosaura Rodrigues, Pellegrino, Dixo, Verdade, Pavan, Argolo & Sites, Jr.
2007

Acratosaura mentalis (Amaral, 1933)

Localidade tipo: Villa Nova (Senhor do Bonfim), Bahia, Brasil.

Comentários taxonômicos: Com a recente descoberta do lagarto *Alexandresaurus camcan* e o desenvolvimento de uma proposta filogenética para espécies da tribo Heterodactylini (Rodrigues *et al.*, 2007), descobriu-se que o gênero *Colobosaura* não apresentava monofiletismo. Deste modo, o gênero *Acratosaura* foi criado para alocar a espécie *Colobosaura mentalis* Amaral 1933 (Rodrigues *et al.*, 2007).

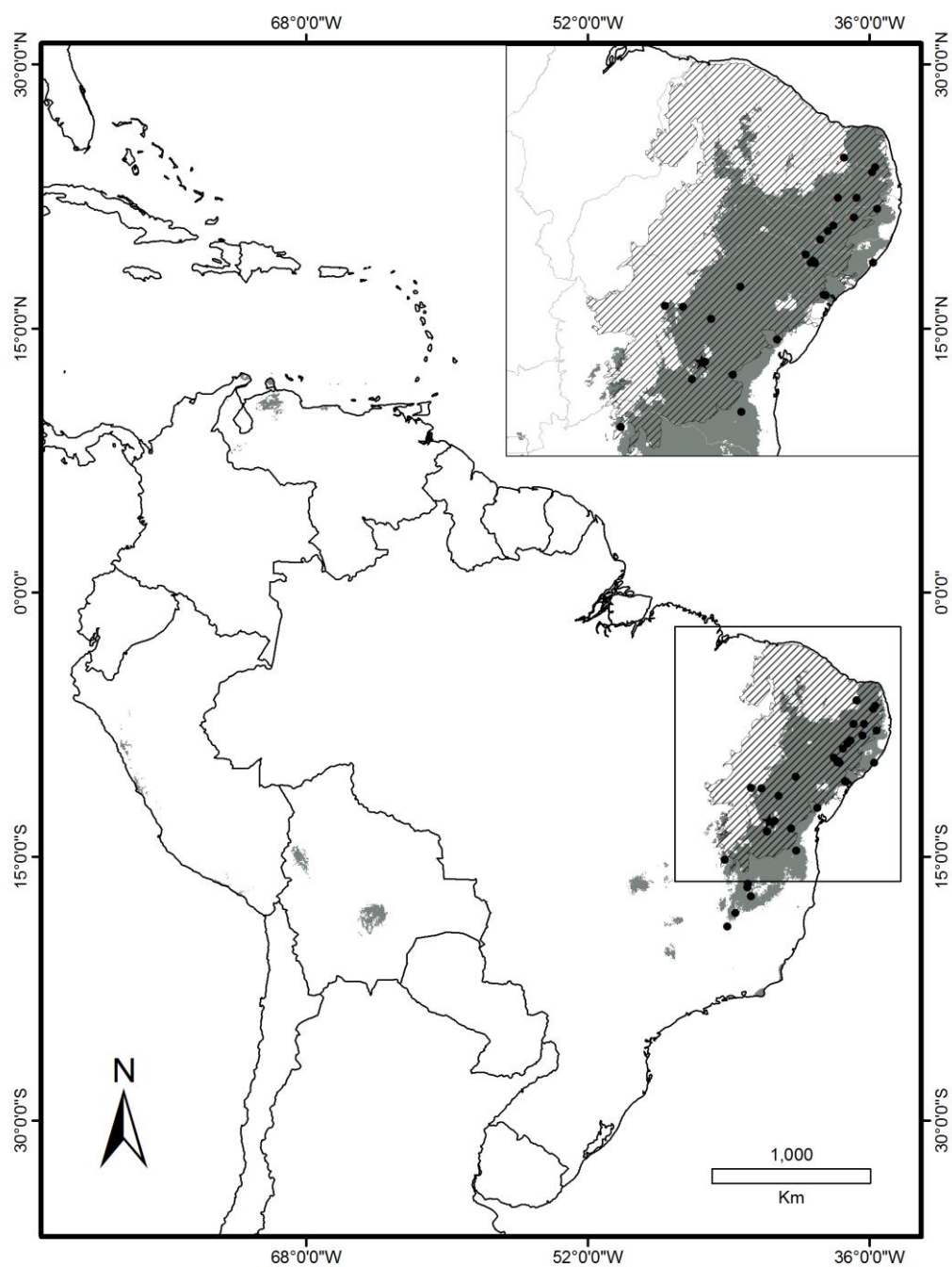


Figura 36 – Distribuição geográfica de *Acratosaura mentalis* e *Acratosaura spinosa*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *A. mentalis*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *A. spinosa*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *A. mentalis* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: A espécie apresenta distribuição relictual no domínio da Caatinga, se estendendo fora do domínio pela Serra do Espinhaço no estado de Minas Gerais (Rodrigues *et al.*, 2009; De-Carvalho *et al.* 2010 – Figura 36).

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Delmiro Gouveia: De Carvalho *et al.* (2010); Maceió: Número de campo – 973351, 993863, 004135; Piranhas: Número de campo - 983631. BAHIA – Central, Toca dos Pilões: MZUSP 89290; Feira de Santana: Freitas & Silva (2007); Maracás: De Carvalho *et al.* (2010); Morro do Chapéu: MZUSP 74224; Mucugê: MZUSP 74223, MZUSP 96894; Rio de Contas: MZUFBA 661; Santo Inácio: MZUSP 79743; MZUSP 98183 – 98185; Senhor do Bonfim: MZUSP 40084 – 40085; Sento Sé: De Carvalho *et al.* (2010). MINAS GERAIS – Cristália: De Carvalho *et al.* (2010); Diamantina: MZUSP 98187; Grão Mogol: MZUSP 56933, MZUSP 98186; Parque Nacional do Peruaçu: De Carvalho *et al.* (2010); Santana do Pirapama: De Carvalho *et al.* (2010); Turmalina: De Carvalho *et al.* (2010). PARAÍBA – Fazenda Almas: FRD 131*; Cabaceiras: MZUSP 60786, MZUSP 66231; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005). PERNAMBUCO – Arcoverde: CHUFPB 207; Brejo da Madre de Deus: De Carvalho *et al.* (2010); Garanhuns: MZUSP 65675; João Alfredo: MZUSP 7076; Parque Nacional do Catimbau: De Carvalho *et al.* (2010). RIO GRANDE DO NORTE – Tenente Laurentino Cruz: De Carvalho *et al.* (2010). SERGIPE – Canindé do São Francisco: Número de campo – 983701, 993858; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 700; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 286; Serra da Guia: De Carvalho *et al.* (2010).

Referências adicionais: Delfim & Feire (2007); Rodrigues *et al.* (2007; 2009), De-Carvalho *et al.* (2010).

Acratosaura spinosa Rodrigues, Cassimiro, Freitas & Silva, 2009

Localidade tipo: A 1.250m de altitude na Fazenda Caraíbas (13°06'59"S 41°22'58"W), Serra do Sincorá, cadeia do Espinhaço, distrito de Cascavel, município de Mucugê, estado da Bahia, Brasil.

Distribuição e Ocorência na Caatinga: Endêmico de Mucugê na Chapada Diamantina, estado da Bahia (Rodrigues *et al.*, 2009), onde ocorre em simpatia com *A. mentalis* (Figura 36).

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Mucugê: MZUSP 98088, MZUSP 98188;

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (2009).

Anotosaura Amaral, 1933

Anotosaura collaris Amaral, 1933

Localidade tipo: Villa Nova (Senhor do Bonfim), Bahia, Brasil.

Comentários taxonômicos: A espécie é conhecida apenas por seu holótipo (Freitas & Silva, 2007).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Espécie conhecida apenas da localidade tipo no município de Senhor do Bonfim, estado da Bahia (Freitas & Silva, 2007 – Figura 37).

Registros: BRASIL: BAHIA – Senhor do Bonfim: MZUSP 788.

Referências adicionais: Vanzolini (1976b); Rodrigues (2003; 2005); Freitas & Silva (2007).

Anotosaura vanzolinia Dixon, 1974

Localidade tipo: Agrestina, estado de Pernambuco, Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Apresenta distribuição relictual pela Caatinga nordestina, da Bahia até o Ceará. Encontrada principalmente em caatingas arbóreas, matas estacionais e ambientes florestados no interior do domínio (Freitas & Silva, 2007; Delfim & Feire, 2007 – Figura 37).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Xingó: MZUSP 80151. CEARÁ – São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 804. PARAÍBA – Cabaceiras: MZUSP 95304 – 95355; Fazenda Almas: Delfim & Freire (2007); São José da Mata: FRD 125 – 126*. PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 21813 – 21815; Arcoverde: CHUFPB 186; Reserva Biológica de Serra Negra, Inajá: MZUSP 45754;

Referências adicionais: Dixon (1974); Vanzolini (1976b); Vanzolini & Ramos (1977); Castoe *et al.* (2004); Rodrigues *et al.* (2007).

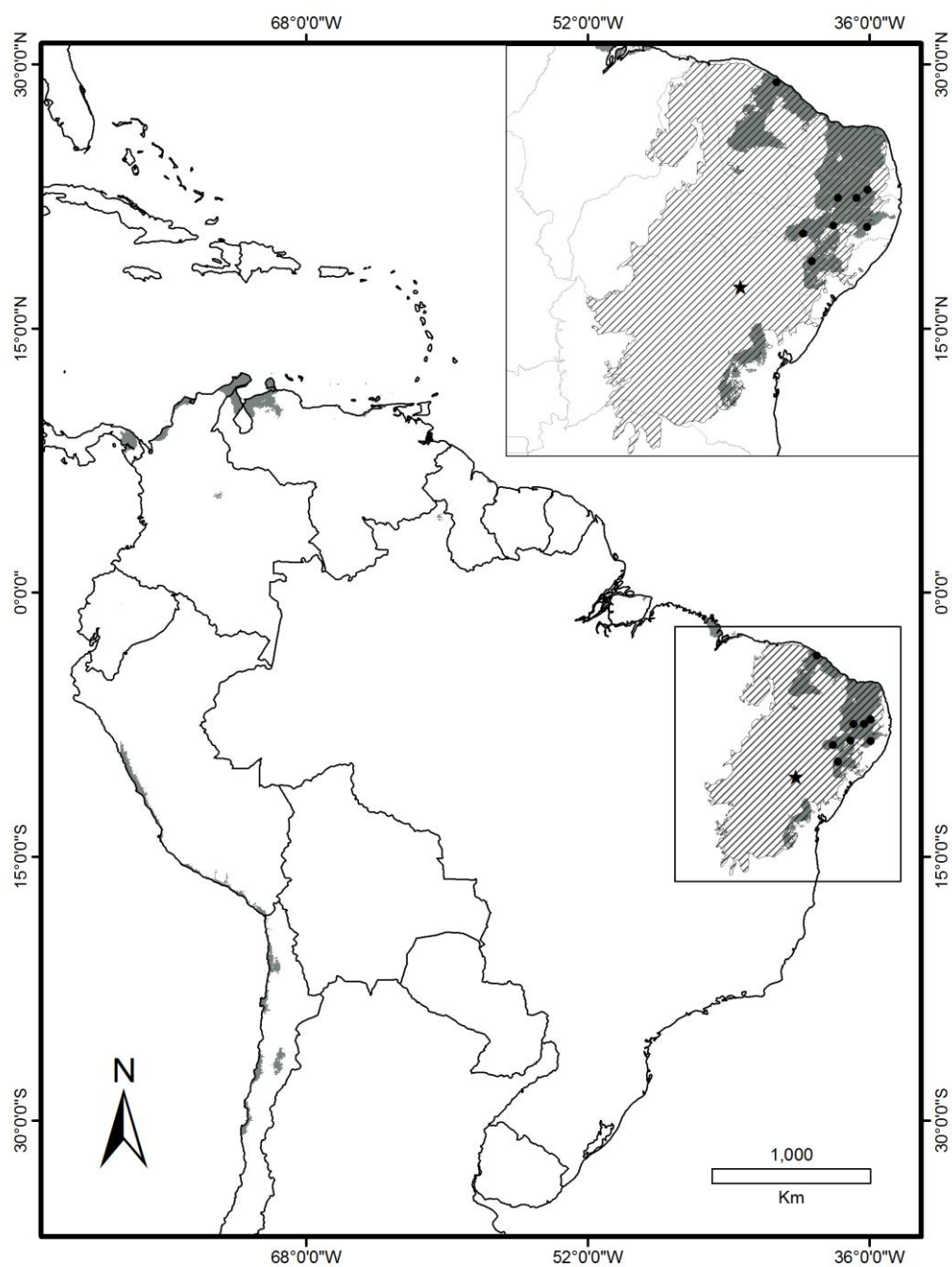


Figura 37 – Distribuição geográfica de *Anotosaura collaris* e *Anotosaura vanzolinia*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *A. vanzolinia*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *A. collaris*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *A. vanzolinia* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Calyptommatus Rodrigues, 1991

Calyptommatus confusionibus Rodrigues, Zaher & Curcio, 2001

Localidade tipo: Toca da Cabocla (Serra Grande), Parque Nacional da Serra das Confusões: estado do Piauí: Brasil (08°55'28" S, 43°26'58" W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre em áreas dominadas por vegetação de Caatinga no estado do Piauí, tanto na Serra das Confusões quanto na Serra da Capivara (Figura 38).

Registros: **BRASIL:** PIAUÍ – Parque Nacional Serra da Capivara: ZUEC-REP 1179; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 88072 – 88081.

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (2001).

Calyptommatus leiolepis Rodrigues, 1991

Localidade tipo: Bahia: Brasil: Ibiraba (10°48' S, 42°50' W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre na margem esquerda do Rio São Francisco nos campos de dunas de Ibiraba e Casa Nova (Rodrigues, 1991a), além de localidades próximas com solos arenosos que vão do município de Barra na Bahia até Petrolina em Pernambuco (Freitas & Silva, 2007 – Figura 38).

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Alagoado: MZUSP 71117 – 71135; Barra: MZUSP 75529 – 75540; Brejo da Serra: MZUSP 79532 – 79541; Casa Nova: Freitas & Silva (2007); Ibiraba: MZUSP 68305 – 68320; Ilha do Gado Bravo: MZUSP 71276 – 71279; Manga: MZUSP 68426 – 68435; Mocambo do Vento: MZUSP 93350 – 93351; Pira: MZUSP 79516 – 79526; Queimadas, Barra: MZUSP 75270 – 75275; Vereda de São Gonçalo, São José: MZUSP 80165 – 80166; PERNAMBUCO – Petrolina: MZUSP 96837;

Referências adicionais: Rodrigues (1991a); Freitas & Silva (2007); Siedchlag *et al.* (2010).

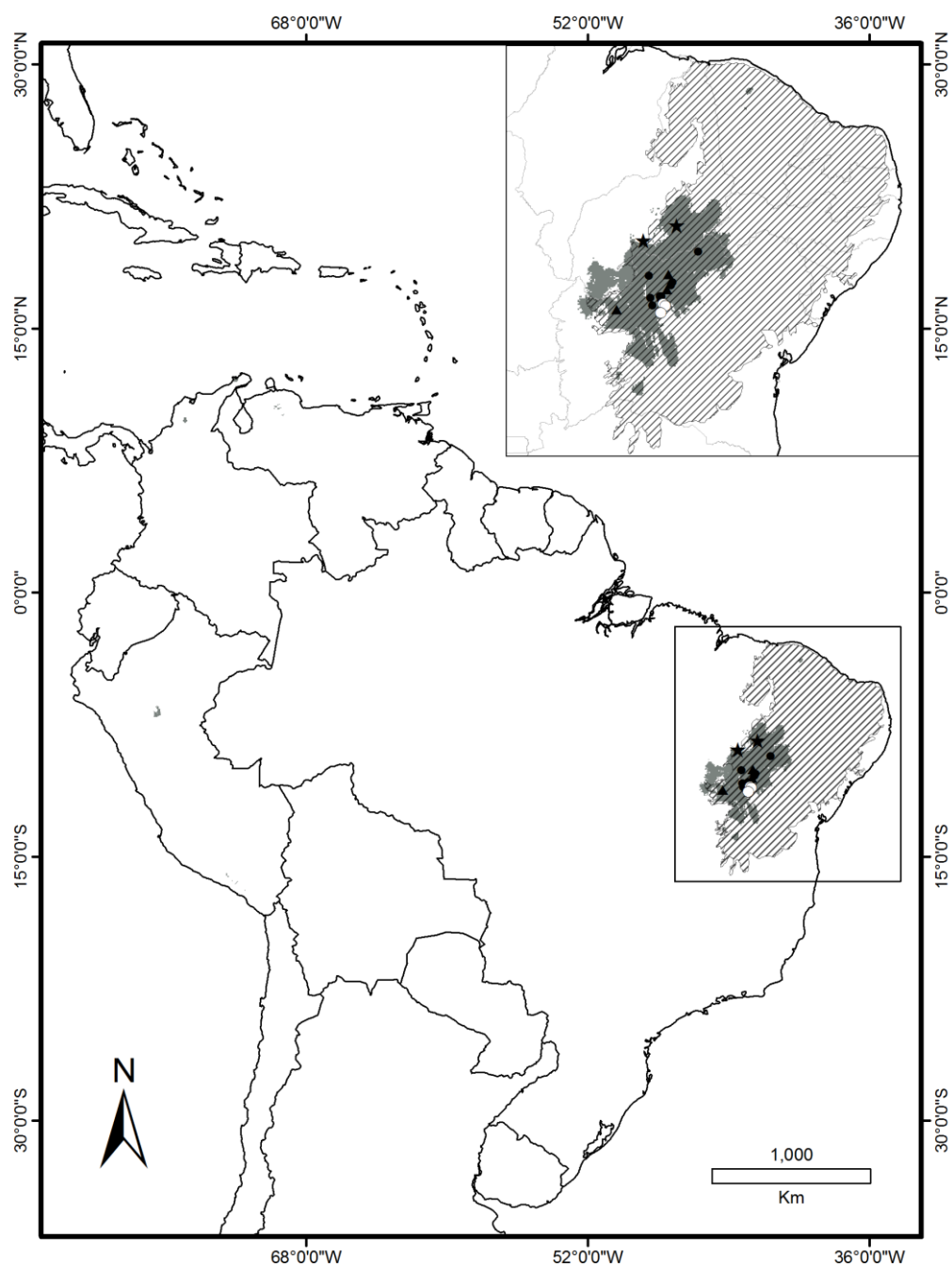


Figura 38 – Distribuição geográfica dos lagartos do Gênero *Calyptommatus*. Círculos negros: registros de ocorrência confirmados para *C. leiolepis*; Círculos brancos: registros de ocorrência confirmados para *C. sinebrachiatus*; Triângulos: registros de ocorrência confirmados para *C. nicterus*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *C. confusionibus*. Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência dos lagartos do Gênero *Calyptommatus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Calyptommatus nicterus Rodrigues, 1991

Localidade tipo: Brasil: Bahia: Capim Verde (10°35' S, 42°34' W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Conhecido apenas das localidades de Vacaria e Marrecas e suas adjacências no município de Xique-xique, estado da Bahia, margem direita do Rio São Francisco (Rodrigues, 1991a; Freitas & Silva, 2007 – Figura 38).

Registros: BRASIL: BAHIA – Capim Verde, Iguaçu: MZUSP 70423 – 70436; Marrecas: Freitas & Silva (2007); Vacaria: MZUSP 70437 – 70448;

Referências adicionais: Rodrigues (1991a); Castoe *et al.* (2004); Freitas & Silva (2007); Siedschlag *et al.* (2010).

Calyptommatus sinebrachiatus Rodrigues, 1991

Localidade tipo: Bahia: Brasil: Santo Inácio (11°06' S, 42°44' W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se unicamente no município de Santo Inácio e seus arredores na Serra do Assuruá e na Lagoa de Itaparica (Rodrigues, 1991a; Freitas & Silva, 2007 – Figura 38).

Registros: BRASIL: BAHIA – Gameleira de Assuruá: MZUSP 93335; Lagoa de Itaparica: MZUSP 76842 – 76861; Santo Inácio: MZUSP 68436 – 68455;

Referências adicionais: Rodrigues (1991a); Castoe *et al.* (2004); Freitas & Silva (2007); Siedschlag *et al.* (2010).

Cercosaura Wagler, 1830

Cercosaura ocellata Wagler, 1830

Localidade tipo: “Brasilien” [*Cercosaura humilis* Peters, 1863].

Comentários taxonômicos: A espécie foi dividida em três raças geográficas por Ruibal (1952), porém, Nogueira (2006) comenta que para o agrupamento do Cerrado, a diagnose feita pelo primeiro autor não foi consistente. O autor também comenta que diante da ampla distribuição e das variações na foliose e no padrão de colorido, é provável que haja mais de uma espécie sob o nome de *Cercosaura ocellata*. Deste modo, foram incluídos aqui, apenas os registros realizados no estados brasileiros com porções de Caatinga.

Distribuição: Ocorre da Amazônia até o sudeste do Brasil, ocupando principalmente ambientes de vegetação aberta (Nogueira, 2006).

Ocorrência na Caatinga: Habita matas estacionais na região da Chapada Diamantina, brejos de altitude no estado do Ceará e áreas de transição da Caatinga com o Cerrado ou Floresta Atlântica (Freitas & Silva, 2007 – Figura 39).

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Chapada Diamantina: Freitas & Silva (2007); Cocos: CHUNB 51318; Lençóis: CHUNB 7977; Salvador: MZUSP 90020; Sítio Novo: Nogueira (2006). CEARÁ – Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Queimadas, São Benedito: MNRJ 9914 - 9915. MARANHÃO – Gancho do Arari: Nogueira (2006). MINAS GERAIS – Arceburgo: Nogueira (2006); Arinos: CHUNB 37265; Chapada Gaúcha: CHUNB 33970; Paracatu: CHUNB 2669; P. N. Grande Sertão Veredas: Nogueira (2006); São Gotardo: CHUNB 53191; Unaí: CHUNB 23832. PARAÍBA – Conde: Nogueira (2006); João Pessoa: CHUFPB; Mamanguape: Nogueira (2006); REBio Guaribas: CHUNB 29005. SERGIPE – Aracaju: MUFAL 336; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 191.

Referências adicionais: Nogueira (2006); Freitas & Silva (2007).

Colobosaura Boulenger, 1887

Colobosaura modesta (Rheinhardt & Lütken, 1862)

Localidade tipo: Morro da Garça, norte de Curvelo, Minas Gerais.

Distribuição: Espécie tida com endêmica do Cerrado (Nogueira, 2006). Ocorre em isolados no estado do Pará até São Paulo, seu limite sul.

Ocorrência na Caatinga: Encontrada em áreas de transição entre a Caatinga e o Cerrado, nos estados da Bahia e Piauí (Figura 40).

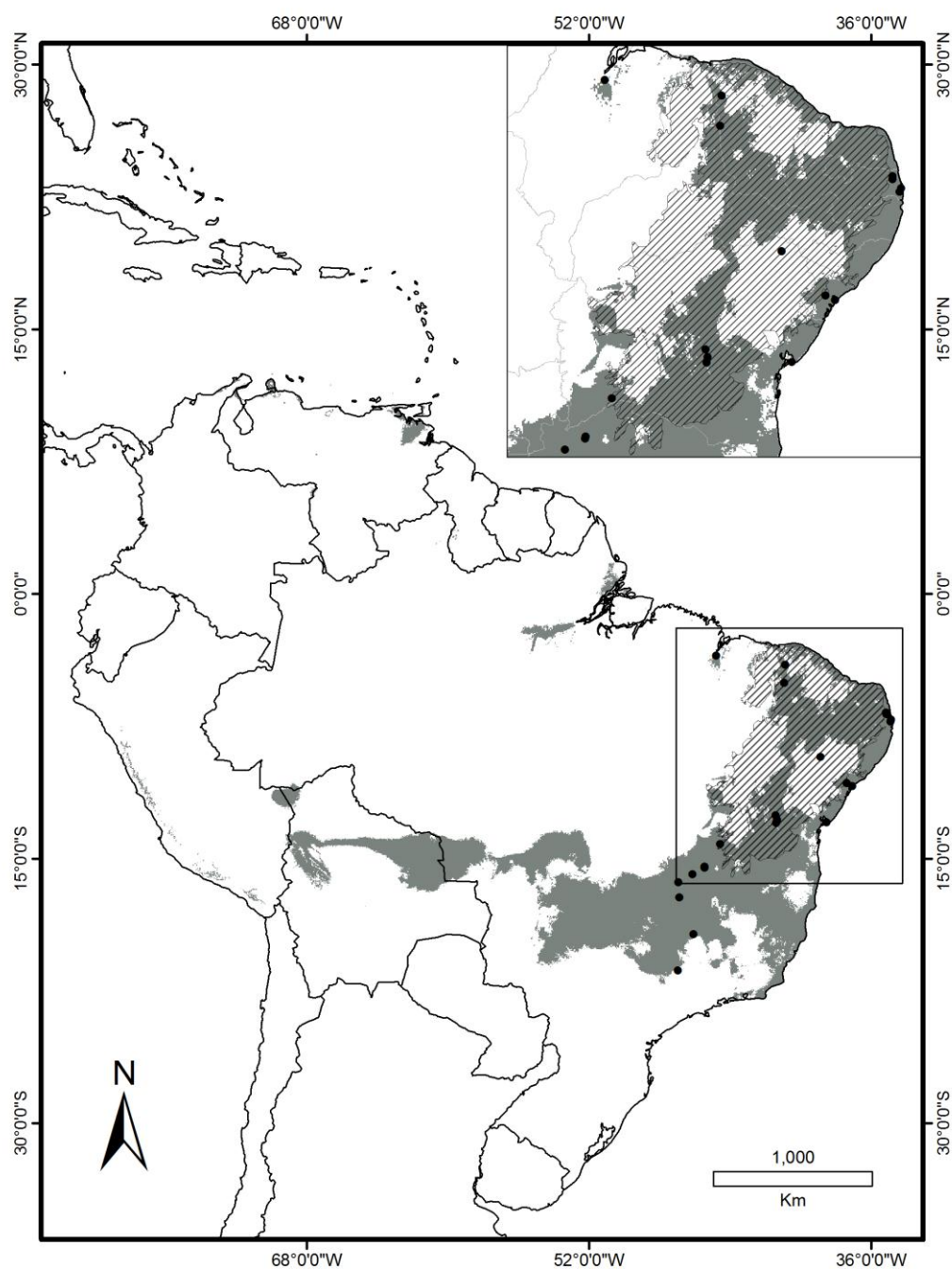


Figura 39 – Distribuição geográfica de *Cercosaura ocellata*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *C. ocellata* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

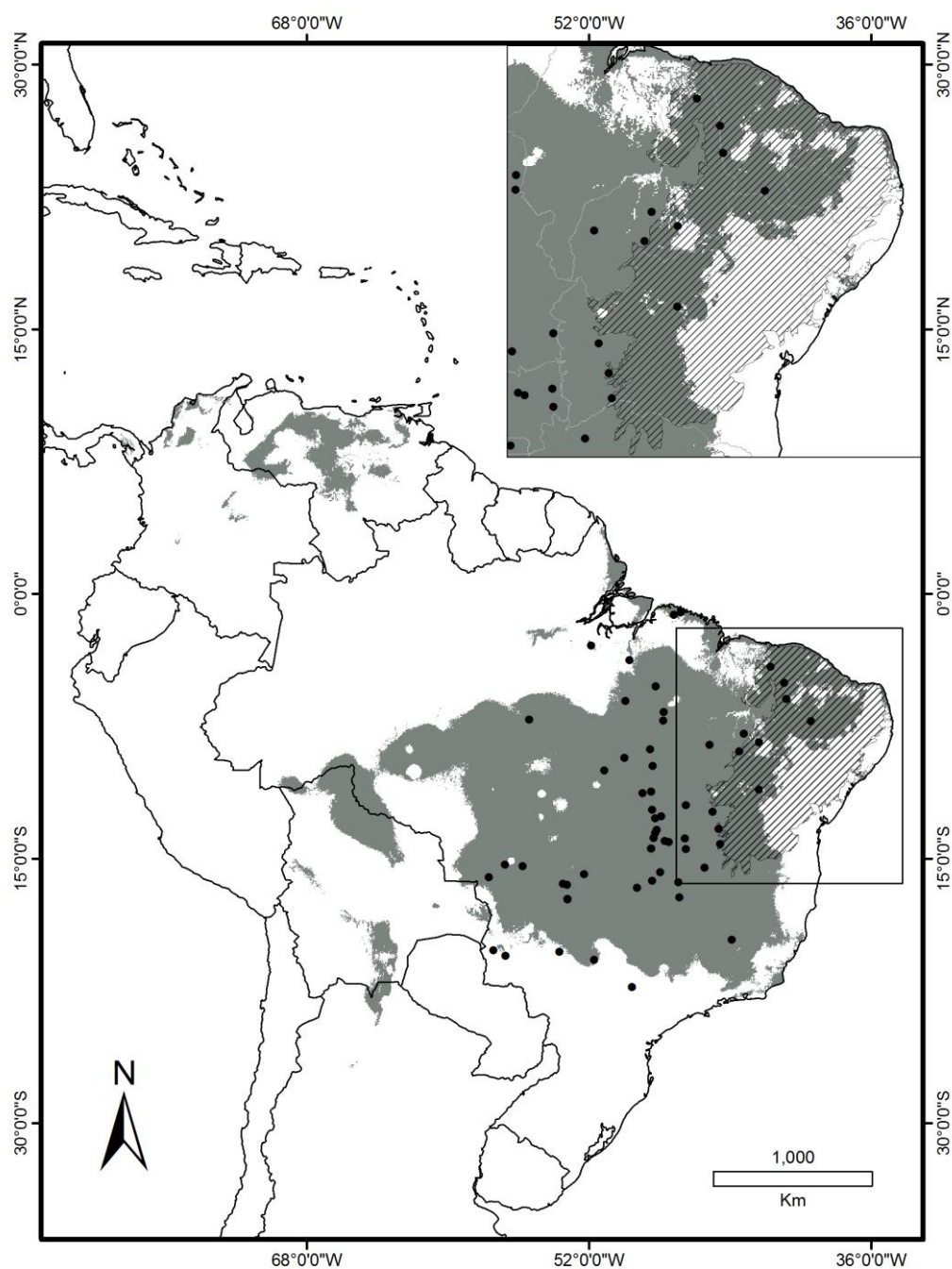


Figura 40 – Distribuição geográfica de *Colobosaura modesta*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *C. modesta* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros: BRASIL: BAHIA – Barreiras: MNRJ 2571 - MNRJ 2572; Cocos: CHUNB 51321; Correntina: CHUNB 10139; São Desidério: MZUSP 100231 – 100233. CEARÁ – Crato: CHUNB 64601 – 64602; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Ubajara: MNRJ 9916. DISTRITO FEDERAL – Brasília: Colli *et al.* (2002). GOIÁS – Alvorada do Norte: CHUNB 33058, CHUNB 33061, CHUNB 33065; Goiânia: CHUNB 56498; Minaçu: Colli *et al.* (2002); Niquelândia: Número de campo – LG 1145*; Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 33056 – CHUNB 33057, CHUNB 33062 - CHUNB 33064; Parque Nacional Chapada dos Veadeiros: CHUNB 10136; Parque Nacional das Emas: CHUNB 26515 - CHUNB 26517, CHUNB 23757 - CHUNB 23758; Santa Rita do Araguaia: CHUNB 32791 - CHUNB 32810; UHE Cana Brava: MZUSP 92801 - MZUSP 92811; UHE Corumbá IV: MZUSP 98969 – 98987; UHE Serra da Mesa: Nogueira (2006). MATO GROSSO – Alto Araguaia: Nogueira (2006); Barra do Garças: Colli *et al.* (2002); Cáceres: ZUEC-REP 1524; Chapada dos Guimarães: Nogueira (2006); Serra das Araras: Nogueira (2006); Vila Rica: Nogueira (2006). MATO GROSSO DO SUL – Aquidauana: Nogueira (2006); Bodoquena: Nogueira (2006); Ribeirão Claro: Nogueira (2006); Três Lagoas: ZUEC-REP 3479. MINAS GERAIS – Lagoa Santa: Nogueira (2006); Paracatu: Nogueira (2006); P. N. Grande Sertão Veredas: Nogueira (2006); Unaí: Nogueira (2006). PARÁ – Bragança: Nogueira (2006); Capanema: Nogueira (2006); Novo Progresso: Nogueira (2006); Parauapebas: Nogueira (2006); Serra do Carajás: Nogueira (2006); Tucuruí: Nogueira (2006). PIAUÍ – ESEC Uruçuí-Uma: Nogueira (2006); P. N. Serra das Confusões: Nogueira (2006); Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 92894 – 92895; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 61034 – 61036; Pavussu: CHUFPB 289. SÃO PAULO – Galia: ZUEC-REP 774. TOCANTINS – Aliança do Tocantins: CHUFPB 3651 – 3660; Babaçulândia: Nogueira (2006); Caseara: Nogueira (2006); Darcinópolis: Nogueira (2006); ESEC Serra Geral do Tocantins: Nogueira (2006); Guaraí: Nogueira (2006); Ipueiras: Nogueira (2006); Mateiros: Nogueira (2006); Niquelândia: MZUSP 89946; Paranã: Nogueira (2006); Peixe: Nogueira (2006); São Salvador do Tocantins: Nogueira (2006); UHE Luís Eduardo Magalhães: Nogueira (2006).

Referências adicionais: Nogueira (2006).

Colobosauroides Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991

Colobosauroides carvalhoi Soares & Caramaschi, 1998

Localidade tipo: Brasil, Bahia, município de Barreiras (12°09' S, 44°59' W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: A espécie foi descrita de áreas de Cerrado no estado da Bahia, no município de Barreiras (Soares & Caramaschi, 1998) e posteriormente encontrado em manchas de Caatinga na Serra da Capivara (Rodrigues, 2003).

Registros: BRASIL: BAHIA – Barreiras: Soares & Caramaschi (1998). PIAUÍ – Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 89453.

Referências adicionais: Soares & Caramaschi (1998); Rodrigues (2003).

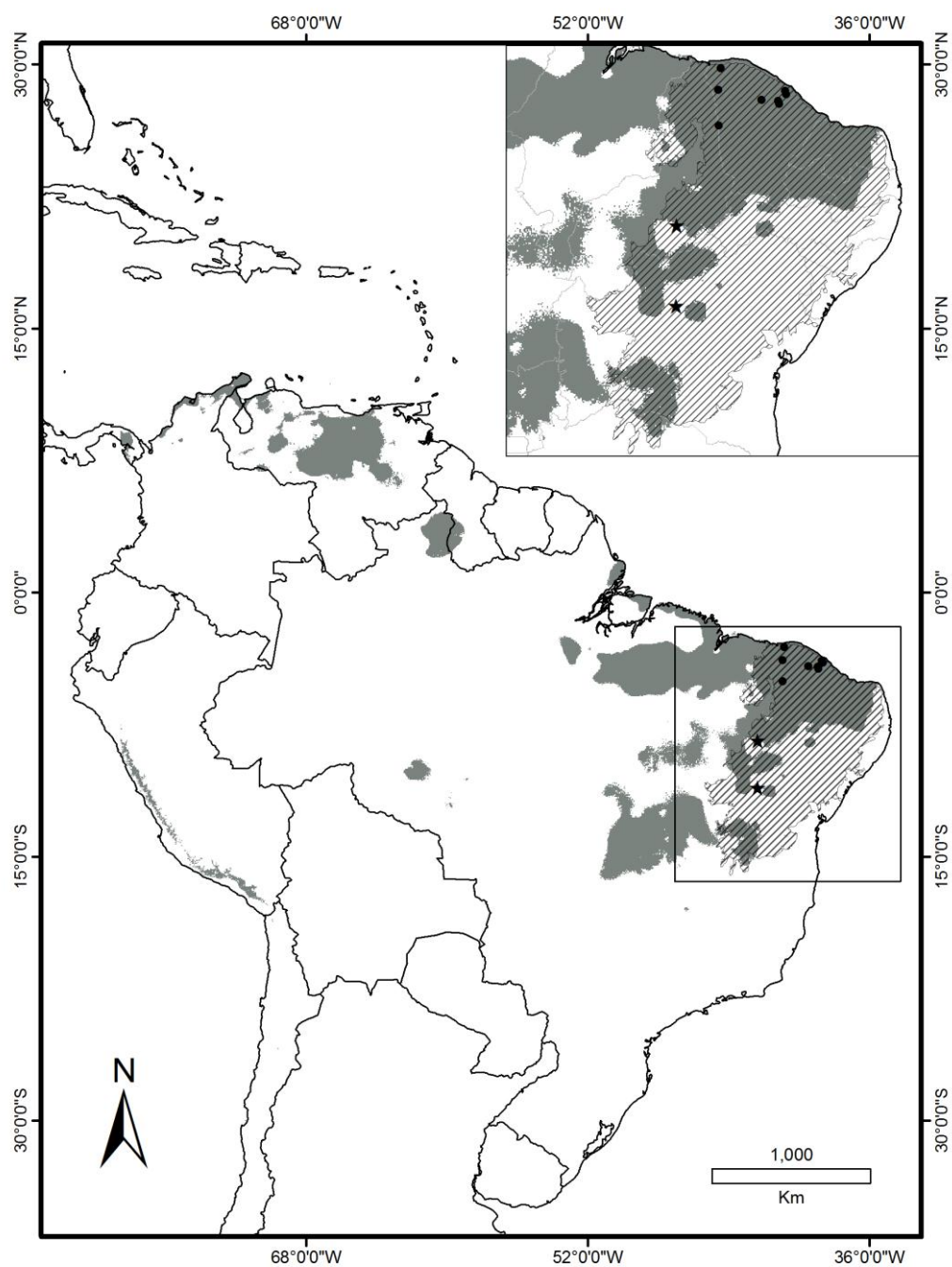


Figura 41 – Distribuição geográfica de *Colobosauroides carvalhoi* e *Colobosauroides cearensis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *C. cearensis*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *C. carvalhoi*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência do gênero *Colobosauroides* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Localidade tipo: Sítio Lorena, município de Mulungu, Serra de Baturité (800m de altitude), Ceará, Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se unicamente no estado do Ceará em áreas de altitude (Freitas & Silva, 2007). **Registros: BRASIL: CEARÁ** – Aratanha: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Granja: CHUNB 56532 – 56534; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Mulungu: MZUSP 79213 – 79214, MZUSP 87580 – 87583, MZUSP 93421; Pacoti: Número de campo – LG 1348; Serra de Baturité: MZUSP 79595; Ubajara: MNRJ 9918 – 9925.

Referências adicionais: Cunha *et al.* (1991); Freitas & Silva (2007).

Dryadosaura Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites Jr., 2005

Dryadosaura nordestina Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites Jr., 2005

Localidade tipo: João Pessoa (07°07'S, 34°52'W): estado da Paraíba, Brasil.

Distribuição: Ocorre do Rio Grande do Norte até o estado da Bahia no município de Jandaíra (Rodrigues *et al.*, 2005). A espécie parece se restringir a Floresta Atlântica nordestina (Rodrigues *et al.*, 2005) e a poucas áreas de transição entre a Floresta Atlântica e a Caatinga, sendo sempre encontrado em ambientes com remanescentes florestais.

Ocorrência na Caatinga: Encontrado na Serra dos Cavalos, estado de Pernambuco e no Parque Estadual Pedra da Boca, estado da Paraíba (Arzabe *et al.*, 2005). Ambas as localidades encontram-se dentro do domínio da Caatinga, mas possuem remanescentes florestais que tiveram ligações passadas com o domínio Atlântico.

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Messias: Número de campo** - 952607 – 952608; Passo de Camaragiba: MZUSP 99004 – 99006; Piaçabuçu: MUFAL 293. **BAHIA** – Jandaíra: MNRJ 19943. **PARAÍBA** – Cabedelo: CHUFPB 3574 – 3575; João Pessoa: CHUFPB 3588 – 3590; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 3561 - 3573. **PERNAMBUCO** – Brejo da Madre de Deus: CHUFPB 3596; Caruaru: CHUFPB 3595; Escada: FRD 272; Ipojuca: CHUFPB 187 – 196; Parque Dois Irmãos, Recife: MZUFBA 722 – 727; Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 87709 – 87719. **RIO GRANDE DO NORTE** – Natal: CHUFPB 3592 – 3594. **SERGIPE** – Indiaroba: MNRJ 15035; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 240, CHUFS 464;

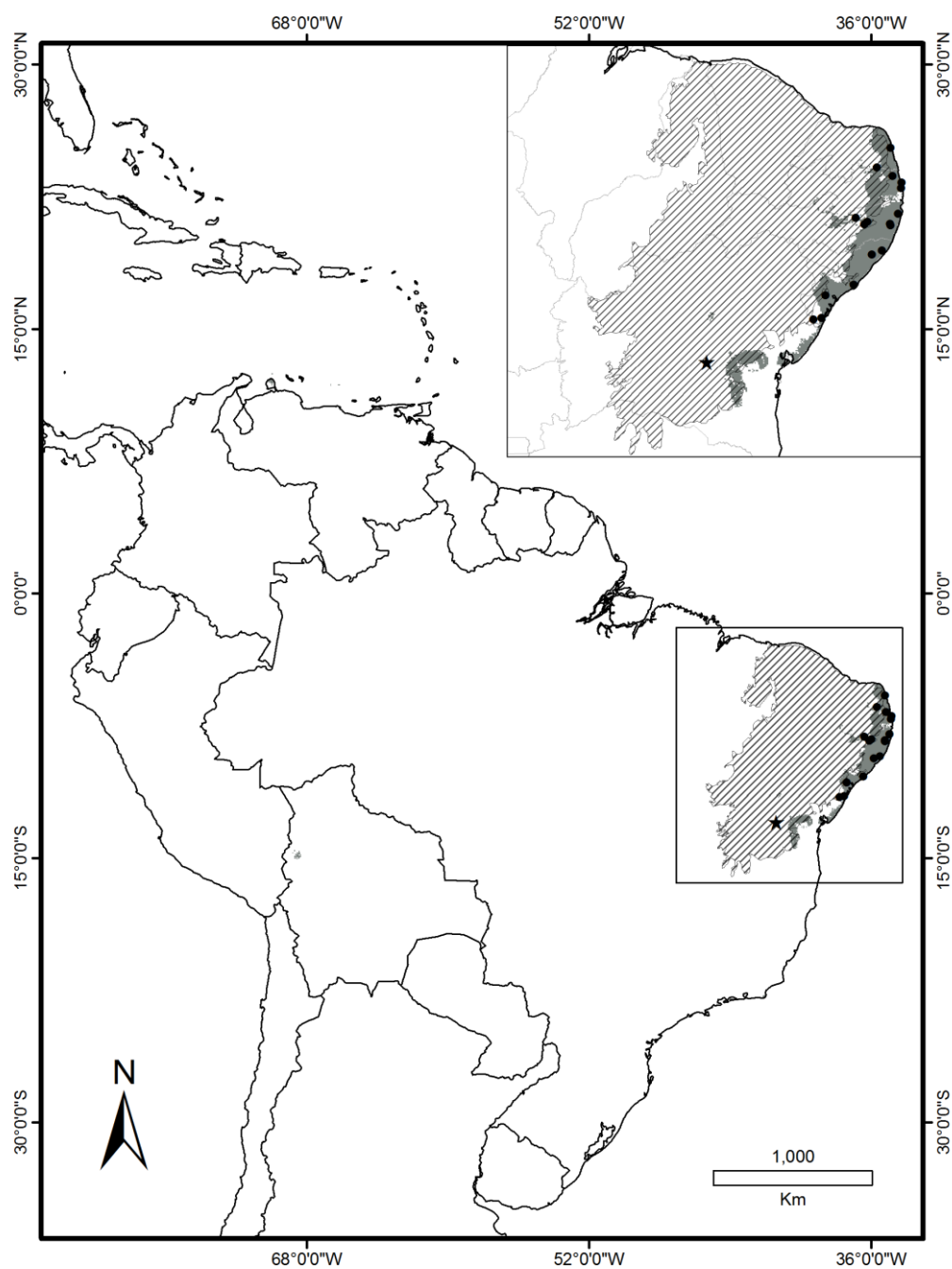


Figura 42 – Distribuição geográfica de *Dryadosaura nordestina* e *Heterodactylus septentrionalis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *D. nordestina*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *H. septentrionalis*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *D. nordestina* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (2005); Arzabe *et al.* (2005).

Heterodactylus Spix, 1825

Heterodactylus septentrionalis Rodrigues, Freitas & Silva, 2009

Localidade tipo: Fazenda Caraíbas (13°09'49" S, 41°24'19" W), distrito de Cascavel, município de Mucugê, Serra do Espinhaço (Chapada Diamantina): estado da Bahia: Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre unicamente na região dos Gerais de Mucugê na Chapada Diamantina, estado da Bahia. A espécie encontra-se relacionada a áreas de altitude e climas mais amenos (Freitas & Silva, 2007; Rodrigues *et al.*, 2009).

Registros: BRASIL: BAHIA – Gerais de Mucugê, Mucugê: Freitas & Silva (2007).

Referências adicionais: Freitas & Silva (2007); Rodrigues *et al.* (2009).

Leposoma Spix, 1825

Leposoma baturitensis Rodrigues & Borges, 1997

Localidade tipo: Serra de Baturité (Sítio Barbosa): Pacoti: estado do Ceará: Brasil (4°10' S, 38°55' W; 800m acima do nível do mar).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre unicamente em brejos de altitude do estado do Ceará (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003).

Registros: BRASIL: CEARÁ – Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Pacoti: MZUSP 79379; Serra de Baturité: MZUSP 79378.

Referências adicionais: Rodrigues & Borges (1997); Borges-Nojosa & Caramaschi (2003).

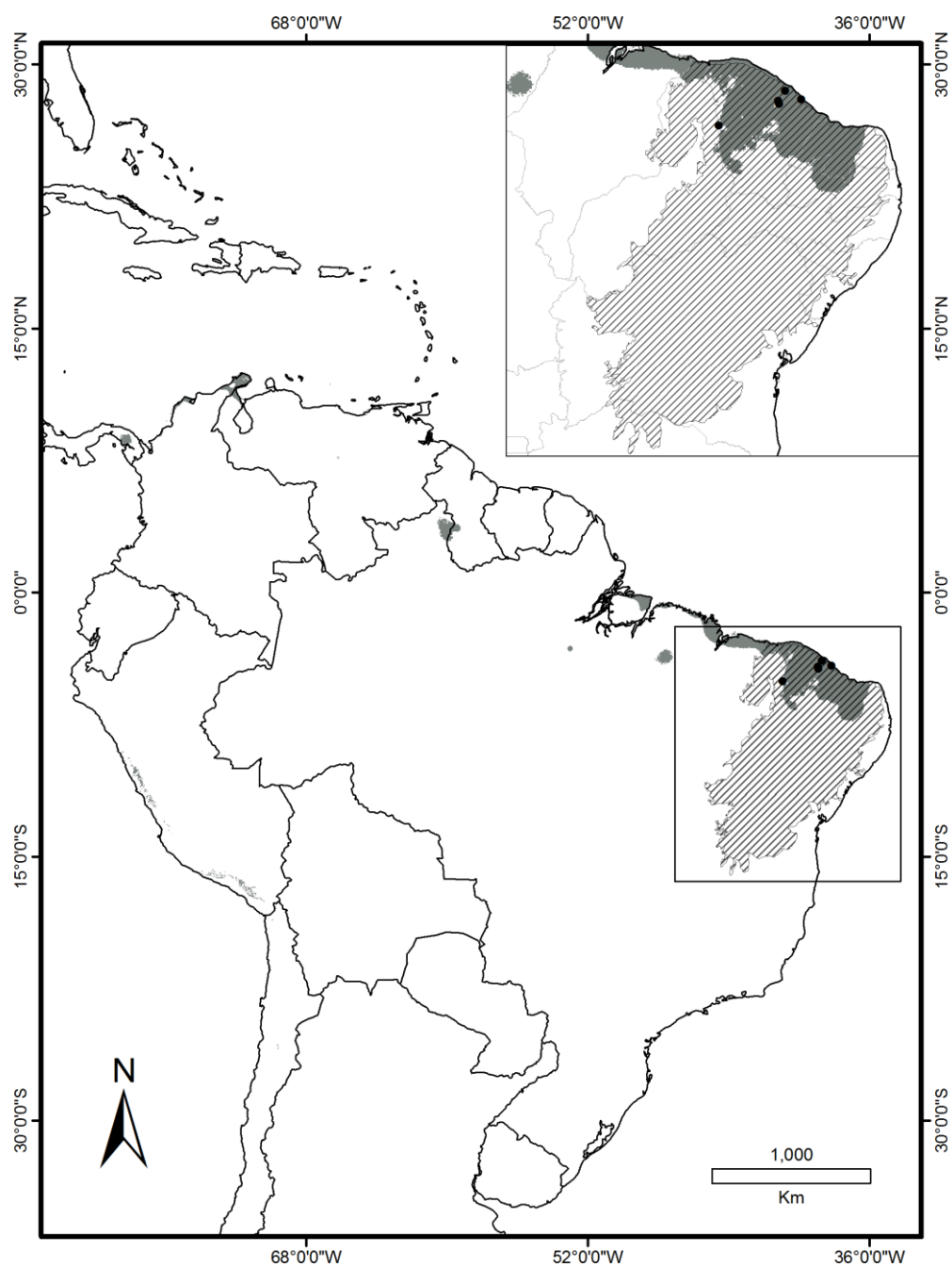


Figura 43 – Distribuição geográfica de *Leposoma baturitensis*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *L. baturitensis* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Micrablepharus Boulenger, 1885

Micrablepharus maximiliani (Reinhardt & Lütken, 1862)

Localidade tipo: Maruim, Sergipe, Brasil.

Distribuição: Distribui-se amplamente por toda a diagonal de vegetação aberta da América do Sul (Delfim & Freire, 2007; Nogueira, 2006).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre por praticamente toda a Caatinga (Freitas & Silva, 2007). Parece não ocorrer na área nuclear do domínio, onde as temperaturas são mais altas e os índices pluviométricos mais irregulares (Vanzolini *et al.*, 1980; Delfim & Freire, 2007).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Barra de São Miguel: MUFAL s/número; Coruripe: MUFAL 6293; Maceió: MUFAL 2283; Palmeira dos Índios: MNRJ 2065; Passo de Camaragibe: MZUSP 99000 – 99001; Piaçabuçu: MUFAL 301; **BAHIA** – Barreiras: MNRJ 2549, MNRJ 2552; Barreirinha: Moura *et al.* (2010); Chapada Diamantina: Freitas & Silva (2007); Correntina: MZUSP 100024 – 100025; Ibiraba: Moura *et al.* (2010); Lençóis: Moura *et al.* (2010); Mucuri: Moura *et al.* (2010); Nova Viçosa: MNRJ 16646; Porto de Sauípe: MZUSP 98415; Santa Maria da Vitória: MZUSP 100023; Santo Inácio: Moura *et al.* (2010); São Desidério: MZUSP 89296; Serra da Jibóia: Freitas & Silva (2007); Vacaria: Moura *et al.* (2010). **CEARÁ** – Arajara, Barbalha: MZUSP 52155 – 52156; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Caucaia: CHUNB 56524; Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: CHUNB 64580 – 64596; Fortaleza: Moura *et al.* (2010); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapina: Moura *et al.* (2010); Maranguape: Freitas & Silva (2007); Milagres: MNRJ 18497; Mulungu: MZUSP 79656; Pacajus: MZUSP 27176; São Benedito: Moura *et al.* (2010); São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 811*; São Luís, Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Tianguá: Moura *et al.* (2010); Ubajara: Moura *et al.* (2010); Várzea da Conceição: CHUFPB 899. **DISTRITO FEDERAL** – Brasília: MZUSP 79377; **ESPÍRITO SANTO** – Linhares: ZUEC-REP 1842; São Mateus: MZUSP 88146; **GOIÁS** – Anápolis: Moura *et al.* (2010); Alcinópolis: Moura *et al.* (2010); Alto Araguaia: Moura *et al.* (2010); Alto Paraíso de Goiás: Moura *et al.* (2010); Alvorada do Norte: Moura *et al.* (2010); Bodoquena: Moura *et al.* (2010); Caldas Novas: Moura *et al.* (2010); Cana Brava: Moura *et al.* (2010); Cavalcante: Moura *et al.* (2010); Catalão: Moura *et al.* (2010); Chapada dos Veadeiros: MZUSP 79376; Colinas do Sul: Moura *et al.* (2010); Cristalina: MZUSP 57743 – 57744; Flores de Goiás: Moura *et al.* (2010); Luziânia: MZUSP 98916 – 98920; Minaçu: Colli *et al.* (2002); Monte Alegre de Goiás: Moura *et al.* (2010); Niquelândia: MZUSP 89994; PCH Santa Edwiges I, Buritinópolis: MZUSP 99201; PCH Santa Edwiges II, Buritinópolis: Moura *et al.* (2010); Pirenópolis: MZUSP 79375; Santa Rita do Araguaia: Moura *et al.* (2010); São Domingos: Moura *et al.* (2010); Serra da Mesa: MZUSP 91284 – 91285; UHE Cana Brava: MZUSP 92687 – 92690; UHE Corumbá, Caldas Novas: MZUSP 81380 – 81385; UHE Corumbá IV: MZUSP 98916 – 98920; UHE Serra da Mesa: MZUSP 97078 – 97082. **MATO GROSSO** – Barra do Garças: Número de campo – LG 1017*; Cáceres: ZUEC-REP 1993; Chapada dos Guimarães: Colli *et al.* (2002); Itiquira: MZUSP 99346; Tesouro: MZUSP 99259. **MARANHÃO** – Aldeia do Ponto, Fernando Falcão: Moura *et al.* (2010); Balsas: Moura *et al.* (2010); Barão de Tromaí: Moura *et al.* (2010); Barra do Corda: Moura *et al.* (2010); Barreirinhas: MZUSP 95289 – 95290; Cândido Mendes: Moura *et al.* (2010); Carolina: Moura *et al.* (2010); Imperatriz: MZUSP 79346; Santo Amaro do Maranhão: MZUSP 77621; São João dos Patos: Moura *et al.* (2010).

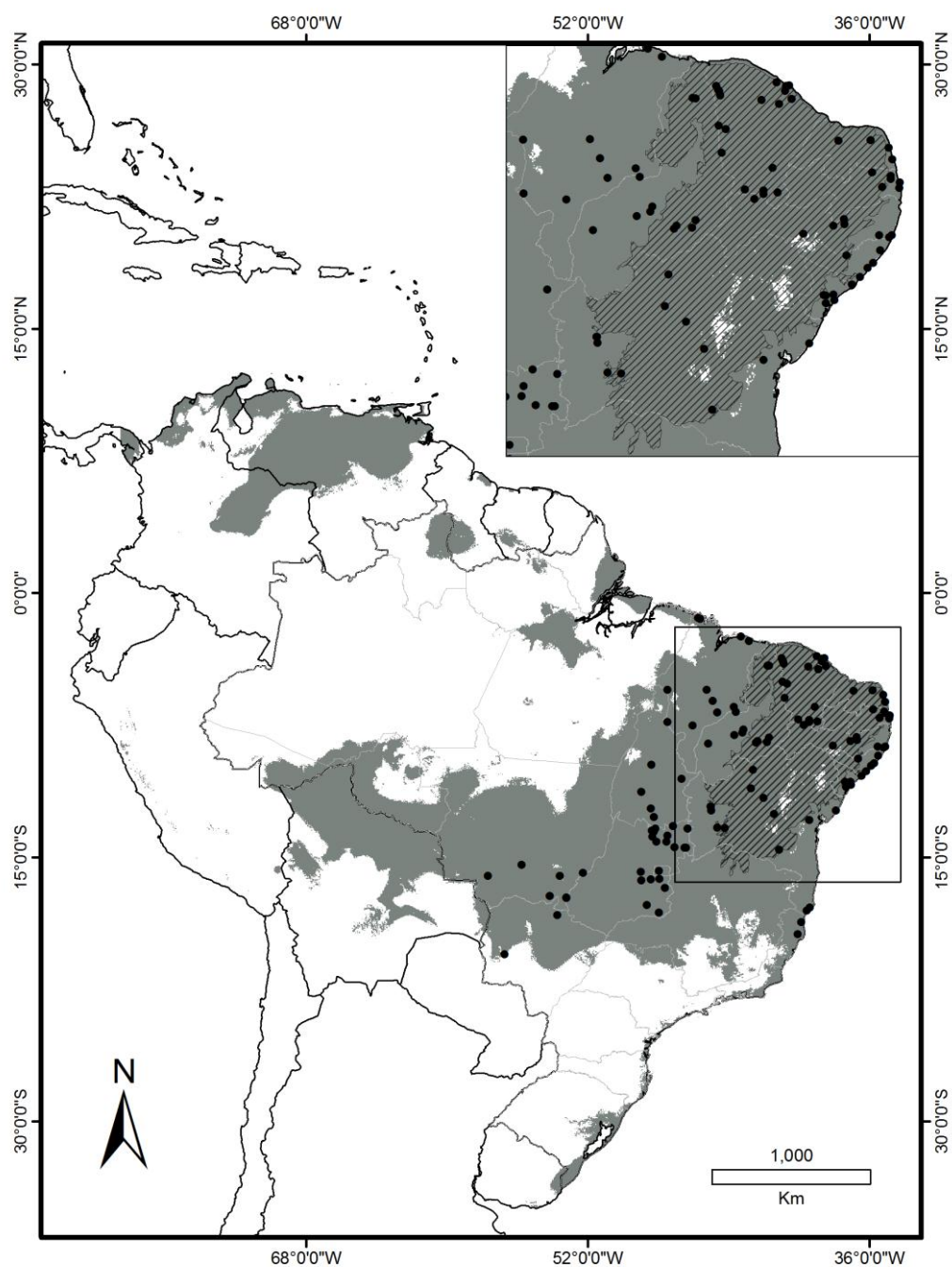


Figura 44 – Distribuição geográfica de *Micrablepharus maximiliani*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *M. maximiliani* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Registros (continuação): BRASIL: PARAÍBA – Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Cabedelo: Moura *et al.* (2010); Gurinhém: MZUSP 65659; João Pessoa: MZUSP 65991, MZUSP 66233; Mamanguape: MZUSP 6546 – 6547; Mataraca: Moura *et al.* (2010); REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 437 – 440. **PERNAMBUCO** – Água Preta: MZUSP 78387; Arcoverde: CHUFPB 81 – 85; Barreiros: MZUSP 89292; Exu: MZUSP 50170 – 50174; Pesqueira: Moura *et al.* (2010); Poção: MNRJ 1735; REBio de Serra Negra, Inajá: MUFAL 7272; Tamandaré: CHUNB 28986. **PIAUÍ** – Brasileira: Moura *et al.* (2010); Eliseu Martins: Moura *et al.* (2010); Gervásio de Oliveira: MZUSP 99828 – 99830; Guadalupe: Moura *et al.* (2010); João Costa: Moura *et al.* (2010); Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 89461 – 89462, MZUSP 92900; Parque Nacional de Sete Cidades: CHUNB 61120 – 61131; Pavussu: CHUFPB 892 – 893; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 800; São Domingos do Azeitão: Moura *et al.* (2010); São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 894; Uruçuí-Una: MZUSP 100668 – 100669. **RIO GRANDE DO NORTE** – Açú: Delfim & Freire (2007); João Câmara: Moura *et al.* (2010); Natal: CHUFPB 420 – 421; Tibau do Sul: Moura *et al.* (2010). **SERGIPE** – Areia Branca: MZUSP 88095 – 88096; Barra dos Coqueiros: MZUSP 80958 – 80959; Maruim: Moura *et al.* (2010); Itabaiana: Moura *et al.* (2010); Itaporanga D'Ajuda: CHUFS 370, CHUFS 469; **TOCANTINS** – Aliança do Tocantins: CHUFPB 3501 – 3513; Lajeado: MZUSP 96150 – 96152; Parque Nacional do Jalapão: ZUEC-REP 3030; Peixe: MZUSP 95918 – 95922; São Salvador do Tocantins: MZUSP 98598;

Referências adicionais: Vanzolini *et al.* (1980); Rodrigues (1996b); Delfim & Freire (2007); Nogueira (2006).

Nothobachia Rodrigues, 1984

Nothobachia ablephara Rodrigues, 1984

Localidade tipo: Brasil, Piauí, São Raimundo Nonato (corrigido para Sal, Piauí).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Espécie típica dos campos de dunas do lado esquerdo do Rio São Francisco (Rodrigues, 1996). Também é encontrada nos estados de Pernambuco e Piauí em localidades que tiveram possíveis ligações pretéritas com os campos de dunas atuais (Delfim *et al.*, 2006; 2011). Sempre ocupa solos arenosos (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Alagado: MZUSP 71459 – 71469; Barra: Freitas & Silva (2007); Brejo da Serra: MZUSP 79531; Brejo da Umburana, Barra: MZUSP 80206 – 80208; Ibiraba, Barra: MZUSP 71481 – 71485, MZUSP 95114; Mocambo do Vento: MZUSP 76265; Queimadas, Barra: MZUSP 76865 – 76870; **PERNAMBUCO** – Petrolina: MZUSP 70270 – 70276; **PIAUÍ** – Parque Nacional Serra da Capivara: Freitas & Silva (2007); Sal: MZUSP 64739 – 64744; São Raimundo Nonato: MZUSP 54842;

Referências adicionais: Rodrigues (1984; 1996); Freitas & Silva (2007).

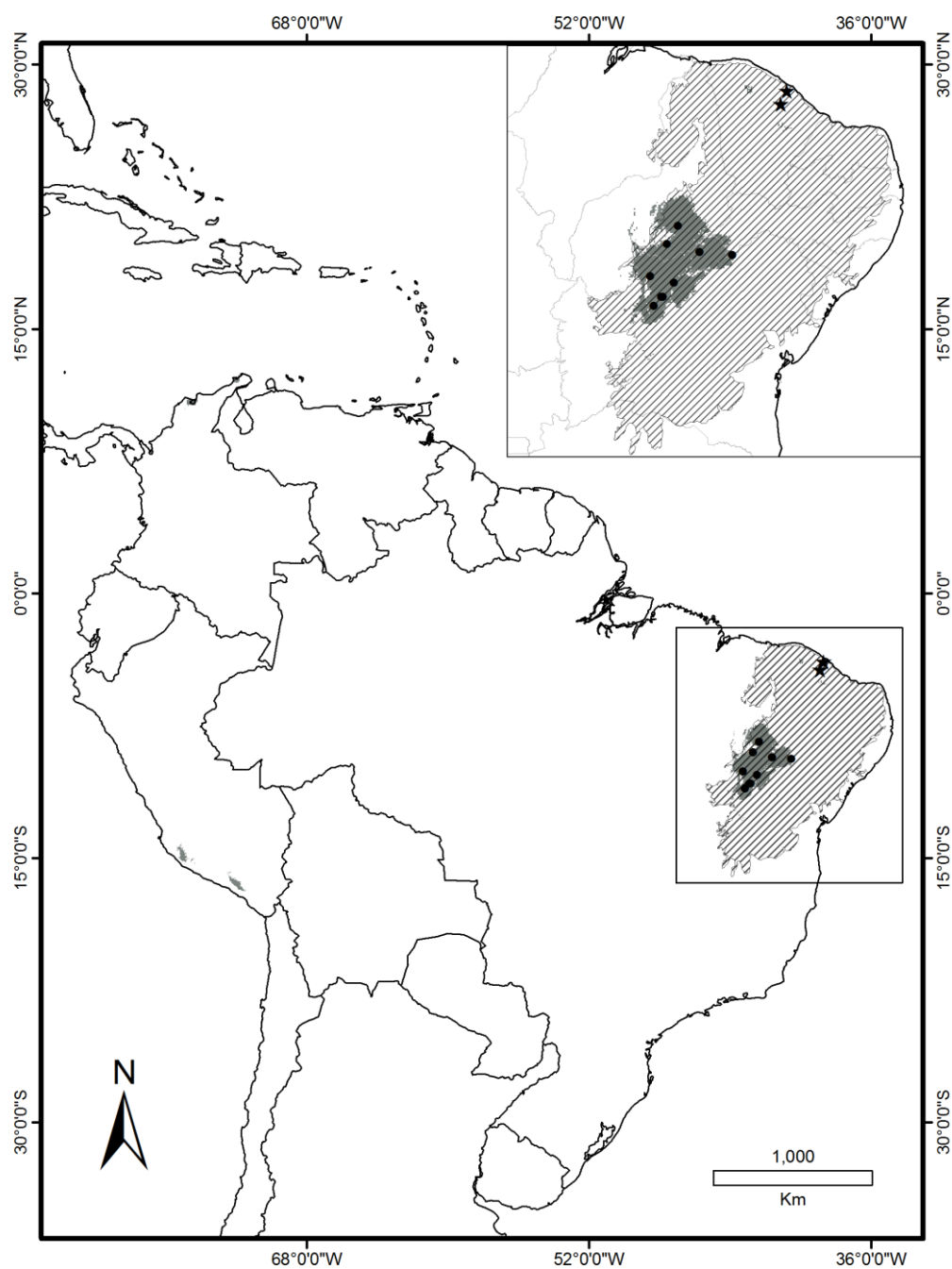


Figura 45 – Distribuição geográfica de *Notobachia ablephara* e *Placosoma* sp. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *N. ablephara*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *Placosoma* sp.; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *N. ablephara* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Placosoma Tschudi, 1847

Placosoma sp.

Comentários taxonômicos: Espécie em fase de descrição por Borges-Nojosa *et al.* Trata-se da quarta espécie do gênero (Freitas & Silva, 2007).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: É a espécie do gênero que apresenta a distribuição mais ao norte (Freitas & Silva, 2007). Ocorre na região da Serra de Baturité e nas serras próximas a Maranguape, região metropolitana da grande Fortaleza, estado do Ceará (Borges-Nojosa, com. pess. 2011).

Registros: BRASIL: CEARÁ – Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Maranguape: MZUSP 88071;

Referências adicionais: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Freitas & Silva (2007).

Procellosaurinus Rodrigues, 1991

Procellosaurinus erythrocercus Rodrigues, 1991

Localidade tipo: Brasil: Bahia: Ibiraba (10°48' S, 42°50' W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se pela margem esquerda do Rio São Francisco, nos campos de dunas de Barra e Casa Nova (Rodrigues, 1991c). Recentemente foi registrado para o estado do Piauí (Freitas & Silva, 2007; Delfim *et al.*, 2011).

Registros: BRASIL: BAHIA – Alagoado: MZUSP 100670; Ibiraba, Barra: MZUSP 71575 – 71590; Mocambo do Vento: MZUSP 76261 – 76264; Queimadas, Barra: MZUSP 74923 – 74930; PIAUI – Gervásio de Oliveira: MZUSP 99808 – 99821; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 92572 – 92573, MZUSP 92896 – 92897; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 96890 – 96891; Pavussu: CHUFPB 932; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 933 - 934.

Referências adicionais: Rodrigues (1991c); Freitas & Silva, (2007); Delfim *et al.* (2011).

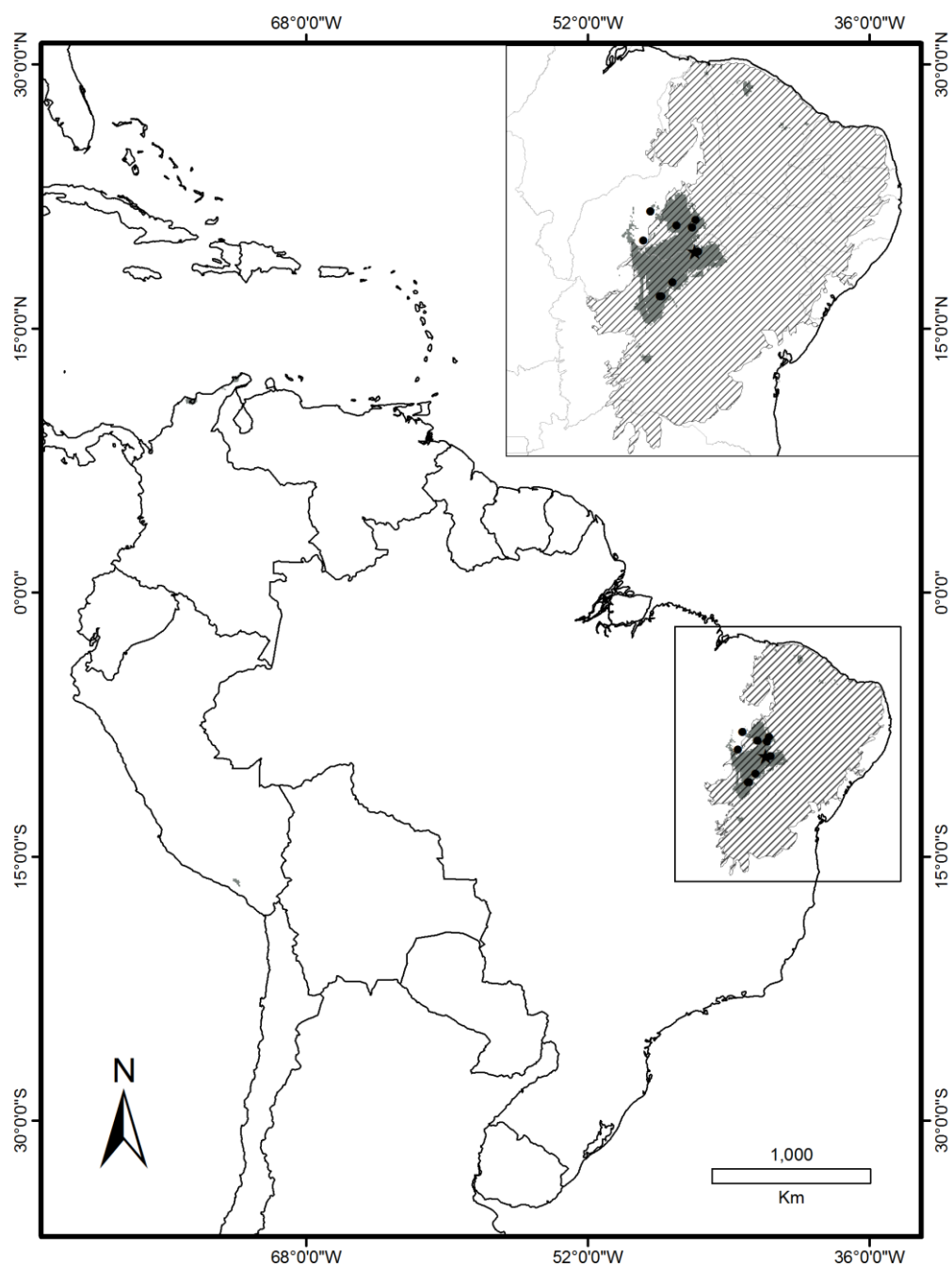


Figura 46 – Distribuição geográfica de *Procellosaurinus erythrocerus* e *Procellosaurinus tetradactylus*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *P. erythrocerus*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *P. tetradactylus*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência do gênero *Procellosaurinus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Procellosaurinus tetradactylus Rodrigues, 1991

Localidade tipo: Brasil: Bahia: Alagoado (9°29' S, 41°21' W).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Encontrado apenas na localidade de Alagoado no estado da Bahia (Rodrigues, 1991c; Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Alagoado: MZUSP 71597 – 71604;

Referências adicionais: Rodrigues (1991c).

Psilophthalmus Rodrigues, 1991

Psilophthalmus paeminus Rodrigues, 1991

Localidade tipo: Município de Santo Inácio, campo de dunas paleoquaternárias do médio Rio São Francisco, Bahia, Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Espécie típica da região de campos de dunas do médio Rio São Francisco (Rodrigues, 1991b; 1996). Encontrado nos municípios de Santo Inácio, Vacaria e na Lagoa de Itaparica do lado direito do rio. Delfim *et al.* (2006) estenderam sua distribuição para o município de Canindé do São Francisco, Sergipe, na região de Xingó. Apesar da ampla distribuição dada pela modelagem, o gênero parece ter ligação com solos arenosos ocorrentes ao sul do Rio São Francisco.

Registros: BRASIL: BAHIA – Lagoa de Itaparica: MZUSP 74229 – 74231; Santo Inácio: MZUSP 74227 – 74228, MZUSP 74946 – 74950; Vacaria: MZUSP 71904; SERGIPE – Canindé do São Francisco: Número de campo – Xingó 014809 – 014810, 014626 – 014627; MUFAL 6280, Delfim *et al.* (2006).

Referências adicionais: Rodrigues (1991b); Delfim *et al.* (2006).

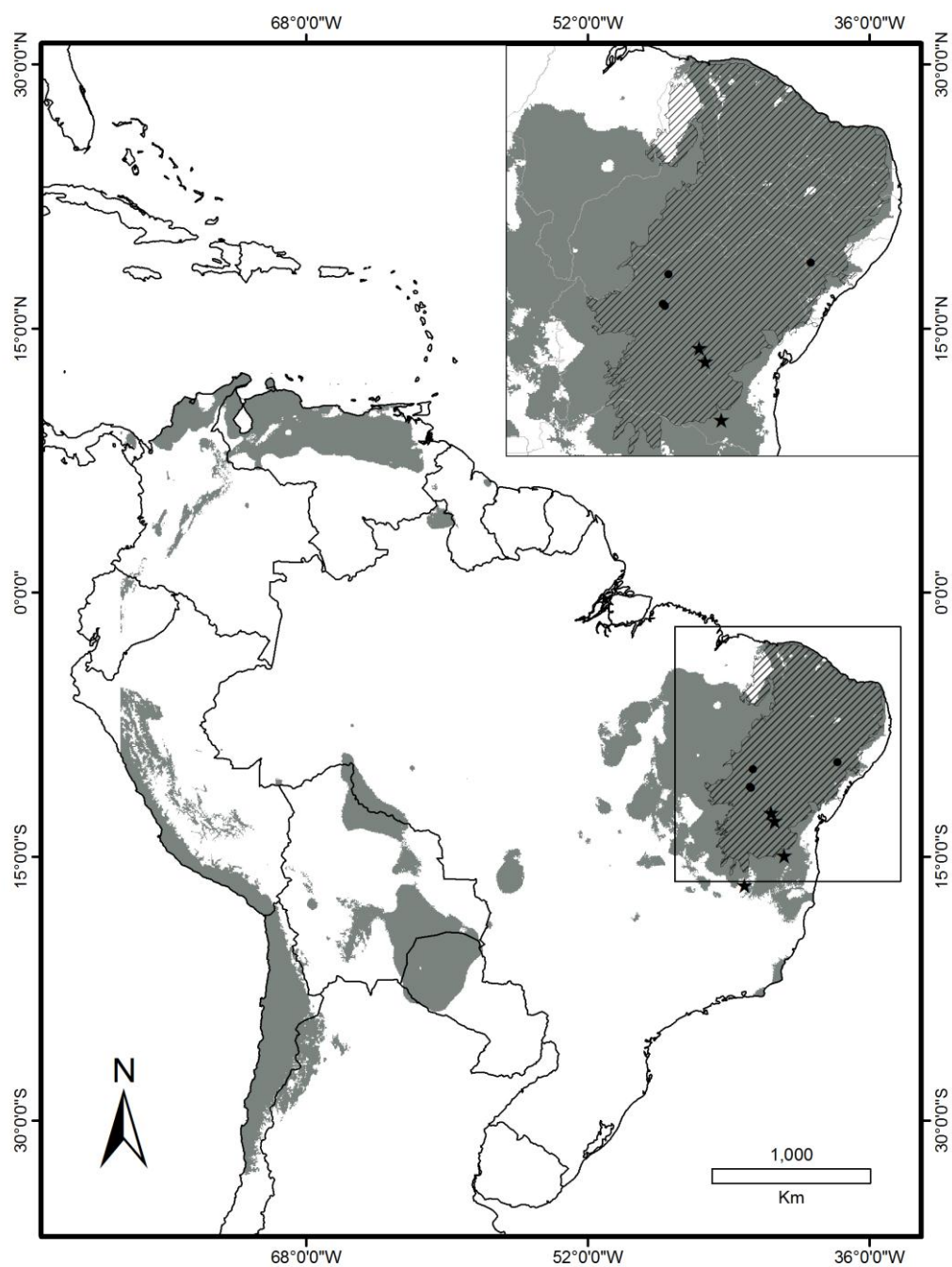


Figura 47 – Distribuição geográfica de *Psilophthalmus paeminus* e *Psilophthalmus* sp. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *P. paeminus*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *Psilophthalmus* sp.; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência do gênero *Psilophthalmus* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Psilophthalmus sp.

Comentários taxonômicos: Trata-se de uma nova espécie em fase de descrição (Freitas & Silva, 2007).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se pela região da Serra do Espinhaço, nos municípios de Mucugê e Palmeiras, na Chapada Diamantina, estado da Bahia e nordeste do estado de Minas Gerais (Freitas & Silva, 2007). Ocorre também na região do Planalto da Conquista na Bahia.

Registros: **BRASIL:** BAHIA – Mucugê: MZUSP 96918; Palmeiras: Freitas & Silva (2007); Planalto da Conquista: Freitas & Silva (2007). MINAS GERAIS – Cadeia do Espinhaço: Freitas & Silva (2007).

Referências adicionais: Freitas & Silva (2007).

Scriptosaura Rodrigues & Santos, 2008

Scriptosaura catimbau Rodrigues & Santos, 2008

Localidade tipo: Fazenda Porto Seguro (08°29'13"S, 37°16'52"W), município de Buíque, Parque Nacional do Catimbau: estado de Pernambuco: Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Conhecido somente de sua localidade tipo (Rodrigues & Santos, 2008).

Registros: **BRASIL:** PERNAMBUCO – Parque Nacional do Catimbau: MZUSP 98059 – 98077;

Referências adicionais: Rodrigues & Santos (2008).

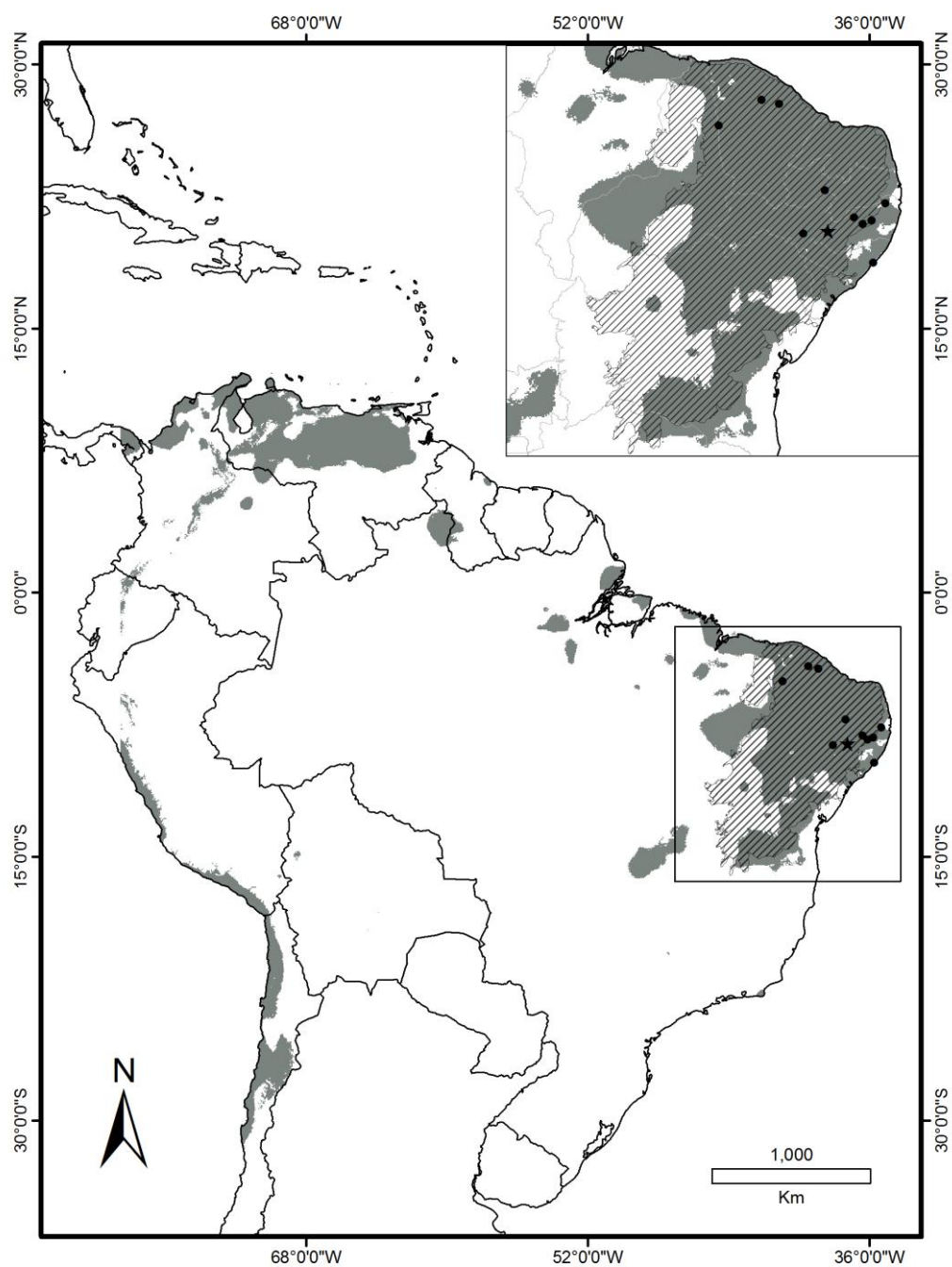


Figura 48 – Distribuição geográfica de *Scriptosaura catimbau* e *Stenolepis ridleyi*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *S. catimbau*; Estrelas: registros de ocorrência confirmados para *Stenolepis ridleyi*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *Stenolepis ridleyi* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Stenolepis Boulenger, 1887

Stenolepis ridleyi Boulenger, 1887

Localidade tipo: Floresta de Igarassu, Pernambuco, Brasil.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Distribui-se pela Mata Atlântica nordestina nos estados de Alagoas e Pernambuco (Freire, 2001). No domínio da Caatinga ocorre em brejos de altitude nos estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba e em áreas de transição entre a Floresta Atlântica e a Caatinga (Figura XXX) (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). A espécie é dependente de ambientes florestados e parece não ocorrer em áreas de caatingas rústicas como indicado pela modelagem (Rodrigues, 1995).

Registros: **BRASIL:** ALAGOAS – Mata do Catolé, Maceió: com. pess. CEARÁ – Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapaba: CHUFPB 182; Mulungu: MZUSP 78724; PARAÍBA – Pico do Jabre: MZUSP 62784 – 62785; PERNAMBUCO – Bezerros: CHUFPB 3640 – 3645; Brejo da Madre de Deus: CHUFPB 170 – 175; Reserva Biológica de Serra Negra, Inajá: MZUSP 45752 – 45753; Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 66047 – 66050; Vicência: MZUSP 23083.

Referências adicionais: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003).

Vanzosaura Rodrigues, 1991

Vanzosaura rubricauda (Boulenger, 1902)

Localidade tipo: Cruz del Eje, Argentina.

Distribuição: Distribui-se amplamente por toda a diagonal de formações abertas da América do Sul (Vanzolini *et al.*, 1980; Rodrigues, 1991c; 1995; Delfim & Freire, 2007). Ocorre desde o Chaco até a Caatinga, chegando próximo ao litoral nos estados de Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará (Freitas & Silva, 2007).

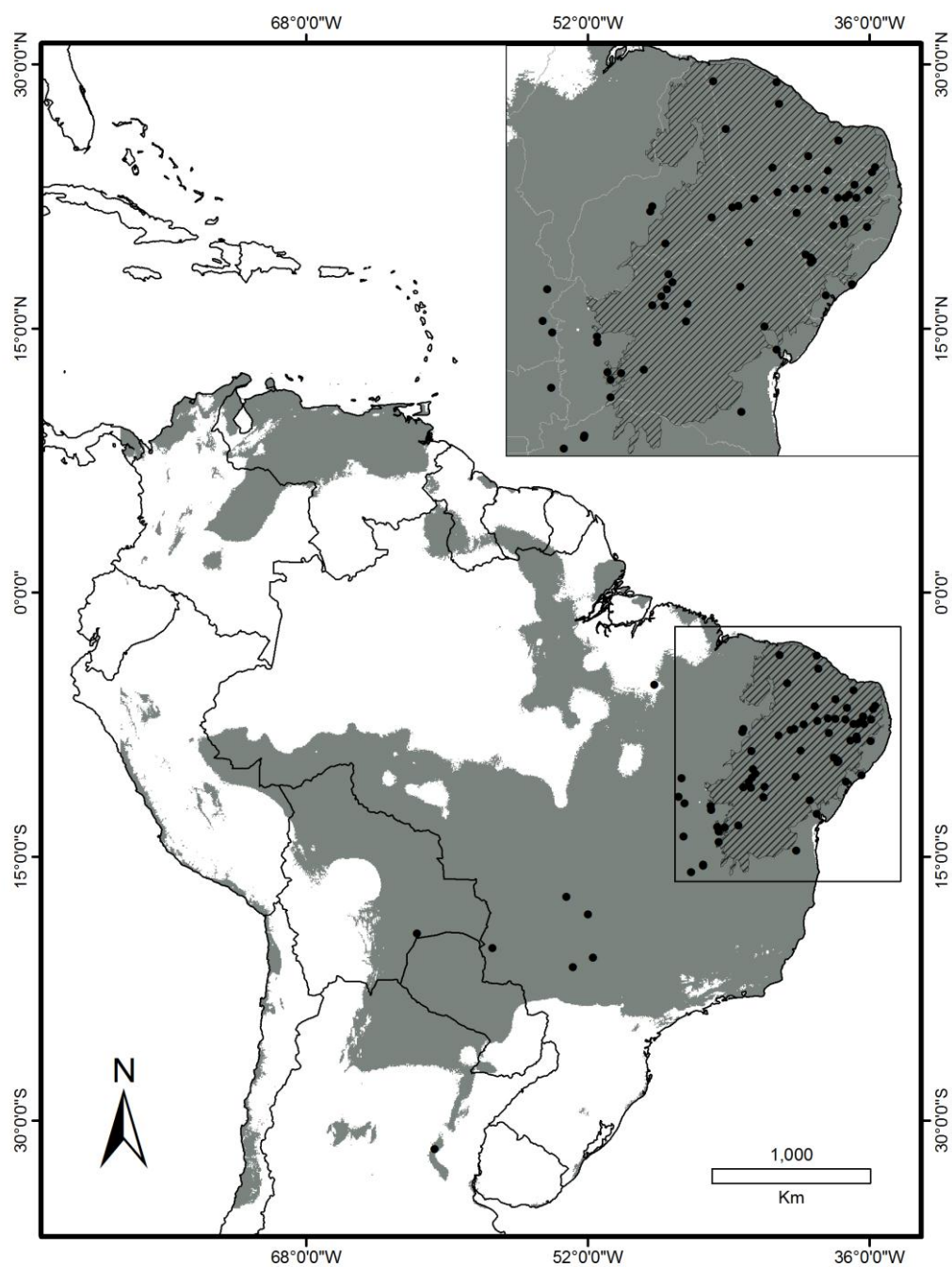


Figura 49 – Distribuição geográfica de *Vanzosaura rubricauda*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *V. rubricauda* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre por toda a Caatinga (Figura 52), distribuindo-se amplamente por todas as fitofisionomias do domínio e pelos mais diversos tipos de solo (Delfim & Freire, 2007; Freitas & Silva, 2007). Aparentemente, é mais abundante em localidades com solos arenosos (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: ALAGOAS - Delmiro Gouveia: MUFAL 6391, MUFAL 6393; Olho D'água do Casado: MUFAL 727; Piaçabuçu: MUFAL 298; Piranhas: MUFAL 6388, MUFAL 6392; MZUFBA 81 – 87, MZUFBA 124 – 133, MZUFBA 278 – 284, MZUFBA 392 – 393, MZUFBA 531 – 533; BAHIA – Barra: MZUSP 75620; Barreiras: MNRJ 2543 – 2544; Bom Jesus da Lapa: MNRJ 2545; Cachoeira: Nogueira (2006); Capim Verde: Yonenaga-Yassuda *et al.* (1996); Cocos: CHUNB 49190; Correntina: MZUSP 100028; Curaçá: MZUSP 77170; Ibipecta: CHUNB 24224; Ibiraba, Barra: MZUSP 68485 – 68492; Jaborandi: CHUNB 51121; Jussara: MZUSP 89287; Queimadas, Barra: MZUSP 74970 – 74974; Riachão do Jacuípe: MNRJ 10530 – 10531; Santo Inácio: MZUSP 74966 – 74968; Santa Maria da Vitória: MZUSP 100035 – 100038; São Desidério: MZUSP 100029; Senhor do Bonfim: MZUSP 448; Sento Sé: MZUSP 96358; Vacaria: MZUSP 71609 – 71615; CEARÁ – Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Baturité: MZUSP 2428; Milagres: MNRJ 18498; São Gonçalo do Amarante: Número de campo – ACF 782; Várzea da Conceição: CHUFPB 922 – 923; Viçosa do Ceará: CHUNB 57373. GOIÁS – P.E. Terra Ronca: Nogueira (2006); Serranópolis: Nogueira (2006). MATO GROSSO – Alto Araguaia: Nogueira (2006). MATO GROSSO DO SUL – Aquidauana: MZUSP 98091 – 98095; Santa Rita do Pardo: Nogueira (2006); Três Lagoas: ZUEC-REP 3452. MINAS GERAIS – Arinos: Nogueira (2006); Chapada Gaúcha: Nogueira (2006); P. N. Grande Sertão Veredas: Nogueira (2006). PARAÍBA – Cabaceiras: CHUFPB 3554 – 3557; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005); Campina Grande: Amaral (1935); Fazenda Almas: CHUFPB 801 – 804; Juazeirinho: CHUFPB 3551; Piancó: MZUSP 5590; Pico do Jabre: MNRJ 17040; São João do Cariri: CHUFPB 394 – 400; Serra Branca: MNRJ 19686; Soledade: MZUSP 4724; Umbuzeiro: MZUSP 4723; PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 21816 – 21820; Arcoverde: CHUFPB 921; Exu: MZUSP 48642 – 48646; Nascente: CHUFPB 764 – 765; Pesqueira: Nogueira (2006); Poção: MNRJ 1716; Serra Talhada: CHUFPB 796; Trindade: CHUFPB 930 – 931. PIAUÍ – Paulistana: CHUFPB 48; Pavussu: CHUFPB; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 917 – 918; São Raimundo Nonato: ZUEC-REP 872. RIO GRANDE DO NORTE – Assú: FRD 87*; ESEC do Seridó: FRD 192*; Martins: CHUFPB 3553. SERGIPE – Areia Branca: MZUSP 88097 – 88100; Canindé do São Francisco: MUFAL 797, MUFAL 6389. TOCANTINS – Dianópolis: Nogueira (2006); ESEC Serra Geral do Tocantins: Nogueira (2006); Parque Nacional do Jalapão: ZUEC-REP 3022 – 3025; Mateiros: Nogueira (2006). **ARGENTINA:** Santa Fé: Gallardo (1969). **BOLÍVIA:** Localidades em Dirksen & De la Riva (1999) – Cerro Colorado.

Referências adicionais: Vanzolini *et al.* (1980); Rodrigues (1991c); Delfim & Freire (2007); Freitas & Silva (2007).

Scincidae sensu Estes *et al.*, (1988)

Mabuya Fitzinger, 1826

Mabuya agmosticha Rodrigues, 2000

Localidade tipo: Xingó (09°24'S, 37°58'W; aproximadamente 450m de altitude); estado de Alagoas, Brasil.

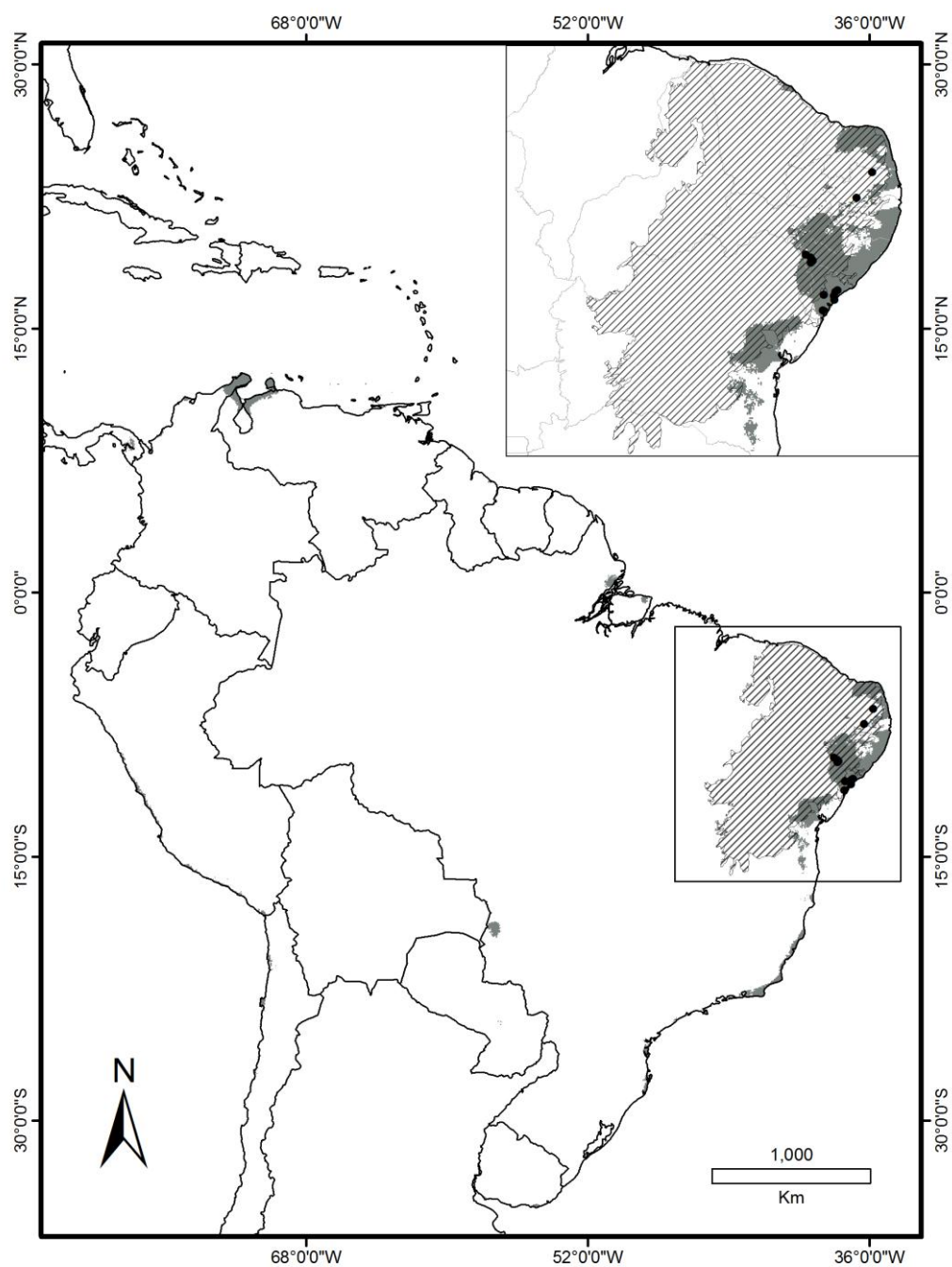


Figura 50 – Distribuição geográfica de *Mabuya agmosticha*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *M. agmosticha* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre na Caatinga do estado da Paraíba até Sergipe (Figura 53), estendendo-se até o litoral em restingas e tabuleiros no estado de Sergipe. Parece se relacionar com ambientes ocupados por bromeliáceas (Rodrigues, 2000).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Delmiro Gouveia: Número de campo** - 014536; Olho D'água do Casado: Número de campo** - 014902; Piranhas: MZUFBA 9, MZUFBA 13, MZUFBA 88, MZUFBA 92, MZUFBA 94 – 95, MZUFBA 97, MZUFBA 99 – 101, MZUFBA 151 – 152, MZUFBA 159, MZUFBA 361 – 386. PARAÍBA – Fazenda Bravo, Cabaceiras: MZUSP 60764 – 60771; Cacimba de Dentro: Arzabe *et al.* (2005). SERGIPE – Barra dos Coqueiros: MNRJ s/número; Carmópolis: MNRJ s/número; Estância: CHUFS 310; Canindé do São Francisco: Número de campo** - 014477, 014931; Japarutuba: MNRJ s/número; Parque Nacional Serra de Itabaiana, Areia Branca: CHUFS 241, MZUSP 88083 – 88084, MZUSP 88086 – 88087; Santo Amaro das Brotas: MNRJ s/número.

Referências adicionais: Rodrigues (2000).

Mabuya arajara Rebouças-Spieker, 1981

Localidade tipo: Brasil, Ceará, Arajara.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Encontrada em áreas de altitude no estado do Ceará e no município de Valença no estado do Piauí (Freitas & Silva, 2007; Ribeiro *et al.*, 2008) (Figura 54).

Registros: BRASIL: CEARÁ – Arajara, Barbalha: MZUSP 52187 – 52200; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Crateús: Borges-Nojosa & Cascon (2005); Crato: CHUNB 64624 – 64625; Granja: CHUNB 56570 – 56571; Ubajara: ZUEC-REP 3407, ZUEC-REP 3432 - 3435. PIAUI – Valença: MZUSP 38690;

Referências adicionais: Rebouças-Spieker (1981); Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Freitas & Silva (2007).

Mabuya heathi Schmidt & Inger, 1951

Localidade tipo: Fortaleza, Ceará, Brasil.

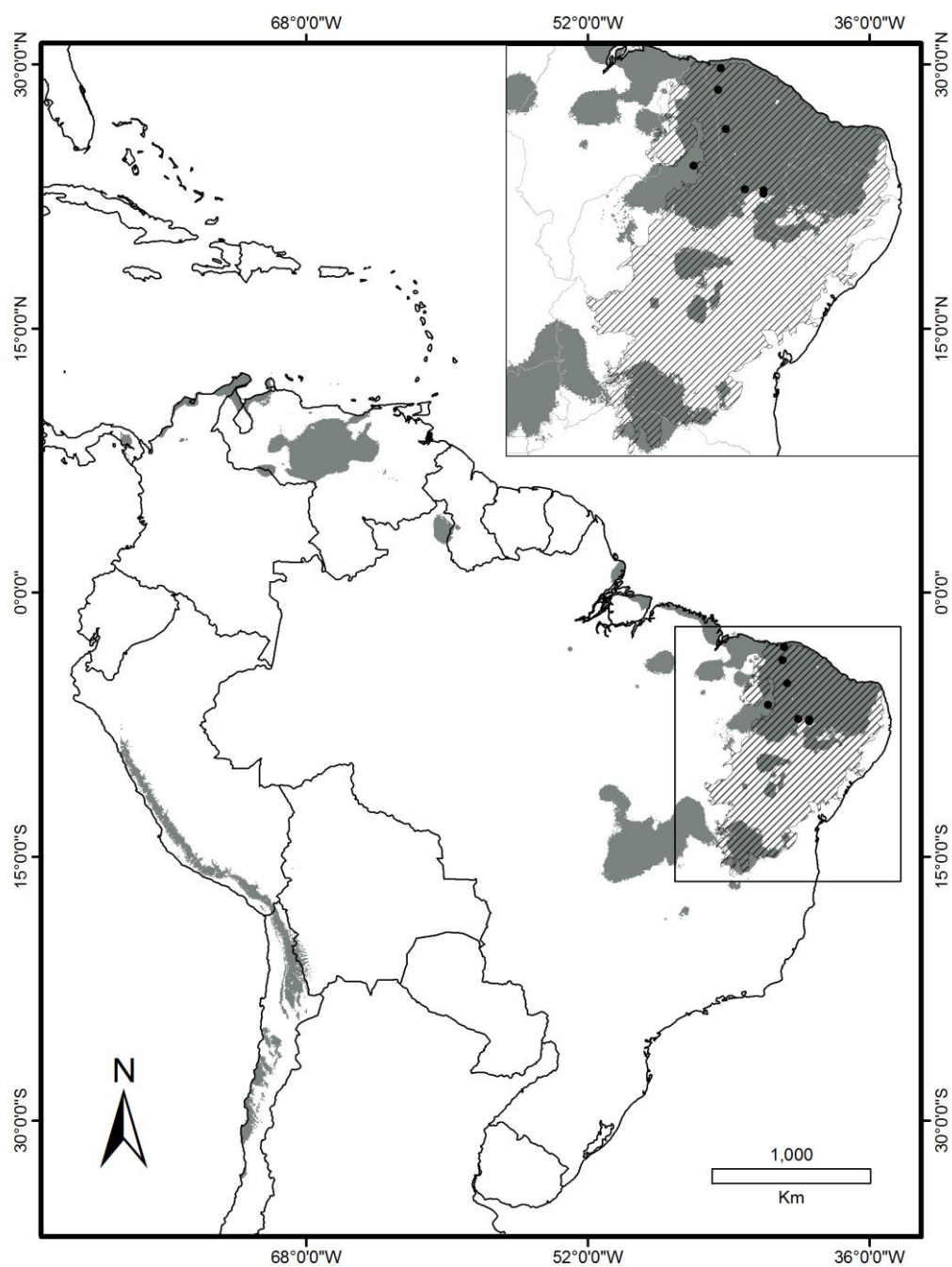


Figura 54 – Distribuição geográfica de *Mabuya arajara*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *M. arajara* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Ocorre por toda a extensão do domínio da Caatinga e adjacências de Cerrado e áreas abertas de restingas litorâneas (Freitas & Silva, 2007), indo do sul da Bahia até o estado do Maranhão. Existem registros no estado do Pará não confirmados (Reptile Database, 2012).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Olho D’água do Casado: MUFAL 731, MUFAL 733; Palmeira dos Índios: MNRJ 2049; Piaçabuçu: MUFAL 71- 72; Piranhas: MZUFBA 10, MZUFBA 31 – 36, MZUFBA 91, MZUFBA 237; Xingó: MZUSP 79846. BAHIA – Alagoado: MZUSP 72482 – 72483, MZUSP 74241 – 74243; Barra: MZUSP 75621; Barra de Estiva: MZUSP 57250; Caetité: MZUSP 76088 – 76091; Catinga do Moura: MZUSP 55279 – 55284; Cocorobó: MZUSP 30398; Cocos: CHUNB 50199 – 50200; Cruz das Almas: MZUSP 212; Ibiraba, Barra: MZUSP 68269 - 68271; Ilha Sueste, Abrolhos: MNRJ 6652 – 6664; Jaborandi: MNRJ 18669 – 18675; Jacobina: MZUSP 74250 – 74254; Jeremoabo: MZUSP 30080; Mocambo do Vento: MZUSP 93476; Morpará: MZUSP 93474; Morro do Chapéu: MZUSP 56128 – 56131; Mucugê: MZUSP 57240, MZUSP 65839; Paulo Afonso: Número de campo** - 983727; Porto Seguro, CEPLAC: CHUFPB 3972; Queimadas, Barra: MZUSP 74245 – 74246; Rio de Contas: MZUSP 75457; Santana: MZUSP 54970; Santo Inácio: Arias *et al.*, (2011b); São Desidério: MZUSP 100026; Vacaria: MZUSP 72484 – 72485, MZUSP 74244; Xique-xique: MZUSP 66076 – 66077; CEARÁ – Arajara, Barbalha: MZUSP 52157 – 52170; Araripe: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Coluna: MZUSP 28024 – 28028; Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Itapipoca: MZUSP 2418 – 2420; Milagres: CHUNB 56572; Pacajus: MZUSP 27368; Santana do Cariri: MZUSP 54256 – 54270; Ubajara: ZUEC-REP 3410. GOIÁS – Alvorada do Norte: CHUNB 33197, CHUNB 33199; Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 25322; PCH Santa Edwiges, Mambai: MZUSP 99122; UHE Serra da Mesa: CHUNB 127. MARANHÃO – Carolina: CHUNB 52003; UHE Estreito: MZUSP 99286; Urbano Santos: MZUSP 93076 – 93077. MINAS GERAIS – Arinos: MZUSP 9417 – 9420; Chapada Gaúcha: CHUNB 33969; Extração: MZUSP 56265 – 56366; Guinda: MZUSP 55518; Parque Nacional Grande Sertão Veredas: MZUSP 94527 – 94540; Pedra Menina (Serra do Ambrósio): MZUSP 68272 – 68278; Sopa: MZUSP 56374. PARAÍBA – Arara: CHUFPB 828; Areia: MZUSP 65896; Bananeiras: MZUSP 67397; Campina Grande: Amaral (1935); João Pessoa: MZUSP 59057; Mamanguape: MZUSP 5618; Pacatuba: MZUSP 65910; Parque Estadual Pedra da Boca: Arzabe *et al.* (2005); Patos: MZUSP 42740; REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 3976 - 3978; Sapé: MZUSP 60903 – 60904. PERNAMBUCO – Agrestina: MZUSP 21619 – 21628; Arcoverde: CHUFPB 78, CHUFPB 258; Bom Conselho: MZUSP 49246 – 49249; Bonito: CHUFPB 75; Exu: MZUSP 48471 – 48480; Floresta: Borges-Nojosa & Silva (2005); Nascente: CHUFPB 938 – 939; Ouricuri: CHUNB 56935 - 56939; Petrolina: CHUNB 9264; Pesqueira: MZUSP 8547; Timbaúba: CHUFPB 3974; Toritama: ZUEC-REP 913; Trindade: CHUFPB 937. PIAUI – Gervásio de Oliveira: MZUSP 99833; Parnaíba: CHUNB 57365; Parque Nacional Serra das Confusões: MZUSP 91262 – 91268; Parque Nacional Sete Cidades, Piripiri: CHUNB 61077; Rio Grande do Piauí: CHUFPB 54, CHUFPB 254, CHUFPB 275; São Francisco de Assis do Piauí: CHUFPB 267; Teresina: CHUFPB 3997; Valença do Piauí: MZUSP 38686 – 38692. RIO GRANDE DO NORTE – ESEC do Seridó, Serra Negra do Norte: FRD 196*; Parque das Dunas, Natal: MNRJ 8361 – 8362; Maxaranguape: MZUSP 43977 – 43978; Nísia Floresta: MUFAL 31; SERGIPE – Estância: CHUFS 242; Canindé do São Francisco: Número de campo** - 993847; Itaporanga D’Ajuda: CHUFS 366, CHUFS 488 – 489, CHUFS 527; Monumento Natural Grota do Angico, Poço Redondo: CHUFS 543. TOCANTINS – Dianópolis: CHUNB 33193; Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins: MZUSP 94542 – 94546; Mateiros: CHUNB 26996 – 27013; Paraná: CHUNB 33194 – 33196; Peixe: MZUSP 88734; São Salvador do Tocantins: MZUSP 89160 – 89162.

Referências adicionais: Vanzolini *et al.* (1980); Vitt (1981); Nogueira (2006); Vrcibradic *et al.* (2006); Freitas & Silva (2007).

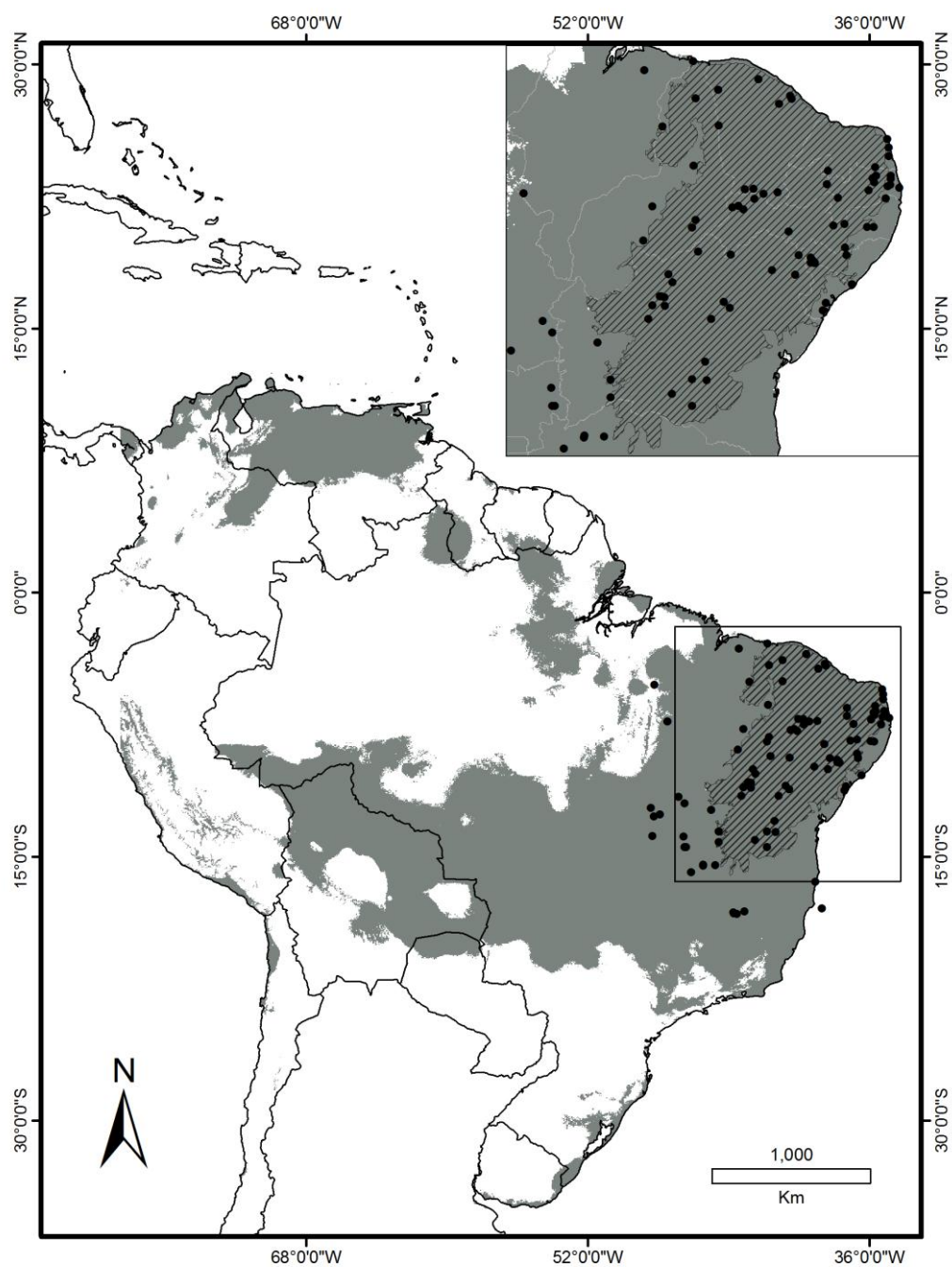


Figura 52 – Distribuição geográfica de *Mabuya heathi*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *M. heathi* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Mabuya macrorhyncha Hoge, 1946

Localidade tipo: Ilha de Queimada Grande, Brasil.

Distribuição: Ocorre na Floresta Atlântica do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Norte (Rodrigues, 2000; Freire, 2001; Freitas & Silva, 2007).

Ocorrência na Caatinga: Encontrada na região de Xingó nos estados de Alagoas e Sergipe, assim como em matas estacionais na região agreste do nordeste brasileiro (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: ALAGOAS – Campo Alegre: MUFAL 6724; Ipioca, Maceió: MUFAL 3796, MUFAL 4889; Maceió: MUFAL 335, MUFAL 1580; Murici: MUFAL 1587; Penedo: MUFAL 5818; Piaçabuçu: MUFAL 305; Piranhas: MZUFBA 90, MZUFBA 153, MZUFBA 238, MZUFBA 387 – 391, MZUFBA 530; Rio Largo: MUFAL 325; São Miguel dos Campos: MNRJ 3926. BAHIA – Alcobaça: MNRJ 12678; Caravelas: MNRJ 14884; Dunas de Abaeté, Salvador: MNRJ 18677 – 18678; Itacaré: CHUNB 25288; Miguel Calmon, Parque Nacional Sete Passagens: MZUFBA 886; Morro do Chapéu: MZUSP 56132 – 56137; Porto Seguro, CEPLAC: CHUFPB 3970; Prado: MNRJ 19128 – 19131; Raso da Catarina: MZUSP 62754, MZUSP 66112; Salvador: MNRJ 3713; Trancoso: MNRJ 9324, MNRJ 11034 - 11042. ESPÍRITO SANTO – Itarana: MBML 1624 – 1625; São Mateus: MBML 229. PARAÍBA – Cabedelo: CHUFPB 3968; REBio Guaribas, Mamanguape: CHUFPB 3958 - 3967; Sapé: Rodrigues (1990). PERNAMBUCO – Serra dos Cavalos, São Caitano: MZUSP 66052 – 66053; Vicência: MZUSP 23089. RIO DE JANEIRO – Maricá: Rocha & Vrcibradic (1998). RIO GRANDE DO NORTE – Natal: CHUFPB 3969; Nísia Floresta: MUFAL 27. SERGIPE – Canindé do São Francisco: Número de campo** - 014895.

Referências adicionais: Rodrigues (2000); Freitas & Silva (2007).

Mabuya nigropunctata (Spix, 1825)

Localidade tipo: Santa Rita, Maraã, margem esquerda do Rio Japurua (Lago Paricá), Amazonas, Brasil.

Comentários taxonômicos: Adotamos o nome *M. nigropunctata* para as populações encontradas no domínio do Caatinga, seguindo o recomendado por Nogueira (2006) para o Cerrado, pois as populações aparentam ser próximas evolutivamente.

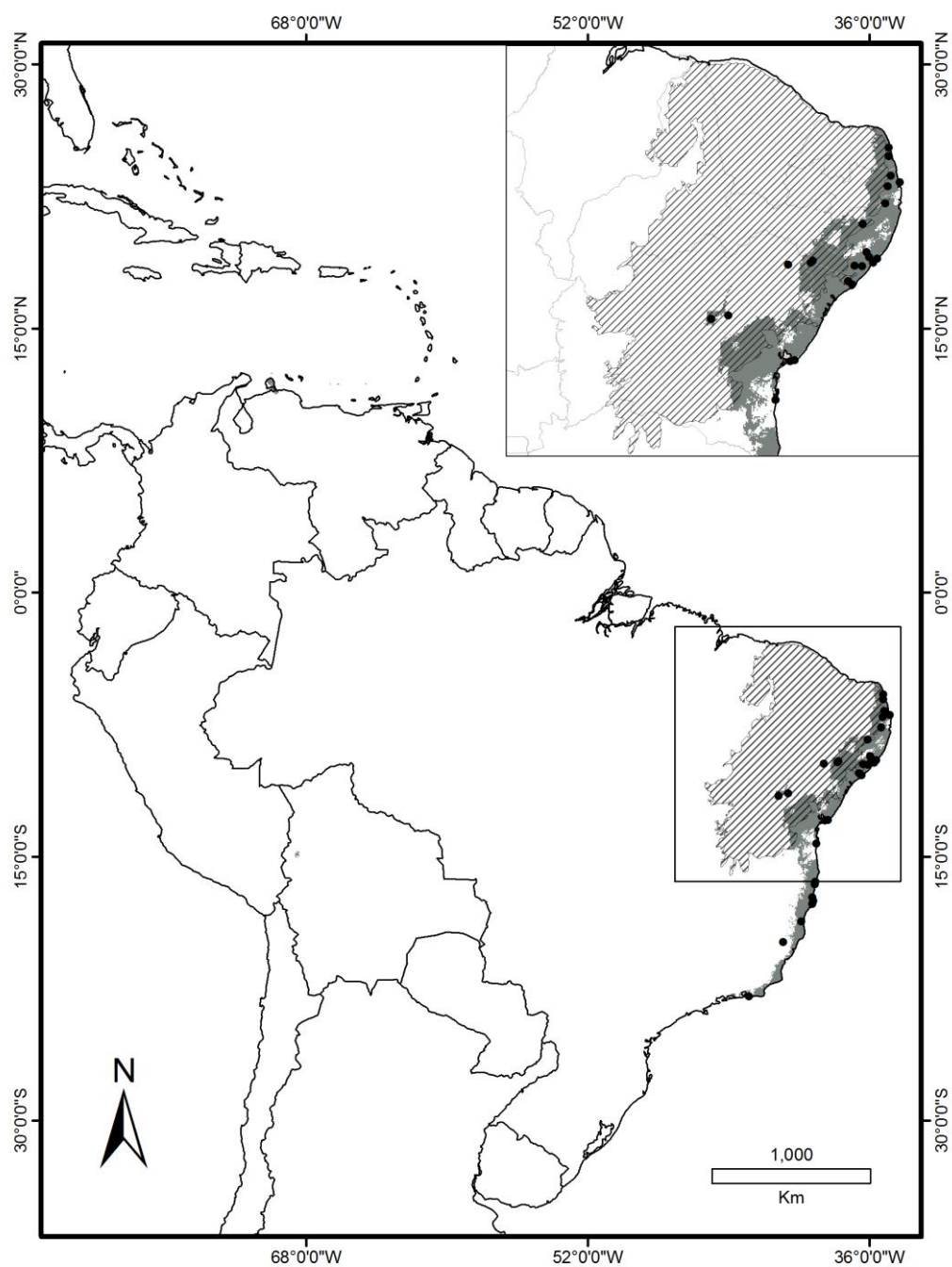


Figura 53 – Distribuição geográfica de *Mabuya macrorhyncha*. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Área cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *M. macrorhyncha* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Distribuição: A espécie se distribui por toda a Amazônia (Ávila-Pires, 1995; Vitt *et al.*, 2008) e por praticamente toda a extensão do Cerrado (Nogueira, 2006). Também é encontrada na Floresta Atlântica nordestina (Freire, 2001; Vitt *et al.*, 2008).

Ocorrência na Caatinga: Ocorre em áreas de transição com o Cerrado e em áreas úmidas de altitude no estado do Ceará (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Freitas & Silva, 2007) (Figura 57).

Registros: BRASIL: ACRE – Cruzeiro do Sul: ZEE-HERP 5787; Marechal Thaumaturgo: ZEE-HERP 8401; Porto Walter: ZEE-HERP 3897. ALAGOAS – Murici: MNRJ 1579; Quebrangulo: MZUSP 3597 – 3598; São Miguel dos Campos: MNRJ 3927. AMAPÁ – Serra do Navio: RMNH 25837. AMAZONAS – Barreira do Matupiri: MPEG 14677; Benjamin Constant: MPEG 15901; Maraã: MPEG 15224; Tefé: MPEG 15851. BAHIA – Correntina: CHUNB 9347; Jaborandi: MNRJ 18610, MNRJ 19286; São Desidério: MNRJ 100027. CEARÁ – Baturité: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ibiapaba: Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Ubajara: CHUNB 57366. DISTRITO FEDERAL – Brasília: CHUNB 8600 – 8609. GOIÁS – Caldas Novas: CHUNB 12631; Cana Brava: MZUSP 7340; Minaçu: Colli *et al.* (2002); Parque Estadual Terra Ronca: CHUNB 35172 – 35175; Pirenópolis: CHUNB 9341; Parque Nacional Chapada dos Veadeiros: CHUNB 17519; Parque Nacional das Emas: CHUNB 32752; Santa Rita do Araguaia: MZUSP 69856; UHE Cana Brava: MZUSP 92581 – 92600; UHE Serra da Mesa: MZUSP 85435 – 85503. MARANHÃO – Balsas: CHUNB 43730; Carolina: CHUNB 52005. MATO GROSSO – Apiacás: MZUSP 81666; Aripuanã: MZUSP 82546; Barra do Garças: Colli *et al.* (2002); Buriti: MZUSP 28388; Chapada dos Guimarães: CHUNB 15941 – 15946; Cláudia: MZUSP 81745; Cocalinho: MZUSP 83097; Estação Ecológica Serra das Araras: MZUSP 68501; Gaúcha do Norte: MZUSP 81841 – 81845; Juruena: MZUSP 82488 – 82490; Pindaíba: MZUSP 83208; Poconé: MZUSP 68500; Pontes e Lacerda: MZUSP 45684; Porto Esperidião: MZUSP 62341; Porto Velho: MZUSP 9758; Rosário Oeste: KU 97860; São José do Rio Claro: MZUSP 82513; UHE Manso: MZUSP 92002; Utiariti: MZUSP 13439; Vila Rica: MZUSP 83019. MATO GROSSO DO SUL – Bodoquena, Fazenda Califórnia: MZUSP 94525; Miranda: MZUSP 67868; Parque Estadual Nascentes do Taquari: CHUNB 23761; UHE Sérgio Motta: MZUSP 88158. MINAS GERAIS – Araguari: CHUNB 36288; Arinos: CHUNB 37264; Paracatu: CHUNB 26401; Parque Nacional Grande Sertão Veredas: MZUSP 94522; Unaí: CHUNB 24734; Turmalina: MZUFV 252. PARÁ – Belém: USNM 14913; Benevides: MPEG 8240; Cametá: MNW 9553; Faro: MPEG 15339; FLONA de Caxiuanã: RMNH 26702; Monte Alegre: CHUNB 29825; Novo Progresso: CHUNB 34516 – 34535; Oriximiná: RMNH 15838; Vigia: USNM 15924. PARAÍBA – Mata do Buraquinho, João Pessoa: CHUFPB 3926 – 3927, Santana *et al.* (2008); Sapé: CHUFPB 3928. PERNAMBUCO – Bonito: FRD 270*. PIAUI – Estação Ecológica Uruçuí-Una: MZUSP 90267 – 90271; Parque Nacional Serra da Capivara: MZUSP 92568; Parque Nacional Sete Cidades: CHUNB 60969 – 60973. RONDÔNIA – Costa Marques: CHUNB 28976; Guajará-Mirim: CHUNB 22840 – 22846; Pimenta Bueno: CHUNB 18714; Vilhena: CHUNB 9818. SÃO PAULO – Ilha Solteira: MZUSP 30724. SERGIPE – Areia Branca: MZUSP 88085, MZUSP 88114. TOCANTINS – Babaçulândia: MZUSP 90981; Bom Jesus do Tocantins: CHUNB 37284; Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins: MZUSP 94526; Guaraí: MZUSP 91028; Mateiros: CHUNB 27014 – 27019; Peixe: MZUSP 91520; Sandolândia: MZUSP 81427 – 81428; UHE Luís Eduardo Magalhães: CHUNB 11373 – 11379.

Referências adicionais: Ávila-Pires (1995); Freire (2001); Borges-Nojosa & Caramaschi (2003); Nogueira (2006); Vitt *et al.* (2008).

Mabuya aff. dorsivittata

Comentários taxonômicos: A espécie é apresentada como encontrada na Caatinga por Freitas & Silva (2007) em um guia de campo. A foto apresentada no referido guia é de um exemplar morto e bastante danificado. Por não ter acesso ao material coletado para confirmar a identificação, o registro foi tratado como uma espécie afim de *M. dorsivittata*, até novos dados serem divulgados pelos autores.

Distribuição e Ocorrência na Caatinga: Encontrada no município de Palmeiras no estado da Bahia, região da Chapada Diamantina (Figura 57) (Freitas & Silva, 2007).

Registros: BRASIL: BAHIA – Palmeiras: Freitas & Silva (2007).

Referências adicionais: Freitas & Silva (2007).

Mabuya sp. (sensu Rodrigues et al., 2006)

Comentários taxonômicos: Encontra-se em fase de descrição por Rodrigues *et al.* Apresenta colorido de fundo castanho avermelhado e uma faixa negra que se estende da região frontal dos olhos a região inguinal (Freitas & Silva, 2007).

Distribuição e ocorrência na Caatinga: Até o presente momento a espécie foi encontrada apenas no município de Mucugê, localizado na ecorregião da Chapada Diamantina, porção nordeste da Serra do Espinhaço (Figura 57).

Registros: BRASIL: BAHIA – Mucugê: MZUSP 96872 – 96885, Freitas & Silva (2007).

Referências adicionais: Rodrigues *et al.* (2006; 2009); Freitas & Silva (2007).

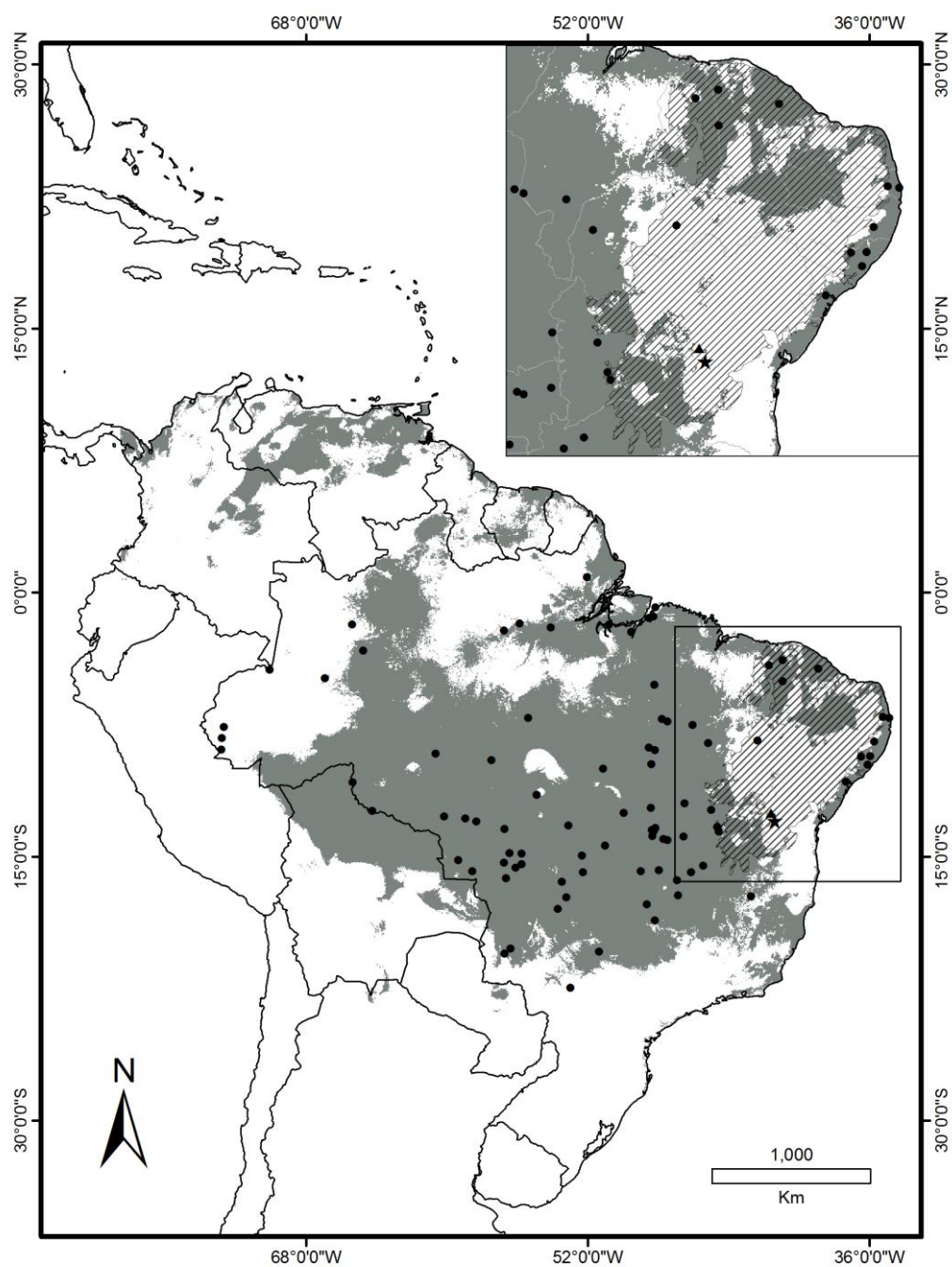


Figura 54 – Distribuição geográfica de *Mabuya nigropunctata*, *Mabuya* aff. *dorsivittata* e *Mabuya* sp. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *M. nigropunctata*; Triângulo: registro de ocorrência confirmado para *M. aff. dorsivittata*; Estrela: registro de ocorrência confirmado para *Mabuya* sp.; Área cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *M. nigropunctata* apontadas pela modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

4.0 Referências Bibliográficas

- Amaral, A. 1933. Estudos sobre os Lacertílios Neotrópicos: Novos Gêneros e Espécies de lagartos do Brasil. **Mem. Inst. Butantan** 7:53-74.
- Amaral, A. 1935. Collecta Herpetologica no Nordeste do Brasil (Contribuição II). **Mem. Inst. Butantan** 9: 27-32.
- Anderson, R. P. & Raza, A. 2010. The effect of the extent of the study região on GIS models of species geographic distributions and estimates of niche evolution: preliminary tests with moontane rodents (genus *Nephelomys*) in Venezuela. **Journal of Biogeography** 37: 1378 – 1393.
- Arias, F.; Carvalho, C.M.; Rodrigues, M.T. & Zaher, H. 2011a. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from the Caatinga, northwest Brazil. **Zootaxa** 2787: 37 – 54.
- Arias, F.; Carvalho, C. M.; Rodrigues, M. T. & Zaher, H. 2011b. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) of the *C. ocellifer* group, from Bahia, Brazil. **Zootaxa** 3022: 1 – 21.
- Arzabe, C.; Skuk, G.; Santana, G. G.; Delfim, F. R.; Lima, Y. C. C. & Abrantes, S. H. F. 2005. **Herpetofauna da área do Curimataú, Paraíba**. In: Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N. & Barbosa, M. R. V. (orgs.). Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF. Pp. 259 – 274.
- Ávila-Pires, T. C. S. 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). **Zoologia Verh. Leiden** 299: 1 – 706.
- Bandeira, J. M. G. 2000. **Aspectos Zoogeográficos e Ecológicos da Saurofauna da Estação Ecológica de Xingó, AL/SE**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) (Não Publ.), Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências Biológicas, Maceió, 35p.

- Borges-Martins, M. 1998. **Revisão Taxonômica e sistemática filogenética do gênero *Ophiodes* Wagler, 1828 (Sauria, Anguidae, Diploglossinae)**. PhD dissertation, Zoologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Borges-Nojosa, D. M. & Caramaschi, U. 2003. Composição e Análise Comparativa da Diversidade e das Afinidades Biogeográficas dos Lagartos e Anfisbenídeos (Squamata) dos Brejos Nordestinos. *In*: Leal, I. R., Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 463-512.
- Borges-Nojosa, D. M. & P. Cascon. 2005. Herpetofauna da área Reserva da Serra das Almas, Ceará. *in*: Araújo, F. S.; M. J. N. Rodal & M. R. V. Barbosa. (orgs.). **Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF.
- Carranza, S. & Arnold, E. N. 2006. Systematics, biogeography, and evolution of *Hemidactylus* geckos (Reptilia: Gekkonidae) elucidated using mitochondrial DNA sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution** 38: 531 – 545.
- Carvajal, O. T.; Ethridge, R. & De-Queiroz, K. 2011. A systematic revision of Neotropical lizards in the clade Hoplocercinae (Squamata: Iguania). **Zootaxa** 2752: 1 – 44.
- Cassimiro, J. & Rodrigues, M. T. 2009. A new species of lizard genus *Gymnodactylus* Spix, 1825 (Squamata: Gekkota: Phyllodactylidae) from Serra do Sincorá, northeastern Brazil, and the status of *G. carvalhoi* Vanzolini, 2005. **Zootaxa** 2008: 38-52.
- Castoe, T. A.; T. M. Doan & C. L. Parkinson. 2004. Data partitions and complex models in Bayesian analysis: the phylogeny of Gymnophthalmid lizards. **Syst. Biol.**, 53(3): 448-469.
- Colli, G. R., R. P. Bastos, e A. B. Araújo. 2002. **The character and dynamics of the Cerrado Herpetofauna**. Pp. 223-241. *In*: P. S. Oliveira and R. J. Marquis [eds.], *The Cerrados of Brazil - Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna*. Columbia University Press, New York.

- Colli, G. R., G. C. Costa, A. A. Garda, K. A. Kopp, D. O. Mesquita, A. K. Péres, Jr., P. H. Valdujo, G. H. C. Vieira, e H. C. Wiederhecker. 2003a. A critically endangered new 129 species of *Cnemidophorus* (Squamata, Teiidae) from a Cerrado enclave in southwestern Amazonia, Brazil. **Herpetologica** **59**: 76-88.
- Colli, G. R., J. P. Caldwell, G. C. Costa, A. M. Gainsbury, A. A. Garda, D. O. Mesquita, C. M. M. R. Filho, A. H. B. Soares, V. N. Silva, P. H. Valdujo, G. H. C. Vieira, L. J. Vitt, F. P. Werneck, H. C. Wiederhecker, e M. G. Zatz. 2003b. A new species of *Cnemidophorus* (Squamata, Teiidae) from the Cerrado biome in central Brazil. **Occasional Papers Sam Noble Oklahoma Museum of Natural History** **14**: 1-14.
- Colli, G. R.; Giugliano, L. G.; Mesquita, D. O. & França, F. G. R. 2009. A new species of *Cnemidophorus* from the Jalapão region, in the central Brazilian Cerrado. **Herpetologica** **65** (3): 311 – 327.
- Conrad, J. L. & Norel, M. A. 2010. Cranial Autapomorphies in Two Species of *Iguana* (Iguanidae: Squamata). **Journal of Herpetology** **44** (2): 307 – 312.
- Cruz, F. B.; Silva, S. & Scrocchi, G. J. 1999. Ecology of the lizard *Tropidurus etheridgei* (Squamata: Tropiduridae) from the dry Chaco of Salta, Argentina. **Herpetological Natural History** **6** (1): 23 – 31.
- Cunha, O. R.; J. S. Lima-Verde & A. C. Lima. M. 1991. Novo gênero e espécie de lagarto do Estado do Ceará (Lacertilia: Teiidae). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi** **7** (2): 163-176.
- D'angiolella, A. B.; Gamble, T.; Ávila-Pires, T.C.; Colli, G. R.; Noonan, B. P. & Vitt, L. J. 2011. *Anolis chrysolepis* Duméril & Bibron, 1837 (Squamata: Iguanidae), revisited: molecular phylogeny and taxonomy of the *Anolis chrysolepis* species group. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology** **160** (2): 35 – 63.
- De-Carvalho, C. B.; Caldas, F. L. S.; Santana, D. O.; Noronha, M. V.; Freitas, E. B.; Faria, R. G. & Santos, R. A. 2010. Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae, *Acratosaura mentalis* (Amaral, 1933): Distribution extension and geographic distribution map. **Check List** **6** (3): 434 – 436.

- Delfim, F. R. & Freire, E. M. X. 2007. Os lagartos gimnoftalmídeos (Squamata: Gymnophthalmidae) do Cariri paraibano e do Seridó do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil: considerações acerca da distribuição geográfica e ecologia. **Oecologia Brasiliensis** 11 (3): 365-382.
- Delfim, F. R.; Gonçalves, E. M. & Silva, S. T. 2006. Squamata, Gymnophthalmidae, *Psilophthalmus paeminus*: Distribution extension, new state record. **Check List** 2 (3): 89 – 92.
- Delfim, F. R.; Mesquita, D. O.; Fernandes-Ferreira, H. & Cavalcanti, L. B. Q. 2011. *Procellosaurinus erythrocerus* Rodrigues 1991 (Squamata: Gymnophthalmidae): Distribution extension. **Check List** 7 (6): 856 – 858.
- Dias, E. J. R.; Rocha, C. F. D. & Vrcibradic, D. 2002. New *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from Bahia State, Northeastern Brazil. **Copeia** 2002 (4): 1070 – 1077.
- Dirksen, L. & De la Riva, I. 1999. The lizards and amphisbaenians of Bolivia (Reptilia, Squamata): Checklist, localities, and bibliography. **Graellsia** 55: 199 – 215.
- Dixon, J. R. 1974. Systematic review of the genus *Anotosaura* (Teiidae). **Herpetologica** 30 (1): 13-18.
- Dos Santos, R. M.; Pellegrino, K. C.; Rodrigues, M. T. & Yonenaga-Yassuda, Y. 2007. Banding patterns and chromosomal evolution in five species of neotropical Teiinae lizards (Squamata: Teiidae). **Genetica** 131 (3): 231 – 240.
- Ecorregiões. 2002. **Propostas para o bioma Caatinga**. Associação Plantas do Nordeste / Instituto de Conservação Ambiental The Nature Conservancy do Brasil, Recife, PE.
- Estes, R., K. de Queiroz & J. Gauthier. 1988. Phylogenetic relationships within Squamata. In: Estes, R. & G. Pregill (eds.). **Phylogenetic relationships of the lizard families**. Stanford: Stanford University Press, 119-281.
- Etheridge, R. 1968. A review of the iguanid lizard genera *Uracentron* and *Strobilurus*. **Bulletin of the British Museum (Natural History), Zoology** 17 (2): 47 – 64.
- Feio, R. N. e Caramaschi, U. 2003. Contribuição ao conhecimento da herpetofauna do nordeste do estado de Minas Gerais, Brasil. **Phyllomedusa** 1 (2): 105 – 111.

- Freire, E. M. X.; Feio, R. N. & Pombal Jr., J. P. 2000. Geographic distribution: *Phyllopezus periosus*. **Herpetological Review** **31** (1). pág. 54.
- Freire, E. M. X.; Skuk, G. O. S.; Kolodiuk, M. F.; Ribeiro, L. B.; Maggi, B. S.; Rodrigues, L. S.; Vieira, W. L. S. & Falcao, A. C. G. P. 2009. **Répteis Squamata das Caatingas do seridó do Rio Grande do Norte e do cariri da Paraíba: síntese do conhecimento atual e perspectivas**. In: Freire, E. M. X. (org.). Recursos Naturais das Caatingas: uma visão multidisciplinar. 1 ed. Natal: Editora da UFRN - EDUFRN, Pp. 51-84.
- Freire, E. M. X. 2001. **Composição, taxonomia, diversidade e considerações zoogeográficas sobre a fauna de lagartos e serpentes de remanescentes de Mata Atlântica do estado de Alagoas, Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2007. **A Herpetofauna das Caatingas e Áreas de Altitudes do Nordeste Brasileiro**. Pelotas: USEB. 388 pp.
- Frost, D. R. 1992. Phylogenetic analysis and taxonomy of the *Tropidurus* group of lizards (Iguania: Tropiduridae). **American Museum Novitates** **3033**: 1 – 68.
- Frost, D. R., e R. Etheridge. 1989. A phylogenetic analysis and taxonomy of iguanian lizards (Reptilia: Squamata). **Miscellaneous Publications of the Museum of Natural History, University of Kansas** **81**: 1-65.
- Frost, D. R., R. Etheridge, D. Janies, e T. A. Titus. 2001. Total evidence, sequence alignment, evolution of polychrotid lizards, and a reclassification of the Iguania (Squamata: Iguania). **American Museum Novitates** **3343**: 1-38.
- Gallardo, J. M. 1969. Las especies de saurios (Reptilia) de la provincia de Santa Fe, Argentina, y consideraciones sobre su ecología y zoogeografía. **Neotropica**, **15** (47): 73-81.
- Guyer, C., e J. M. Savage. 1986. Cladistic relationships among anoles (Sauria: Iguanidae). **Systematic Zoology** **35**: 509-531.
- Harvey, M. B. 1998. **Reptiles and Amphibians of Parque Nacional Noel Kempf Mercado**. Pp. 144-154. In: T. Killeen and T. S. Schulenberg [eds.], A biological assessment of Parque Nacional Noel Kempf Mercado, Bolivia. RAP working papers 10. Conservation International, Washington D.C.

- Harvey, M. B., & Gutberlet, R. L. 1998. Lizards of the genus *Tropidurus* (Iguania: Tropiduridae) from the Serrania de Huanchaca, Bolivia: New species, natural history, and a key to the genus. **Herpetologica** **54**: 493-520.
- Jackson, J. F. 1978. Differentiation in the genera *Enyalius* and *Strobilurus* (Iguanidae): implications for pleistocene climatic changes in eastern Brazil. **Arquivos de Zoologia** **30**: 1-79.
- Mandle, L.; Warren, D. L.; Hoffmann, M. H.; Peterson, A. T.; Schmitt, J. & von Wettberg, E. J. 2010. Conclusions about Niche Expansion in Introduced *Impatiens walleriana* Populations Depend on Method of Analysis. **PLoS ONE** **5**, e15297.
- Manzani, P. R., & A. S. Abe. 1990. A new species of *Tapinurus* from the Caatinga of Piauí, northeastern Brazil. **Herpetologica** **46**: 462-467.
- Mares, M. A.; Willig, M. R.; Streilen, K. E. & Latcher, T. E. 1981. The mammals of Northeastern Brazil; a preliminary assessment. **Annals of Carnegie Museum of Natural History** **50**: 81-137.
- Nogueira, C. 2006. **Diversidade e Padrões de Distribuição da Fauna de Lagartos do Cerrado**. Tese (Doutorado em Ciências – Ecologia) – Programa de Pós-graduação em Ciências – Área de concentração em Ecologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nogueira, C. & Rodrigues, M. T. 2006. The genus *Stenocercus* (Squamata: Tropiduridae) in extra-Amazonian Brazil, with the description of two new species. **South American Journal of Herpetology** **1** (3): 149 – 165.
- Passoni, José Carlos; Maria Lúcia Benozzati and Miguel Trefaut Rodrigues 2008. Phylogeny, species limits, and biogeography of the Brazilian lizards of the genus *Eurolophosaurus* (Squamata: Tropiduridae) as inferred from mitochondrial DNA sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution** **46** (2): 403-414.
- Passos, D. C.; Lima, D. C. & Borges-Nojosa, D. M. 2011. A new species of *Tropidurus* (Squamata, Tropiduridae) of the semitaeniatus group from a semiarid area in Northeastern Brazil. **Zootaxa** **2930**: 60–68.
- Peracca, M. G. 1890. Descrizione di una nuova specie del gen. *Diploglossus* Wiegmann. **Bollettino dei Musei di Zoologia - Anatomia Comparata** **5** (77): 1 – 5.

- Peters, J. A. & R. Donoso-Barros. 1970. Catalogue of the Neotropical Squamata: Part II. Lizards and Amphisbaenians. **Bul. U. S. Nat. Mus.**, **297**: viii + 293.
- Peterson, A. & Viegas, D. 2001. Predicting species invasions using ecological niche modeling: new approaches from bioinformatics attack a pressing problem. **BioScience** **51**: 363 – 371.
- Phillips, S. J. & Dudik, M. 2008. Modeling of species distributions with Maxent: new extensions and a comprehensive evaluation. **Ecography** **31**: 161 – 175.
- Phillips, S.; Anderson, R. & Schapire, R. 2006. Maximum entropy modeling of species geographic distributions. **Ecological Modelling** **190**: 231 – 259.
- Poe, S. 2004. Phylogeny of *Anolis*. **Herpetological Monographs** **18**: 37-89.
- Pyron, R. A.; Burbrink, F. T. & Guider, T. J. Claims of potential expansion throughout the U.S. by invasive python species are contradicted by ecological niche models. **PLoS ONE**, 3, e2931.
- Reboucas-Spieker, R. 1981. Sobre uma nova especie de Mabuya do nordeste do Brasil (Sauria, Scincidae). **Pap. Av. Zool.** **34** (9): 121-123.
- Reptile Database. 2012. **Eletronic database acessible at:** <<http://www.reptile-database.org/>>.
- Ribeiro, S. C.; Ferreira, F. S.; Brito, S. V.; Santana G. G.; Vieira, W. L. S.; Alves, R. R. N. & Almeida, W. O. et al 2008. The Squamata fauna of the Chapada do Araripe, Northeastern Brazil. **Cad. Cult. Ciênc.** **1** (1): 68 – 76.
- Ribeiro, S. C.; Roberto, I. J.; Sales, D. L. & Almeida, W. O. 2009. Distribution extension of *Stenocercus squarrosus* Nogueira & Rodrigues, 2006 (Reptilia, Squamata, Tropiduridae) in northeastern Brazil. **Biotemas** **22** (1): 165 – 167.
- Rocha, C. F. D; Bergallo, H. G. & Peccinini-Seale, D. 1997. Evidence of an unisexual population of the Brazilian whiptail lizard genus *Cnemidophorus* (Teiidae), with description of a new species. **Herpetologica** **53** (3): 374-382.

- Rocha, C. F. D.; Araújo, A. F. B.; Vrcibradic, D. & Costa, E. M. M. 2000. New *Cnemidophorus* (Squamata; Teiidae) from coastal Rio de Janeiro State, southeastern Brazil. **Copeia** **2000**: 501-509.
- Rödder, D.; Weinsheimer, F. & Lotters, S. 2010. Molecules meet macroecology: Combining Species Distribution Models and phylogeographic studies. **Zootaxa** **60**: 54 – 60.
- Rodrigues, M. T. 1984a. Uma nova espécie brasileira de *Tropidurus* com crista dorsal (Sauria, Iguanidae). **Pap. Av. Zool.** **35** (16): 169-175.
- Rodrigues, M. T. 1984b. *Notobachia ablephara*: novo gênero e espécie do nordeste do Brasil (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **35** (28): 361-366.
- Rodrigues, M. T. 1986a. Uma nova espécie do gênero *Phyllopezus* de Cabaceiras: Paraíba: Brasil, com comentários sobre a fauna de lagartos da área (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.** **36** (20): 237-250.
- Rodrigues, M. T. 1986b. Um novo *Tropidurus* com crista dorsal do Brasil, com comentários sobre suas relações, distribuição e origem (Sauria, Iguanidae). **Pap. Av. Zool.** **36** (17): 171-179.
- Rodrigues, M. T. 1987. Sistemática, ecologia e zoogeografia dos *Tropidurus* do grupo *Torquatus* ao sul do Rio Amazonas (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia** **31**: 105-230.
- Rodrigues, M. T. 1991a. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: I. Introdução à área e descrição de um novo gênero de microteiídeos(*Calyptommatus*) com notas sobre sua ecologia, distribuição e especiação (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (19): 285-320.
- Rodrigues, M. T. 1991b. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: II. *Psilophthalmus*: um novo gênero de microteiídeos sem pálpebras (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (20): 321-327.
- Rodrigues, M. T. 1991c. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: III. *Procellosaurinus*: um novo gênero de microteiídeos sem

pálpebras, com a redefinição do gênero *Gymnophthalmus* (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** 37 (21): 329-342.

Rodrigues, M. T. 1995. **Filogenia e História Geográfica de uma radiação de Lagartos microteiídeos (Sauria, Teiioidea, Gymnophthalmidae)**. Tese (Livredocência) (Não public.). Universidade de São Paulo, 92 p.

Rodrigues, M. T. 1996. Lizards, snakes, and amphisbaenians from the quaternary sand dunes of the middle Rio São Francisco, Bahia, Brazil. **Journal of Herpetology**, 30 (4): 513-523.

Rodrigues, M. T. 2000. A new specie of *Mabuya* (Squamata: Scincidae) from the semiarid Caatingas of northeastern Brazil. **Pap. Av. Zool.** 41 (21): 313-328.

Rodrigues, M. T. 2003. Herpetofauna da Caatinga. In: LEAL, I. R., TABARELLI, M. & SILVA, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 181-236.

Rodrigues, M. T. 2005. Conservação dos répteis brasileiros: os desafios para um país megadiverso. **Megadiversidade**, 1 (1): 87 – 94.

Rodrigues, M. T. & Borges, D. M. 1997. A new species of *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae) from a relictual forest in a semiarid northeastern Brazil. **Herpetologica** 53 (1): 1 – 6.

Rodrigues, M. T. & Santos, E. M. 2008. A new genus and species of eyelid-less and limb reduced gymnophthalmid lizard from northeastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Zootaxa** 1873: 50-60.

Rodrigues, M. T.; S. Kasahara & Y. Yonenaga-Yassuda. 1988. *Tropidurus psammonastes*: uma nova espécie do grupo *torquatus* com nota sobre seu cariótipo e distribuição (Sáuria, Iguanidae). **Pap. Av. Zool.** 36(26): 307-313.

Rodrigues, M. T.; Yonenaga-Yassuda, Y. & Kasahara, S. 1989. Notes on the ecology and karyotypic description of *Strobilurus torquatus* (Sauria, Iguanidae). **Rev. Brasil. Genet.** 12 (4): 747 - 759.

- Rodrigues, M. T.; H. Zaher & F. Curcio. 2001. A new species of lizard, genus *Calyptommatus*, from the Caatingas of the state of Piauí, Northeastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Pap. Av. Zool.** **41** (28): 529-546.
- Rodrigues, M. T.; E. M. X. Freire; K. M. C. Pellegrino & J. W. Sites Jr. 2005. Phylogenetic relationships of a new genus and species of microteiid lizard from the Atlantic forest of north-eastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Zool. J. of the Linn. Society** **144**: 543-557.
- Rodrigues, M. T.; Freitas, M. A.; Silva, T. F. S. & Bertolotto, C. E. V. 2006. A new species of lizard genus *Enyalius* (Squamata, Leiosauridae) from the highlands of Chapada Diamantina, state of Bahia, Brazil, with a key to species. **Phyllomedusa**, **5**: 11-24.
- Rodrigues, M. T.; Pellegrino, K. C. M.; Dixo, M. & Verdade, V. K. 2007. A new genus of a microteiid lizard from the Atlantic forests of State of Bahia, Brazil, with a new generic name for *Colobosaura mentalis*, and a discussion of relationships among the Heterodactylini (Squamata, Gymnophthalmidae). **American Museum Novitates** **3565**: 1 – 27.
- Rodrigues, M. T.; Cassimiro, J.; Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2009a. A new microteiid lizard of the genus *Acratosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Serra do Sincorá, State of Bahia, Brazil. **Zootaxa** **2013**: 17-29.
- Rodrigues, M. T.; Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2009b. New species of earless lizard genus *Heterodactylus* (Squamata: Gymnophthalmidae) from the highlands of Chapada Diamantina, State of Bahia, Brazil. **Journal of Herpetology** **43**: 605-611.
- Salles, R. O. L. & Silveira, A. L. 2010. Primeiro registro de *Strobilurus torquatus* Wiegmann, 1934 (Reptilia, Squamata, Tropiduridae) no estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Evolução e Conservação da Biodiversidade** **1** (1): 35.
- São Pedro, V. A.; Costa, H. C. & Feio R. N. 2009. **A Herpetofauna do AHE Daradanelos, Aripuanã, Mato Grosso**. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 40 p.

- Siedschlag, A. C.; Benozzati, M. L.; Passoni, J. C. & Rodrigues, M. T. 2010. Genetic structure, phylogeny, and biogeography of Brazilian eyelid-less lizards of genera *Calyptommatus* and *Notobachia* (Squamata: Gymnophthalmidae) as inferred from mitochondrial DNA sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution** 56 (2): 622 – 630.
- Soares, M. & Caramaschi, U. 1998. Espécie nova de *Colobosauroides* Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991 do estado da Bahia, Brasil (Squamata, Sauria, Gymnophthalmidae). **Bol. Mus. Nac. Zool.** 388: 1 – 8.
- Skuk, G. O. S. 1999. **Revisão dos lagartos do complexo *Ameiva ameiva* (Squamata: Teiidae)**. Tese (doutorado). Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Thuiller, W.; Richardson, D. M.; Pysek, P.; Midgley, G. F.; Hughes, G. O. & Rouget, M. 2005. Niche-based modeling as a tool for predicting the risk of alien plant invasions at a global scale. **Global Change Biology** 11: 2234 – 2250.
- Trajano, E. & Ghiringhello, A. 1978. Comparação entre as proporções corporais de *Iguana i. iguana* da região das caatingas e da hiléia amazônica (Sauria, Iguanidae). **Pap. Av. Zool.** 32 (10): 107 – 115.
- Vanzolini, P. E. 1953a. **Guiano-Braslian *Polychrus*: Distribution and Speciation (Sauria: Iguanidae)**. In: Rhodin, A. G. J. & Miyata, R. (eds.). Advances in Herpetology and Evolutionary Biology. Pp. 118 – 131. Museum of Comparative Zoology, Cambridge.
- Vanzolini, P. E. 1953b. Sobre o gênero *Phyllopezus* Peters (Sauria: Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.** 11: 353-369.
- Vanzolini, P. E. 1957. O gênero *Coleodactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.** 13 (1): 1 – 17.
- Vanzolini, P. E. 1958. Sobre *Diploglossus lessonae*, com notas biométricas e sobre a evolução ontogenética do padrão de colorido (Sauria, Anguidae). **Pap. Av. Zool.** 13: 179 – 213.

- Vanzolini, P. E. 1968. Lagartos brasileiros da família Gekkonidae (Sauria). **Pap. Av. Zool.** **17** (1): 1 – 84.
- Vanzolini, P. E. 1974. Ecological and geographical distribution of lizards in Pernambuco, Northeastern Brazil (Sauria). **Pap. Av. Zool.** **28**(4): 61-90.
- Vanzolini, P. E. 1976a. On the lizards of a Cerrado-caatinga contact, evolutionary and zoogeographical implications (Sauria). **Papéis Avulsos de Zoologia**, **29**: 111 – 119.
- Vanzolini, P. E. 1976b. Two notes on *Anotosaura* (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **30** (8): 119 – 122.
- Vanzolini, P. E. 1978. On South American *Hemidactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.** **31** (20): 307 – 343.
- Vanzolini, P. E. 1981. A quasi-historical approach to the natural history of the differentiation of reptiles in tropical geographic isolates. **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, **34** (19): 189-204.
- Vanzolini, P. E. 1988. Distributional patterns of south American lizards. In: Heyer, W. R. & Vanzolini, P. E. (eds.). **Proceedings of a workshops on neotropical distribution patterns**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, Brasil. Pp. 317 – 342.
- Vanzolini, P.E. 2005. On *Gymnodactylus amarali* Barbour, 1952, with the description of a new species (Sauria: Gekkonidae). **Anais da Academia Brasileira de Ciências** **77** (4): 594 – 611.
- Vanzolini, P. E. & A. M. M. Ramos. 1977. A new species of *Colobodactylus*, with notes on the distribution of a group of stranded microteiid lizards (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **31** (3): 19-47.
- Vanzolini, P. E. & Williams, E. E. 1970. South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia**, **19**: 1 – 298.
- Vanzolini, P. E. & Williams, E. E. 1981. The Vanishing Refuge: a mechanism for ecogeographic speciation. **Pap. Av. Zool.** **34**(23): 251-255.

- Vanzolini, P. E., Ramos-Costa, A. M. M. & Vitt, L. J. 1980. **Répteis das Caatingas**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 161 p.
- Vitt, L. J. 1981. Tail autotomy and regeneration in the tropical skink, *Mabuya heathi*. **Journal of Herpetology** 15: 454-457.
- Vitt, L. J. 1985. On the biology of the little known anguilla lizard, *Diploglossus lessonae*, in northeast Brazil. **Pap. Av. Zool.** 36 (7): 69 -76.
- Vitt, L. J. 1991. Ecology and life-history of the widely foraging lizard *Kentropyx calcarata* (Teiidae) in Amazonian Brazil. *Canadian Journal of Zoology* 69: 2791-2799.
- Vitt, L. J. 1995. The ecology of tropical lizards in the Caatinga of northeastern Brazil. **Occasional Papers of the Oklahoma Museum of Natural History** 1: 1-29.
- Vitt, L. J. & Colli, G. R. 1994. Geographical ecology of a neotropical lizard: *Ameiva ameiva* (Teiidae) in Brazil. **Canadian Journal of Zoology** 72: 1986 – 2008.
- Vitt, L. J.; Magnusson, W. E.; Ávila-Pires, T. C. & Lima, A. P. 2008. **Guia de Lagartos da Reserva Adolpho Ducke – Amazônia Central**. Manaus: Áttema Design Editorial. 176 pp.
- Vrcibradic, D.; Mausfeld, P. & Rocha, C. F. D. 2006. Molecular phylogeny of Brazilian *Mabuya* (Reptilia, Squamata, Scincidae) of the *agilis/caissara/heathi* complex. **Herpetological Journal** 16 (1): 83 – 91.
- Wiens, J. J. & Etheridge, R. 2003. Phylogenetic relationships of Hoplocercid lizards: coding and combining meristic, morphometric, and polymorphic data using step matrices. **Herpetologica** 59 (3): 375 – 398.
- Wooten, J. A. & Gibbs, H. L. 2011. Niche divergence and lineage diversification among closely related *Sistrurus* rattlesnakes. **Journal of Evolutionary Biology**.

Capítulo III

Riqueza, diversificação e padrões de distribuição dos lagartos (Squamata) do Domínio Morfoclimático da Caatinga

1.0 Introdução

O Domínio Morfoclimático da Caatinga (*sensu* Ab'Saber, 1970, 1977) ocupa aproximadamente 800.000 km², distribuídos por dez estados brasileiros (Ab'Saber, 1974; IBGE, 1985; Rizzini, 1997; Ecorregiões, 2002; Prado, 2003) (Figura 1). Sua área corresponde a quase 11% de todo o território nacional, principalmente na região nordeste do Brasil. É um dos raros domínios semi-áridos ocorrentes na faixa subtropical do globo, entremeado por áreas tropicais úmidas (Ab'Saber, 1967; 1974; Rodrigues, 1986) e um dos biomas mais negligenciados nos mais diversos aspectos (Rodrigues, 2005), apesar de sempre ter sido um dos mais ameaçados devido às centenas de anos de uso inadequado e insustentável dos solos e outros recursos naturais (Ecorregiões, 2002).

Recentemente, importantes esforços foram realizados para se conhecer de modo mais satisfatório as diferentes áreas de influência do Domínio Morfoclimático da Caatinga como forma de fomentar o uso sustentável de seus recursos e compreender suas necessidades de conservação (Ecorregiões, 2002). Através de informações morfopedológicas, climáticas, geológicas e fitofisionômicas, foi feita uma proposta com o intuito de cobrir as lacunas de conhecimento, além de contribuir com políticas públicas para a conservação do semi-árido nordestino (Araújo *et al.*, 2005).

Estes esforços culminaram com a divisão do domínio em oito ecorregiões distintas: Complexo de Campo Maior, Complexo Ibiapaba-Araripe, Depressão Sertaneja Meridional, Depressão Sertaneja Setentrional, Planalto da Borborema, Dunas do São Francisco, Complexo da Chapada Diamantina e Raso da Catarina. Segundo Ecorregiões (2002), todas as ecorregiões sofrem com diversos tipos de impactos antrópicos como agricultura, pecuária, mineração, retirada de lenha, dentre outros. As mais afetadas são o Planalto da Borborema (90% de seu território encontra-se antropizado) e as duas Depressões Sertanejas.

Até o início da década de 90, a Caatinga era relatada como um bioma de baixa diversidade e riqueza de espécies, composta por uma fauna depauperada de elementos comuns ao chamado grande cinturão diagonal de formações abertas da América do Sul e caracterizada pela ausência de endemismos (Vanzolini, 1974; 1976; 1981; 1988; Vanzolini & Williams, 1981; Mares *et al.*, 1981; Werneck & Colli, 2006). Hoje, após amostragens mais eficientes e maior aprofundamento em estudos na Caatinga, podemos afirmar que se tratava de uma visão errada, baseada em pouca representatividade nas coleções devido a uma cobertura geográfica ineficiente e insuficiente. Além disso, nosso conhecimento era prejudicado pela falta de cobertura dos ecossistemas adjacentes e a pela aceitação de um conceito da Caatinga que não

apresentava informação histórica necessária para a compreensão da evolução da fauna neste espaço geográfico (Rodrigues, 1996; 2003; Leal *et al.*, 2005). Novas pesquisas mostraram que, ao contrário da ideia original, a Caatinga apresenta uma fauna bastante diversificada, apresentando um grande número de espécies endêmicas e ameaçadas (Leal *et al.*, 2005), especialmente no que se refere a fauna de répteis (Rodrigues, 1996).

Dentre os domínios morfoclimáticos brasileiros, a Caatinga é um dos que possui o melhor conhecimento da herpetofauna de modo geral (Vanzolini *et al.*, 1980; Vitt, 1995; Rodrigues, 2003). Porém, Rodrigues (2003) destaca que esse conhecimento, embora amplo quando comparado a outros ambientes sulamericanos, ainda é insatisfatório. No entanto, a real distribuição geográfica da maioria das espécies ainda é pouco ou nada conhecida.

Apesar das informações atuais demonstrarem novos dados de diversidade e apontarem para uma degradação contínua dos habitats, ainda existe uma grande deficiência no conhecimento sobre a distribuição da fauna, e carência de unidades de conservação (apenas 2% de seu território é protegido), sendo que a maioria não representa as caatingas mais típicas (Ministério do Meio Ambiente, 2005).

Para identificar áreas prioritárias para a conservação, informações detalhadas sobre a distribuição das espécies são necessárias. No entanto, o domínio da Caatinga é pobremente amostrado (Rodrigues, 2003; 2005) e pesquisas biológicas demandam um investimento significativo de tempo e dinheiro. Infelizmente, a velocidade de degradação que acomete a Caatinga não nos fornece tempo para investigar o domínio por inteiro (Rodrigues, 2005).

Recentemente, novos avanços tecnológicos dos Sistemas Geográficos de Informação (*Geographical Information Systems* - GIS) permitiram desenvolver métodos de prever a distribuição potencial das espécies baseados em características ambientais correlacionadas às exigências de nicho das mesmas (Peterson, 2001; Guisan & Thuiller, 2005; Costa *et al.*, 2007). Estes modelos conseguem prever locais não amostrados onde as espécies apresentam alta probabilidade de ocorrência devido às semelhanças ambientais com seus locais de ocorrência registrados.

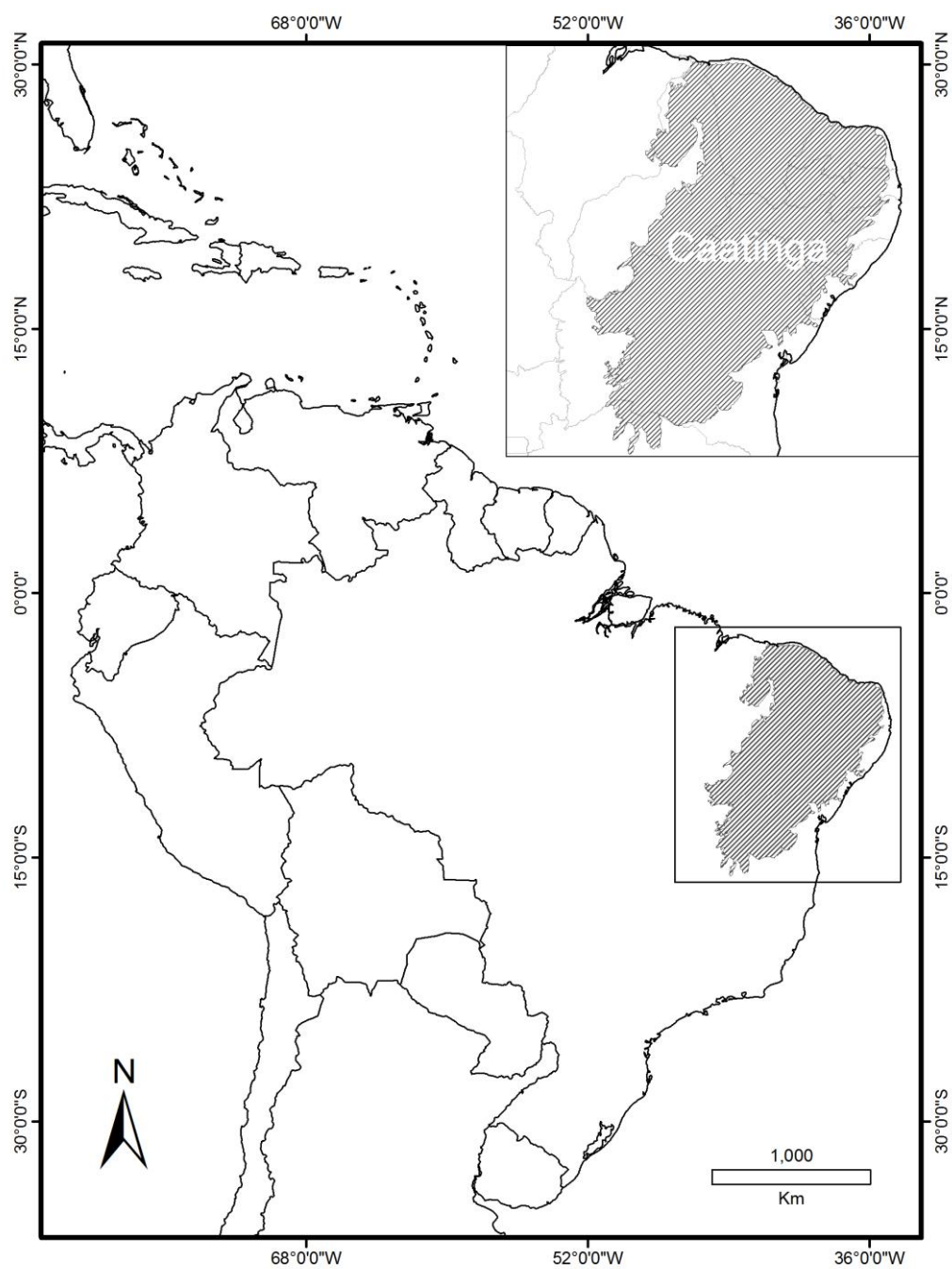


Figura 1 – Limites geográficos aproximados do Domínio Morfoclimático da Caatinga, propostos pelo Seminário Caatinga do PROBIO (www.biodiversitas.org/caatinga) e ajustados pelo Seminário de Planejamento Ecorregional da Caatinga (Ecorregiões, 2002).

Embora as técnicas não levem em conta fatores históricos ou bióticos (interações entre espécies) (Araujo & Guisan, 2006), eles combinam aspectos climáticos e geológicos para apontar áreas de potencial distribuição geográfica das espécies, e devem ser utilizados ao menos como guia para futuros inventários. Este método tem sido utilizado com sucesso para diferentes grupos animais em diferentes ecossistemas (Peterson, 2001; Costa *et al.*, 2007; 2009). Deste modo, a modelagem de nicho pode ser utilizada para gerar mapas de distribuição para as espécies, que quando sobrepostos, podem gerar um mapa de gradiente de riqueza (Costa *et al.*, 2007).

Cruzando informações biológicas geradas pela modelagem com as ecorregiões propostas para a Caatinga (Ecorregiões, 2002) é possível dar suporte a novas propostas de conservação. A identificação em larga escala de padrões de distribuição e centros de endemismos e de grande riqueza podem nos indicar prováveis centros de especiação e diversificação das espécies atuais. Dados desta natureza podem nos auxiliar na maior compreensão e na reconstrução dos processos históricos da Caatinga (Rodrigues, 2003), e possibilitam a extrapolação para outros grupos animais, indicando áreas potenciais para a investigação científica (Costa *et al.*, 2007).

Pesquisas com a fauna de lagartos têm trazido avanços significativos para elucidar questões sobre condicionantes históricas e ecológicas nos processos geradores de diversidade (Pianka, 1967; 1969; 1971; Ricklefs *et al.*, 1981; Losos, 1994; Pianka & Vitt, 2003). Informações provenientes dos estudos da herpetofauna da Caatinga podem servir como importante subsídio para a compreensão da história do ecossistema atual, além de fornecer bases para trabalhos de conservação e ecologia. Estudos dessa natureza se tornam urgentes quando levamos em conta a rápida destruição e a progressiva perda de habitats provenientes da ocupação antrópica (Rodrigues, 2003; Araújo *et al.*, 2005).

O presente capítulo tem como objetivo avaliar os padrões de distribuição dos lagartos através da modelagem do nicho ecológico e análises de parcimônia de endemidade, como forma de desvendar a história desta fauna dentro do domínio da Caatinga, bem como identificar áreas com maior riqueza de espécies, apontando-as como prováveis locais para conservação e investigação científica.

2.0 Material e Métodos

2.1 Coleta de dados para a fauna de lagartos da Caatinga

Os dados utilizados foram obtidos através de informações obtidas em dez coleções científicas: Coleção Herpetológica da Universidade Federal de Sergipe / CHUFS – São Cristovão; Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas / MUFAL – Maceió; Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Paraíba / CHUFPB; Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo / MZUSP – São Paulo; Museu Nacional do Rio de Janeiro / Universidade Federal do Rio Janeiro - Rio de Janeiro; Núcleo de Ofiologia da Universidade Federal do Ceará / NUROF/UGC – Fortaleza; Coleção Herpetológica da Universidade de Brasília / CHUNB; Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Bahia - Salvador; Coleção Herpetológica da Universidade Federal de Viçosa - Viçosa, Minas Gerais; e Coleção Herpetológica da Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana, Bahia. As informações foram complementadas por dados obtidos através do Sistema de Informações distribuídos para coleções científicas – Species Link (<http://splink.cria.org.br/>) e através da literatura circundante.

Além disso, foram realizadas 18 coletas em 17 localidades de quatro estados: Paulo Afonso na Bahia; Daniel de Queiroz, Santa Quitéria, São Gonçalo do Amarante e Várzea da Conceição no Ceará; Areia na Paraíba; Arcoverde, Nascente, Trindade e Serra Talhada em Pernambuco; Paulistana, Pavussu, Rio Grande do Piauí e São Francisco de Assis do Piauí no Piauí; e Canindé do São Francisco, Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória em Sergipe.

Foram incluídas na lista, todas as espécies que apresentaram pelo menos um registro inserido na área definida pela *Nature Conservancy do Brasil* (Ecorregiões, 2002) para o Domínio Morfoclimático da Caatinga. Para as espécies que ocorrem fora do domínio em foco inserimos localidades de registro em domínios adjacentes, porém, recomendamos que para maiores informações sobre estas espécies, sejam consultados revisões taxonômicas e estudos específicos dessas regiões.

2.2 Modelagem de nicho

O programa Maxent foi utilizado para modelar a distribuição geográfica para 63 das 78 espécies de lagartos registradas. Para espécies que também ocorrem em outros biomas, foram inseridos todos os pontos de registros obtidos durante o levantamento de dados, pois os mesmos auxiliam nas análises para gerar a previsão de distribuição das espécies. Dados de distribuição variaram entre 1 e 376 registros por espécie, sendo a grande maioria dos registros de áreas externas ao domínio da Caatinga. Para as análises, foram utilizadas apenas espécies com três ou mais registros para as análises de modelagem.

Para gerar os mapas de distribuição foram utilizados variáveis ambientais obtidas através do Wordclim Project (Hijmans *et al.*, 2005) e a *Normalized Difference Vegetation Index Layer* (NDVI), baseados nas médias de valores de imagens de satélites para o fim do período seco e do fim do período úmido. Seguindo os resultados obtidos por Costa *et al.* (2007), foram selecionadas as seguintes variáveis que influenciam de maneira significativa a modelagem de nicho para espécies da herpetofauna: altitude, isotermalidade, sazonalidade de temperatura, variação anual de temperatura (temperatura máxima no mês mais quente + temperatura mínima do mês mais frio), média de temperatura do trimestre mais quente, média de temperatura no trimestre mais frio, precipitação no mês mais seco, sazonalidade de precipitação (coeficiente de variação), precipitação no trimestre mais úmido e precipitação no trimestre mais seco. Todas as variáveis possuem resolução de 5 Km.

Os mapas foram feitos individualmente para a maioria das espécies. Para os gêneros *Eurolophosaurus*, *Calyptommatus*, *Colobosauroides*, *Procellosaurinus* e *Psilophthalmus* a modelagem de nicho foi gerada considerando-se todos os registros de ocorrência das espécies do gênero. Esta medida foi tomada devido ao baixo número de pontos registrados para as espécies e levando em conta a semelhança ecológica entre as espécies de cada gênero. Não foram gerados mapas para *Hemidactylus agrius* e *H. mabouia*, pois grande parte do material das coleções visitada apresenta identificação preliminar e na maioria dos casos mal feita.

Através do software ArcGIS / ArcMap 9.3 foi gerado um mapa final através da sobreposição dos mapas de distribuição modelados para cada espécie. Este mapa consiste em uma análise de riqueza que considera o número de espécies distribuídas em cada grid considerado como tendo uma ocorrência positiva para cada espécie. Foram gerados dois mapas de riqueza, um deles utilizando todas as espécies registradas para o domínio da Caatinga e um segundo, onde foram descartadas as espécies que possuem ligação histórica e ecológica com outros domínios adjacentes, como o Cerrado e as áreas florestadas.

Estas medidas foram tomadas devido a modelagem de nicho realizada não ter levado em conta as fitofisionomias e os tipos de solo das áreas de ocorrência das espécies, duas das características que provavelmente mais influenciam na distribuição dos lagartos do domínio em questão (Rodrigues, 2003; Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). Devido a estes fatos, a grande maioria dos mapas gerados para estas espécies foi superestimado, extrapolando a real distribuição das mesmas.

2.3 Análise de parcimônia de endemidade

Para a realização da análise de parcimônia de endemidade – PAE foram selecionadas 97 localidades, incluindo áreas situadas em regiões de ecótono. Os dados utilizados foram os mesmos citados anteriormente, levando-se em conta apenas as localidades mais bem amostradas do Domínio da Caatinga (igual ou acima de 10 espécies).

Foram utilizados espécies e gêneros de lagartos ocorrentes nas áreas amostrais (76 espécies distribuídas em 40 gêneros). Duas espécies foram mantidas de fora das análises por motivos próprios: *Hemidactylus agrius* e *H. mabouia*. *Hemidactylus mabouia* é considerada uma espécie invasora de origem africana (Vanzolini *et al.*, 1980; Rodrigues, 2003) e ocorre hoje de forma quase cosmopolita pelo mundo todo. Sua inclusão nas análises biogeográficas não forneceria informações reais sobre eventos históricos ocorrentes na Caatinga. *Hemidactylus agrius* foi descrito em 1978 por Vanzolini e, apesar de Carranza & Arnold (2006) considerarem a espécie válida após análises de DNA mitocondrial, na grande maioria das coleções herpetológicas visitadas,

sua identificação apresenta-se bastante comprometida, devido a grande semelhança morfológica com *H. mabouia*. Considerando estes fatos, as espécies foram excluídas das análises.

A análise foi realizada através do programa PAST.exe Hammer & Harper (Hammer *et al.*, 2001) utilizando-se o algoritmo Heurístico (NNI). A PAE é utilizada para indicar a ocorrência de centros de endemismos para grupos taxonômicos, bem como para indicar a relação histórica entre a fauna de diferentes áreas. Através destes resultados podem-se inferir hipóteses biogeográficas (Cracraft, 1991)

A PAE apresenta como ferramenta a possibilidade de se inserir interrogações para espécies não documentadas nas áreas, mas que claramente se encontram nas mesmas devido a seus padrões de distribuição bem conhecidos e ou registro em áreas próximas contíguas. Entretanto, utilizamos a ferramenta apenas em situações onde os dados obtidos geravam dúvidas quanto à localidade exata do espécime registrado. Como exemplo podemos citar registros de localidades como a Chapada Diamantina para indivíduos da espécie *Ameiva ameiva*. Neste caso, e em outros semelhantes, foram colocadas interrogações para todas as localidades inseridas na área de influência da referida citação, levando-se em conta outros registros próximos e a distribuição geográfica relatada para a espécie.

Ainda, municípios e/ou Unidades de Conservação que se localizam de forma contíguas, muito próximas e/ou que não possuem barreiras geográficas conhecidas, foram reunidas em uma única unidade amostral, visto que as espécies ocorrentes nestas localidades certamente estariam presentes em áreas vizinhas.

Para a realização das análises de similaridade faunística entre áreas, foram aceitas as identificações das espécies realizadas por curadores de coleções visitadas/consultadas e provenientes de listas faunísticas publicadas. Parte do material foi verificada, principalmente para aquelas espécies que apresentam taxonomia mais confusa e maior dificuldade de identificação.

3.0 Resultados

Foram registradas 78 espécies distribuídas em 12 famílias, que apresentaram ao menos um registro de ocorrência inserido no domínio da Caatinga. Destas, 48 espécies podem ser consideradas típicas da Caatinga, oito são ligadas a domínios florestados (Floresta Atlântica, Floresta Amazônia ou Brejos de altitude), seis tem origem no Cerrado, três são espécies endêmicas de áreas de brejo de altitude e nove possuem ligação com os campos rupestres do complexo da Serra do Espinhaço, nos estados de Minas Gerais e Bahia. Por último, *Hemidactylus mabouia* é considerada uma espécie invasora de origem africana (Vanzolini *et al.*, 1980; Rodrigues, 2003) e ocorre hoje de forma quase cosmopolita pelo mundo todo. A lista completa pode ser vista na Tabela 1.

Em relação aos padrões de distribuição das espécies (Tabela 1), foram criadas sete categorias tomando-se como base o domínio em estudo: 1 – Amplamente distribuída – AD (14 espécies); 2 - Distribuição relictual – R (15 espécies); 3 – Espécies com distribuição limitada na Caatinga - L (3 espécies); 4 – Espécies ligadas ao Campo de Dunas do Rio São Francisco (13 espécies); 5 - Distribuição limitada aos campos rupestres da cadeia do Espinhaço – CR (9 espécies); 6 – Espécies típicas de biomas adjacentes com vegetação aberta (Cerrado/Chaco/tabuleiros e restingas litorâneas) – AA (9 espécies); 7 - Ligadas a Floresta Atlântica e/ou brejos de altitude – Fl (11 espécies).

Tabela 1 – Lista dos lagartos registrados para o Domínio Morfoclimático da Caatinga acompanhada de informações ecológicas e zoogeográficas; as espécies endêmicas estão marcadas com um asterisco (*). **Categoria Ecológica (CE):** (A) arborícola, (SA) semi-arborícola, (F) fossorial; (SF) semi-fossorial e (T) terrestre. **Horário de atividade (HA):** (D) diurna e (N) noturna. **Habitát preferido (HP):** (Ar) árvores e arbustos, (B) bromelícola, (Folh) folhoso, (G) generalista, (H) periantrópico, (P) psamófilo e (S) saxícola. **Padrão de distribuição (PD):** (AD) espécies de ampla distribuição no domínio, (R) espécies de distribuição de caráter relictual, (DSF) espécies cuja distribuição encontra-se restrita à região de dunas do Rio São Francisco e areias adjacentes com ligação pretérita, (L) espécies cuja a distribuição é contínua, mas limitada a uma porção do domínio, (SE) espécies ligadas a cadeia da Serra do Espinhaço e seus ambientes de campos rupestres, (AA) lagartos ligados a ambientes de vegetação aberta adjacentes à Caatinga com registros a ambientes influenciados pelo Cerrado e (Fl) espécies dependentes de ambientes florestados remanescentes em áreas de altitude na Caatinga. **Bioma/Domínio/Ambiente (B)** típico da espécie: (Caat) espécies típicas da Caatinga, (FA) espécies de ambientes florestados como a Floresta Atlântica e a Floresta Amazônica que ocorrem em matas remanescentes ou áreas de transição na Caatinga, (Cer) Cerrado, (BA) endêmicos de Brejos de altitude, (CR) lagartos com distribuição limitada aos Campos rupestres da Serra do Espinhaço nos estados da Bahia e Minas Gerais; (Ch) Chaco. Tabela baseada na de Rodrigues (2003).

Táxon	CE	HA	HP	PD	B
Iguanidae					
<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	A	D	Ar	AD	Caat
Hoplocercidae					
<i>Hoplocercus spinosus</i> Fitzinger, 1843	T	D	G	AA	Cer
Polychrotidae					
<i>Anolis brasiliensis</i> (Vanzolini & Williams, 1970)	SA	D	Ar	AA	Cer
<i>Anolis fuscoauratus</i> D'Orbigny, 1837	A	D	Ar	Fl	FA
<i>Polychrus acutirostris</i> Spix, 1825	A	D	Ar	AD	Caat
<i>Polychrus marmoratus</i> (Linnaeus, 1758)	A	D	Ar	Fl	FA
Leiosauridae					
<i>Enyalius bibroni</i> Boulenger, 1885	SA	D	G	R	Caat
<i>Enyalius catenatus</i> (Wied, 1821)	SA	D	G	Fl	FA
<i>Enyalius erythroceneus</i> Rodrigues, Freitas, Silva & Bertolloto, 2006	SA	D	G	SE	CR

Táxon	CE	HA	HP	PD	B
Leiosauridae					
<i>Enyalius pictus</i> (Wied-Newied, 1825)	SA	D	G	Fl	FA
Tropiduridae					
<i>Eurolophosaurus amathites</i> (Rodrigues, 1984)	T	D	P	DSF	Caat
<i>Eurolophosaurus divaricatus</i> (Rodrigues, 1986)	T	D	P	DSF	Caat
<i>Eurolophosaurus</i> aff. <i>Divaricatus</i>	T	D	P	DSF	Caat
<i>Eurolophosaurus</i> sp.	T	D	P	SE	CR
<i>Stenocercus squarrosus</i> Nogueira & Rodrigues, 2006	T	D	?	AA	Cer
<i>Strobilurus torquatus</i> Wiegman, 1834	A	D	Ar	Fl	FA
<i>Tropidurus cocorobensis</i> Rodrigues, 1987	T	D	P	R	Caat
<i>Tropidurus erythroceus</i> Rodrigues, 1987	T	D	S	R	Caat
<i>Tropidurus etheridgei</i> Cei, 1982	T	D	S	AA	Ch
<i>Tropidurus helenae</i> (Manzani & Abe, 1990)	T	D	S	R	Caat
<i>Tropidurus hispidus</i> (Spix, 1825)	T	D	G	AD	Caat
<i>Tropidurus jaguaribanus</i> Passos, Lima & Borges-Nojosa, 2011	T	D	S	L	Caat
<i>Tropidurus montanus</i> Rodrigues, 1987	T	D	S	AA	Cer
<i>Tropidurus mucujensis</i> Rodrigues, 1987	T	D	S	SE	CR
<i>Tropidurus pinima</i> (Rodrigues, 1984)	T	D	S	R	Caat

Táxon	CE	HA	HP	PD	B
Tropiduridae					
<i>Tropidurus psammonastes</i> Rodrigues, Kasahara & Yonenaga-Yassuda, 1988	T	D	P	DSF	Caat
<i>Tropidurus semitaeniatus</i> (Rodrigues, 1825)	T	D	S	AD	Caat
Gekkonidae					
<i>Hemidactylus agrius</i> Vanzolini, 1978	T	N	G	?	Caat
<i>Hemidactylus brasiliensis</i> (Amaral, 1935)	T	N	G	AD	Caat
<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau de Jonnès, 1818)	T	N	G/H	AD	Inv
<i>Lygodactylus klugei</i> (Smith, Martin & Swain, 1977)	A	D	Ar	AD	Caat
Phyllodactylidae					
<i>Gymnodactylus geckoides</i> Spix, 1825	T	D	G	AD	Caat
<i>Gymnodactylus vanzolini</i> Cassimiro & Rodrigues, 2009	T	D	G	SE	CR
<i>Phyllopezus periosus</i> Rodrigues, 1986	T/A	N	S	L	Caat
<i>Phyllopezus pollicaris</i> (Spix, 1825)	T/A	N	G/H	AD	Caat
Sphaerodactylidae					
<i>Coleodactylus meridionalis</i> Boulenger, 1888	T	D	Folh	R	Caat
Anguidae					
<i>Diploglossus lessonae</i> Peracca, 1890	SF	D	Folh	R	Caat
<i>Ophiodon sp.2 sensu</i> Borges-Martins, 1998	SF	D	Folh	AA	Cer

Táxon	CE	HA	HP	PD	B
Teiidae					
<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	T	D	G	AD	Caat
<i>Cnemidophorus confusionibus</i> Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011	T	D	G	L	Caat
<i>Cnemidophorus cyanurus</i> Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011	T	D	G	L	Caar
<i>Cnemidophorus nigrigula</i> Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011	T	D	G	L	Caat
<i>Cnemidophorus</i> gr. <i>ocellifer</i> (Spix, 1825)	T	D	G	AD	Caat
<i>Cnemidophorus venetacaudus</i> Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011	T	D	G	L	Caat
<i>Kentropyx calcarata</i> Spix, 1825	T	D	G	Fl	FA
<i>Tupinambis merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839)	T	D	G	AD	Caat
Gymnophthalmidae					
<i>Acratosaura mentalis</i> (Amaral, 1933)	F	D	Folh	R	Caat
<i>Acratosaura spinosa</i> Rodrigues, Cassimiro, Freitas & Silva, 2009	F	D	Folh	SE	CR
<i>Anotosaura collaris</i> Amaral, 1933	F	D	Folh	R	Caat
<i>Anotosaura vanzolinia</i> Dixon, 1974	F	D	Folh	R	Caat
<i>Calyptommatius confusionibus</i> Rodrigues, Zaher & Curcio, 2001	F	N	P	DSF	Caat
<i>Calyptommatius leiolepis</i> Rodrigues, 1991	F	N	P	DSF	Caat
<i>Calyptommatius nicterus</i> Rodrigues, 1991	F	N	P	DSF	Caat
<i>Calyptommatius sinebrachiatus</i> Rodrigues, 1991	F	N	P	DSF	Caat

Táxon	CE	HA	HP	PD	B
Gymnophthalmidae					
<i>Cercosaura ocellata</i> Wagler, 1830	F	D	Folh	AA	Cer
<i>Colobosaura modesta</i> (Reinhardt & Lütken, 1862)	F	D	Folh	AA	Cer
<i>Colobosauroides carvalhoi</i> Soares & Caramaschi, 1998	F	D	Folh	R	Caat
<i>Colobosauroides cearenses</i> Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991	F	D	Folh	R	Caat
<i>Dryadosaura nordestina</i> Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites Jr., 2005	F	D	Folh	Fl	FA
<i>Heterodactylus septentrionalis</i> Rodrigues, Freitas & Silva, 2009	F	D	Folh	SE	CR
<i>Leposoma baturitensis</i> Rodrigues & Borges (1997)	F	D	Folh	Fl	BA
<i>Micrablepharus maximiliani</i> (Reinhardt & Lütken, 1862)	F	D	Folh	AD	Caat
<i>Notobachia ablephara</i> Rodrigues, 1984	F	D/N	P	DSF	Caat
<i>Placosoma</i> sp.	F	D	Folh	Fl	BA
<i>Procellosaurinus erythrocercus</i> Rodrigues, 1991	F	D	P	DSF	Caat
<i>Procellosaurinus tetradactylus</i> Rodrigues, 1991	F	D	P	DSF	Caat
<i>Psilophthalmus paeminus</i> Rodrigues, 1991	F	D	P	DSF	Caat
<i>Psilophthalmus</i> sp.	F	D	P	SE	CR
<i>Scriptosaura catimbau</i> Rodrigues & Santos, 2008	F	N	P	R	Caat
<i>Stenolepis ridleyi</i> Boulenger, 1887	F	D	Folh	Fl	FA
<i>Vanzosaura rubricauda</i> (Boulenger, 1902)	F	D	Folh	AD	Caat

Táxon	CE	HA	HP	PD	B
Scincidae					
<i>Mabuya agmosticha</i> Rodrigues, 2000	T	D	B	R	Caat
<i>Mabuya arajara</i> Rebouças-Spieker, 1981	T	D	Folh	AA	Cer
<i>Mabuya heathi</i> Schmidt & Inger, 1951	T	D	Folh	AD	Caat
<i>Mabuya macrorhyncha</i> Hoge, 1946	T	D	B	R	Caat
<i>Mabuya nigropunctata</i> (Spix, 1825)	T	D	SA	Fl	FA
<i>Mabuya</i> aff. <i>Dorsivittata</i>	T	D	?	SE	CR
<i>Mabuya</i> sp.	T	D	?	SE	CR

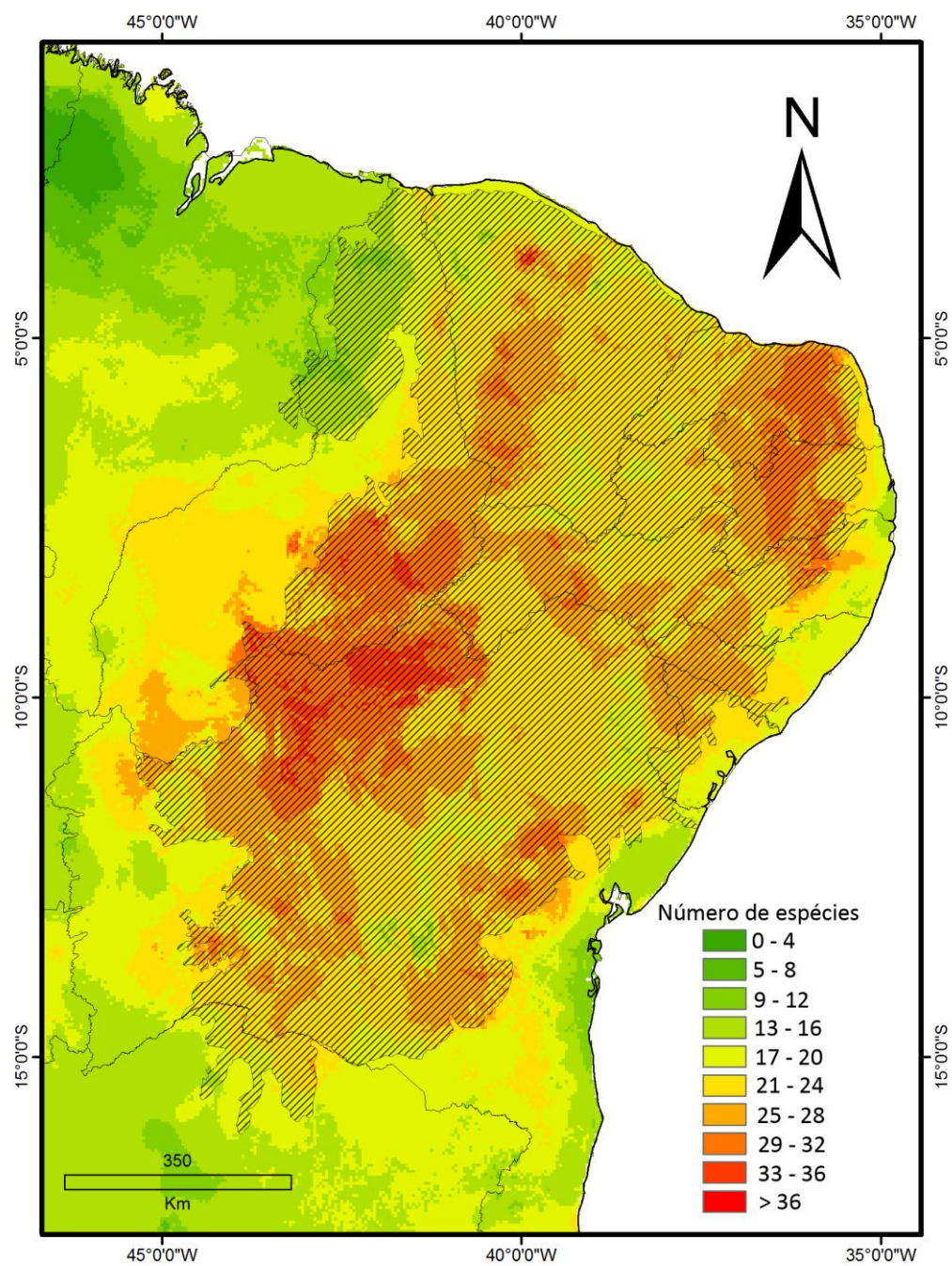


Figura 2 – *Raster grid* da riqueza de lagartos da Caatinga baseado em mapas de distribuição individual modelados para 43 espécies com história biogeográfica ligada ao domínio da Caatinga.

3.1 Modelagem de nicho e mapa de riqueza

Foram gerados dois mapas de riqueza. O primeiro utilizando-se 43 dentre as 48 espécies típicas da Caatinga, onde não foram utilizadas as espécies que possuem ligação histórica e ecológica com outros domínios adjacentes, como o Cerrado e as áreas florestadas.

A principal área de grande riqueza que podemos observar se localiza na região das Dunas do Rio São Francisco (Figura 2). Adicionalmente, outras áreas de riqueza podem ser vistas no nordeste do domínio, englobando as regiões mais ao leste da Caatinga do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Esta área abrange parte das Depressões Sertanejas, principalmente a depressão sententrional e a Borborema. Áreas menores que podem ser destacadas são encontradas no estado da Bahia, em áreas da Depressão Sertaneja Meridional nas áreas entre a Chapada Diamantina e o Raso da Catarina; na região oeste do Ceará, bem como no complexo de serras de Baturité; e em Pernambuco na porção central do estado nos limites entre a DSM e o Raso da Catarina.

O segundo mapa foi gerado através da sobreposição dos mapas de distribuição de 61 espécies encontradas no domínio Caatinga, incluindo as que ocorrem na Caatinga, mas que possuem ligação histórica a outros domínios. Neste mapa é possível observar que as áreas de riqueza permanecem basicamente as mesmas, porém com aumentos significativos em sua extensão (Figura 3). É possível observar também que as áreas de riqueza formam dois cordões principais quase contínuos nas regiões marginais leste e oeste da Caatinga, que se comunicam através do extremo oeste de Pernambuco e Paraíba. A ligação ocorre em uma região muito próxima a Chapada do Araripe, em porções da ecorregião do Complexo Ibiapaba-Araripe e Depressão Sertaneja Meridional.

Essa tendência de riqueza em áreas marginais também pode ser observada na Figura 2, porém com uma descontinuidade entre elas. Uma pequena tendência a ligação entre a margem leste e oeste também pode ser vista no extremo oeste de Pernambuco, ao sul do Araripe. Em ambos os mapas, as regiões mais nucleares da Caatinga apresentam menores riquezas quando comparadas as regiões mais marginais (Figuras 2 e 3).

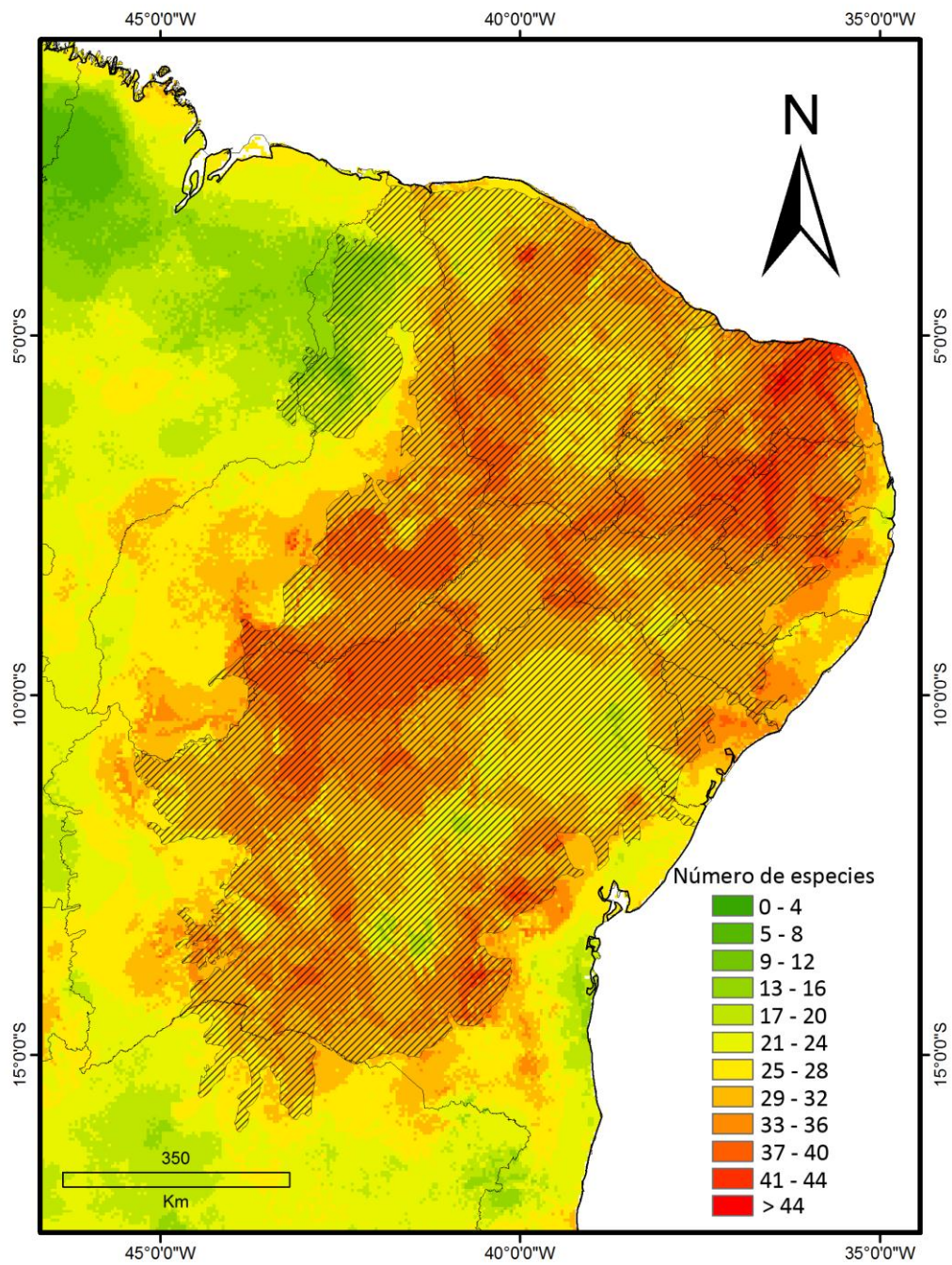


Figura 3 – *Raster grid* da riqueza de lagartos da Caatinga baseado em mapas de distribuição individual modelados para 61 espécies ocorrentes no domínio da Caatinga.

3.2 Análise de parcimônia de endemidade

Foram reunidos dados de 97 localidades para a realização das análises de PAE. As localidades englobam nove Estados, sendo distribuídas da seguinte forma: Alagoas – 5; Bahia – 31; Ceará – 14; Minas Gerais – 2; Paraíba – 13; Pernambuco – 14; Piauí – 11; Rio Grande do Norte – 2; Sergipe – 5. As localidades foram agrupadas por suas proximidades e quantidade de dados existentes, o que resultou em 61 unidades amostrais.

Das localidades utilizadas nas análises, 14 encontram-se inseridas na Depressão Sertaneja Meridional (DSM), 8 no Complexo Ibiapaba-Araripe (IB-AR), 6 na Depressão Sertaneja Setentrional (DSS), 8 no Planalto da Borborema (BOR), 7 no Complexo de Dunas do São Francisco (DSF), 4 na Chapada Diamantina (CCD), 4 no Raso da Catarina (RC) e apenas uma no Complexo de Campo Maior (CCM). Outras 9 localidades situadas nos estados citados foram inseridas nas análises por se encontrarem em áreas de transição entre a Floresta Atlântica/Caatinga ou Cerrado/Caatinga.

O cladograma de área gerado (Figura 4) apresentou alguns grupamentos principais (Figura 5), dos quais oito se destacam e merecem comentários: Grupo 1 – Área de campos rupestres de Minas Gerais de influência direta do Cerrado; Grupo 2 – Depressões sertanejas + Borborema; Grupo 3 – Área de influência Atlântica – Amazônica (Brejos de altitude + Chapada do Araripe + áreas litorâneas de transição); Grupo 4 – Raso da Catarina; Grupo 5 – Chapada Diamantina; 6 – Lado direito das Dunas do São Francisco; 7 – Lado esquerdo das Dunas do São Francisco.

O primeiro ramo, mais basal no cladograma, agrupou as áreas de Minas Gerais pertencentes à ecorregião da Depressão Sertaneja Meridional. As duas áreas incluídas na análise localizam-se em regiões marginais da Caatinga, apresentando fisionomias diferenciadas das demais e sendo bastante influenciadas pelos campos rochosos da cadeia do Espinhaço e pelos cerrados limítrofes na região.

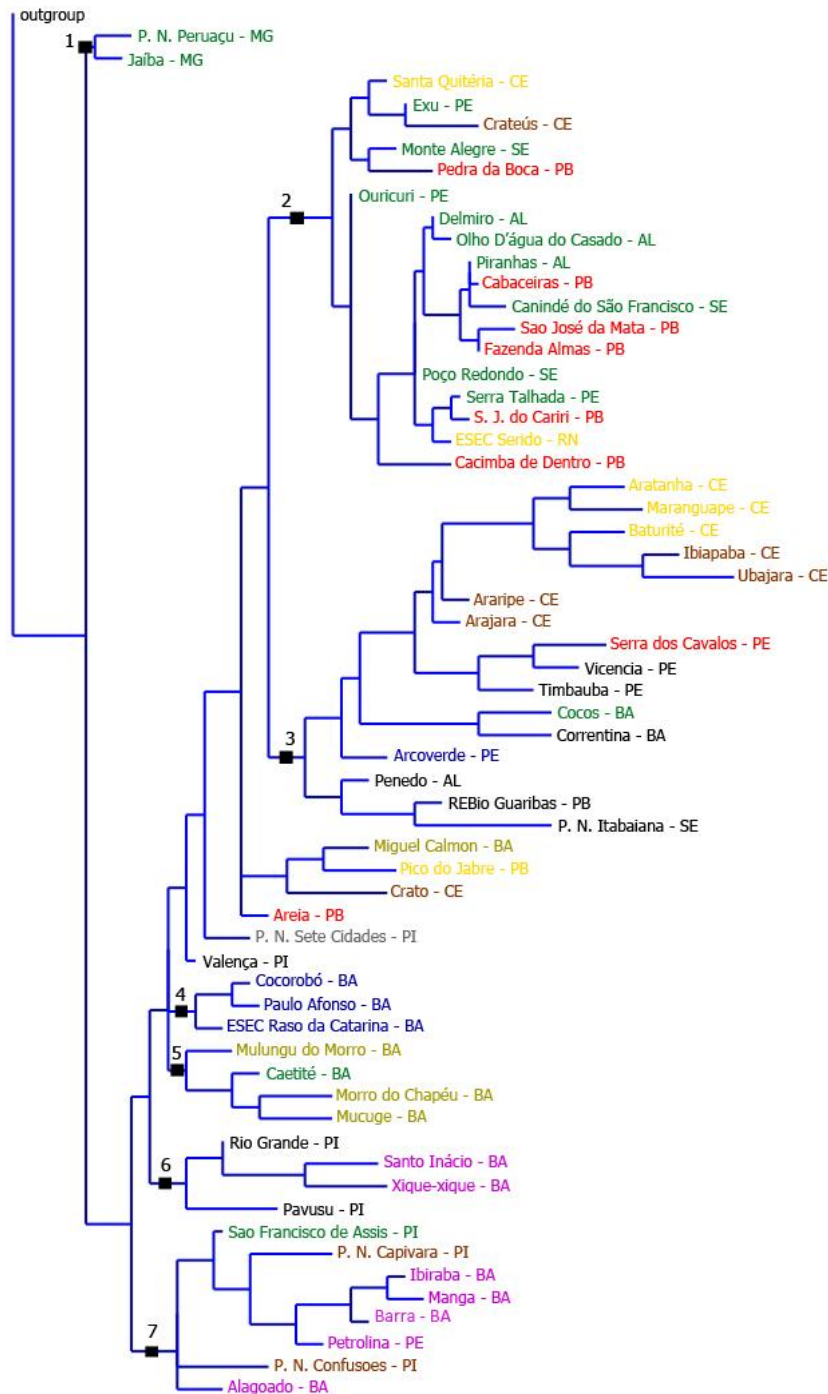


Figura 4 – Relações entre áreas inseridas no Domínio Morfoclimático da Caatinga. *Tree lenght*: 502; *Ensemble Consistency Index*: 0,212; *Ensemble Retention Index*: 0,575. Legenda de cores: Azul escuro – Raso da Catarina; Amarelo – Depressão Sertaneja Setentrional; Cinza – Complexo de Campo Maior; Mostarda – Complexo da Chapada Diamantina; Rosa: Dunas do São Francisco; Verde – Depressão Sertaneja Meridional; Vermelho – Planalto da Borborema; Marrom – Complexo Ibiapaba – Araripe; Preto – áreas fora do domínio da Caatinga. Os quadrados pretos representam os grupamentos discutidos no texto.

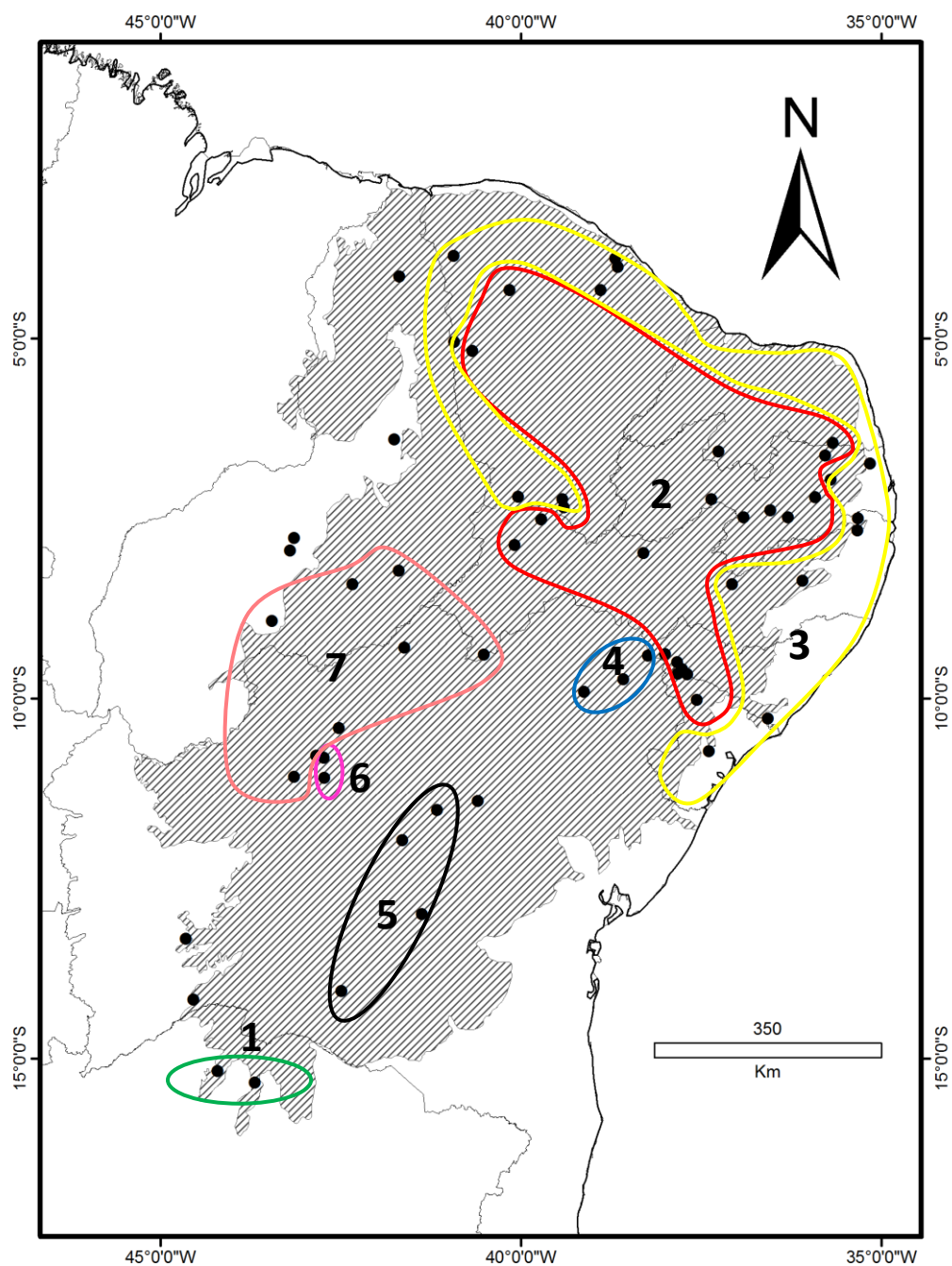


Figura 5 – Localidades utilizadas no PAE e áreas de endemismo indicadas pelo teste. 1 – Área de campos rochosos de Minas Gerais com influência direta do Cerrado; 2 – Depressões sertanejas + Borborema; 3 – Área de influência Atlântico – Amazônica (brejos de altitude + Chapada do Araripe + áreas litorâneas de transição); Grupo 4 - Raso da Catarina; Grupo 5 – Chapada Diamantina; 6 – Lado direito das Dunas do São Francisco; 7 – Lado esquerdo das Dunas do São Francisco + sul do Piauí.

O segundo grande ramo visualizado incorpora os outros seis grupos encontrados nas análises. O primeiro deles (grupamento 2), incorporou localidades inseridas na área nuclear da Caatinga (*core area*) (Ab'Saber, 1970; 1977), nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, das ecorregiões da Borborema e das duas Depressões Sertanejas. Estas três ecorregiões constituem a principal área ocupada pelas caatingas mais típicas, com as duas depressões sertanejas ocupando as maiores porções do domínio.

O grupo 3 apresenta um ramo que incorpora áreas com influência da fauna do domínio atlântico. As áreas de brejo de altitude do Ceará foram agrupadas com localidades inseridas em áreas de Floresta Atlântica e localidades marginais do domínio da Caatinga, com grande influência por possuírem parte de seu território em zonas de ecótono. Também foram inseridos aqui, áreas no oeste baiano que possuem seus territórios em áreas de transição entre a Caatinga e o Cerrado e a Chapada do Araripe no Ceará e Pernambuco, também influenciada por manchas de cerrado e florestas de altitude.

Os grupamentos restantes formaram respectivamente: 4 – Raso da Catarina; 5 – Chapada Diamantina; 6 – Lado direito das Dunas do São Francisco; 7 – Lado esquerdo das Dunas do São Francisco + sul do Piauí. Esses ramos do cladograma representam as localidades que mais correspondem à classificação das ecorregiões da Caatinga e apresentam características próprias que justificam seu agrupamento (Rodrigues, 1996; 2003; 2005; Freitas & Silva, 2007).

4.0 Discussão

4.1 A origem e diversificação da fauna de lagartos da Caatinga

As origens da herpetofauna da América do Sul sempre foram norteadas pelos eventos históricos recentes como as flutuações climáticas do Quaternário e suas consequências (Vanzolini, 1974; 1976; Heyer, 1978; Duellman, 1979). Novas interpretações sobre essas origens têm questionado as ideias anteriores, dando maior importância a eventos do Terciário (Colli *et al.*, 2002; Colli, 2005). Segundo Colli

(2005), o Terciário representou um período de isolamento da América do Sul, que resultou numa diversificação de uma biota endêmica. Inicialmente, ocorreu um aumento da umidade, que atingiu seu auge no Eoceno, com uma posterior mudança climática após o soerguimento dos Andes. O clima ficou mais árido e frio e uma crescente diferenciação latitudinal do clima ocorreu nesta fase. Neste período de mudanças do Terciário, possivelmente ocorreram as divergências mais profundas na herpetofauna da América do Sul, definindo, provavelmente, as principais linhagens associadas aos habitats florestados *versus* savânicos. Uma grande diferenciação de famílias de plantas ocorreu na América do Sul durante o Terciário (Romero, 1993), influenciando e modificando as principais províncias florísticas existentes até então. Uma delas, a Província Microfloral Mista se desenvolveu em uma combinação de elementos temperados e tropicais, incluindo espécies adaptadas a ambientes secos (Romero, 1993). Esta província, provavelmente, deu origem as atuais savanas da América do Sul, incluindo a Caatinga e o Cerrado (Romero, 1993; Colli, 2005).

O Terciário foi dominado por paisagens abertas e climas secos, especialmente depois do Oligoceno até o Pleistoceno (Pascual & Jaureguizar, 1990; Colli, 2005). Deste modo, a herpetofauna destas paisagens teve um longo tempo para sua diversificação. Quatro eventos podem ter sido os principais responsáveis por eventos de diversificação em massa durante o Terciário (Colli, 2005): (1) o estabelecimento de um gradiente climático associado à formação de três províncias florísticas no final do Terciário; (2) a grande transgressão marinha do Mioceno; (3) o soerguimento do Planalto Central brasileiro; e (4) a chegada de imigrantes da América do Norte no final do Terciário.

Estes eventos podem ter sido os principais responsáveis pela origem da fauna de lagartos comum entre a Caatinga e o Cerrado. Os registros fósseis mais antigos para as famílias de lagartos da Caatinga são para Iguanidae e Teiidae (Albino, 1996; Colli, 2005). Iguanidae provavelmente teve origem na Gondwana (Bauer, 1993) e Teiidae aparentemente surgiu na América do Norte, tendo sua dispersão no Cretáceo para a América do Sul, onde sofreram uma radiação no Terciário (Colli, 2005). Scincidae também é originária da Gondwana, e apresenta registro fóssil na África (Vanzolini & Heyer, 1985). Gekkonidae, Phyllodactylidae e Sphaerodactylidae foram registrados pela primeira vez no Paleoceno (Baéz & Gasparini, 1979; Estes & Báez, 1985). Não se conhecem fósseis para Gymnophthalmidae, Hoplocercidae, Polychrotidae e

Tropiduridae, mas por serem endêmicas da América do Sul (Guyer & Savage, 1986; Frost & Etheridge, 1989; Pough *et al.*, 1998) devem ser originárias deste continente.

A diversificação de algumas espécies como as dos gêneros *Iguana*, *Tupinambis*, *Cnemidophorus*, *Lygodactylus*, *Hemidactylus*, *Gymnodactylus* e *Mabuya* parece ter ocorrido principalmente durante o Terciário (Colli, 2005; Colli *et al.*, 2002; Nogueira, 2006; Werneck & Colli, 2006), explicando o compartilhamento entre alguns componentes da fauna da Caatinga com outros ambientes de vegetação aberta como o Chaco e o Cerrado.

4.2 A composição e os padrões de distribuição da fauna de lagartos do domínio morfoclimático da Caatinga

Sabemos hoje que a Caatinga apresenta endemismos, e que os mesmos, estão ligados principalmente a regiões com solos arenosos (Rodrigues, 1996; 2003), além de espécies ligadas a ambientes florestados e/ou de caatingas mais méxicas, e manchas de campos rupestres com influência do Cerrado (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borges-Nojosa & Cascon, 2005; Freitas & Silva, 2007). Conceituando a Caatinga como um domínio e incorporando todas as áreas inseridas em seus limites, devemos levar em conta regiões com características influenciadas fitofisionomicamente por outros domínios. No interior da Caatinga encontramos ambientes que representam rélitos de florestas úmidas e de vegetação de cerrado, provenientes do Quaternário, quando estes ambientes passaram por expansões e retrações por repetidas vezes (Vanzolini, 1974; 1976; 1988; Colli, 2005; Werneck & Colli, 2006; Nogueira, 2006). A fauna habitante desses rélitos é bastante característica e diferenciada das fitofisionomias típicas da Caatinga (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Nogueira, 2006). Entretanto, a composição faunística desses locais fornece dados importantíssimos para a compreensão dos eventos que influenciaram na composição atual da fauna da Caatinga.

A riqueza de espécies de lagartos da Caatinga se deve principalmente às famílias Tropiduridae (17 espécies) e Gymnophthalmidae (25 espécies). A compartimentalização da herpetofauna em grupos meridionais e setentrionais possivelmente ocorreu no Terciário devido ao pronunciado gradiente latitudinal de temperatura que ocorreu no período (Colli, 2005). A família Tropiduridae, por exemplo, pode ter sofrido este tipo de

influência para sofrer divergências entre suas subfamílias: Liolaeminae (meridional) e Tropidurinae e Leiocephalinae (duas subfamílias mais setentrionais). Em adição aos eventos do Terciário, o Quaternário e seus ciclos de aridez e umidade, associados às glaciações nas zonas temperadas, influenciou na diversificação das duas famílias. O isolamento em enclaves de vegetação aberta resultou, aparentemente, na diferenciação de espécies dos gêneros *Tropidurus* e *Eurolophosaurus* e parece ter sido a principal influência na diversificação das linhagens de Gymnophthalmidae da Caatinga (Rodrigues, 1995; 1991a; 1991b; 1991c; 1996; 2003). Tanto os lagartos gimnofthalmídeos ligados as regiões de solos arenosos, quanto àqueles ligados a ambientes mais méxicos que hoje se encontram distribuídos de forma relictual tiveram sua diferenciação principalmente influenciada pelos eventos do Quaternário (Rodrigues, 2003).

Os lagartos registrados no presente estudo (ver Tabela 1 e Capítulo 2) foram classificados em sete padrões biogeográficos de distribuição que demonstram a grande variedade de natureza dos lagartos da Caatinga. A fauna de lagartos das caatingas e dos ambientes diferenciados no interior do domínio parece compartilhar grande parte da fauna com o Cerrado, possivelmente devido aos eventos ocorridos no Terciário. No entanto, outra grande parte da fauna, composta por elementos endêmicos relictuais, tiveram sua provável origem durante o Quaternário e as flutuações climáticas que influenciaram nas expansões e retrações dos habitats florestados e savânicos (Vanzolini, 1981; Colli, 2005; Werneck & Colli, 2006).

Estes padrões aqui descritos complementam os citados por Rodrigues (2003), mas não são apresentados como classificação definitiva, pois os dados ecológicos e biológicos da Caatinga ainda podem ser considerados escassos (Rodrigues, 2005; Freitas & Silva, 2007). Porém, servem como ferramenta inicial para tentativas de reconstruir a história biogeográfica da Caatinga. A Tabela 1 apresenta, de forma resumida, o enquadramento das espécies de acordo com esses padrões.

Estas definições de padrões de distribuição procuram representar os diferentes casos encontrados no domínio Caatinga com o objetivo de representar da melhor maneira sua composição. Fica clara, graças aos padrões apresentados, a possibilidade de se estudar a fauna de lagartos da Caatinga de maneiras diferenciadas, incluindo ou não as espécies que são encontradas no domínio, mas em localidades com fitofisionomias e

características relacionadas a domínios adjacentes como o Cerrado e a Floresta Atlântica.

- *Espécies amplamente distribuídas*

São quatorze espécies de lagartos generalistas de hábitat, bastante comuns e abundantes. Ocorrem em tipos variados de caatingas e podem ser separados em subgrupos diferenciados na categoria. *Ameiva ameiva*, *Iguana iguana* e *Tupinambis merianae* são encontrados amplamente em ambientes de vegetação aberta, bem como em ambientes florestados (Werneck & Colli, 2006). *Phyllopezus pollicaris*, *Polychrus acutirostris* e *Vanzosaura rubricauda* distribuem-se ao longo da diagonal de formações abertas da América do Sul, do Chaco à Caatinga (Vanzolini *et. al.*, 1980; Delfim & Freire, 2007; Werneck & Colli, 2006). *Gymnodactylus geckoides* e *Cnemidophorus ocellifer* ocorrem na Caatinga e no Cerrado, mas representam complexos de espécie que necessitam de revisões taxonômicas que auxiliem no esclarecimento de suas distribuições geográficas (Werneck & Colli, 2006; Arias *et al.*, 2011a; 2011b). *Hemidactylus brasiliensis*, *Tropidurus hispidus* e *Mabuya heathi* são amplamente distribuídos na Caatinga e penetram em biomas vizinhos, como os cerrados e as restingas litorâneas (Freitas & Silva, 2007). *Tropidurus semitaeniatus* e *Lygodactylus klugei* também se distribuem amplamente pela Caatinga, mas penetram muito pouco em outros domínios, sendo encontrados em pouquíssimos locais transicionais entre Caatinga e outras áreas de vegetação aberta (Freitas & Silva, 2007). O geconídeo *L. klugei*, por exemplo, foi registrado em manchas de florestas semidecíduas tropicais secas inseridas no Cerrado (Werneck & Colli, 2006). O tropidurídeo aparentemente é um colonizador muito agressivo, mas dependente de áreas com afloramentos rochosos (Rodrigues, 2003). Existem registros, por exemplo, da espécie para áreas florestadas degradadas no Estado de Alagoas e Sergipe, onde provavelmente chegou há pouco tempo (com. pess.). Por último, *Micrablepharus maximiliani* apresenta uma condição diferenciada. O gimnoftalmídeo distribui-se amplamente pelo Cerrado e parece penetrar em áreas favoráveis nos domínios vizinhos, como a Caatinga (Werneck & Colli, 2006; Nogueira, 2006). Sua distribuição pela Caatinga parece se dever a dois pontos de colonização: o primeiro e mais direto pela margem oeste do domínio, onde as áreas em contato com o Cerrado tornam isso propício; e o segundo, indiretamente pela

colonização das restingas litorâneas que podem ter tido contato com ambientes mais propícios no interior da Caatinga durante os eventos do Quaternário. A não ocorrência da espécie em áreas nucleares da Caatinga, em ambientes mais xéricos e “rústicos” (Vanzolini *et al.*, 1980; Delfim & Freire, 2007) gera dúvidas sobre a atual condição da espécie e de sua distribuição. Não é possível, sem estudos mais aprofundados, afirmar se a espécie está regredindo ou expandindo sua distribuição geográfica.

A fauna de lagartos classificadas como amplamente distribuída parece ser bastante importante na composição da riqueza local e ocorre pela extensão de todas as ecorregiões da Caatinga (veja Capítulo 1), com raríssimas exceções (Figura 6).

- *Espécies com distribuição de caráter relictual*

Neste grupo temos espécies que apresentam distribuição disjunta na Caatinga. *Enyalius bibroni*, *Coleodactylus meridionalis*, *Diploglossus lessonae*, *Acratosaura mentalis*, *Anotosaura vanzolinia*, *Colobosauroides carvalhoi* e *Colobosauroides cearenses* são espécies com ligação a ambientes mais mésicos no interior das caatingas (Rodrigues, 2003; Arzabe *et al.*, 2005). As espécies são classificadas em gêneros, tribos ou famílias com história biogeográfica ligada intimamente a ambientes florestados (Rodrigues, 2003). É possível afirmar, com certa segurança, que os ambientes de origem destas espécies ou de seus antepassados, foram florestas sombreadas e úmidas (Rodrigues, 2003). No Quaternário, durante a retração dos ambientes florestados e expansão das caatingas, populações destas espécies conseguiram se manter em locais que conservaram características toleráveis para elas. A distribuição e diversificação dessas espécies concorda com a “Teoria do Refúgio Evanescente” proposta por Haffer (1960; 1974) e Vanzolini (1970; 1976) com a colaboração de Williams (Vanzolini & Williams, 1970; 1981).

De modo semelhante, porém com ligação a ambientes um pouco diferenciados das florestas densas e úmidas, outras espécies também sofreram processos de isolamento entre populações. Foi assim com *Tropidurus cocorobensis* em habitats arenosos (Rodrigues, 2003); *Tropidurus erythrocephalus*, *Tropidurus helenae* e, provavelmente para a espécie recém descrita, *Tropidurus jaguaribanus* em regiões com afloramentos rochosos (Rodrigues, 2003; Passos *et al.*, 2011); e para *Mabuya*

macrorhyncha e *Mabuya agmosticha* em ambientes propícios a ocorrência de bromeliáceas específicas onde as espécies são encontradas (Rodrigues, 2003).

Esses casos de espécies relictuais nos mostra a grande importância de compreender a história geomorfológica local e da ocupação sucessiva ao longo do tempo de seu espaço por paisagens diversificadas, para podermos compreender a evolução da fauna da Caatinga (Rodrigues, 2003).

É válido ainda comentar o caso de *Cnemidophorus cyanurus*, *Cnemidophorus venetacaudus*, *Anotosaura collaris* e *Scriptosaura catimbau*. As quatro espécies apresentam ocorrência em uma única localidade ou mesmo em uma região muito restrita da Caatinga (Rodrigues, 2003; Rodrigues & Santos, 2009; Arias *et al.*, 2011a; 2011b). Assim como Rodrigues (2003), resolvemos incluí-las nesta categoria por serem candidatas a condição relictual de distribuição ou a uma diferenciação recente.

Grande parte dessas espécies é endêmica da Caatinga (12 spp.) e são componentes importantes para a confirmação de riqueza de certas áreas da Caatinga. As principais populações dessas espécies relictuais da Caatinga ocorrem no Planalto da Borborema e em áreas marginais das depressões sertanejas, onde remanescentes de matas úmidas são encontradas (Figura 7).

- Espécies com distribuição limitadas a porções da Caatinga

São incluídas aqui três espécies. Duas delas foram recentemente descritas por Arias *et al.* (2011 a; 2011b) para o gênero *Cnemidophorus* e apresentam poucos registros de ocorrência para podermos afirmar que são relictuais. *Cnemidophorus confusionibus* e *C. nigrigula*, ao contrário de seus congêneres descritos juntos, parecem ocorrer em várias outras localidades além das registradas até então (ver Capítulo 2; Delfim *et al.*, *in prep.*). Nos trabalhos de descrição das espécies, apenas uma população de cada foi utilizada (Arias *et al.*, 2001a; 2011b), deste modo, é muito provável que com mais tempo e melhor cobertura dos habitats típicos da espécie, sua real distribuição seja revelada.

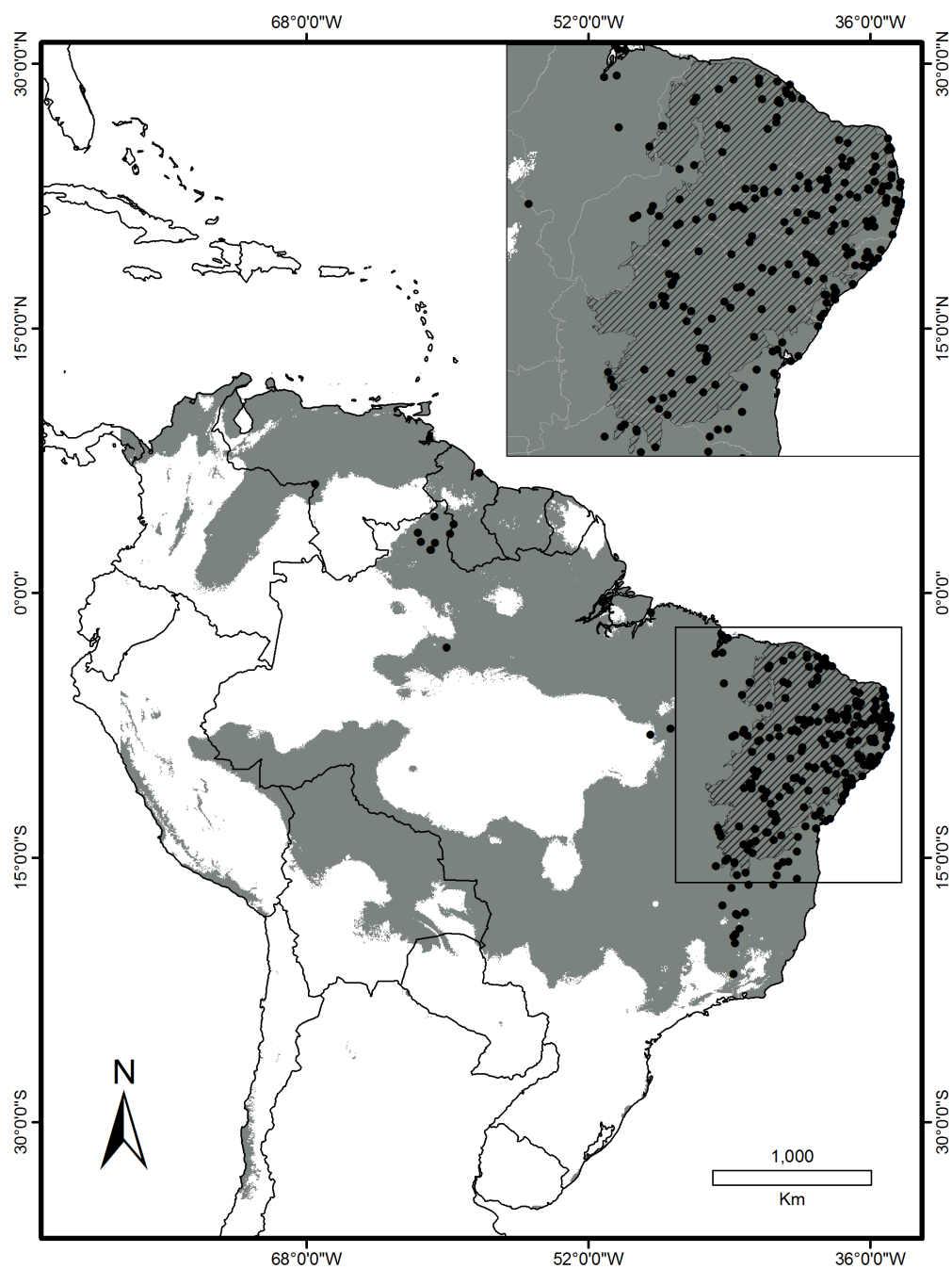


Figura 6 – *Tropidurus hispidus*: exemplo de espécie com ampla distribuição na Caatinga. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência da espécie segundo a modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

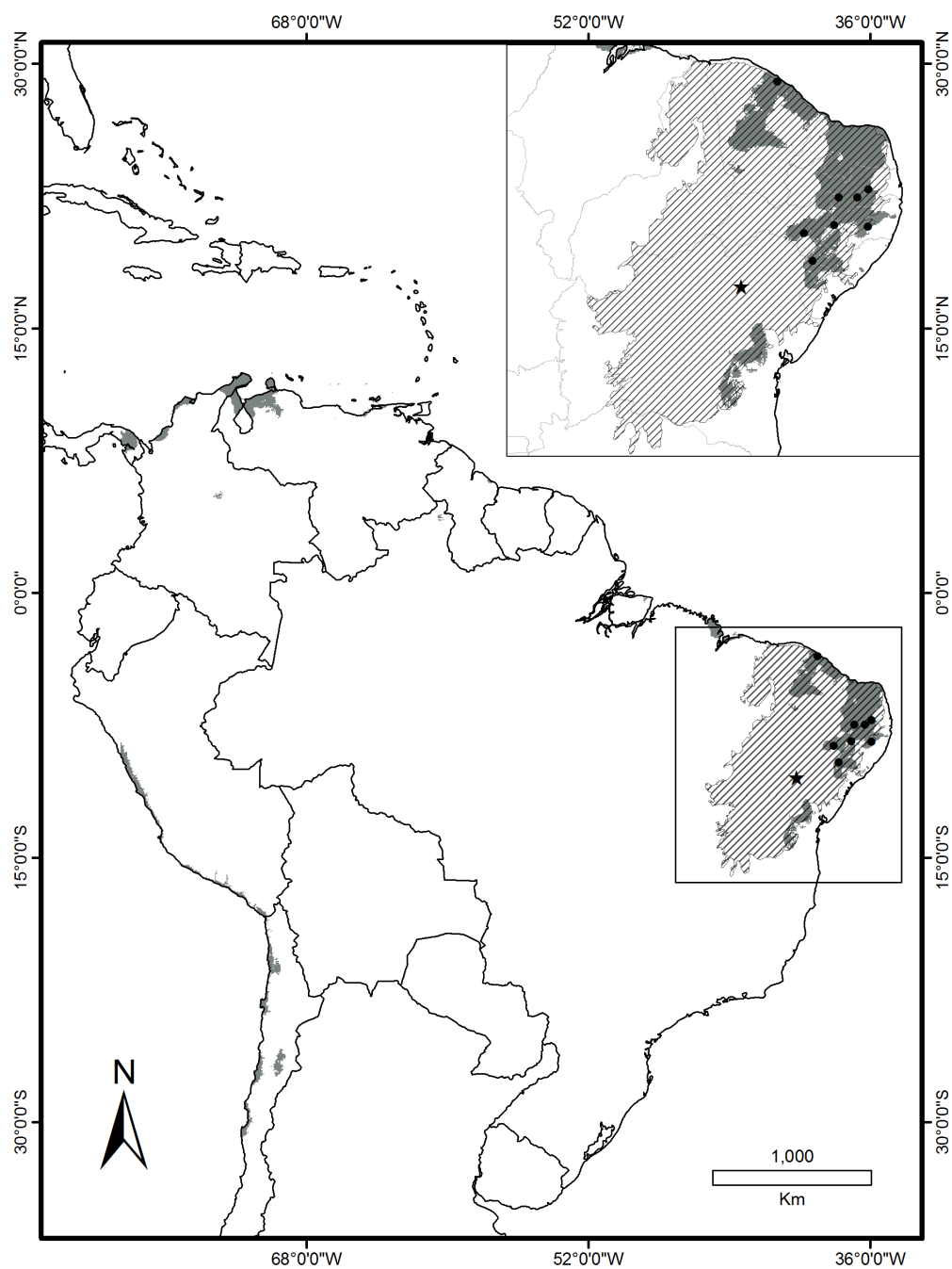


Figura 7 – *Anotosaura collaris* e *A. vanzolinia*: exemplos de espécies com distribuição relictual na Caatinga. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *A. vanzolinia*; Estrela: registro de ocorrência de *A. collaris*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *A. vanzolinia*, segundo a modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Caso semelhante ocorreu com o lagarto *Phyllopezus periosus* num passado não muito distante, considerado até recentemente como relictual devido aos poucos locais onde foi encontrado (Freire *et al.*, 2000; Rodrigues, 2003). Atualmente, com a quantidade de dados existentes para a espécie, que demonstra uma certa continuidade em sua distribuição, fica difícil manter essa afirmação. *P. periosus* parece distribuir-se continuamente na porção oriental da Caatinga, do Rio Grande do Norte a Sergipe (Figura 8). Apesar de ligado a afloramentos rochosos e não ter sido encontrado em algumas localidades, o que torna seus registros disjuntos, acredito que o fato se deva a má amostragem.

Ainda não é possível inferir as causas das limitações nas distribuições destas espécies, bem como suas ocorrências em relação às ecorregiões. Somente com estudos mais aprofundados poderemos identificar se elas possuem natureza histórica ou ecológica.

- Espécies ligadas ao Campo de Dunas do Rio São Francisco

As espécies aqui agrupadas apresentam ligação com as dunas paleoquaternárias do Rio São Francisco ou com áreas de solo arenoso que tiveram ligação no passado com as mesmas. O caráter destas espécies é tipicamente relictual, porém por apresentar processos históricos evolutivos que puderam ser resgatados e reconstruídos e serem naturais de uma unidade geográfica muito característica (Rodrigues, 1995; 1996; 2003), são tratados como uma categoria a parte.

Com o apoio de estudos filogenéticos e moleculares, um grupo de lagarto gimnoftalmídeos auxiliou na compreensão da diversificação ocorrido na região (Rodrigues, 1995). Dentre os gêneros endêmicos estão *Calyptommatus* (4 spp.), *Notobachia* (1 sp.), *Procellosaurinus* e *Psilophthalmus* (2 spp. cada), todos da família Gymnophthalmidae, a mais diversa no local (Rodrigues, 1996). Além dos gimnoftalmídeos, existem membros da família Tropiduridae ligados à região: três espécies de *Eurolophosaurus*, *Tropidurus pinima* (do grupo *semitaeniatus*) e *Tropidurus psammonastes* (resumido em Rodrigues, 1996).

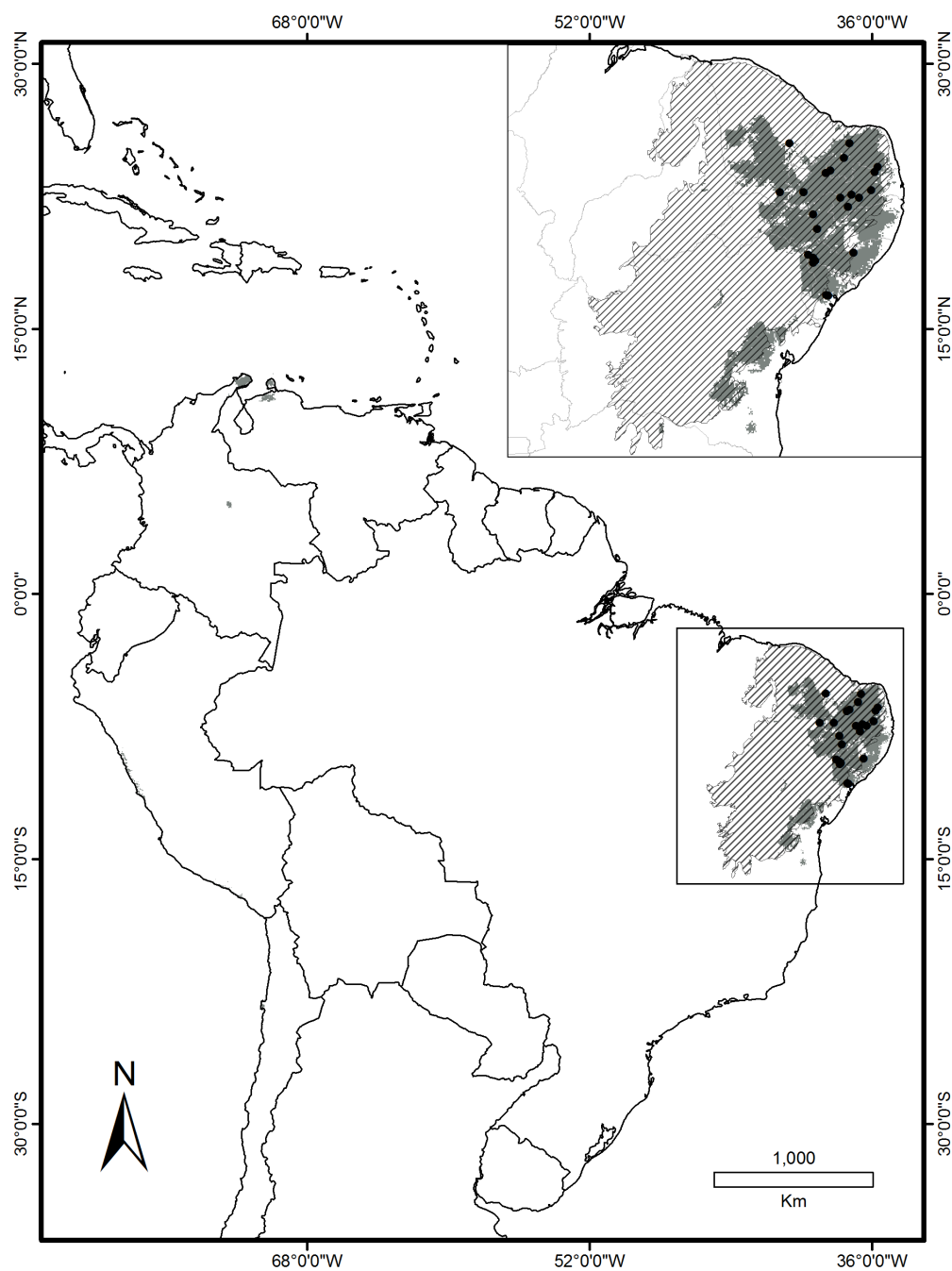


Figura 8 – *Phyllopezus periosus*: exemplo de espécie com distribuição limitada a pequenas porções da Caatinga. Círculos: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência da espécie segundo a modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

As espécies ligadas ao campo de dunas do São Francisco ocorrem, principalmente, na ecorregião de mesmo nome, mas alguns gêneros e espécies também são encontrados ao sul do Complexo Ibiapaba – Araripe e em pequenas porções do Raso da Catarina e Depressão Sertaneja Meridional, sempre associado as areias das margens do São Francisco ou áreas que tiveram ligação passada as mesmas (Delfim *et al.*, 2006; 2011; Freitas & Silva, 2007 - Figura 9).

- *Espécies de distribuição limitadas às áreas de campos rupestres da Serra do Espinhaço*

Foram registradas nove espécies distribuídas em oito gêneros ocorrentes unicamente nos campos rupestres existentes na região da Serra do Espinhaço nos estados da Bahia e Minas Gerais. A grande maioria das espécies aqui encontradas apresenta parentesco com espécies típicas do Cerrado.

Apenas duas delas (*Psilophthalmus* sp. e *Acratosaura spinosa*) são de gêneros típicos da Caatinga, porém o gênero *Acratosaura* também possui ligação histórica com a Cadeia do Espinhaço (Freitas & Silva, 2007; De-Carvalho *et al.*, 2010). *Enyalius erythroceneus* pertence ao grupo *catenatus*, com espécies conhecidas da Caatinga e Floresta Atlântica (Rodrigues *et al.*, 2006; Freitas & Silva, 2007).

Dentre as outras espécies classificadas nesta categoria, temos *Tropidurus mucujensis* (Rodrigues, 1987), *Gymnodactylus vanzolini* (Cassimiro & Rodrigues, 2009), *Mabuya* aff. *dorsivittata* (Freitas & Silva, 2007) e *Mabuya* sp. (Freitas & Silva, 2007) que são espécies aparentadas com componentes do Cerrado, enquanto que *Heterodactylus septentrionalis* e *Eurolophosaurus* sp. parecem ter ligação a espécies encontradas na própria Serra do Espinhaço, porém em áreas externas à Caatinga (Rodrigues, 1981; Freitas & Silva, 2007). O gênero *Eurolophosaurus*, no entanto, é compartilhado com a Caatinga (Rodrigues, 1986; 1996).

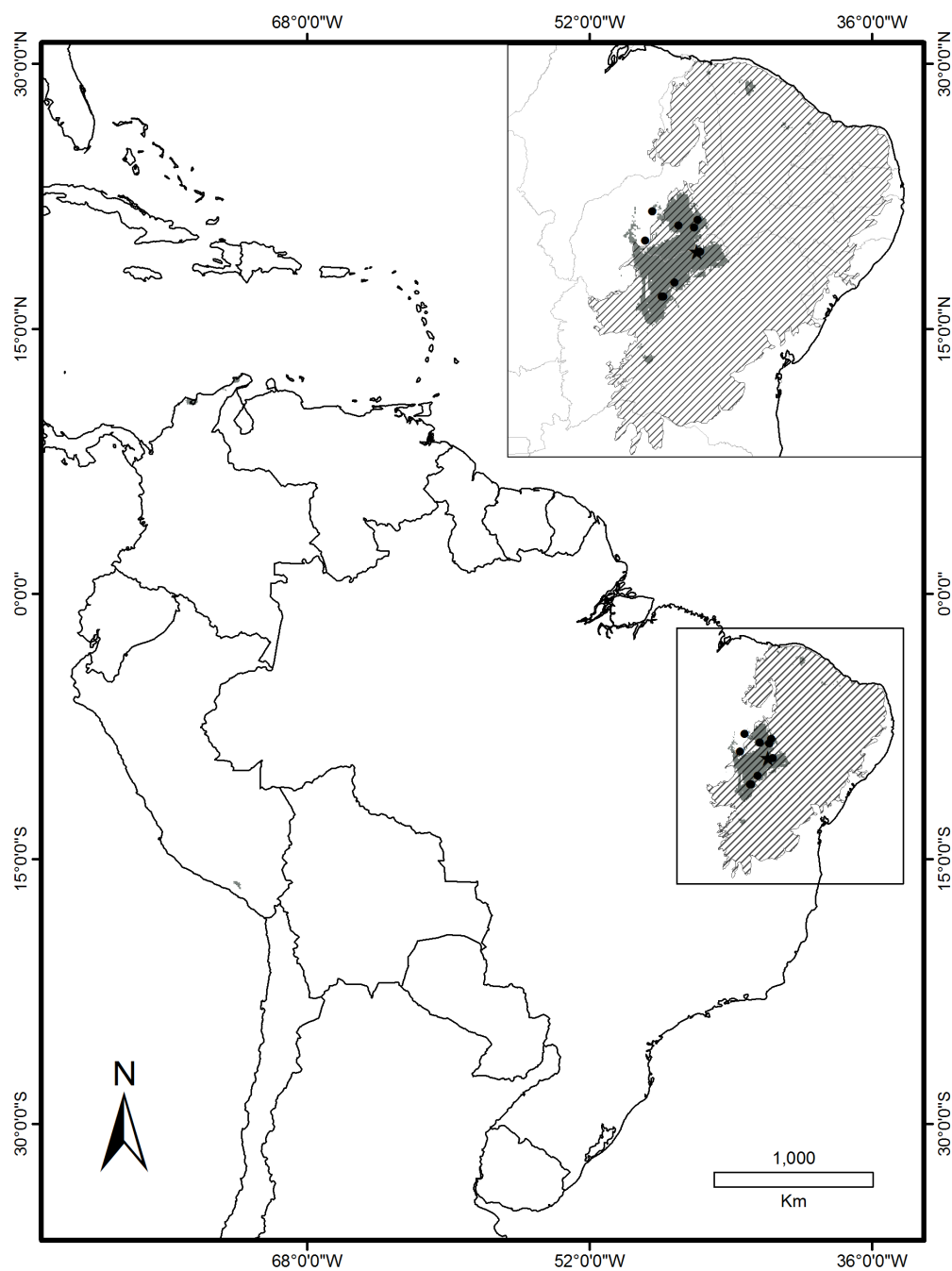


Figura 9 – *Procellosaurinus*: exemplo de gênero com distribuição limitada as dunas do Rio São Francisco e outras áreas com ligação histórica. Círculos: registros de ocorrência confirmados para *P. erythrocerus*; Estrela: registro de ocorrência para *P. tetradactylus*; Áreas cinza: áreas com condições climato-ambientais favoráveis à ocorrência de *P. erythrocerus* segundo a modelagem de nicho ecológico; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

As espécies de lagartos pertencentes a esta categoria parecem ter maior relação e sofrer maior influência da fauna típica do Cerrado (Nogueira, 2006; Freitas & Silva, 2007), apesar do amplo contato da cadeia de montanhas da Serra do Espinhaço com a Caatinga. Todas as espécies aqui citadas ocorrem unicamente em locais com vegetação típica de Cerrado (Rodrigues, 1987; Rodrigues *et al.*, 2006; 2009; Freitas & Silva, 2007; Cassimiro & Rodrigues, 2009).

Apesar da maior relação da fauna local com elementos da Serra do Espinhaço e suas porções influenciadas pelo Cerrado de Minas Gerais, a importância dela para a Caatinga é bastante óbvia. Os poucos elementos que podem ter alguma relação com a fauna da Caatinga podem ajudar na inferência de padrões de diversificação ocorrentes nas porções onde este domínio sofre influência dos campos rupestres. Ainda, com novas investigações, é possível que encontremos estas espécies explorando ambientes de vegetação típica de caatinga, ou mesmo novas espécies ainda não conhecidas.

A fauna da Serra do Espinhaço ocorre em duas ecorregiões, na Chapada Diamantina e numa pequena porção da Depressão Sertaneja Meridional ao norte de Minas Gerais (Figura 10).

- Espécies ligadas a outras áreas de vegetação aberta da América do Sul

Nove espécies encontradas possuem ligação com o Cerrado ou Chaco e são encontradas na Caatinga em áreas relictuais de chapadas, envaginações ou enclaves de Cerrado. Uma das espécies, *Tropidurus etheridgei* é típica do Chaco e encontrada em localidades disjuntas de Cerrado (Nogueira, 2006). Alguns registros recentes a colocam em manchas de Cerrado no estado da Bahia, demonstrando que seu caráter é semelhante ao de *Stenocercus squarrosus* como citado por Rodrigues (2003), *Hoplocercus spinosus* e de *Tropidurus montanus*. Provavelmente, estas espécies não encontram atualmente clima e fitofisionomias compatível com suas exigências ecológicas. Isso pode indicar que as populações dessas espécies na Caatinga foram evanescendo a medida que foram ocorrendo mudanças climáticas (Rodrigues, 1996).

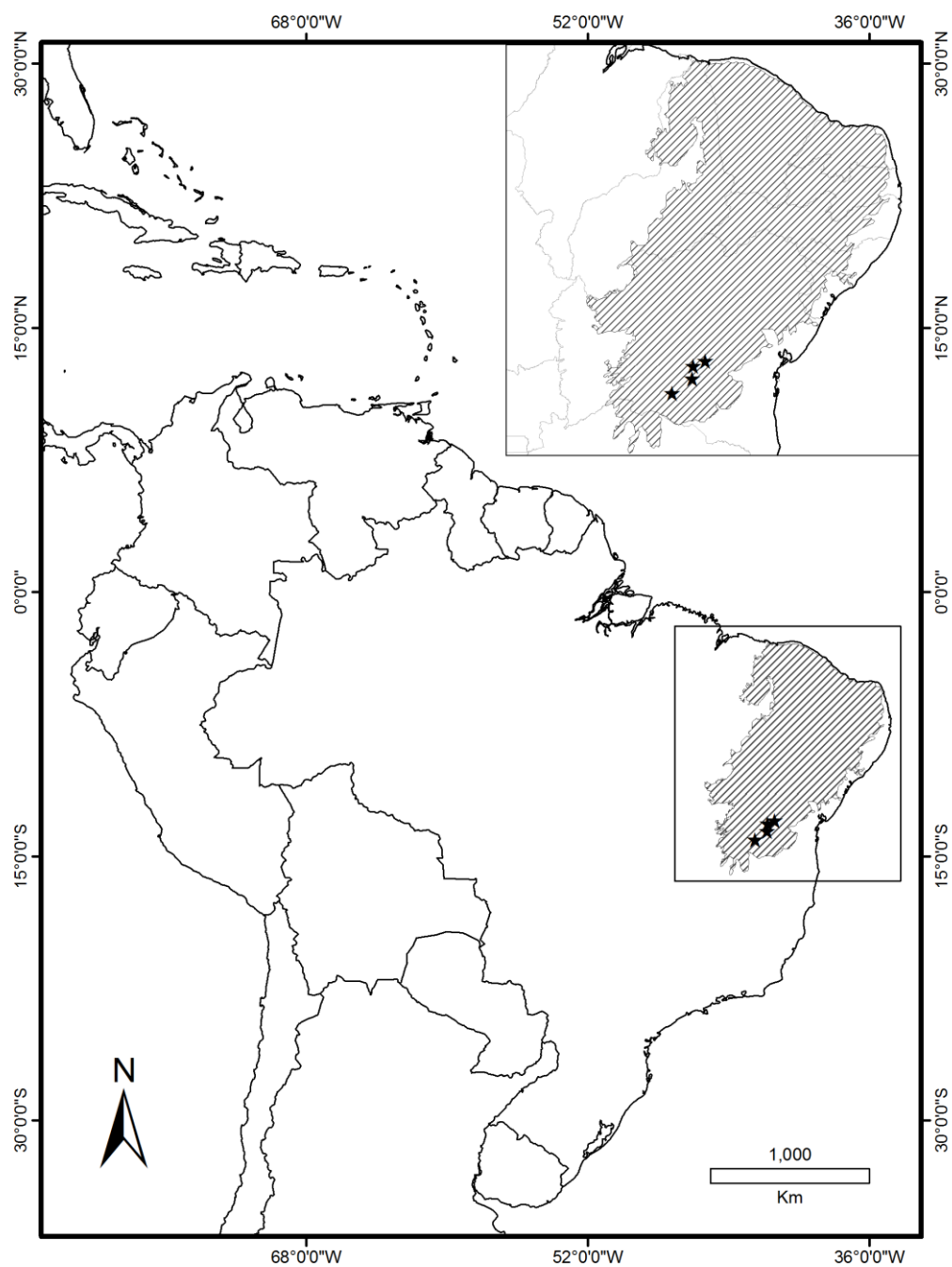


Figura 10 – *Eurolophosaurus* sp.: exemplo de espécie com distribuição na região da Chapada Diamantina, na cadeia da Serra do Espinhaço. Estrelas: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Do mesmo modo, podemos imaginar para outras espécies típicas do Cerrado que são encontrados de forma pontual e relictual na Caatinga: *Anolis brasiliensis*, *Colobosaura modesta*, *Mabuya arajara* e *Cercosaura ocellata*. Entretanto, a ocorrência destas espécies em grandes áreas de altitude com brejos ou chapadas dominadas por cerradões, proporciona condições mais favoráveis à manutenção das espécies (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borges-Nojosa & Cascon, 2005; Nogueira, 2006).

Finalmente, *Ophiodes* sp. 2 (*sensu* Borges-Martins, 1998) também apresenta ligação com o Cerrado e aparenta ter se expandido para ambientes de Caatinga através do litoral e de suas restingas e tabuleiros. A espécie é registrada para áreas de brejo de altitude, encontrado sempre em bordas das matas (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borges-Nojosa & Cascon, 2005) e para ambientes de transição entre a Floresta Atlântica e a Caatinga (ver Capítulo 2). Em ambas as regiões aparenta que a espécie, apesar de habitar áreas abertas, não tolera os climas mais rústicos das caatingas e encontra-se isolada ou regredindo espacialmente.

As espécies desta categoria ocupam áreas de altitude ocorrentes na Depressão Sertaneja Setentrional e Chapada Diamantina, além de áreas marginais das outras ecorregiões que apresentam fronteiras com o Cerrado ou com a Floresta Atlântica (Figura 11).

- Espécies de áreas florestadas litorâneas e/ou brejos de altitude

Onze espécies foram identificadas dentro do domínio da Caatinga como naturais e dependentes de áreas florestadas. Três delas (*Anolis fuscoauratus*, *Polychrus marmoratus*, *Kentropyx calcarata* e *Mabuya nigropunctata*) ocorrem na Floresta Atlântica, Cerrado e Amazônia e são registrados para a Caatinga em brejos de altitude (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borges & Cascon, 2005; Nogueira, 2006; Vitt *et al.*, 2008). *Enyalius catenatus* e *E. pictus*, *Strobilurus torquatus*, *Dryadosaura nordestina* e *Stenolepis ridleyi* são espécies típicas da Floresta Atlântica (Freire, 2001). *S. torquatus* e *S. ridleyi* ocorrem em brejos de altitude no Ceará e na Floresta Atlântica nordestina. O segundo, bastante raro em áreas do domínio Atlântico, parece ser mais abundante nos brejo onde ocorre (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borjes-Nojosa & Cascon, 2005).

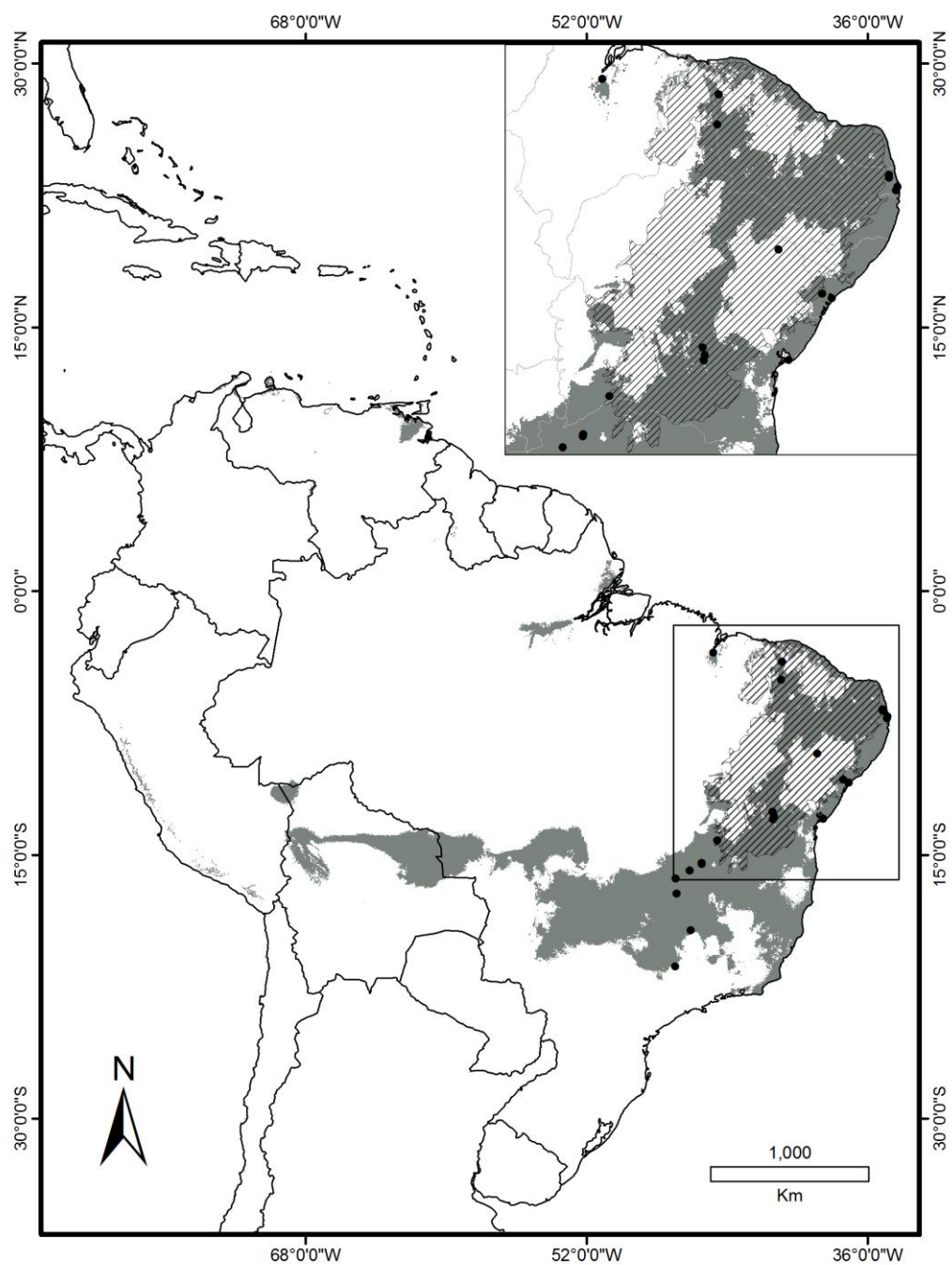


Figura 11 – *Cercosaura ocellata*: exemplo de espécie com distribuição na região da Chapada Diamantina, na cadeia da Serra do Espinhaço. Estrelas: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Os lagartos do gênero *Enyalius* ligados a Floresta Atlântica são aparentadas e parecem tolerar, assim como *Enyalius bibronii*, condições menos amenas que as encontradas nas matas úmidas típicas de sua ocorrência (Rodrigues *et al.*, 2006; Freitas & Silva, 2007). *Enyalius catenatus* é registrado para matas relictuais no estado da Bahia e na Paraíba (Arzabe *et al.*, 2005; Freitas & Silva, 2007). Ao menos, na localidade paraibana, a espécie distribui-se em um enclave de mata semi-decídua que apresenta características mais secas que as florestas litorâneas onde ocorre (Arzabe *et al.*, 2005). *Enyalius pictus* também tolera regiões de campos rupestres e cerrados nos estados de Minas Gerais e Bahia (Freitas & Silva, 2007).

Dryadosaura nordestina é encontrada na mesma área de Caatinga onde *E. catenatus* foi registrado na Paraíba (Arzabe *et al.*, 2005). O Parque Estadual Pedra da Boca encontra-se claramente em uma área de transição entre os domínios da Caatinga e Atlântico. Um enclave de floresta semi-decídua encontra-se quase que inteiramente circundado por *inselbergs* rochosos que criam um clima particular na região, retendo maior umidade e propiciando maior sombreamento do que o encontrado nos arredores do parque, dominado por vegetação de Caatinga (Arzabe *et al.*, 2005; Araújo *et al.*, 2005).

Duas espécies aqui categorizadas são endêmicas dos brejos cearenses: *Leposoma baturitensis* e *Placosoma* sp. (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). O primeiro gênero é típico dos domínios Atlântico e Amazônico (Rodrigues *et al.*, 2002) e não ocorre nas florestas litorâneas acima do São Francisco (Rodrigues & Borges, 1997). O gênero *Placosoma* distribui-se principalmente na Floresta Atlântica do sudeste do Brasil (Cunha, 1966; Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003), com registro de uma espécie (*P. cordylinum*) para o Mato Grosso (Reptile Database, 2012). Com a descoberta da espécie do gênero para áreas de brejos no Ceará, é registrada a segunda espécie do gênero ocorrente acima do Rio São Francisco.

Estas espécies nos fornecem dados importantes de distribuição e sua história geográfica nos ajuda a compreender processos que ocorreram no passado, principalmente àquelas ocorrentes nos brejos (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003). O isolamento de populações de espécies típicas de ambientes florestados dos domínios Atlânticos e Amazônicos, que possivelmente ocorreu durante o Quaternário e as expansões e retrações de ambientes florestados e secos pode servir de embasamento

para explicar o caráter relictual das espécies da Caatinga que não são ligados a solos arenosos (Rodrigues, 2003).

As espécies deste grupo, assim como as ligadas aos cerrados, ocupam, principalmente áreas de altitude ocorrentes na Depressão Sertaneja Setentrional e no Complexo Ibiapaba-Araripe, além de áreas marginais das outras ecorregiões que apresentam fronteiras com a Floresta Atlântica (Figura 12).

4.2 Riqueza, composição e estado de conservação da fauna de lagartos das Ecorregiões da Caatinga

As ecorregiões são utilizadas como unidades geográficas de planejamento para a conservação considerando diversas espécies e tipos de comunidades naturais ao mesmo tempo. Com isto, fornecem uma excelente base para desenvolver estratégias que capturem uma maior variabilidade genética e ecológica (Ecorregiões, 2002). Segundo a *The Nature Conservancy do Brasil* - TNC (Ecorregiões, 2002), as ecorregiões devem ter tamanho e características adequadas para assegurar a evolução dos processos ecológicos, e fornecer uma unidade geográfica ecologicamente mais relevante para organizar e priorizar nossos esforços de planejamento de conservação.

Através de esforços realizados nos últimos anos, o Ministério do Meio Ambiente, através do Seminário da Caatinga realizado no âmbito do Programa Nacional de Biodiversidade (PROBIO, 2000) e a EMBRAPA, através do ZANE (Zoneamento Agroecológico do Nordeste – ZANE, 1993, 2000) mapearam consideravelmente a Caatinga, gerando dados sobre os aspectos geofísicos da Caatinga de grande importância. O programa de zoneamento realizado pela EMBRAPA identificou 25 unidades paisagísticas distintas no nordeste do Brasil, sendo a maioria deles dentro do domínio da Caatinga (ZANE, 2000; Ecorregiões, 2002). O grande número de unidades serviu de indicativo para a necessidade da divisão da Caatinga em ecorregiões.

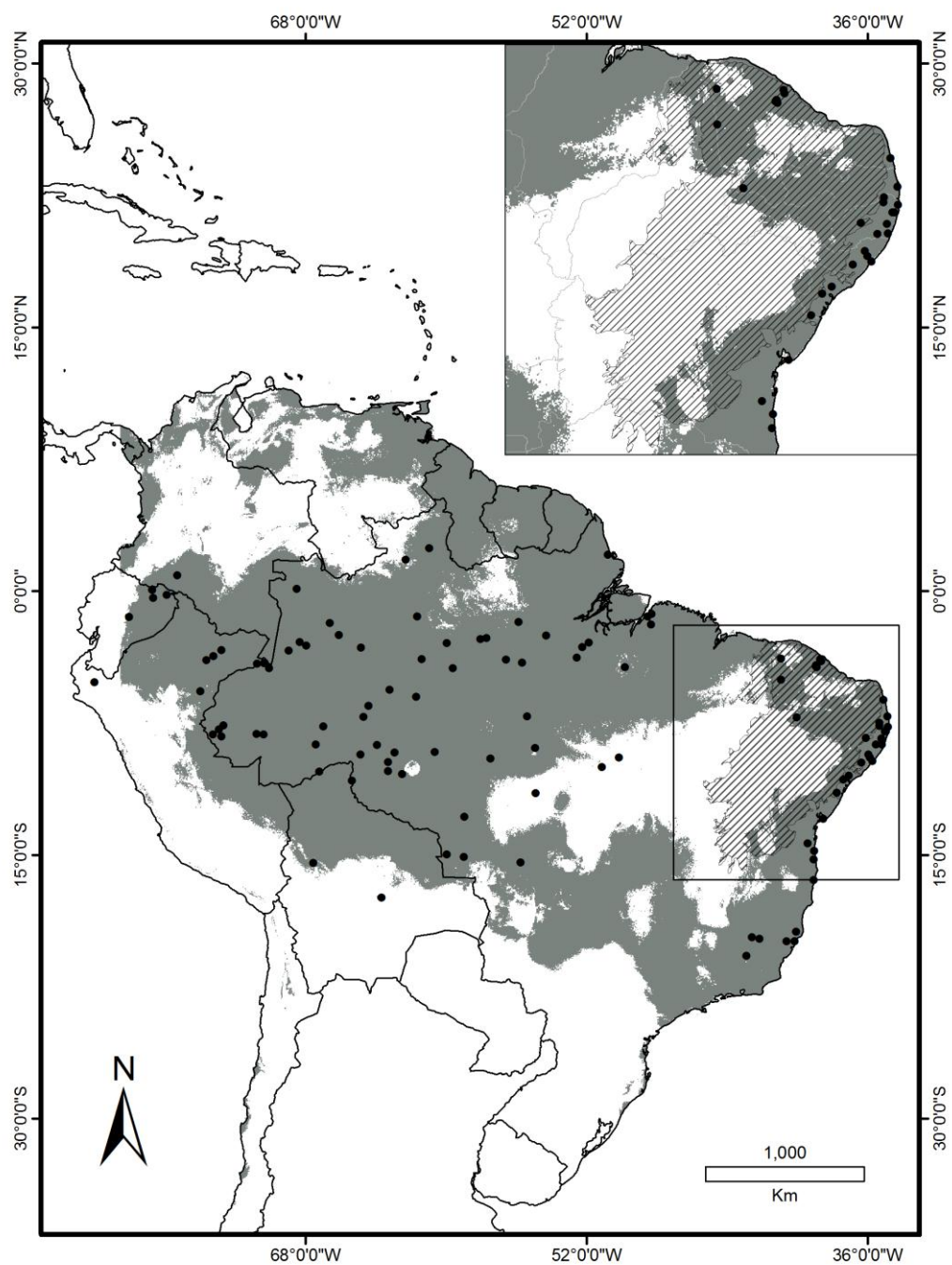


Figura 12 – *Anolis fuscoauratus* : exemplo de espécie com distribuição ligada a áreas florestadas na Amazônia e Floresta Atlântica. Estrelas: registros de ocorrência confirmados para a espécie; Área em destaque: Domínio Morfoclimático da Caatinga (hachura).

Tendo como subsídios principais o ZANE e os conhecimentos botânicos, fitogeográficos e geológicos de especialistas participantes, além de alguns outros disponíveis, o *Seminário de Planejamento Ecorregional da Caatinga* identificou oito ecorregiões inseridos no domínio (Ecorregiões, 2002) como modo de contribuir para o conhecimento da organização da biodiversidade da caatinga. Entretanto, para se aperfeiçoar os resultados, é necessária a adição constante de informações sobre diversos grupos zoológicos e botânicos.

A fauna de lagartos da Caatinga é uma das que apresenta melhor conhecimento no domínio da Caatinga (Rodrigues, 2003). Apesar de grandes falhas amostrais ainda existentes na extensão total da Caatinga, foi possível, através da seleção de localidades bem amostradas, obter resultados satisfatórios sobre os padrões de distribuição e a riqueza de espécies em relação às ecorregiões. Através de uma Análise de Parcimônia de Endemicidade foram obtidos resultados que demonstram um possível padrão na composição da fauna das ecorregiões (Figura 4). Cinco das sete áreas de endemismos geradas pelo PAE representam grupamentos formados pela ecorregiões. Apenas o Complexo de Campo Maior e o Complexo Ibiapaba-Araripe não foram identificados como áreas de endemismos relacionados as ecorregiões. O primeiro devido a falta de informações e a utilização de apenas uma localidade na análise; o segundo por ter se agrupado com áreas de brejo de altitude no Ceará e a Floresta Atlântica nordestina, possivelmente pela escolha limitada a áreas de altitude de fitofisionomias atípicas para a Caatinga que ocorrem na ecorregião em questão.

Cada área de endemismo ou ecorregião apresentou características individuais para a fauna de lagartos e merecem, para uma melhor compreensão, que seus aspectos sejam abordados separadamente.

- Depressão Sertaneja Meridional e Depressão Sertaneja Sententrional

Apesar de diferenças climáticas, geológicas e fitofisionômicas para separar estas duas regiões em ecorregiões distintas (Ecorregiões, 2002), é notável e compreensível que a fauna de lagartos responda de forma semelhante em relação a sua distribuição nas localidades inseridas nas mesmas. Alguns trabalhos de inventário recentes, quando comparados a outros realizados num passado não muito distante demonstram uma

extrema homogeneidade quanto a fauna de Squamata nos locais estudados (Vitt, 1991; Bandeira, 2000; Arzabe *et al.*, 2005; Barbosa, 2007; Delfim & Freire, 2007; Freire *et al.*, 2009; Vieira, 2011).

As duas Depressões Sertanejas ocupam a maior parte da Caatinga e dividem as paisagens mais típicas do semi-árido nordestino (Ecorregiões, 2002). A área nuclear da Caatinga também é composta por essas duas ecorregiões.

A riqueza da fauna de lagartos nas depressões variou de locais mais pobres a localidades com riqueza alta. As regiões nucleares da Caatinga apresentaram baixa riqueza, com exceção a região ao sul da Chapada do Araripe, no estado de Pernambuco. Para áreas de maior riqueza podemos destacar a porção mais oriental do Rio Grande do Norte; a porção sudeste da Caatinga no estado da Bahia, em contato com a Chapada Diamantina e a Floresta Atlântica; e a região centro-oeste do estado do Ceará. Todas estas regiões indicadas como tendo uma maior riqueza de espécies excluem-se das áreas de climas mais áridos da caatinga, sofrendo grande influência de climas mais amenos trazidos pelas brisas e pela umidade litorânea (Ecorregiões, 2002).

Em geral, a fauna das depressões sertanejas é composta por elementos típicos da Caatinga, que apresentou em sua maioria distribuição de caráter amplo. Elementos relictuais com ligação a ambientes mais amenos são encontrados em regiões marginais das ecorregiões, exatamente onde foram indicados pontos de maior riqueza.

Segundo o TNC (Ecorregiões, 2002), as depressões apresentam uma ampla variação em seu estado de conservação. Estimamos que em torno de 50 a 60% de seu território se encontre em grau de degradação, e boa parte dos locais com vegetação nativa são resultantes de regeneração de áreas de agricultura itinerante (Ecorregiões, 2002). A cobertura de inventários herpetológicos nas áreas ainda é insipiente e parece atrair pouco o interesse dos pesquisadores.

Até a década de 90 a Caatinga foi amplamente negligenciada e poucos inventários de qualidade foram desenvolvidos (Vanzolini *et al.*, 1980; Vitt, 1995). Durante a década de 90, a investigação de localidades como as Dunas do São Francisco e os brejos de altitude culminou com a descoberta de inúmeras espécies desconhecidas para a ciência (resumido em Rodrigues, 1996). Isso gerou uma maior atenção para a Caatinga e o desenvolvimento de novas pesquisas. Porém, a grande maioria dos estudos realizados de lá pra cá foram direcionados para ambientes atípicos no interior do

domínio, sempre ligados a características ambientais atípicas para as caatingas (*e.g.* Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Rodrigues, 2003; Borges-Nojosa & Cascon, 2005; Arzabe *et al.*, 2005; Rodrigues & Santos, 2008).

Deste modo, o desenvolvimento do conhecimento e o aumento da cobertura investigativa da Caatinga continuaram não abordando as áreas nucleares e mais típicas no domínio. A cobertura espacial nas duas ecorregiões continua deficiente e, quando levamos em conta a ampla e rápida degradação que estes ambientes veem sofrendo, torna urgente a necessidade de novos estudos para confirmar os padrões de riqueza e de distribuição de suas faunas.

- *Planalto da Borborema*

A Borborema parece compartilhar a fauna com as duas depressões sertanejas (Figura 4) e constituiu uma das áreas mais ricas dentro do domínio da Caatinga (Figura 2). Assim como as áreas marginais das depressões, a Borborema é influenciada pela umidade e pelas brisas litorâneas, além de apresentar uma maior média pluviométrica quando comparada com outras regiões da Caatinga (Ecorregiões, 2002). Sua posição geográfica e o relevo auxiliam na retenção das chuvas vindas do litoral e impedem que as mesmas passem para a área nuclear do domínio (Ecorregiões, 2002).

Recentemente, uma espécie psamófila de lagarto gimnoftalmídeo, *Scriptosaura catimbau*, foi descrita para o Parque Nacional do Catimbau, municípios de Buíque, Arcoverde e Tupanatinga, estado de Pernambuco (Rodrigues & Santos, 2008). O parque encontra-se numa área influenciada por três ecorregiões: a própria Borborema, o Raso da Catarina e a Depressão Sertaneja Meridional.

A ecorregião é a mais degradada do domínio. Restam pequenas ilhas de vegetação nativa, que devem representar pouco menos que 10% da cobertura vegetal original (Ecorregiões, 2002). A indicação de grande riqueza na área e a alta taxa de degradação torna a ecorregião um alvo mais urgente de programas de conservação e investigação científica.

Assim como as depressões sertanejas o número de inventários é baixo na Borborema. Porém, nos últimos anos, houve um aumento significativo (Delfim & Freire, 2007; Vieira, 2011; Freire *et al.*, 2009).

- Complexo de Campo Maior

O Complexo de Campo Maior é uma das ecorregiões mais mal amostradas da Caatinga. Apenas uma localidade, o Parque Nacional de Sete Cidades foi utilizado na análise de parcimônia, inviabilizando a identificação de uma fauna própria. O mapa de riqueza demonstra ainda um dos pontos com menor riqueza no domínio (Figuras 2 e 3), mas o resultado pode estar enviesado pelas más amostragens locais.

O clima é típico, com alto índice pluviométrico (1200 – 1500mm/ano) e bem diferenciado do restante da Caatinga e apresenta fator característico constituído por inundações periódicas que ocorrem em suas planícies de solos sedimentares (Ecorregiões, 2002).

Somente a imensa falta de informação oriunda da ecorregião já é o suficiente para demonstrar a urgência de investigações na área. Porém, assim como a maioria das ecorregiões da Caatinga, a degradação atinge aproximadamente 50% de seu território, tornando mais urgente estudos que sirvam como apoio a propostas de conservação (Ecorregiões, 2002).

- Complexo Ibiapaba-Araripe

As localidades do Complexo Ibiapaba – Araripe agruparam-se com áreas de brejos de altitude e de Floresta Atlântica utilizadas nas análises (Figura 3). A utilização de dados de inventários que exploraram regiões de chapadas e a fauna dos altos platôs ocupados pela vegetação de “carrasco” de forma unida pode ter influenciado nos resultados. Com a separação da fauna das partes baixas de caatinga e da parte alta, é possível que os resultados se modifiquem, pois as áreas altas são ocupadas por inúmeras espécies que ocorrem nos Cerrados e na Floresta Atlântica (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borges-Nojosa & Cascon, 2005).

A porção que vai do centro da ecorregião até seu limite meridional apresentou uma riqueza alta provavelmente associada às ocorrências de algumas espécies ligadas as Dunas do São Francisco (Delfim *et al.*, 2006; 2011; Freitas & Silva, 2007). Sabe-se que no passado, durante os períodos de expansão das dunas, a área dos Parques da Capivara e das Confusões foram ligados a região (Tricart, 1985). A presença de gêneros e espécies típicas das dunas corroboram isso (Rodrigues *et al.*, 2001; Delfim *et al.*, 2006; 2011).

Grande parte dessa ecorregião é tomada por áreas de contato entre a Caatinga e o Cerrado e podem apresentar interações ecológicas interessantes. Estima-se que atualmente, ocorra uma variação entre 50 e 70% de degradação em diferentes regiões do complexo. Se considerada sua área total, o Complexo Ibiapaba – Araripe pode ser considerada a ecorregião com maior percentual de áreas protegidas (Ecorregiões, 2002).

- *Dunas do São Francisco*

A região de dunas paleoquaternárias do médio São Francisco possui uma fauna própria e bem característica, especializada a vida psamofílica que se originou e diversificou em diferentes eventos evolutivos que responderam a mudanças climáticas que culminaram em expansões e retrações dos solos arenosos, bem como na mudança de drenagem do Rio São Francisco (Tricart, 1985; Rodrigues, 1991a; 1996; Delfim *et al.*, 2006). A diferença entre faunas em sua margem direita e esquerda justificam seus diferentes agrupamentos (Figura 4), porém, esperava-se a formação de grupos irmãos pelos dois ramos, devido aos pares de espécies congêneras existentes entre elas (Rodrigues, 1984a; 1984b; 1986; 1991a; 1996). Entretanto, sabe-se que a deficiência amostral de certas localidades inseridas nas análises, pode comprometer de forma significativa no resultado obtido, que podem inclusive refletir de forma indireta em outros ramos do cladograma.

As dunas do São Francisco, possivelmente, compreende a área de maior índice de endemismo da Caatinga (13 espécies) (Rodrigues, 1996). Os mapas de riqueza (Figura 2 e 3) demonstram uma grande riqueza de espécies e são apoiados pela análise de parcimônia de endemidade que afirmam a particularidade da fauna local (Figura 4). Assim como as áreas florestadas, o campo arenoso existente na região noroeste da Bahia

sofreu expansões e retrações no passado (Tricart, 1985; Barreto, 1996; Oliveira *et al.*, 1999; Delfim *et al.*, 2006; 2011). Além disso, constantes mudanças na drenagem do Rio São Francisco colaboraram para a diversificação da fauna local (Rodrigues, 1995).

O grande interesse gerado pelas descobertas de inúmeras espécies endêmicas da região no período entre o final da década de 80 e meados de 90, instigou a realização de extensivas investigações científicas até atualmente (Rodrigues, 2005). A ecorregião mantém aproximadamente 80% de seu território bem conservado.

A conservação desta ecorregião, com características tão particulares e que compreende espécies que podem servir de modelos evolutivos e de eventos biogeográficos únicos, apresenta-se de forma inquestionável. Rodrigues (2005), afirma que a ideia de criação do Parque Nacional das Dunas do São Francisco encontra-se em desenvolvimento e não deverá demorar a ser aprovada.

- *Complexo da Chapada Diamantina*

A região da Chapada Diamantina é outra área que se mostrou rica em endemismos, com a descrição e identificação de várias novas espécies (Rodrigues, 1987; Rodrigues *et al.*, 2006; 2009; Freitas & Silva, 2007; Arias *et al.*, 2011). Suas paisagens diferenciadas do restante da Caatinga, assim como nas dunas do São Francisco, parecem ser um importante centro de especiação. Entretanto, grande parte de seus endemismos é registrado para as áreas de campos rupestres existentes no local (Freitas & Silva, 2007) e são influenciadas pela Serra do Espinhaço (Rodrigues *et al.*, 2006; 2009; Cassimiro & Rodrigues, 2009).

A grande riqueza local, porém, não foi representada no mapa de riqueza das Figuras 2 e 3, pois a maioria das espécies endêmicas da região é registrada para apenas uma localidade, impossibilitando a modelagem de sua distribuição (ver Capítulo 2).

A Chapada Diamantina é uma das ecorregiões mais frágeis devido a sua complexidade ecológica e encontra-se bastante ameaçada por atividades de agricultura, pecuária, extração mineral e turismo (Ecorregiões, 2002).

Por sua vez, o Raso da Catarina apresenta características favoráveis a adaptações diferenciadas para as espécies de lagartos. Seus solos são compostos principalmente por áreas muito arenosas e muito profundos, mas ao contrário da ecorregião que margeia o Rio São Francisco, o Raso é dominado por um relevo plano (Ecorregiões, 2002). Sabe-se que áreas arenosas são potenciais para a especiação de Squamata em geral (Rodrigues, 1996; 2003), e algumas espécies, como *Tropidurus cocorobensis* e *Amphisbaena arenaria* corroboram com esta afirmação se levar em conta espécies típicas do Raso da Catarina (Rodrigues, 2003; Ecorregiões, 2002).

As evidências para considerar o Raso da Catarina como uma provável área de especiação dentro do domínio da Caatinga são muitas, porém, a ecorregião ainda é pouco explorada e carece de maiores estudos, principalmente de inventários extensivos da herpetofauna.

A ecorregião parece pouco explorada cientificamente, com poucos inventários de qualidade e, apesar dos endemismos, pode apresentar uma baixa riqueza de espécies de lagartos. Apesar dos solos arenosos que comprovadamente são importantes fatores para a diversificação das espécies de lagartos das caatingas, o Raso sofre com uma pequena disponibilidade de água de superfície (Ecorregiões, 2002), o que pode justificar essa baixa riqueza identificada pela modelagem.

O Raso da Catarina, devido a pequena disponibilidade de água de superfície, gerou um vazio demográfico que ajudou na manutenção de seus ambientes naturais. Acredita-se que entre 60 e 70% esteja em boas condições (Ecorregiões, 2002). Porém, por apresentar características únicas no interior da Caatinga e por ser um possível centro de endemismos, deve ser priorizada quanto as investigações científicas e conservação.

5.0 Conclusões e sugestões para investigações futuras

De modo geral, podemos considerar que a fauna de lagartos responde positivamente às ecorregiões propostas para a Caatinga. Principalmente três delas (Dunas do São Francisco, Chapada Diamantina e Raso da Catarina) parecem possuir

elementos específicos em sua fauna de lagartos e se tratarem de centros de endemismo importantes. As depressões sertanejas e a Borborema parecem compor o núcleo do domínio, e mesmo apresentando certa heterogeneidade climática e geomorfológica, não parecem apresentar condições tão diferenciadas que influencie na fauna de lagartos local.

Algumas poucas áreas inseridas nas ecorregiões citadas acima parecem possuir características muito específicas que influenciam em sua fauna, demonstrando que outros fatores importantes influenciam na composição faunística da Caatinga. Os grupos formados por áreas influenciadas por ambientes florestados demonstram o fato claramente, principalmente quando levamos em conta os brejos de altitude dos Estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco. Mesmo quando inseridos em ecorregiões diferenciadas, eles formam grupos que se justificam pelo compartilhamento de espécies próprias ou típicas dos domínios Atlântico e Amazônico (Borges-Nojosa & Caramaschi, 2003; Borges-Nojosa & Cascon, 2005). As faunas dessas localidades são visivelmente mais influenciadas por biomas adjacentes, porém representam um importante subsídio para a compreensão de processos biogeográficos ocorrentes na Caatinga.

De acordo com o enfoque que damos, a riqueza da Caatinga pode variar. Os dois mapas gerados pela modelagem demonstram isso (Figuras 2 e 3). Apesar de seguir um padrão semelhante, indicando maior riqueza para as áreas marginais da Caatinga, é possível observar na Figura 3 uma área de riqueza muito mais ampla. No entanto, é válido salientar que os resultados apresentados nesta figura podem ser resultantes de um viés causado pelos mapas gerados pela modelagem de nicho. Em sua grande maioria, os mapas para as espécies típicas de ambientes florestados apresentaram resultados que extrapolaram sua real ocorrência. Esse viés pode ter sido causado pela falta da inclusão de exigências das espécies quanto à fitofisionomias. Deste modo, consideramos a Figura 2, gerada apenas levando-se em conta apenas as espécies típicas das fitofisionomias de caatinga, mais representativa para a ocasião.

Aparentemente, áreas com maior riqueza na Caatinga se posicionam de modo marginal nas regiões orientais e ocidentais do domínio, com menor riqueza registrada para as áreas nucleares. Os resultados apresentados pelos mapas de distribuição (Capítulo 2) e de riqueza (Figuras 2 e 3) demonstram uma possível influência dos biomas adjacentes na riqueza de espécies da Caatinga. A formação de dois blocos de grande riqueza nas áreas marginais leste e oeste do domínio podem ser influenciados

pelos contatos com o Cerrado e com a Floresta Atlântica. A riqueza destes dois últimos é reconhecidamente maior que o da Caatinga, caso levemos em conta apenas espécies típicas para os biomas. São 70 espécies de lagartos para o Cerrado e 67 para a Floresta Atlântica contra as 48 espécies da Caatinga (Rodrigues, 2005). Claramente, a fauna ocorrente nas regiões nucleares da Caatinga é composta por elementos comuns e de ampla distribuição (ver Capítulo 2). Espécies estas, em sua maioria compartilhadas com outros biomas da América do Sul, principalmente o Cerrado (Tabela 1).

Os endemismos da Caatinga, ao contrário do que se pensava são numerosos e parecem depender principalmente de solos arenosos da região de dunas do Rio São Francisco ou do Raso da Catarina. No entanto, ao menos outras 11 espécies são endêmicas do domínio Caatinga (*Tropidurus helenae*, *Tropidurus jaguaribanus*, *Tropidurus pinima*, *Phyllopezus periosus*, *Cnemidophorus nigrigula*, *Cnemidophorus cyanurus*, *Acratosaura mentalis*, *Anotosaura collaris*, *Anotosaura vanzolinia*, *Colobosauroides carvalhoi* e *Colobosauroides cearenses*) e não dependem de solos arenosos, mas de ambientes de outros tipos (e.g. ambientes méxicos ou afloramentos rochosos). É justamente algumas dessas espécies que parecem indicar uma provável grande riqueza na região nordeste da Caatinga e que abrange parte da Depressão Sertaneja Sententrional no Rio Grande do Norte, a Borborema e uma pequena porção da Depressão Sertaneja Meridional na Paraíba e Pernambuco.

Essa região situa-se na porção mais oriental da porção norte da Caatinga e tem contato direto com a Floresta Atlântica, apresentando ambientes mais amenos influenciados pela umidade litorânea (Ecorregiões, 2002). Esses fatores diferenciais podem se apresentar como propícios para ocorrência de espécies de distribuição relictual ligadas a ambientes méxicos.

Aos poucos, temos avanços significativos no conhecimento da herpetofauna da Caatinga e seus padrões de distribuição. A qualidade amostral ainda é insatisfatória, mas evoluiu bastante nos últimos anos. A cada novo estudo, nos deparamos com acréscimos na lista de espécies para o domínio, sendo eles ligados ou não as fitofisionomias de caatinga (Freitas & Silva, 2007). Podemos, entretanto, afirmar com toda certeza que as considerações sobre depauperação da fauna e a pobreza de endemismos da Caatinga foram superadas. É mais que óbvio que a Caatinga compartilha grande parte de espécies com o Cerrado, e até mesmo alguns gêneros com o Chaco. Porém, seus endemismos são numerosos e apresentam oportunidades únicas para servirem de modelos para a

compreensão de processos históricos que ocorreram no passado, principalmente durante o Quaternário.

Com os resultados obtidos torna-se possível a proposição de novas áreas para investigação científica. Expedições com o intuito de inventariar áreas pouco amostradas podem confirmar as predições feitas pela modelagem e nos direcionar ao planejamento e execução de programas de conservação. Abaixo, listamos as principais áreas que despertam interesse para futuras investigações científicas voltadas para a herpetofauna e as justificativas de sua escolha.

- Complexo de Campo Maior

A ecorregião é de extremo interesse devido a falta de amostragem em sua área. A única localidade com uma boa amostragem é o Parque Nacional de Sete Cidades, que divide sua área entre o Campo Maior e o Complexo Ibiapaba – Araripe.

Dentre as regiões que podemos citar como prioritárias e de grande interesse para inventários está o extremo ocidental da ecorregião, nas áreas de Caatinga próximas a Teresina e na pequena porção de Caatinga no estado do Maranhão.

- Complexo Ibiapaba – Araripe

A descoberta de ocorrências de gêneros e espécies típicos do campo de dunas do Rio São Francisco nos Parques da Capivara e das Confusões corroborou estudos que lançaram hipóteses sobre uma ligação passada entre os campos arenosos (Tricart, 1985; Rodrigues *et al.*, 2001; Delfim *et al.*, 2011).

Fatos como esse tornam de extremo interesse a investigação de localidades com solos arenoso ocorrentes na ecorregião. Uma região que apresenta estas características é das proximidades do município de São Francisco de Assis do Piauí e arredores. A região limítrofe com o estado de Pernambuco aparenta possuir caatingas com solos arenosos que sofre certa influência do Cerrado e pode apresentar informações interessantes. Os mapas de riqueza gerados pela modelagem apontam a área como tendo uma riqueza considerável dentro da Caatinga.

- Depressão Sertaneja Setentrional

As áreas nucleares da Caatinga veem sendo relegadas a segundo plano devido a ideia geral de que é pobre em espécies. Porém, recentemente, tivemos a descrição de uma nova espécie endêmica de *Tropidurus* em áreas nucleares desta ecorregião, no estado do Ceará (Passos *et al.*, 2011).

O estado do Ceará e Rio Grande do Norte possuem uma grande deficiência amostral nas maiores coleções herpetológicas do Brasil, com exceção da coleção herpetológica da UFRN, que recentemente tem investido em áreas do último estado citado. Infelizmente, não foi possível acessar a referida coleção, fazendo com que os dados lá depositados não fossem incluídos no presente estudo.

Ao mesmo tempo, a modelagem aponta a região centro-ocidental do Ceará e toda a porção leste da Caatinga potiguar como tendo alta riqueza. Deste modo, consideramos praticamente, toda a área da Depressão Sertaneja Setentrional para futuros inventários.

- Planalto da Borborema

A Borborema é, sem sombra de dúvidas, a ecorregião mais ameaçada da Caatinga. Aproximadamente 90% de sua cobertura vegetal já se perdeu (Ecorregiões, 2002) e os testes preveem uma riqueza alta de espécies de lagartos para a região.

Poucas são as opções para propostas de novos inventários, tornando difícil a identificação pontual de localidades, mas é possível apontar algumas áreas. Duas regiões na Paraíba se destacam por ainda apresentarem alguma vegetação com estágios de conservação razoável: a região do Cariri entre São João do Cariri e Serra Branca possui vegetação de Caatinga em áreas de serrotes pedregosos ainda conservados; os arredores do município de Campina Grande possui localidades com fragmentos de Caatinga arbórea com climas mais amenos que podem fornecer resultados de interesse (como visto em Barbosa, 2007).

No estado de Pernambuco, a região da Borborema é bastante degradada, mas muitas áreas de serrotes pedregosos entre Bezerros e Arcoverde ainda se conservam em

boas condições e aparentam possuir uma fauna bem característica. Esta área ainda sofre com a reestruturação da Ferrovia Trans-nordestina, que causará um impacto importante na fauna local (dados não publicados).

Além disso, o Parque Nacional do Catimbau, localizado em uma região entre a Borborema, a Depressão Meridional e o Raso da Catarina parece ser um importante local para a herpetofauna, visto a ocorrência de uma espécie endêmica de gimnoftalmídeo (Rodrigues & Santos, 2009).

- Depressão Sertaneja Meridional

A depressão meridional, assim como a setentrional, apresenta poucos inventários em sua área nuclear. Sua porção principal, no estado da Bahia, foi relegada a segundo plano devido a presença de áreas mais ricas no estado (*e.g.* Dunas do São Francisco e Chapada Diamantina). Isto pode ser notado pelos números apresentados em Rodrigues (2003).

Apesar das indicações de riqueza de espécies serem baixas, a cobertura geográfica através de inventários é importante nestas regiões. Além disso, a região localizada entre o centro e o oeste de Pernambuco apresentou uma riqueza alta de espécies.

- Dunas do São Francisco

A ecorregião foi apontada como apresentando a maior riqueza da Caatinga e apesar de, relativamente bem amostrada, permanece com áreas sem inventários. Vários campos de areia localizados na ecorregião ainda não foram alvos de coletas intensivas como na área núcleo da ecorregião.

O norte da ecorregião, na fronteira com o estado de Pernambuco, município de Petrolina, é um desses pontos. Coletas esporádicas parecem ter sido realizadas nessas localidades com campos de areia isolados dos maiores campos de dunas existentes em Ibiraba, no município de Barra e em Casa Nova. Investigações intensivas em vários

desses isolados arenosos podem fornecer dados interessantes sobre os processos evolutivos ocorrentes no local.

- Complexo da Chapada Diamantina

O complexo da Chapada Diamantina não foi detectado com área de alta riqueza nas análises de modelagem, porém, os resultados do presente estudo demonstram o contrário (veja Capítulo 2). Um grande número de endemismos é registrado para a ecorregião, porém sempre ligados aos campos rupestres da cadeia do Espinhaço (resumido em Freitas & Silva, 2007).

A grande complexidade da distribuição de fitofisionomias no local é algo que pode induzir processos históricos e ecológicos de extrema importância científica. Inventários direcionados a ambientes com vegetação típica de Caatinga inseridos neste complexo são sempre bem vindos.

- Raso da Catarina

O Raso não aparece como uma área de grande riqueza, porém possui endemismos conhecidos para a herpetofauna e características que levam a crer que novos casos sejam descobertos (Rodrigues, 2003). Quaisquer áreas são de interesse para investigações, visto que, mesmo as Unidades de Conservação locais possuem estudos insipientes sobre a herpetofauna. A própria Estação Ecológica do Raso da Catarina, na Bahia, é um local interessante para pesquisas iniciais.

6.0 Referências bibliográficas

- Ab'Saber, A. N. 1967. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. **Orientação (Dep. Geografia USP)** 3:45-48.
- Ab'Saber, A. N. 1970. Províncias Geológicas e Domínios Morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia** 20:1-27.
- Ab'Saber, A. N. 1974. O domínio morfoclimático semi-árido das Caatingas brasileiras. **Geomorfologia**, São Paulo, 43: 1-39.
- Ab'Saber, A. N. 1977. Os Domínios Morfoclimáticos na América do Sul. **Geomorfologia**, São Paulo, 52: 1-21.
- Albino, M. L. 1996. The South American fóssil Squamata (Reptilia: Lepidosauria). **Münchner Geowiss. Abh (A)** 30: 185 – 202.
- Araujo, M. B. & Guisan, A. 2006. Five (or so) challenges for species distribution modelling. **Journal of Biogeography** 33: 1677 – 1688.
- Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N.; Barbosa, M. R. V. & Martins, F. R. 2005. **Repertição da flora lenhosa no domínio da Caatinga**. In: Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N. & Barbosa, M. R. V. (orgs.). Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF. Pp. 15 – 34.
- Arias, F.; Carvalho, C.M.; Rodrigues, M.T. & Zaher, H. 2011a. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from the Caatinga, northwest Brazil. **Zootaxa** 2787: 37 – 54.
- Arias, F.; Carvalho, C. M.; Rodrigues, M. T. & Zaher, H. 2011b. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) of the *C. ocellifer* group, from Bahia, Brazil. **Zootaxa** 3022: 1 – 21.
- Arzabe, C.; Skuk, G.; Santana, G. G.; Delfim, F. R.; Lima, Y. C. C. & Abrantes, S. H. F. 2005. **Herpetofauna da área do Curimataú, Paraíba**. In: Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N. & Barbosa, M. R. V. (orgs.). Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF. Pp. 259 – 274.
- Baéz, A. M. & Gasparini, Z. B. 1979. **The South American herpetofauna: na evaluation of the fóssil record**. In: Duellman, W. E. (ed.). The South American

Herpetofauna: its origin, evolution, and dispersal. Pp. 29 – 54. The Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas.

- Bandeira, J. M. G. 2000. **Aspectos Zoogeográficos e Ecológicos da Saurofauna da Estação Ecológica de Xingó, AL/SE**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) (Não Publ.), Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências Biológicas, Maceió, 35p.
- Barbosa, A. R. 2007. **Os humanos e os répteis da mata: uma abordagem etnoecológica de São José da Mata – Paraíba**. Dissertação (mestrado). PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB.
- Barreto, A. M. F. 1996. **Interpretação paleoambiental do sistema de dunas fixados do médio rio São Francisco, Bahia**. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bauer, A. M. 1993. **African-South American relationships: a perspective from the Reptilia**. In: Goldblatt, P. (ed.) Biological Relationships between Africa and South America. Pp. 244 – 288. Yale University Press, New Haven and London.
- Borges-Martins, M. 1998. **Revisão Taxonômica e sistemática filogenética do gênero *Ophiodes* Wagler, 1828 (Sauria, Anguinae, Diploglossinae)**. PhD dissertation, Zoologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Borges-Nojosa, D. M. & Caramaschi, U. 2003. Composição e Análise Comparativa da Diversidade e das Afinidades Biogeográficas dos Lagartos e Anfisbenídeos (Squamata) dos Brejos Nordestinos. In: Leal, I. R., Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 463-512.
- Borges-Nojosa, D. M. & P. Cascon. 2005. Herpetofauna da área Reserva da Serra das Almas, Ceará. in: Araújo, F. S.; M. J. N. Rodal & M. R. V. Barbosa. (orgs.). **Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF.
- Carranza, S. & Arnold, E. N. 2006. Systematics, biogeography, and evolution of *Hemidactylus* geckos (Reptilia: Gekkonidae) elucidated using mitochondrial DNA sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution** 38: 531 – 545.
- Cassimiro, J. & Rodrigues, M. T. 2009. A new species of lizard genus *Gymnodactylus* Spix, 1825 (Squamata: Gekkota: Phyllodactylidae) from Serra do Sincorá, northeastern Brazil, and the status of *G. carvalhoi* Vanzolini, 2005. **Zootaxa** 2008: 38-52.

- Colli, G. R. 2005. **As origens e a diversificação da herpetofauna do Cerrado**. In: Scariot, A.; Souza-Silva, J.C. & Felfili, J. M. (eds.). Cerrado: Ecologia, Biodiversidade e Conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. Pp. 247 – 264.
- Colli, G. R.; Bastos, R. P. & Araújo, A. B. 2002. **The character and dynamics of the Cerrado Herpetofauna**. In: Oliveira, P. S. & Marquis, R. J. (eds.). The Cerrados of Brazil – Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna. Columbia University Press, New York. Pp. 223 – 241.
- Costa, G. C.; Nogueira, C.; Machado, R. B. & Colli, G. R. 2007. Squamate richness in the Brazilian Cerrado and its environmental-climatic associations. **Diversity and Distributions** **13**: 714 – 724.
- Costa, G. C.; Wolfe, C.; Shepard, D. B.; Caldwell, J. P. & Vitt, L. J. 2008. Detecting the influence of climatic variables on species distributions: a test using GIS niche-based models along a steep longitudinal environmental gradient. **J. Biogeograph.** **35**: 637 – 646.
- Costa, G. C.; Nogueira, C.; Machado, R. B. & Colli, G. R. 2010. Sampling bias and the use of ecological niche modeling in conservantion planning: a field evaluation in a biodiversity hotspot. **Biodiversity and Conservation** **19**(3): 883-899.
- Cracraft, J. 1991. Patterns of diversification within continental biotas: hierarchical congruences among the areas of endemism of Australian vertebrates. **Australian Systematic Botany** **4**: 211-227.
- Cunha, O.R. da 1966. Sobre uma nova espécie de lagarto do estado de Minas Gerais *Placosoma cipoense* sp. n. (Lacertilia, Teiidae). **Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi, zool.** **61**: 1-9.
- De-Carvalho, C. B.; Caldas, F. L. S.; Santana, D. O.; Noronha, M. V.; Freitas, E. B.; Faria, R. G. & Santos, R. A. 2010. Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae, *Acratosaura mentalis* (Amaral, 1933): Distribution extension and geographic distribution map. **Check List** **6** (3): 434 – 436.
- Delfim, F. R. & Freire, E. M. X. 2007. Os lagartos gimnoftalmídeos (Squamata: Gymnophthalmidae) do Cariri paraibano e do Seridó do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil: considerações acerca da distribuição geográfica e ecologia. **Oecologia Brasiliensis** **11** (3): 365-382.

- Delfim, F. R.; Gonçalves, E. M. & Silva, S. T. 2006. Squamata, Gymnophthalmidae, *Psilophthalmus paeminus*: Distribution extension, new state record. **Check List** 2 (3): 89 – 92.
- Delfim, F. R.; Mesquita, D. O.; Fernandes-Ferreira, H. & Cavalcanti, L. B. Q. 2011. *Procellosaurinus erythrocerus* Rodrigues 1991 (Squamata: Gymnophthalmidae): Distribution extension. **Check List** 7 (6): 856 – 858.
- Duellman, W. E. 1979. **The South American Herpetofauna: its origin, evolution, and dispersal**. Lawrence, Kansas, The Museum of Natural History, The University of Kansas.
- Ecorregiões. 2002. **Propostas para o bioma Caatinga**. Associação Plantas do Nordeste / Instituto de Conservação Ambiental The Nature Conservancy do Brasil, Recife, PE.
- Estes, R. & Báez, A. 1985. **Herpetofaunas of North and South America during the late Cretaceous and Cenozoic: evidences for interchange?** In: Stehli, F. G. & Webb, S. D. (eds.). The Great American Biotic Interchange. Pp. 139 – 197. Plenum Press, New York.
- Freire, E. M. X. 2001. **Composição, taxonomia, diversidade e considerações zoogeográficas sobre a fauna de lagartos e serpentes de remanescentes de Mata Atlântica do estado de Alagoas, Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Freire, E. M. X.; Feio, R. N. & Pombal Jr., J. P. 2000. Geographic distribution: *Phyllopezus periosus*. **Herpetological Review** 31 (1). pág. 54.
- Freire, E. M. X.; Sugliano, G. O. S.; Kolodiuk, M. F.; Ribeiro, L. B.; Maggi, B. S.; Rodrigues, L. S.; Vieira, W. L. S. & Falcao, A. C. G. P. 2009. **Répteis Squamata das Caatingas do seridó do Rio Grande do Norte e do cariri da Paraíba: síntese do conhecimento atual e perspectivas**. In: Freire, E. M. X. (org.). Recursos Naturais das Caatingas: uma visão multidisciplinar. 1 ed. Natal: Editora da UFRN - EDUFRN, Pp. 51-84.
- Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2007. **A Herpetofauna das Caatingas e Áreas de Altitudes do Nordeste Brasileiro**. Pelotas: USEB. 388 pp.
- Frost, D. R. & Etheridge, R. 1989. A phylogenetic analysis and taxonomy of iguanian lizards (Reptilia: Squamata). **Misc. Publ. Mus. Nat. Hist. Univ. Kansas** 81: 1 – 65.

- Guisan, A. & Thuiller, W. 2005. Predicting species distribution: offering more than simple habitat models. **Ecology Letters** **8**: 993 – 1009.
- Guyer, C. & Savage, J. M. 1986. Cladistic relationships among anoles (Sauria: Iguanidae). **Systematic Zoology** **35**: 509-531.
- Heyer, W. R. 1978. Systematics of the *fuscus* group of the frog genus *Leptodactylus* (Amphibia, Leptodactylidae). **Nat. Hist. Mus. Los Angeles County Sci. Bull.** **29**: 1 – 85.
- Hijmans, R. J.; Cameron, S. E.; Parra, J. L. Jones, P. G. & Jarvis, A. 2005. Very high resolution interpolated climate surfaces for global land áreas. **International Journal of Climatology** **25**: 1965 – 1978.
- IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1985. **Anuário Estatístico do Brasil**. IBGE, Rio de Janeiro.
- Leal, I. R., Silva, J. M. C., Tabarelli, M. & Lacher Jr., T. 2005. Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do nordeste do Brasil. **Megadiversidade** **1**: 139-146.
- Mares, M. A.; Willig, M. R.; Streilen, K. E. & Lacher, T. E. 1981. The mammals of Northeastern Brazil; a preliminary assessment. **Annals of Carnegie Museum of Natural History** **50**: 81-137.
- Ministério do Meio Ambiente. 2005. **Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação**. Araújo, F. S.; Rodal, M. J. N. & Barbosa, M. R. V. (orgs.). Brasília, DF. Pp. 259 – 274.
- Nogueira, C. C. 2006. **Diversidade e Padrões de Distribuição da Fauna de Lagartos do Cerrado**. Tese (Doutorado em Ciências – Ecologia) – Programa de Pós-graduação em Ciências – Área de concentração em Ecologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, P. E., Barreto, A. M. F. & Suguio, K. 1999. Late Pleistocene/Holocene climatic and vegetational history of the Brazilian Caatinga: the fossil dunes of the middle São Francisco River. **Palaeogeography, palaeoclimatology, palaeoecology** **152**: 319-337.
- Pascual, R. & Jaureguizar, O. 1990. Evolving climates and mammal faunas in Cenozoic South America. **J. Hum. Evol.** **19**: 23 – 60.

- Passos, D. C.; Lima, D. C. & Borges-Nojosa, D. M. 2011. A new species of *Tropidurus* (Squamata, Tropiduridae) of the *semitaeniatus* group from a semiarid area in Northeastern Brazil. **Zootaxa** **2930**: 60–68.
- Peterson, A. T. 2001. Predicting species' geographic distributions based on ecological niche modeling. **Condor** **103**: 599 – 605.
- Pianka, E. R. 1969. Habitat specificity, speciation, and species density in Australian desert lizards. **Ecology** **50**: 498-502.
- Pianka, E. R. 1971. Lizard species density in the Kalahari desert. **Ecology** **52**: 1024-1029.
- Pianka, E. R., & Vitt, J. L. 2003. **Lizards: Windows to the Evolution of Diversity**. University of California Press, Berkeley.
- Pough F.H., Andrews R.M., Cadle J.E., Crump M.L., Savitzky A.H. & Wells K.D. 1998. **Herpetology**. Prentice Hall, Upper Saddle River, New JerseyPrado.
- PROBIO. 2000. **Seminário sobre Avaliação e Identificação de Ações Prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade do Bioma Caatinga**. Fundação Biodiversitas. Ministério do Meio Ambiente.
- Reptile Database. 2012. **Eletronic database acessible at:** <<http://www.reptile-database.org/>>.
- Ricklefs, R. E.; Cochran, D. & Pianka, E. R. 1981. A morphological analysis of the structure of communities of lizards in desert habitati. **Ecology** **62**: 1474-1483.
- Rizzini, C. T. 1997. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. 2^a ed. Ed. Âmbito Cultural, São Paulo.
- Rodrigues, 1981;
- Rodrigues, M. T. 1984a. Uma nova espécie brasileira de *Tropidurus* com crista dorsal (Sáuria, Iguanidae). **Pap. Av. Zool.** **35** (16): 169-175.
- Rodrigues, M. T. 1984b. *Notobachia ablephara*: novo gênero e espécie do nordeste do Brasil (Sáuria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **35** (28): 361-366.

- Rodrigues, M. T. 1986. Potencial faunístico da Caatinga. In: **Anais do Simpósio sobre Caatingas e sua exploração racional**. Brasília, EMBRAPA, DDT. Pp. 163-170.
- Rodrigues, M. T. 1987. Sistemática, ecologia e zoogeografia dos *Tropidurus* do grupo *Torquatus* ao sul do Rio Amazonas (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia** **31**: 105-230.
- Rodrigues, M. T. 1991b. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: II. *Psilophthalmus*: um novo gênero de microteídeos sem pálpebras (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (20): 321-327.
- Rodrigues, M. T. 1991c. Herpetofauna das dunas interiores do Rio São Francisco: Bahia: Brasil: III. *Procellosaurinus*: um novo gênero de microteídeos sem pálpebras, com a redefinição do gênero *Gymnophthalmus* (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.** **37** (21): 329-342.
- Rodrigues, M. T. 1995. **Filogenia e História Geográfica de uma radiação de Lagartos microteídeos (Sauria, Teiioidea, Gymnophthalmidae)**. Tese (Livro-docência) (Não public.). Universidade de São Paulo, 92 p.
- Rodrigues, M. T. 1996. Lizards, snakes, and amphisbaenians from the quaternary sand dunes of the middle Rio São Francisco, Bahia, Brazil. **Journal of Herpetology**, **30** (4): 513-523.
- Rodrigues, Miguel Trefaut, et al. 2002. A new species of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the remnant Atlantic Forests of the state of Bahia, Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia** **42** (14): 335-350.
- Rodrigues, M. T. 2003. Herpetofauna da Caatinga. In: LEAL, I. R., TABARELLI, M. & SILVA, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária-UFPE. Pp. 181-236.
- Rodrigues, M. T. 2005. Conservação dos répteis brasileiros: os desafios para um país megadiverso. **Megadiversidade**, **1** (1): 87 – 94.
- Rodrigues, M. T. & Borges, D. M. 1997. A new species of *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae) from a relictual forest in a semiarid northeastern Brazil. **Herpetologica** **53** (1): 1 – 6.
- Rodrigues, M. T. & Santos, E. M. 2008. A new genus and species of eyelid-less and limb reduced gymnophthalmid lizard from northeastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Zootaxa** **1873**: 50-60.

- Rodrigues, M. T.; Zaher, H. & Curcio, F. 2001. A new species of lizard, genus *Calyptommatus*, from the Caatingas of the state of Piauí, Northeastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Pap. Av. Zool.** **41** (28): 529-546.
- Rodrigues, M. T.; Freitas, M. A.; Silva, T. F. S. & Bertolotto, C. E. V. 2006. A new species of lizard genus *Enyalius* (Squamata, Leiosauridae) from the highlands of Chapada Diamantina, state of Bahia, Brazil, with a key to species. **Phyllomedusa**, **5**: 11-24.
- Rodrigues, M. T.; Cassimiro, J.; Freitas, M. A. & Silva, T. F. S. 2009. A new microteiid lizard of the genus *Acratosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Serra do Sincorá, State of Bahia, Brazil. **Zootaxa** **2013**: 17-29.
- Romero, E. J. 1993. **South America paleofloras**. In: Goldblatt, P. (ed.). Biological Relationships between Africa and South America. Pp. 62 – 85. Yale University Press, New Haven and London.
- Species Link. 2011. **Eletronic database accessible at:** <<http://splink.cria.org.br/>>.
- Tricart, J. 1985. Existence de periodes sèches au quaternaire en Amazonie et dans les régions voisines. **Revue de Geomorphologie Dynamique** **4**: 145 – 158.
- Vanzolini, P. E. 1970. **Zoologia, Sistemática, Geografia e a Origem das Espécies**. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, São Paulo.
- Vanzolini, P. E. 1974. Ecological and geographical distribution of lizards in Pernambuco, Northeastern Brazil (Sauria). **Pap. Av. Zool.** **28**(4): 61-90.
- Vanzolini, P. E. 1976. On the lizards of a Cerrado-caatinga contact, evolutionary and zoogeographical implications (Sauria). **Papéis Avulsos de Zoologia**, **29**: 111 – 119.
- Vanzolini, P. E. 1981. A quasi-historical approach to the natural history of the differentiation of reptiles in tropical geographic isolates. **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, **34** (19): 189-204.
- Vanzolini, P. E. 1988. Distributional patterns of south American lizards. In: Heyer, W. R. & Vanzolini, P. E. (eds.). **Proceedings of a workshops on neotropical distribution patterns**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, Brasil. Pp. 317 – 342.
- Vanzolini, P. E. & Heyer, W. R. 1985. **The American herpetofauna and the interchanges**. In: Stehli, F. G. & Webb, S. D. (eds.) The Great American Biotic Interchange. Pp. 475 – 487. Plenum Press, New York.

- Vanzolini, P. E. & Williams, E. E. 1970. South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia**, **19**: 1 – 298.
- Vanzolini, P. E. & Williams, E. E. 1981. The Vanishing Refuge: a mechanism for ecogeographic speciation. **Pap. Av. Zool.** **34**(23): 251-255.
- Vanzolini, P. E. 1978. On South American *Hemidactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.** **31** (20): 307 – 343.
- Vanzolini, P. E., Ramos-Costa, A. M. M. & Vitt, L. J. 1980. **Répteis das Caatingas**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 161 p.
- Vieira, W. L. S. 2011. **Riqueza de espécies e utilização de recursos em uma taxocenoses de Squamata em Caatinga arborea na região do Cariri, Paraíba, Brasil**. Tese (Doutorado). Departamento de Sistemática e Ecologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- Vitt, L. J. 1991. An introduction to the ecology of Cerrado lizards. **Journal of Herpetology** **25**: 79-90.
- Vitt, L. J.; Magnusson, W. E.; Ávila-Pires, T. C. & Lima, A. P. 2008. **Guia de Lagartos da Reserva Adolpho Ducke – Amazônia Central**. Manaus: Áttema Design Editorial. 176 pp.
- Vitt, L. J. 1995. The ecology of tropical lizards in the Caatinga of northeastern Brazil. **Occasional Papers of the Oklahoma Museum of Natural History** **1**: 1-29.
- Werneck, F. P. & Colli, G. R. 2006. The lizard assemblage from Seasonally Dry Tropical Forest enclaves in the Cerrado biome, Brazil, and its association with the Pleistocene. **J. Biogeography**. **33**: 1983 – 1992.

Capítulo IV

1.0 Conclusões Gerais

A fauna de lagartos do Domínio Morfoclimático da Caatinga é composta por elementos de diferentes padrões de distribuição, destacando-se entre eles os elementos compartilhados com outras áreas de vegetação aberta da América do Sul e espécies endêmicas ligadas a solos arenosos.

O Domínio Morfoclimático da Caatinga abrange uma área ampla que insere regiões de forte influência dos Domínios Atlântico, Amazônico e do Cerrado. Inúmeros réptis de vegetações destes domínios encontram-se encravados no interior da Caatinga e possuem fauna própria e diferenciada das caatingas mais típicas.

A composição faunística e os processos que ocorrem nestes ambientes são importantes ferramentas auxiliares para compreensão de eventos históricos e ecológicos que ocorrem com a fauna de lagartos das áreas de Caatinga típica. No entanto, é válido salientar que as mesmas possuem relação muito mais estreita com os outros domínios que os influenciam e formam grupamentos naturais entre elas devido a fauna compartilhada. A inclusão destas áreas em pesquisas de conservação da Caatinga aparenta ter um caráter muito mais político do que estritamente biogeográfico.

Os sete centros de endemismos identificados nas análises demonstram que as ecorregiões da Caatinga podem formar grupos naturais quando relacionados à composição das faunas de lagartos das mesmas. No entanto, os resultados ainda podem sofrer alterações, pois necessitam de maiores amostragens e novas investigações para serem corroborados.

As áreas de maior riqueza na Caatinga são marginais para o domínio, situando-se ao leste e a oeste do mesmo, com uma ligação na região da Chapada do Araripe. Isso pode corroborar com a hipótese de que a fauna nuclear do domínio é depauperada e pobre em endemismos e indicar que as áreas mais ricas do domínio podem ser resultantes da proximidade e/ou influência de outros domínios adjacentes.

A área de riqueza identificada para a porção centro-oriental dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco indica a região como potencial área para novas investigações científicas e inventários. Caso novos estudos corroborem os resultados obtidos pela modelagem, a região se tornará um candidato urgente a novas políticas de conservação.

Cada ecorregião demonstrou áreas de interesse para novas investigações, bem como locais prioritários para conservação. As Dunas do São Francisco se apresentam como principal centro de riqueza e endemismos da Caatinga, destacando-se como área prioritária para conservação.

Uma área de riqueza se apresentou na porção nordeste da Caatinga, englobando porções das Depressões Sertanejas e da Borborema. Perante ao grave avanço na degradação dessas regiões, recomenda-se a área como foco imediato de investigações científicas.

As áreas nucleares da Caatinga parecem se encontrar relegadas a segundo plano, devido ao grande interesse dos pesquisadores em ambientes diferenciados do domínio que se desenvolveu da década de 90 pra cá. Mesmo sem indicações de riqueza pela modelagem, consideramos a região importante para novas investigações devido ao grande vazio amostral existente atualmente.

As áreas propostas como prioritárias para investigações se apresentam com caráter inicial e necessita de reconhecimentos geográficos locais para uma definição mais pontual das mesmas. Visto que existem poucos trabalhos realizados na Caatinga com outros grupos faunísticos, ou mesmo botânicos, é necessário que buscas criteriosas sejam realizadas para tanto.

Anexos

Anexo 1

Prancha 1 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Iguana iguana*; B – *Hoplocercus spinosus*; C – *Anolis brasiliensis*; D – *Anolis fuscoauratus*; E – *Polychrus acutirostris*; F – *Polychrus marmoratus*. Fotos: Fagner Delfim: a, b, c, e; Diva Borges-Nojosa: d; Renato Gaiga: f.



Prancha 2 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Enyalius bibroni*; B – *Enyalius catenatus*; C – *Enyalius pictus*; D – *Eurolophosaurus amathithes*; E – *Eurolophosaurus divaricatus*; F – *Stenocercus squarrosus*. Fotos: Fagner Delfim: a; Agustin Camacho: b, d; Marco Sena: c; Renata Brandt: e; Renato Gaiga: f.



Prancha 3 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Strobilurus torquatus*; B – *Tropidurus cocorobensis*; C – *Tropidurus erythrocephalus*; D – *Tropidurus helenae*; E – *Tropidurus hispidus*; F – *Tropidurus montanus*. Fotos: Crizanto Brito de Carvalho: a; Marco Sena: b, f; Mauro Teixeira Jr.: c; Ivan Sazima: d; Fagner Delfim: f.



Prancha 4 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Tropidurus semitaeniatus*; B – *Hemidactylus agrius*; C – *Hemidactylus brasilianus*; D – *Lygodactylus klugei*; E – *Gymnodactylus geckoides*; F – *Phyllopezus periosus*. Fotos: Renato Gaiga: a; Diva Borges-Nojosa: b; Fagner Delfim: c, d, e, f.



Prancha 4 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Phyllopezus pollicaris*; B – *Coleodactylus meridionalis*; C – *Diploglossus lessonae*; D – *Ophiodes* sp.2; E – *Ameiva ameiva*; F – *Cnemidophorus confusionibus*. Fotos: Fagner Delfim: a,b,c, d, e. Renato Gaiga: f.



Prancha 5 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Cnemidophorus* gr. *ocellifer*; B – *Cnemidophorus* *venetacaudus*; C – *Kentropyx* *calcarata*; D – *Tupinambis* *merianae*; E – *Acratosaura* *mentalis*; F – *Colobosauroides* *cearensis*. Fotos: Fagner Delfim: a,c, d, e. Marcélia Bastos: b; Diva Borges-Nojosa: f.



Prancha 6 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Colobosaura modesta*; B – *Dryadosaura nordestina*; C – *Leposoma baturitensis*; D – *Micrablepharus maximiliani*; E – *Placosoma* sp.; F – *Procellosaurinus erythrocerus*. Fotos: Fagner Delfim: a, b. d. Diva Borges-Nojosa: c, e. Agustin Camacho: f.



Prancha 7 – Espécies de lagartos registrados no presente estudo. A – *Vanzosaura rubricauda*; B – *Mabuya agmosticha*; C – *Mabuya arajara*; D – *Mabuya heathi*. Fotos: Fagner Delfim: a, c, d. Crizanto Brito de Carvalho: b.

